



LUVA VERMELHA

HOLLY BLACK

ROCCOINHA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**MESTRES DA MALDIÇÃO
LIVRO DOIS**

**LUVA VERMELHA
HOLLY BLACK**

TRADUÇÃO
Regiane Winarski

ROCCO ITALIA

Para a gatinha branca que apareceu em nossa porta logo depois que comecei a escrever esta série. Ela viveu por pouco tempo e sentimos muito sua falta.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[Sobre a autora](#)

CAPÍTULO UM

NÃO SEI SE É DIA OU NOITE

quando a garota se levanta para ir embora. O vestido curto prateado desliza contra suas coxas como um enfeite de Natal enquanto ela abre a porta do hotel.

Eu me esforço para lembrar seu nome.

– Então, vai falar com seu pai no consulado sobre mim?

A bochecha dela está manchada de batom. Eu devia avisar para que ela a limpasse, mas meu autodesprezo é tão grande que a odeio tanto quanto odeio a mim mesmo.

– Claro – digo.

Meu pai nunca trabalhou em consulado algum. Ele não paga cem mil para garotas viajarem pela Europa como embaixadoras culturais. Não sou caça-talento do *America's Next Top Model*. Meu tio não é agente do U2. Não herdei uma rede de hotéis. Não há minas de diamantes nas terras da minha família na Tanzânia. Nunca estive na Tanzânia. Essas são apenas algumas das histórias que minha mãe passou o verão contando a uma série de garotas louras na esperança de que elas me fizessem esquecer Lila.

Mas não fazem.

Olho para o teto. Faço isso até ouvir minha mãe começar a se movimentar no quarto ao lado.

Mamãe saiu da cadeia há alguns meses. Depois do fim das aulas, ela quis se mudar para Atlantic City, onde invadimos quartos de hotéis, pedimos as comidas e bebidas que queremos e colocamos na conta. Se os funcionários começam a encrencar por causa do pagamento, simplesmente nos mudamos para outro hotel. Ser um mestre de emoções significa que mamãe nunca deixa o cartão de crédito sobre o balcão da recepção.

Estou pensando nisso quando ela abre a porta que separa nossos quartos.

– Querido – diz mamãe, como se não fosse nem um pouco estranho me encontrar deitado no chão de cueca. Seus cabelos negros estão presos com grampos debaixo de um lenço de seda, como sempre estão quando ela vai dormir. Ela usa o roupão do último hotel amarrado frouxamente na cintura. – Está pronto para tomar café?

– Acho que só café mesmo. Eu faço. Levanto-me e ando até a cafeteira do quarto. Tem um saco de pó de café, açúcar e creme em pó em uma bandeja de plástico.

– Cassel, quantas vezes tenho que dizer para não beber café desses troços? Alguém pode ter esquentado metanfetamina aí. – Mamãe franze a testa. Ela sempre se preocupa com as coisas mais esquisitas. Cafeteiras de hotel. Celulares. Nunca com coisas normais, como a polícia. – Vou pedir café da cozinha para nós dois.

– Podem ter esquentado metanfetamina lá também – retruco, mas ela me ignora.

Ela entra em seu quarto e a escuto fazer a ligação. Logo depois, está de volta à porta.

– Pedi omelete de clara e torrada pra você. E suco. Sei que você disse que não está com fome, mas precisa estar forte para hoje. Encontrei um alvo novo. – O sorriso dela é tão grande que quase sinto vontade de sorrir também.

Essa é minha mãe.

Acredite se quiser, mas existem revistas chamadas *Vida de Milionário*, *Milionários de Nova Jersey* ou coisas do tipo, e elas mostram perfis de coroas exibindo fortunas em suas casas. Não faço ideia de quem mais compra essas revistas, mas são perfeitas para minha mãe. Acho que ela as vê como um catálogo para caçar homens ricos.

Foi lá que encontrou Clyde Austin. Ele está na página seguinte à do governador Patton, o inimigo dos mestres da maldição, posando em sua mansão, Drumthwacket. Apesar do divórcio recente, de acordo com a matéria, Austin ainda mantém um estilo de vida que inclui um avião particular, uma enorme piscina aquecida e dois cães da raça borzoi que viajam com ele para todos os cantos. Ele tem

uma casa em Atlantic City, onde gosta de sair para jantar no restaurante Morton's e de jogar blackjack quando consegue escapar do trabalho. A foto mostra um homem baixo e atarracado com implante de cabelo.

– Vista algo sujo – diz mamãe. Ela está sentada à mesa adulterando um novo par de luvas azuis. Faz pequenos furos nas pontas dos dedos, buracos do tamanho exato para passarem despercebidos e, ao mesmo tempo, permitirem que sua pele toque o alvo.

– Sujo? – pergunto, me esparramado no sofá da nova suíte dela. Estou na terceira xícara de café, que tomei com bastante creme. Também comi a torrada.

– Amarrotado. Alguma coisa que faça você parecer sem-teto e desesperado. – Ela solta os cachos, um a um. Logo vai começar a passar uma gosma qualquer na pele e curvar os cílios. Leva horas para ficar pronta.

– Qual é o plano? – pergunto.

– Me passei por secretária e fingi ter esquecido para quando era a reserva dele – responde ela. – No Morton's. Não foi ótimo a revista ter dito bem onde podemos encontrá-lo? Funcionou perfeitamente. Ele vai jantar lá hoje às oito.

– Há quanto tempo sabe disso? – indaguei.

– Alguns dias. – Ela dá de ombros, traçando uma linha preta precisa nas pálpebras. Não dá para dizer há quanto tempo ela de fato sabe. – Ah, pegue a bolsa de plástico em cima da minha mala.

Termino o café e me levanto. Dentro da sacola há uma meia-calça. Eu a coloco sobre a mesa. – É pra você.

– Você quer que eu pareça sem-teto, desesperado, mas também um pouco encantador? – pergunto.

– Na sua cabeça – explica ela, virando a cadeira e fazendo um gesto indicando que sou idiota. – Se der certo com Clyde, quero que ele te conheça como meu filho.

– Parece que você tem um plano e tanto na cabeça – comento.

– Ah, pare com isso – diz ela. – As aulas começam em menos de uma semana. Você não quer se divertir um pouco?

Mais tarde, mamãe aparece no calçadão atrás de mim usando saltos de plataforma. Seu vestido branco esvoaça na brisa do fim do verão. O decote é tão profundo que fico com medo de seus peitos pularem para fora caso ela se mexa rápido demais. Sei que é perturbador eu perceber isso, mas não sou *cego*.

– Sabe o que tem que fazer, né? – pergunta ela.

Espero ela me alcançar. Está usando luvas douradas de lamé e carrega uma bolsa de mão dourada. Acho que decidiu não usar azul. O resultado final é incrível.

– Não, por que você não me diz pela milionésima vez?

Vejo a fúria percorrer seu rosto como uma tempestade. Os olhos faíscam.

– Eu sei, mãe – digo num tom que espero ser apaziguador. – Vá em frente. Não devíamos estar conversando.

Ela vai em direção ao restaurante enquanto ando até a mureta e olho para o mar. É a mesma vista que tive da cobertura de Zacharov em Atlantic City. Penso em Lila de costas para mim, olhando para a água negra.

Eu devia ter dito naquela época que a amava. Quando ainda haveria algum significado.

Esperar é a parte mais difícil do golpe. Os momentos passam e suas mãos começam a suar, na expectativa do que está por vir. Sua mente divaga. Você está cheio de energia por causa da adrenalina, mas não há nada a fazer.

A distração leva ao desastre. Regra da mamãe.

Eu me viro em direção ao restaurante e enfio a mão enluvada no bolso. Encosto no pedaço enrolado de meia-calça. Cortei a ponta fora com uma faca do serviço de quarto.

Permaneço concentrado, observando a multidão, vendo minha mãe caprichar em seu andar incrivelmente lento. Poderíamos ficar aqui um bom tempo. E, honestamente, o plano pode até não dar certo. Esse é outro detalhe dos golpes: você precisa ir atrás de um monte de alvos até encontrar o perfeito. Aquele que vai fazer tudo valer a pena.

Esperamos por vinte minutos com quase um quarteirão de distância entre nós. Mamãe fez todas as coisas inocentes que uma

peessoa faz em um passeio noturno: fumou um cigarro, verificou o batom, fez ligações de mentira no celular que emprestei. Eu, por outro lado, comecei a mendigar. Consegui quase 3,50 dólares e estou prestes a ganhar outra moeda quando Clyde Austin sai do Morton's.

Mamãe começa a andar.

Dou um salto e saio correndo na direção dela, enfiando a meia-calça na cabeça. Isso diminui um pouco minha velocidade, porque essas coisas não são transparentes de jeito nenhum. Mal consigo enxergar.

As pessoas começam a gritar. Sim, porque um cara com uma meia-calça na cabeça nunca é o mocinho. Na verdade, ele é o estereótipo – talvez até o arquétipo – do bandido.

Continuo correndo, passo pela minha mãe e arranco a carteira dourada das mãos dela.

Seus gritos se juntam ao coro.

– Ladrão! – berra minha mãe. – Socorro! Socooooorro!

Agora é a parte complicada. Preciso continuar correndo, mas devagar o bastante para que um cara bêbado e fora de forma com alguns martinis na barriga pense que pode me pegar.

– Por favor, alguém! – grita mamãe. – Ele levou todo o meu dinheiro!

É muito difícil não rir.

Eu praticamente esbarro em Clyde para garantir que ele tenha a chance de me pegar. Mas tenho que tirar o chapéu para minha mãe. Ela está certa quando diz que os caras querem ser cavaleiros em armaduras brilhantes. Ele segura meu braço.

Eu me obrigo a cair.

É uma queda ruim. Talvez seja a meia-calça sobre meu rosto, talvez eu esteja sem equilíbrio, mas caio com tudo no asfalto e arranho uma das mãos com tanta força que sinto a luva rasgar. Tenho certeza de que ralei os joelhos também, mas só sinto a dormência.

Solto a bolsa.

Clyde me dá uma porrada na nuca antes que eu consiga ficar de pé. Dói. É melhor ela agradecer por isso. Em seguida estou de pé e

correndo. A toda. Tiro aquela porcaria do rosto e me joga na escuridão da noite o mais rápido que posso.

Deixando que Clyde Austin seja o herói que entrega a bolsa dourada à donzela em perigo.

Deixando que ele repare no quanto ela é encantadora quando os olhos estão cheios de lágrimas de gratidão.

Deixando que ele repare no decote dela.

Mamãe está radiante. Ela abre a garrafa de Prosecco do minibar enquanto derramo peróxido de hidrogênio espumante na mão. Arde loucamente.

– Clyde quer sair para tomar uns drinks amanhã à noite. Eu disse que era o mínimo que eu podia fazer. Mas ele disse que, depois do que passei, seria por conta dele e ponto final. Não parece promissor?

– Claro – digo a ela.

– Ele vai me pegar aqui. Às seis. Você acha que devo estar pronta quando ele chegar ou é melhor convidá-lo para uma bebida enquanto termino de me arrumar? Talvez de roupão?

Faço uma careta.

– Não sei.

– Pare de pensar desse jeito. Isso é trabalho. Precisamos de alguém que nos sustente. Para pagar sua escola chique... e os empréstimos de Barron. Principalmente agora que Philip não tem como saber quanto tempo mais vai ficar empregado. – Ela me lança um olhar sombrio, como se eu tivesse esquecido que é culpa minha ele estar encrocado com o chefe de uma família mafiosa. Como se eu me importasse. Eles fizeram coisas bem piores comigo.

– Desde que você não enfeitice Clyde – sussurro. – Você não precisa. Já é bastante encantadora por si só.

Ela ri e serve o Prosecco em um copo. A espuma é igual à do peróxido.

– Tal mãe, tal filho. Nós dois somos encantadores quando queremos alguma coisa. Certo, Cassel?

– Quero que você fique fora da cadeia – digo. – E daí? Era pra ser segredo?

A campainha do quarto dela toca.

– O que você pediu? – pergunto e me levanto para abrir.

Mamãe grita para mim, mas é tarde demais.

Clyde Austin está de pé no corredor com uma garrafa de Jack Daniels em uma das mãos.

– Ah – diz ele, constrangido. – Devo ter tocado no quarto errado. Achei...

Nesse momento ele dá uma boa olhada em mim, no sangue no meu jeans, na minha mão arranhada, sem luva. E vê minha mãe sentada na cama. E entende. Seu rosto fica transtornado.

– Você armou pra cima de mim – diz ele. – Você e ela. – O modo como diz “ela” deixa claro o que está pensando sobre nós.

Começo a explicar, mas ele bate na minha cabeça com a garrafa. Eu a vejo vir na minha direção, mas estou desajeitado demais, lento demais. Ela atinge minha têmpora com um som horrível e oco.

Caio tonto no tapete. A dor me deixa enjoado. É o que ganho por ter subestimado o sujeito. Viro para me levantar a tempo de vê-lo em cima de mim, erguendo o Jack Daniels para bater de novo.

Com um grito, mamãe crava as unhas no pescoço de Clyde.

Ele se vira, enfurecido, sacudindo a garrafa. O cotovelo dele acerta minha mãe. Ela é lançada para cima da mesa. O espelho de maquiagem quebra ao bater na parede, e os estilhaços caem como confetes brilhantes.

Estico minha mão nua. Eu podia detê-lo com apenas um toque.

Eu podia transformá-lo em uma barata.

Eu podia transformá-lo em uma poça de óleo.

Quero muito fazer isso.

Mas Clyde para e olha ao redor como se de repente não soubesse onde está.

– Shandra? – diz ele delicadamente, estendendo a mão para minha mãe. – Me desculpe. Machuquei você?

– Está tudo bem – diz mamãe com uma voz reconfortante, levantando-se devagar. Ela faz uma careta. Tem sangue em seus lábios. – Você só passou para me trazer uma bebida, não foi? E viu meu filho. Deve tê-lo confundido com outra pessoa.

– Acho que sim – responde ele. – Nos demos tão bem que me perguntei por que esperar até amanhã à noite. E então... Bem, ele parece com o assaltante, você tem que admitir.

Mamãe é mestra de emoções. Ela não pode mudar as lembranças dele; meu irmão Barron poderia, mas ele não está aqui. O que mamãe consegue com um único toque de sua mão nua é fazer Clyde Austin gostar tanto dela a ponto de lhe dar o benefício da dúvida. Sobre tudo. Tudo. Até isso.

Uma onda de tontura toma conta de mim.

– É verdade, querido – diz ela. – Parece um pouco. Foi um erro honesto. Vou levá-lo até a porta agora. – Seus dedos tocam o pescoço dele, o que deveria fazer qualquer pessoa vacilar (dedos nus, sem luvas), mas não o incomoda nem um pouco. Ele se deixa levar.

– Sinto muito pelo que aconteceu – lamenta ele. – Não sei o que deu em mim.

– Eu entendo – concorda mamãe. – E perdoo você, mas acho que não poderemos nos ver amanhã à noite. Você compreende, não é?

O rosto de Clyde enrubesce.

– É claro.

Minha visão embaça. Ela diz outra palavra de consolo, mas não para mim.

Deixamos o hotel de manhã. A luz do sol faz meu cérebro parecer que vai explodir dentro do crânio. O suor lambe minha pele – o tipo de suor nada natural que acompanha um machucado. Cada movimento me deixa tonto, como se eu estivesse em mil montanhas-russas ao mesmo tempo. Enquanto esperamos o atendente trazer meu carro, procuro os óculos escuros na mochila e tento não olhar para o hematoma no ombro da minha mãe.

Ela não disse nada desde que me contou que íamos embora – nem enquanto arrumávamos as malas nem no elevador. Percebo que está agitada.

Estou enjoado demais para saber como agir quanto a isso.

Por fim, meu velho e enferrujado Benz chega à frente do hotel. Mamãe entrega alguma coisa para o motorista e pega a chave

enquanto entro pelo outro lado. Sinto o assento quente nas minhas pernas, mesmo de calça jeans.

– Como você pôde abrir a porta daquele jeito? – dispara ela assim que nos afastamos da calçada. – Sem olhar pelo olho mágico. Sem perguntar quem era.

Eu me encolho ao som de sua voz.

– Você é burro, Cassel? Não lhe ensinei nada?

Ela está certa. Fui descuidado. Burro. A escola particular me deixou relaxado. É exatamente o tipo de erro idiota que diferencia um golpista decente de um amador. Além do mais, o rebote do feitiço de emoção deixa mamãe instável. Não que ela já não seja bem instável normalmente. Mas fazer feitiços piora. Inclusive sua raiva. Minha única saída é esperar.

Eu estava acostumado com seu temperamento quando era criança. Mas ela ficou tanto tempo na cadeia que esqueci como a situação pode ficar crítica.

– *Você é burro?* – grita ela. – Responda!

– Pare – peço, encostando a cabeça na janela e fechando os olhos. – Por favor, pare. Me desculpe, tá?

– Não – diz ela com a voz cruel e incisiva. – Ninguém é tão patético assim. Você fez de propósito! Queria estragar as coisas para mim.

– Ah, pare com isso – argumento. – Fiz sem pensar. Já pedi desculpas. Olha, sou eu que está com um galo na cabeça agora. E daí que temos que deixar Atlantic City? Já iríamos embora em uma semana de qualquer jeito, quando as aulas começassem.

– Você fez isso comigo por causa da Lila. – O olhar dela está na estrada, mas seus olhos faíscam de fúria. – Porque ainda está com raiva.

Lila. Minha melhor amiga, que eu pensei ter matado.

– Não vou falar sobre ela – respondo depressa. – Não com você.

Penso na boca grande e expressiva de Lila num meio-sorriso. Penso nela esparramada na minha cama, esticando a mão na minha direção.

Com um toque de sua mão, mamãe fez Lila me amar. E garantiu que eu jamais pudesse tê-la.

– Assunto delicado? – alfineta mamãe, perversamente alegre. – É incrível você ter realmente achado que era bom o bastante para a filha de Zacharov.

– Cale a boca – digo.

– Ela estava *usando* você, seu idiota. Quando tudo estivesse acabado, ela não lhe daria a menor atenção, Cassel. Você seria uma lembrança de Barron, da infelicidade e nada mais.

– Não ligo – rebato. Minhas mãos tremem. – Ainda seria melhor do que... – Melhor do que ter que evitá-la até a maldição desaparecer. Melhor do que o jeito como ela vai me olhar quando isso acontecer.

O desejo de Lila por mim é uma transgressão do amor. Um deboche.

E quase não me importei de tanto que eu a desejava.

– Eu lhe fiz um favor – diz minha mãe. – Você deveria se sentir grato. Deveria me agradecer. Entreguei Lila a você em uma bandeja de prata, coisa que jamais poderia ter de outra forma.

Solto uma risada repentina.

– Agradecer? Que tal você prender a respiração até eu fazer isso?

– Não fale assim comigo – rosna mamãe, e me estapeia com força.

Com tanta força que minha cabeça já machucada bate na janela. Vejo estrelas, pequenas explosões de luz por trás dos óculos escuros. Por trás das pálpebras.

– Encoste – peço, a náusea tomando conta de mim.

– Me desculpe – diz ela, a voz voltando ao tom doce. – Não quis machucar você. Está tudo bem?

O mundo começa a rodar.

– Você tem que encostar.

– Talvez agora você ache que é melhor andar do que lidar comigo, mas se estiver mesmo ferido, é melhor...

– Encoste! – grito, e a urgência no meu tom finalmente a convence. Ela vira o carro abruptamente em direção ao acostamento e freia com força. Eu saio cambaleando enquanto ainda estamos em movimento.

Bem na hora de botar as tripas para fora na grama.

Eu realmente espero que ninguém em Wallingford me peça para escrever uma redação sobre minhas férias de verão.

CAPÍTULO DOIS

DEIXO O MERCEDES

no estacionamento dos formandos, que é bem mais próximo do alojamento do que o das séries iniciais. Sinto-me orgulhoso até desligar o motor e ele dar uma espécie de tosse metálica estranha, como se fosse seu último suspiro. Saio e chuto o pneu dianteiro com desânimo. Tinha planos de consertar o carro, mas, com mamãe em casa, nunca consegui.

Deixo a bagagem no porta-malas e ando pelo campus em direção ao Centro Acadêmico Finke.

Acima da porta do grande prédio de tijolos há uma faixa pintada à mão: BEM-VINDOS, CALOUROS. As árvores balançam ao vento suave, e sou tomado pela sensação de nostalgia por uma coisa que ainda não acabou.

Diante de uma mesa, lá dentro, a Sra. Noyes mexe em uma caixa de cartões e distribui pacotes de orientação. Algumas alunas do segundo ano que eu mal conheço estão gritando e se abraçando. Quando me veem, começam a sussurrar. Consigo ouvir coisas como “se matar”, “de cueca” e “fofo”. Saio andando mais depressa.

Perto da mesa, uma garota trêmula e com espinhas pega a chave do alojamento acompanhada pelo pai. Ela agarra a mão dele como se fosse se perder caso o soltasse. É claro que é a primeira vez que fica longe de casa. Sinto pena e inveja ao mesmo tempo.

– Oi, Sra. Noyes – digo quando chega a minha vez. – Como vai?

Ela olha para cima e sorri.

– Cassel Sharpe! Estou tão feliz por ter você de volta ao campus.

Ela me entrega o envelope pardo e indica o quarto designado para mim. Além do estacionamento exclusivo e, bizarramente, de um trecho de grama (é sério, chamam de “grama dos formandos”), os formandos também ficam com os melhores quartos no alojamento. Parece que o meu é no térreo. Acho que estão com um pouco de

medo de me colocar em um andar alto depois de toda aquela coisa de quase cair do telhado.

– Eu também. – Estou feliz por voltar. Estou mesmo. – Sam Yu já passou por aqui?

Ela mexe nos cartões.

– Não, você chegou primeiro.

Sam é meu colega de quarto desde o segundo ano, mas só ficamos amigos no final do ano passado. Ainda não sou muito bom com amizades, mas estou tentando.

– Obrigado. Até mais tarde – digo. Sempre há uma reunião na noite anterior ao início das aulas. A diretora Northcutt e o supervisor Wharton nos dizem que somos jovens inteligentes e capazes, depois dão um sermão sobre como só as regras da escola podem nos manter protegidos de nós mesmos. É divertido.

– Tente não se meter em confusão – diz ela com um sorriso. Sua voz é provocante, mas há uma firmeza que me faz pensar que ela não diz isso para todos os alunos que chegam.

– Pode deixar – prometo.

No estacionamento, começo a descarregar o carro. Tem muita coisa. Mamãe passou o fim de semana do Dia do Trabalho fingindo que não brigamos e me comprando presentes extravagantes para compensar a briga que não tivemos. Agora sou o dono de um iPod novo, de uma jaqueta de couro e de um laptop. Tenho certeza de que a vi pagar pelo laptop com o cartão de crédito de Clyde Austin, mas fingi não reparar. Mamãe também arrumou minhas malas, baseando-se na teoria de que, independentemente do que eu diga, ela sabe do que de fato vou precisar. Refiz tudo assim que ela saiu do quarto.

– Sabe que amo você, não é, querido? – perguntou hoje de manhã quando eu estava saindo.

O estranho é que sei, sim.

Quando chego a meu novo quarto no alojamento (maior do que o do ano passado – sem contar que, por ser no térreo, não preciso arrastar minhas coisas por infinitos lances de escadas), jogo tudo no chão e suspiro.

Eu me pergunto onde Lila está agora. Se o pai dela a mandou para algum internato para adolescentes mestres de famílias mafiosas na Suíça, um lugar com guardas armados e portões altos. E se ela gosta de lá. Talvez a maldição já tenha acabado, e ela esteja sentada tomando chocolate quente e dando em cima de instrutores de esqui. Talvez seja seguro ligar para ela, só para conversar alguns minutos. Só para ouvir sua voz.

É o que quero fazer. E quero tanto que me obrigo a ligar para meu irmão Barron só para me lembrar da realidade. Ele me pediu para ligar quando estivesse instalado, de qualquer forma. Concluí que já estava instalado o bastante.

– Oi. – Ele atende logo após o primeiro toque. – Como está meu irmão favorito?

Sinto o mesmo nó no estômago sempre que ouço sua voz. Ele me transformou num assassino. Ele me usou, mas não se lembra disso. Acha que somos muito unidos, a mão e a luva. E tudo mais que eu o fiz pensar.

O rebote corroe tantas de suas lembranças que ele acredita nas falsas que cuidadosamente implantei em seus cadernos. Lembranças em que somos unidos. E isso o torna a única pessoa em quem posso confiar.

Patético, não é?

– Estou preocupado com mamãe. Ela está piorando – digo. – Está impaciente. Não pode ser presa de novo, ou passará o resto da vida na cadeia.

Não tenho certeza do que ele pode fazer. Eu mesmo não me saí muito bem em mantê-la segura em Atlantic City.

– Ah, pare com isso. – Ele soa entediado e um pouco bêbado. Escuto uma música suave ao fundo. Não é nem meio-dia. – O júri a ama.

Tenho certeza de que ele não está entendendo.

– Por favor... Ela não está sendo cuidadosa. Talvez escute você. Você ia ser o advogado...

– Ela é uma senhora – diz Barron. – Ficou anos presa. Deixe-a se divertir. Ela precisa gastar energia. Seduzir uns coroas. Perder dinheiro no jogo.

Apesar de tudo, dou uma risada.

– Só fique de olho para ela não levar tudo que os coroas têm.

– Entendido. Missão recebida e aceita – diz ele, e percebo que estou relaxando. Em seguida, ele suspira. – Tem falado com Philip?

– Você sabe que não – respondo. – Toda vez que eu ligo, ele desliga na minha cara, e não tem nada que eu possa...

A maçaneta começa a girar.

– Eu ligo mais tarde – falo depressa.

É estranho demais falar com Barron fingindo que tudo está normal na frente do meu colega de quarto, que sabe o que meu irmão fez. Que se perguntaria *por que* eu ligaria para Philip. Que não entende o que é ter uma família perturbada como a minha.

– Paz, irmãozinho! – Barron se despede e desliga.

Sam entra com a bolsa de viagem pendurada no ombro.

– Oi – diz com um sorriso tímido. – Quanto tempo. Como foi em Toronto?

– Era pra ser um castelo de gelo – digo. – Mas derreteu.

É, menti para ele sobre onde passaria o verão. Eu não precisava, não havia nenhuma razão para não dizer a ele que fui a Atlantic City, apesar de não ser um lugar normal para alguém ir com a mãe. Eu falei que não sou bom nesse negócio de amizade.

– Que pena. – Sam se vira para colocar uma caixa de ferramentas de alumínio na frágil cômoda de madeira. Ele é um sujeito alto, grande e forte. Parece sempre se mexer com cuidado, como alguém que estase sente desconfortável por ocupar espaço demais. – Ei, eu trouxe umas coisas novas que você vai adorar.

– Ah, é?

Desfaço as malas como sempre costumo fazer: enfiando tudo debaixo da minha cama até a inspeção dos quartos. É o que acontece quando se cresce em uma casa cheia de lixo; você se sente mais à vontade no meio da bagunça.

– Tenho um kit para fazer moldes de dentes, e podemos fazer presas perfeitas. *Perfeitas* mesmo. Elas se encaixam em seus dentes como se fossem pequenas luvinhas. – Ele parece mais feliz do que eu jamais o vi. – Daneca e eu fomos a Nova York, a esse armazém de efeitos especiais, e compramos tudo lá. Resinas. Elastômero.

Poliuretano. Eu provavelmente conseguiria fazer uma pessoa pegar fogo de mentira.

Eu ergo as sobrancelhas.

– Ei – diz ele. – Depois do ano passado, achei melhor me preparar.

O Auditório Memorial Carter Thompson é o lugar onde os alunos se reúnem todos os anos a fim de escutar as regras serem repetidas para quem é preguiçoso demais para ler o manual. “Os garotos devem usar o paletó de Wallingford e gravata, calça social preta e camisa branca. As garotas, o paletó de Wallingford, saia ou calça social preta e camisa branca. Os garotos e as garotas devem usar sapatos sociais pretos. Nada de tênis. Nada de jeans.” Coisas fascinantes como essas.

Sam e eu tentamos pegar um lugar ao fundo, mas a Sra. Logan, a secretária da escola, nos vê e aponta para uma fileira vazia na frente.

– Rapazes – diz ela. – Estamos tentando ser um exemplo para todos os alunos novos agora que estamos no último ano, não estamos?

– Não podemos ser maus exemplos? – pergunta Sam, e eu solto uma gargalhada.

– Sr. Yu – diz a Sra. Logan, apertando os lábios. – Estar de saco cheio é coisa muito séria quando acontece tão no começo do ano. Pode ser letal. Sr. Sharpe, eu gostaria que você não encorajasse seu amigo.

Vamos para os novos lugares.

O supervisor Wharton e a diretora Northcutt já estão no púlpito. Northcutt começa a discursar sobre como nós, em Wallingford, somos uma grande família, como apoiamos uns aos outros nos momentos difíceis e sobre como vamos nos lembrar do tempo que passamos aqui como os melhores de nossas vidas.

Eu me viro para Sam para fazer alguma piada e reparo que ele está procurando alguma coisa no auditório. Parece nervoso.

O problema de ser golpista é que é difícil desligar a parte do seu cérebro que está sempre analisando a situação, procurando um alvo, um otário que você possa enganar para se dar bem. Tentando

entender o que aquele alvo quer, o que vai convencê-lo a se separar do seu dinheiro.

Não que Sam seja um alvo. Mas meu cérebro ainda me fornece a resposta para o que ele está procurando, caso seja útil.

– Tudo bem entre você e Daneca? – pergunto.

Ele dá de ombros.

– Ela odeia filmes de terror – diz ele, finalmente.

– Ah – falo da forma mais neutra que consigo.

– Quero dizer, ela se preocupa com coisas realmente importantes. Com questões políticas, o aquecimento global, os direitos dos mestres e dos gays, e acho que ela considera minhas preocupações um tanto infantis.

– Nem todo mundo é como Daneca – digo.

– Ninguém é como Daneca. – Sam tem aquele olhar ligeiramente atordoado de um homem apaixonado. – Acho que é difícil para ela, sabe. Daneca se preocupa tanto, e a maioria das pessoas mal se importa. Inclusive eu, né.

Daneca costumava me irritar com toda aquela porcaria de humanitarismo. Para mim, não havia sentido em mudar um mundo que não queria ser mudado. Mas não acho que Sam ia gostar que eu dissesse isso em voz alta. Nem sei se ainda acredito nisso.

– Talvez você possa mudar a opinião dela quanto aos filmes de terror – digo então. – Mostre para ela algum clássico. Alugue *Frankenstein*. Faça uma leitura dramática de *O corvo*. As garotas adoram “Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais! Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!” Quem consegue resistir a isso?

Sam nem sequer sorri.

– Tudo bem. – Ergo as mãos no símbolo universal de redenção. – Eu paro.

– Não, é engraçado – diz ele. – Não é você. Só não consigo...

– Sr. Yu! Sr. Sharpe – chama a Sra. Logan, descendo o corredor central e vindo se sentar bem atrás de nós. Ela coloca o dedo indicador sobre os lábios. – Não me façam separar vocês.

Essa ideia é tão humilhante que nos faz ficar calados enquanto o supervisor Wharton recita a longa lista de coisas pelas quais

podemos ser punidos, uma lista que inclui bebidas, drogas, ser pego matando aula no quarto de uma pessoa do sexo oposto, sair do alojamento de madrugada e usar batom preto. A triste verdade é que, provavelmente, existe pelo menos uma pessoa em cada turma de formandos que conseguiu violar todas as regras em uma única noite louca. Tenho grandes esperanças de que, este ano, essa pessoa não seja eu.

Não fico tão bem de batom.

Daneca nos encontra no caminho para o jantar. Ela prendeu o cabelo castanho ondulado em sete tranças grossas, cada uma terminando em uma conta de madeira. O colarinho de sua camisa branca está aberto e deixa à mostra sete amuletos de jade – proteção contra os sete tipos de maldição. Sorte. Sonhos. Corpo. Emoções. Memória. Morte. Transformação. Eu lhe dei as pedras de presente em seu último aniversário, um pouco antes do final do ano letivo.

Cada mestre da maldição faz o amuleto que protege contra seu próprio feitiço. Só as pedras conseguem absorver a magia, e mesmo assim elas só funcionam uma vez. Uma pedra usada, que impediu a ação de uma maldição contra seu dono, se quebra instantaneamente. Como há poucos mestres de transformação no mundo, talvez um a cada década, amuletos de transformação reais são raros. Mas o amuleto de transformação de Daneca é verdadeiro. Eu sei que é; eu mesmo o fiz.

Ela nem faz ideia.

– Oi – diz Daneca, batendo com o ombro no braço de Sam. Ele coloca o braço sobre os ombros dela.

Andamos assim até o refeitório.

É a primeira noite de volta à escola, então todas as mesas estão decoradas com toalhas e pequenos vasos de flores no centro. Alguns pais de alunos novos olham maravilhados para o teto alto, para o austero retrato do coronel Wallingford tomando conta de nós e para nossa capacidade de comer sem nos sujarmos.

O prato principal desta noite é teriyaki de salmão com arroz integral e cenoura. Para sobremesa, torta de cereja. Mexo nas cenouras. Daneca começa pela torta.

– Nada mau – anuncia ela. E, sem hesitar, inicia uma explicação de como este ano vai ser importante para o HEX conseguir espalhar as notícias sobre a proposição nº 2. Fala de um comício que vai acontecer na semana que vem. De como a proposição nº 2 é o prenúncio de um governo mais invasivo e algumas outras coisas nas quais não presto atenção.

Olho para Sam, pronto para trocar um olhar conspiratório, mas ele está atento a cada palavra.

– Cassel – chama ela. – Sei que você não está ouvindo. O voto é em novembro. No próximo mês de novembro. Se a proposição nº 2 passar, os mestres vão ser examinados. Todo mundo vai ser. E não importa o quanto o governo de Nova Jersey diga que vai manter a informação anônima, isso não vai acontecer. Em pouco tempo os mestres não vão conseguir empregos nem moradia e serão presos pelo crime de terem nascido com um poder que não escolheram ter.

– Eu sei – digo. – Sei disso tudo. Você poderia tentar ser um pouco menos condescendente? *Eu sei.*

Ela parece ainda mais irritada, se é que isso é possível.

– Estamos falando da sua vida.

Penso em minha mãe e em Clyde Austin. Penso em Barron. Penso em mim e em todo o mal que já fiz.

– Talvez os mestres *devam* ser todos presos – respondo. – Talvez o governador Patton esteja certo.

Sam franze a testa.

Enfio um pedaço grande de salmão na boca para não ter que dizer mais nada.

– Isso é ridículo – diz Daneca depois de se recuperar do choque.

Eu mastigo.

Ela está certa, é claro. Daneca sempre está certa. Penso na mãe dela, defensora incansável e uma das fundadoras do grupo jovem pelos direitos dos mestres, o HEX, e em Chris, aquele pobre garoto hospedado na casa dela, sem nenhum lugar para ir e talvez sem nenhuma razão legal que o permita ficar. Seus pais o expulsaram porque achavam que todos os mestres eram como eu. Há mestres que não são golpistas, que não querem nenhum envolvimento com o

crime organizado. Mas, quando Daneca pensa em mestres, ela pensa na mãe dela. Quando eu penso em mestres, penso na minha.

– Seja como for – continua Daneca –, vai acontecer um protesto na quinta que vem, e quero que todo o HEX vá. Consegui que a Sra. Ramirez seja nossa conselheira, para solicitarmos ônibus e tudo mais. Vai ser uma excursão da escola.

– É mesmo? – pergunta Sam. – Que ótimo.

– Bem. – Ela suspira. – Não está *exatamente* confirmado. Ramirez disse que precisaríamos da autorização de Wharton ou de Northcutt. E teríamos que conseguir um número suficiente de inscrições dos membros do HEX. Posso contar com vocês?

– Claro que vamos – diz Sam, e olho com raiva para ele.

– Opa. – Ergo a mão. – Quero mais detalhes. Por exemplo, isso significa que precisaremos fazer nossos próprios cartazes? Que tal “Direitos de mestres para todos, exceto para os que não precisam”, ou “Legalize o feitiço de morte hoje. Resolva o problema de superpopulação de amanhã!”.

O canto da boca de Sam se ergue. Não consigo evitar ser um idiota, mas pelo menos estou divertindo alguém.

Daneca começa a dizer alguma outra coisa, mas Kevin LaCroix vai até nossa mesa. Olho para ele sem conseguir disfarçar o alívio. Kevin coloca um envelope na minha bolsa.

– Aquele maconheiro, Jace, diz que ficou com uma garota no verão – sussurra Kevin. – Mas ouvi dizer que as fotos que ele anda mostrando por aí são da meia-irmã dele. Aposto cinquenta paus que não existe namorada nenhuma.

– Encontre alguém que aposte que ele *de fato* tenha ficado com uma garota ou que tenha namorada, e eu calculo as vantagens – digo. – A casa não aposta.

Ele assente e volta para a mesa, parecendo decepcionado.

Comecei como agenciador de apostas da escola quando mamãe estava na cadeia e não havia como eu pagar por todas as pequenas coisas que não estão incluídas na mensalidade. Um segundo uniforme, para que o outro pudesse ser lavado mais de uma vez por semana, pizza com os amigos quando eles estavam a fim de sair, tênis, livros e música que não caíssem de um caminhão em algum

lugar ou fossem furtados de uma loja. Não é barato conviver com os ricos.

Depois que Kevin LaCroix sai, Emmanuel Domenech se aproxima. O movimento é grande o bastante para impedir que Sam e Daneca comentem o quanto tenho sido agressivo. Eles passam o tempo escrevendo bilhetes um para o outro no caderno de Daneca enquanto os outros alunos casualmente me entregam um envelope depois do outro – cada envelope é um tijolo na reconstrução do meu pequeno império criminal.

– Aposto que Sharone Nagel vai ficar entalada quando vestir a fantasia de mascote de futebol.

– Aposto que o clube de latim vai sacrificar um de seus membros no baile de primavera.

– Aposto que Chaiyawat Terweil vai ser a primeira pessoa chamada à sala da diretora Northcutt.

– Aposto que a garota nova acabou de sair de um hospício.

– Aposto que a garota nova acabou de fugir de uma prisão em Moscou.

– Aposto que o Sr. Lewis vai ter um colapso nervoso antes das férias de inverno.

Anoto cada aposta a favor e contra em um código que criei, e esta noite Sam e eu vamos calcular a primeira lista de vantagens. Elas vão mudar conforme recebermos mais apostas, é claro, mas fazer isso nos dá algo para dizer às pessoas no café da manhã caso elas queiram saber onde colocaram seu dinheiro. É incrível como os adolescentes ricos ficam inquietos quando não conseguem gastar dinheiro rápido o bastante.

Assim como criminosos ficam inquietos quando não estão analisando todos os ângulos.

Quando nos levantamos a fim de ir para o quarto, Daneca dá um soco no meu braço.

– E aí – diz ela. – Vai nos contar por que está tão mal-humorado e irritante hoje?

Dou de ombros.

– Me desculpem. Acho que só estou cansado. E sou um idiota.

Ela estica a mão enluvada e segura meu pescoço, fingindo me enforcar. Eu entro na brincadeira, caio no chão e finjo morrer, até que ela ri.

Estou perdoado.

– Eu sabia que deveria ter trazido um saco de sangue – diz Sam, sacudindo a cabeça como se estivesse sendo humilhado.

É nesse momento que Audrey passa, de mãos dadas com Greg Harmsford. Audrey, que já foi minha namorada. Que me deu um pé na bunda. Que me fez sentir uma pessoa normal quando estávamos juntos. Que, talvez, quem sabe, eu pudesse ter convencido a me aceitar de volta. Que agora nem olha na minha cara quando passa.

Greg, no entanto, aperta os olhos e sorri para mim, como se estivesse me desafiando a começar alguma coisa.

Eu adoraria arrancar aquela expressão convencida do rosto dele. Mas primeiro teria que conseguir me levantar.

Não consigo passar o resto da noite guardando minhas coisas nem jogando no salão do prédio, como planejei, porque nosso novo inspetor, o Sr. Pascoli, anuncia que todos os formandos precisam se encontrar com seus orientadores.

Estive com a Sra. Vanderveer exatamente uma vez por ano durante todo o tempo que estou em Wallingford. Ela parece legal, sempre com uma lista de que aulas e atividades podem me ajudar a entrar em uma boa faculdade, sempre cheia de sugestões de trabalhos voluntários que os comitês de admissão adoram. Não sinto necessidade alguma de vê-la mais do que já vi, mas Sam e eu, junto com um grupo de outros garotos de classe alta, cruzamos o campus até a Biblioteca Lainhart.

Lá, ouvimos outro discurso, sobre como o último ano não é a hora certa para vagabundear e, se achamos que as coisas estão difíceis agora, devemos esperar até entrarmos na faculdade. Sério, esse cara (um dos orientadores, eu acho) fez parecer que na faculdade nos obrigam a escrever os trabalhos com sangue, que seus parceiros de laboratório podem espancá-lo se você puxar a nota deles para baixo e que as aulas noturnas duram a noite toda. Ele obviamente está por fora.

Por fim, nos orientam para os encontros. Dirijo-me para a seção de Vanderveer, em frente à tela que a separa do resto de nós.

– Ah, cara – diz Sam. Ele se senta na beirada da cadeira e se inclina para sussurrar para mim. – O que vou fazer? Eles vão querer falar sobre faculdades.

– Provavelmente – digo, chegando mais perto. – São orientadores. Gostam de faculdades. Provavelmente *sonham* com faculdades.

– É, bem, eles acham que quero estudar no MIT e me formar em química. – Ele diz isso em um sussurro trágico.

– Você pode dizer para eles que não quer. Se não quiser. Ele geme.

– Vão contar pros meus pais.

– Bem, qual é seu plano? – pergunto.

– Mudar para LA e estudar em uma das faculdades especializadas em efeitos visuais. Adoro fazer maquiagem de efeitos, mas a maioria das coisas hoje em dia é feita no computador. Preciso saber fazer isso. Tem um lugar com um curso de três anos. – Sam passa a mão pelo cabelo curto, por cima da testa úmida, como se tivesse acabado de confessar um sonho impossível e constrangedor.

– Cassel Sharpe – chama a Sra. Vanderveer, e eu fico de pé.

– Você vai ficar bem – digo para Sam, seguindo para trás da tela. Mas o nervosismo dele parece contagioso. Sinto o suor nas palmas das mãos.

Vanderveer tem cabelo preto curto e a pele cheia de rugas e coberta de manchas senis. Há duas cadeiras posicionadas em frente à mesinha onde está minha pasta. Ela se senta em uma delas.

– E então, Cassel – fala com falsa alegria. – O que você quer fazer da vida?

– Hum – digo. – Não tenho certeza.

As únicas coisas em que sou realmente bom são do tipo que não ensinam na faculdade. Golpes. Falsificação. Assassinato. Uma noção de arrombamento.

– Vamos pensar nas universidades então. No ano passado falei para você escolher algumas para as quais gostaria de se candidatar e outras mais garantidas. Você fez a lista?

– Não uma lista formal, escrita – respondo.

Ela enrugando a testa.

– Você conseguiu visitar alguma das que está considerando?

Balanço a cabeça. Ela suspira.

– Wallingford Preparatory tem muito orgulho em ver nossos alunos nas melhores universidades do mundo. Nossos alunos vão para Harvard, Oxford, Yale, Caltech, Johns Hopkins. Suas notas não são as que gostaríamos, mas sua pontuação no SAT foi promissora.

Faço que sim com a cabeça. Penso em Barron abandonando Princeton, em Philip largando o ensino médio para ganhar cicatrizes e trabalhar para os Zharov. Não quero terminar como eles.

– Vou começar a lista – prometo a ela.

– Faça isso mesmo – diz ela. – Quero ver você de novo em uma semana. Chega de desculpas. O futuro vai chegar mais rápido do que você pensa.

Quando saio de trás da divisória, Sam não está mais lá. Imagino que esteja conversando com seu orientador. Espero alguns minutos e como três biscoitos amanteigados dispostos em uma mesa. Como Sam não aparece, volto andando pelo campus.

A primeira noite no alojamento é sempre estranha. As camas são desconfortáveis. Minhas pernas são muito compridas para elas e adormeço encolhido, depois me estico no meio da noite e acordo ao chutar o estrado.

No quarto ao lado, alguém ronca.

Do lado de fora da janela, a grama da praça brilha à luz da lua, como se fosse feita de lâminas de metal. É a última coisa em que penso antes de acordar com o despertador do celular. Ao olhar para a hora, percebo que o alarme está tocando há algum tempo.

Resmungo e jogo o travesseiro no meu colega de quarto adormecido. Ele ergue a cabeça, ainda grogue.

Sam e eu vamos até o banheiro compartilhado, onde o restante dos alunos do andar está escovando os dentes ou tomando banho. Sam joga água no rosto.

Chaiyawat Terweil enrola uma toalha no corpo e pega um par de luvas descartáveis na prateleira com a placa: PROTEJA SEUS COLEGAS: CUBRA AS MÃOS.

– Mais um dia em Wallingford – anuncia Sam. – Onde cada quarto é um palácio, cada sanduíche de carne é uma festa, cada banho matinal...

– Você gosta muito dos seus banhos, não é? – pergunta Kyle Henderson. Ele já está vestido e passa gel no cabelo. – Pense em mim quando estiver lá.

– Isso vai mesmo fazer meu banho ser mais rápido – diz Sam, sem se deixar intimidar. – Meu Deus, eu amo este colégio!

Eu rio. Alguém bate em Sam com uma toalha.

Quando termino de me arrumar, não dá mais tempo de tomar café da manhã. Tomo um pouco do café que o inspetor fez para si mesmo no salão estudantil e como um bolinho que a mãe de Sam mandou.

Ele me lança um olhar sombrio e come outro.

– Começamos bem – digo. – Elegantemente atrasados.

– Só estamos fazendo nossa parte para manter as expectativas baixas – responde Sam.

Apesar de ter passado o verão inteiro indo dormir a esta hora da manhã, eu me sinto muito bem.

Minha tabela de horários me diz que a primeira aula de hoje é probabilidade e estatística. Este semestre também tenho ética do mundo em desenvolvimento (achei que Daneca ficaria feliz por eu ter escolhido essa matéria dentre as obrigatórias de história, por isso ainda não contei a ela), inglês, física, cerâmica 2 (pode rir se quiser), francês 4 e Photoshop.

Estou observando o papel quando saio de Smythe House e entro no Centro Acadêmico Finke. Probabilidade e estatística é no terceiro andar, então sigo para a escada.

Lila Zacharov desce o corredor usando o uniforme feminino de Wallingford: paletó, saia pregueada e camisa branca de botão. O cabelo curto e louro brilha como o bordado dourado do brasão. Quando ela me vê, a expressão em seu rosto é quase uma mistura de esperança e horror.

Não consigo imaginar minha própria expressão.

– Lila? – digo.

Ela se vira, a cabeça baixa.

Eu me aproximo depressa e seguro seu braço, como se tivesse medo de ela não ser real. Ela fica paralisada ao sentir o toque da minha mão coberta pela luva.

– O que está fazendo aqui? – pergunto, virando-a bruscamente para mim, o que talvez não seja o comportamento ideal, mas estou atônito demais para pensar direito.

Ela age como se eu tivesse lhe dado um tapa.

Muito bem, Cassel. Você é mesmo encantador.

– Eu sabia que você ia ficar furioso – diz ela. Seu rosto está pálido e cansado, ausente de toda a crueldade habitual.

– Não é isso – respondo. Mas, meu Deus, naquele momento não faço ideia de qual seja o problema. Sei que ela não deveria estar ali. E sei que não quero que vá embora.

– Não consigo evitar... – diz ela, e sua voz falha. Seu rosto está cheio de desespero. – Tentei parar de pensar em você, Cassel. Tentei durante todo o verão. Quase fui te procurar cem vezes. Eu enfiava as unhas na pele até conseguir me controlar.

Eu me lembro de estar sentado nos degraus da casa de minha mãe, em março, implorando para Lila acreditar que tinha sido enfeitada. Eu me lembro de como o pavor se espalhou lentamente pelo rosto dela. De sua negação, de concordarmos, derrotados, que não deveríamos nos ver até a maldição terminar. Eu me lembro de tudo.

Lila é mestre de sonhos. Espero que isso signifique que tem dormido melhor do que eu.

– Mas se você está aqui... – começo, sem saber como posso terminar.

– *Dói não estar perto de você* – sussurra ela, com cuidado, como se as palavras causassem sofrimento. – Você não faz ideia do quanto.

Quero dizer a ela que tenho, sim, ideia de como é amar alguém que não se pode ter. Mas talvez eu não tenha. Talvez estar apaixonada por mim seja pior do que posso imaginar.

– Eu não consegui... Não fui forte o bastante. – Seus olhos estão úmidos e a boca, ligeiramente aberta.

– Já faz quase seis meses. Você não se sente nem um pouco diferente? – A maldição já deveria ter começado a sumir, sem dúvida.

– Pior – diz ela. – *Eu me sinto pior*. E se isso não acabar nunca?

– Vai acabar. Em breve. Temos que esperar que acabe, e é melhor que... – começo a falar, mas é difícil me concentrar nas palavras com ela me olhando daquele jeito.

– Você gostava de mim antes – diz ela. – E eu gostava de você. Eu *amava* você, Cassel. Antes da maldição. Sempre te amei. E não me importo...

Não há nada que eu queira mais do que acreditar nela. Mas não consigo. Não acredito.

Eu sabia que essa conversa acabaria acontecendo. Independentemente do quanto eu tentasse evitar. E sei o que preciso dizer. Até planejei, sabendo que, de outra forma, as palavras não sairiam.

– Mas eu não amava você. E ainda não amo.

A mudança é imediata e terrível. Ela se afasta de mim. Seu rosto fica pálido e sombrio.

– Mas aquela noite no seu quarto. Você me disse que sentia saudade e que...

– Não sou *louco* – digo, tentando não dar bandeira. Ela conhece muitos mentirosos. – Falei o que achei que a faria dormir comigo.

Ela inspira uma pequena lufada de ar.

– Isso dói – diz Lila. – Você só está tentando me magoar.

Não é para magoar. É para enojar.

– Acredite no que quiser, mas é a verdade.

– Então por que não dormiu comigo? – pergunta ela. – Por que não dorme? Se tudo o que queria era pegar alguém, não sou eu que vou me negar. Não consigo dizer não pra você.

O sinal toca em algum lugar, longe dali.

– Me desculpe – digo, o que não estava no roteiro. Apenas escapa. Não sei como lidar com isso. Posso ser testemunha do sofrimento dela; mas não esse tipo de vilão.

– Não preciso de pena. – Pontos corados aparecem nas bochechas dela, como se estivesse com febre. – Estou esperando que a

maldição acabe aqui em Wallingford. Se eu contasse para o meu pai o que sua mãe fez, ela já estaria morta. Não se esqueça.

– E eu com ela – digo.

– É – concorda. – E você com ela. Então se acostume com a ideia de que ficarei aqui.

– Não posso impedir você – digo baixinho quando ela se afasta de mim em direção à escada. Observo o modo como as sombras se movem em suas costas. Em seguida, desmorono contra a parede.

Chego atrasado à aula, é claro, mas o Dr. Kellerman apenas ergue as sobrancelhas espessas quando entro. Perdi os avisos matinais da televisão que fica acima do quadro. Membros do clube de audiovisual explicaram qual seria o almoço e quando os clubes iam se reunir depois da aula. Nada muito emocionante.

Ainda assim, fico feliz por Kellerman resolver não pegar no meu pé. Não sei se aguentaria.

Ele volta a explicar como calcular probabilidades (coisa que já entendo bem, sendo agenciador de apostas) enquanto me concentro em fazer minhas mãos pararem de tremer.

Quando o telefone na parede toca, eu mal reparo. Pelo menos até ouvir a voz da Sra. Logan:

– Por favor, mande Cassel Sharpe até a sala da diretora. Por favor, mande Cassel Sharpe até a sala da diretora.

O Dr. Kellerman franze o cenho quando me levanto e pego meus livros.

– Ah, *fala sério* – digo inutilmente para a sala.

Uma garota ri.

Mas pelo menos uma coisa está a meu favor. Alguém acabou de perder a primeira aposta do ano.

CAPÍTULO TRÊS

A SALA DA DIRETORA NORTHCUTT

parece a biblioteca da cabana de caça de algum barão. As paredes e as estantes embutidas são de madeira escura polida e iluminadas por luminárias de metal. A escrivaninha é do tamanho de uma cama e feita da mesma madeira das paredes, com cadeiras de couro verde na frente e diplomas pendurados atrás. A coisa toda é feita para ser intimidante para os alunos e reconfortante para os pais.

Quando sou levado para dentro, vejo que Northcutt é quem parece pouco à vontade. Dois homens de terno estão de pé ao lado dela, claramente esperando por mim. Um deles usa óculos escuros.

Confiro se há volume debaixo dos braços deles ou contra as panturrilhas. Mesmo que o terno seja feito sob medida, o tecido sempre se estica por cima das armas. Sim, eles estão armados. Em seguida, olho para os sapatos.

São pretos e reluzentes como piche fresco, com solas flexíveis de borracha. Feitos para correr atrás de gente como eu.

Policiais. São policiais.

Cara, estou tão ferrado.

– Sr. Sharpe – diz Northcutt. – Estes homens gostariam de conversar com você.

– Tudo bem – respondo devagar. – Sobre o quê?

– Sr. Sharpe – diz o policial branco, ecoando Northcutt. – Sou o agente Jones, e este é o agente Hunt.

O sujeito de óculos escuros me cumprimenta com a cabeça.

Federais, é? Bem, agentes federais continuam sendo policiais para mim.

– Sabemos que estamos interrompendo sua aula, mas receio que o assunto sobre o qual precisamos conversar é delicado demais para ser tratado aqui, então...

– Espere um momento – interrompe Northcutt. – Vocês não podem tirar este aluno do campus. Ele é menor de idade.

– Podemos, sim – diz o agente Hunt. Ele tem um leve sotaque. Sulista.

Northcutt ruboriza quando se dá conta de que ele não vai dizer mais do que isso.

– Se vocês saírem daqui com este garoto, vou entrar em contato com nosso advogado imediatamente.

– Por favor, faça isso – diz o agente Hunt. – Eu ficaria feliz em falar com ele.

– Você nem sequer me contou do que se trata – diz ela em um tom exasperado.

– Lamento, é confidencial – diz o agente Jones. – Mas tem a ver com uma investigação em andamento.

– Suponho que *eu* não tenha escolha? – pergunto.

Nenhum dos agentes se dá o trabalho de responder. Com um ligeiro toque nas minhas costas, o agente Jones me guia para fora da sala, enquanto o agente Hunt entrega seu cartão a Northcutt, caso ela realmente queira chamar o advogado.

Vejo o rosto dela ao sair. Northcutt não vai ligar para ninguém.

Alguém devia avisar a ela para nunca jogar pôquer.

Eles me empurram para o assento traseiro de um Buick preto com vidros escuros. Minha mente está acelerada pensando em todas as coisas ruins que podem ter me colocado nessa. O cartão de crédito de Clyde Austin e meu laptop me vêm à mente. Além disso, há todos os funcionários dos hotéis de onde escapamos. E só Deus sabe o que mais mamãe fez.

Eu me pergunto se os federais acreditariam que Austin me atacou, embora o galo na minha cabeça tenha quase sumido. Imagino se há um jeito de convencê-los de que sou o responsável por quaisquer que sejam os crimes sobre os quais vamos conversar. Ainda sou menor. Aos dezessete anos, provavelmente receberia a pena de uma criança. Mas, acima de tudo, eu me pergunto o que posso dizer para que deixem minha mãe em paz.

– E aí? – Faço uma tentativa. – Para onde vamos?

O agente Hunt se vira para mim, mas é impossível ler sua expressão por causa dos óculos de sol.

– Temos materiais confidenciais para compartilhar com você, então vamos levá-lo ao nosso escritório de Trenton.

– Eu estou preso?

Ele ri.

– Não. Vamos apenas ter uma conversinha. Só isso.

Olho para as portas. É difícil dizer se eu conseguiria abrir a tranca e pular. Trenton é uma cidade grande, o fluxo de carros é intenso. Parar e agir. Sinal vermelho. Eles não podem pegar a estrada direto até o prédio. Se eu conseguisse pegar a porta aberta, provavelmente poderia sair correndo. Usar meu celular. Avisar alguém. Vovô, talvez. Ele saberia o que fazer.

Chego mais perto da porta e aproximo os dedos do trinco. Mas é o botão da janela. E nada acontece.

– Você quer que ligue o ar? – pergunta o agente Jones, parecendo achar graça.

– Está abafado aqui – digo, derrotado. Se o controle da janela não funciona, não tem chance de a tranca funcionar.

Observo a paisagem de arbustos passar até chegarmos à ponte. TRENTON FAZ, O MUNDO RECEBE, diz uma placa em grandes letras garrafais. Passamos sobre ela. Viramos em algumas ruas e estacionamos atrás de um inocente prédio comercial. Entramos pelos fundos, cada agente de um lado meu.

O corredor tem um carpete cor de cobre e é completamente sem vida. Todas as portas têm pequenos teclados numéricos acima das maçanetas. Não fosse isso, um dentista poderia alugar uma sala ali. Não sei o que eu estava esperando, mas certamente não era isso.

Entramos em um elevador e saímos no quarto andar. O carpete é o mesmo.

O agente Jones digita um código e gira a maçaneta. A parte golpista do meu cérebro acha que eu deveria estar memorizando números, mas não sou tão bom assim. O dedo dele se move depressa, e só consigo perceber que talvez tenha digitado uma vez o número sete.

Entramos em uma sala sem janelas com uma mesa vagabunda e cinco cadeiras. Há uma garrafa de café vazia em uma prateleira e um espelho (provavelmente falso) na parede.

– Isso só pode ser brincadeira – digo, indicando o espelho. – Eu vejo televisão, sabia?

– Espere – diz o agente Hunt. Ele sai, e logo depois uma luz se acende na outra sala, transformando o espelho em vidro escuro. A sala do outro lado está vazia.

O agente Hunt volta.

– Está vendo? – pergunta. – Somos só nós três.

Eu me pergunto se há alguém ouvindo por meio de aparelhos de gravação instalados na sala, mas decido não forçar a barra. Quero saber o que está acontecendo.

– Tudo bem – digo. – Vocês me tiraram da aula. Agradeço por isso. O que posso fazer para retribuir?

– Você é uma figura – diz o agente Jones, sacudindo a cabeça.

Eu tento observá-lo o máximo possível enquanto finjo estar entediado. Jones tem o corpo de um barril: é baixo e robusto, com cabelo fino e castanho-claro, da cor de pão. Há uma cicatriz na beirada do fino lábio superior. Ele cheira a loção pós-barba e a café velho.

O agente Hunt se inclina para a frente.

– Você sabe, a maioria das pessoas inocentes fica incomodada quando é chamada pelos federais. Elas exigem um advogado, nos dizem que estamos violando suas liberdades civis. Apenas criminosos ficam calmos como você.

Hunt é mais alto e mais magro do que Jones. É mais velho também, com o cabelo grisalho e curto. Ao falar, sua voz tem as cadências de quem está acostumado a discursar para uma congregação. Aposto que alguém da família dele é pastor.

– Os psicólogos dizem que é porque, subconscientemente, os criminosos querem ser pegos – diz o agente Jones. – O que acha disso, Cassel? Você quer ser pego?

– Parece que alguém anda lendo muito Dostoiévski. – Dou de ombros.

O lábio do agente Hunt faz uma curva leve.

– É isso que ensinam naquela escola particular?

– É – respondo. – É o que me ensinam.

O desprezo de Hunt é tão óbvio que faço uma nota mental em seu perfil imaginário: *Ele acha que minha vida é fácil e, conseqüentemente, que a dele foi difícil.*

– Olhe só, garoto – diz o agente Jones, limpando a garganta. – Não é moleza levar uma vida dupla. Sabemos sobre sua família. E sabemos que você é um mestre.

Eu congelo, todo o meu corpo fica rígido e inerte. Parece que meu sangue virou gelo.

– Não sou mestre – digo. Não tenho ideia do quanto pareço convincente. Sinto os batimentos cardíacos dentro do meu crânio.

O agente Hunt abre a pasta sobre a mesa e tira algumas folhas de papel. Elas parecem familiares. Levo um instante para perceber que são exatamente como as folhas que peguei na clínica de sono, só que essas têm meu nome no alto. Estou olhando para os resultados do meu exame.

– O Dr. Churchill mandou isto para um dos nossos contatos depois que você saiu correndo do consultório dele – diz o agente Jones. – Seu teste deu positivo. Você é hiperbatogâmico, garoto. Mas não me diga que não sabia.

– Não deu tempo – digo, entorpecido. Penso em como arranquei todos os eletrodos depois de entender para que servia o exame, em como saí correndo do consultório.

– Pelo que parece – diz o agente Hunt, me entendendo perfeitamente –, deu, sim.

Misericordiosamente, depois disso eles me oferecem comida. Os dois me deixam sozinho, trancado na sala, com um pedaço de papel contendo o gráfico das minhas ondas gama. Não significam nada para mim, exceto que estou verdadeiramente ferrado.

Pego meu celular e me dou conta de que, provavelmente, é isso que eles esperam que eu faça. Ligar para alguém. Revelar alguma coisa. Definitivamente a sala tem escuta; ela é feita para interrogatórios, quer estejam usando o espelho ou não.

Deve haver câmeras escondidas também, se eu parar para pensar melhor.

Mexo nas funções do meu celular até chegar à câmera. Ligo o flash, miro nas paredes e no teto e tiro várias fotos até conseguir. Um reflexo. Bem invisível quando eu estava apenas olhando para a moldura do espelho, mas a pequena lente brilha com o reflexo e é capturada na foto.

Dou um sorriso e enfio um pedaço de chiclete na boca.

Três mastigadas, e ele está macio o bastante para ser colado na câmera.

O agente Hunt entra cinco segundos depois. Está segurando dois copos de café e obviamente veio andando rápido. O punho de sua camisa está molhado e manchado de café. Aposto que queimou a mão.

Eu me pergunto o que ele achou que eu ia fazer depois que a câmera parasse de me filmar. Tentar fugir? Não tenho ideia de como sair de uma sala trancada; eu só estava me exibindo. Mostrando para eles que não ia me deixar enganar pelas coisas óbvias.

– Você acha que isso é uma brincadeira, Sr. Sharpe? – pergunta ele.

Esse pânico não faz sentido.

– Me deixe sair daqui – peço. – Você disse que não estou preso, e estou perdendo a aula de cerâmica.

– Você vai precisar que seu pai, sua mãe ou um responsável venha buscá-lo – diz ele, colocando os cafés em cima da mesa. Não parece mais aturdido, o que significa que eu pedir para ser liberado estava em seus planos. Voltamos ao roteiro. – Podemos conseguir que sua mãe venha buscar você, se é isso que quer.

– Não – respondo, percebendo que caí no jogo deles. – Está tudo bem.

O agente Hunt faz uma cara presunçosa e limpa a manga com um guardanapo.

– Achei mesmo que você veria as coisas do meu jeito.

Pego um dos cafés e tomo um gole.

– E você nem precisou me ameaçar. Sinceramente, devo ser um prisioneiro modelo.

– Escute, espertinho...

– O que você quer? – pergunto. – Para que tudo isso? Tudo bem, sou um mestre. E daí? Você não tem provas de que eu enfeitei alguém. Não sou criminoso até ter feito isso e jamais vou fazer. – É um alívio dizer uma mentira tão grande quanto essa; sinto como se estivesse desafiando-os a contrariá-la.

O agente Hunt não parece feliz, mas também não parece desconfiado.

– Precisamos da sua ajuda, Cassel.

Dou uma risada tão forte que engasgo com o café.

O agente Hunt está prestes a dizer mais alguma coisa quando a porta se abre e o agente Jones entra. Não faço ideia do que ele esteve fazendo esse tempo todo, mas não há nem sinal do almoço que me prometeram.

– Soube que você está dando trabalho – diz o agente Jones.

Ou ele estava assistindo à filmagem da câmera ou alguém contou a ele o que fiz, porque ele olha para o chiclete.

Tento parar de tossir. É difícil. Acho que um pouco de café entrou pelo lugar errado.

– Escute, Cassel, existem muitos garotos como você – diz o agente Hunt. – Garotos mestres que se envolvem com o elemento errado. Mas suas habilidades não precisam levar você para esse caminho. O governo tem um programa para ensinar jovens mestres a controlarem seus talentos e usá-los em prol da justiça. Ficaríamos felizes em recomendar você.

– Vocês nem sequer sabem quais são meus talentos – digo, rezando para que isso seja verdade.

– Empregamos todos os tipos de mestre, Cassel – diz o agente Jones.

– Até mestres da morte? – pergunto.

O agente Jones me observa com atenção.

– É esse o tipo de mestre que você é? Porque seria muito sério se fosse. É uma habilidade perigosa.

– Eu não disse isso. – Espero não parecer convincente.

Não ligo se pensarem que sou mestre da morte, como meu avô. Não ligo se pensarem que sou mestre de sorte, como Zacharov, de

sonhos, como Lila, físico, como Philip, mestre de memória, como Barron, ou mestre de emoções, como mamãe. Desde que não descubram que sou mestre de transformação. Não houve nenhum nos Estados Unidos desde os anos 1960, e tenho certeza de que, se o governo desse de cara com um agora, não o deixariam voltar para a escola.

– Esse programa – continua o agente Jones – é coordenado por uma mulher, a agente Yulikova. Gostaríamos que a conhecesse.

– O que isso tem a ver com vocês precisarem da minha ajuda? – pergunto.

Toda essa armação parece um golpe. O jeito como eles agem, os olhares irritados que trocam quando acham que não estou prestando atenção. Tenho certeza de que a generosa proposta de me deixar fazer parte de um programa secreto de treinamento do governo é parte do teste. O que não tenho certeza é por que estão *me* testando.

– Sei que você tem envolvimento com a família mafiosa de Zacharov, então não há necessidade de negar – diz o agente Jones, erguendo a mão quando começo a falar. Também não precisa confirmar. – Mas precisa saber que, nos últimos três anos, Zacharov vem aumentando o número de assassinatos tanto dentro quanto fora da organização. Não costumamos nos importar com mafiosos matando uns aos outros, mas um dos nossos informantes foi o alvo mais recente.

Um arrepio terrível gela minha pele quando ele bota uma fotografia em preto e branco na minha frente sobre a mesa.

O homem na foto levou vários tiros no peito, sua camisa está imunda. Ele está deitado de lado. O sangue encharcou o tapete embaixo dele, e o cabelo cai parcialmente sobre seu rosto. Ainda assim, é um rosto que eu reconheceria em qualquer lugar.

– Ele foi baleado ontem à noite – diz o agente Hunt. – A primeira bala penetrou entre a sétima e a oitava costela e atingiu o átrio direito. Ele morreu na hora.

Sinto como se alguém tivesse me dado um soco no estômago.

Empurro a foto em direção ao agente Jones.

– Por que estão me mostrando isso? – Minha voz treme. – Não é Philip. Não é meu irmão.

Estou de pé, mas não me lembro de ter levantado.

– Acalme-se – diz o agente Hunt.

Há um rugido nos meus ouvidos, como o barulho das ondas do mar.

– É algum truque – grito. – Admita. Admita que é um truque.

– Cassel, você tem que nos ouvir – diz o agente Jones. – A pessoa que fez isso ainda está solta por aí. Você pode nos ajudar a encontrar o assassino do seu irmão.

– Vocês estavam aqui batendo papo comigo enquanto meu irmão está *morto*? Vocês sabiam que meu irmão estava morto e me deixaram... Me deixaram... – gaguejo. – Não. Não. Por que vocês fariam isso?

– Sabíamos que seria difícil falar com você depois que ficasse sabendo – diz o agente Jones.

– Difícil falar comigo? – repito, porque as palavras não fazem sentido. Em seguida, outra coisa chama minha atenção, algo que também não faz sentido. – Philip era informante de vocês? Ele jamais faria isso. Ele odeia delatores.

Odiava. Odiava delatores.

Na minha família, ir até a polícia é covardia, é desprezível. Os policiais podem fazer o que quiserem com os mestres (somos criminosos, afinal), então procurar a polícia é beijar os pés do inimigo. Se você entrega alguém, não está só traindo as pessoas ao seu redor. Está traindo quem você é. Eu me lembro de Philip falando sobre um pessoa em Carney que tinha delatado outra por um motivo bobo – uns velhos que eu não conhecia. Ele cuspi no chão quando falava o nome do sujeito.

– Seu irmão nos procurou cinco meses atrás – diz o agente Hunt.

– Em abril deste ano. Disse que queria mudar de vida.

Balanço a cabeça, negando o que deve ser verdade. Philip deve ter procurado os federais porque não tinha mais para onde ir. Por minha causa. Porque destruí seu plano de assassinar Zacharov para que seu melhor amigo se tornasse o líder da família mafiosa. Um plano que teria trazido riqueza e glória para meu irmão. Em vez

disso, fiz com que ele fosse assassinado. Se Philip está morto, Zacharov deve estar por trás disso. Não consigo pensar em mais ninguém. E por que Zacharov se importaria com a promessa de deixar minha família em paz, principalmente se descobrisse que Philip fez um acordo com o FBI? Eu era um idiota por acreditar que a palavra de Zacharov valia alguma coisa.

– Minha mãe sabe que Philip está morto? – pergunto finalmente, afundando de novo na cadeira. Sinto que poderia sufocar de tanta culpa.

– Conseguimos manter sigilo – diz o agente Jones. – Assim que você sair daqui, ela vai receber a ligação. E não vamos demorar muito. Agente firme.

– Tem um pôster de gatinhos assim. – Não reconheço minha própria voz.

Os dois me olham de um jeito estranho.

De repente, me sinto tão exausto que quero deitar a cabeça bem ali na mesa.

O agente Jones prossegue:

– Seu irmão queria sair do crime organizado. Ele só precisava que nós encontrássemos a esposa dele para poder se desculpar pelo que a fez passar. Íamos colocá-los em um programa de proteção a testemunhas. Ele disse que, depois disso, entregaria tudo que tinha a respeito do assassino de Zacharov. Talvez derrubar o próprio Zacharov. O cara é da pior estirpe. Philip nos deu o nome de seis mestres que esse psicopata matou. Nem tínhamos certeza se estavam mortos, mas Philip ia nos levar até os corpos. Seu irmão estava mesmo tentando virar a página e morreu por causa disso.

Sinto como se estivéssemos falando de um estranho.

– Vocês encontraram Maura? – pergunto.

Maura fugiu da cidade na primavera passada, levando o filho deles, depois que descobriu que Barron andava alterando a memória dela. Ele a tinha feito esquecer todas as brigas que tivera com Philip e se lembrar apenas de um relacionamento doce e perfeito. Mas não se lembrar dos problemas não impediu que eles continuassem aparecendo cada vez mais. Além disso, ser enfeitiçada com tanta

frequência causa efeitos colaterais ruins, como ouvir música que não existe, por exemplo.

Philip ficou arrasado quando ela foi embora. Ele me culpava mais do que a Barron, o que não acho que seja totalmente justo, embora no final eu tenha dado a ela o talismã que a fez perceber o que estava acontecendo. Ainda assim, me recuso a sentir culpa pelo fim desse casamento.

Já tenho culpa o suficiente para carregar.

O agente Jones assente:

– Falamos com ela hoje. Está no Arkansas. Fizemos o primeiro contato há mais ou menos uma semana, e ela concordou em escutar o que seu irmão tinha a dizer; o primeiro passo seria juntá-los por telefone. Agora ela diz que não volta nem para reivindicar o corpo.

– O que você quer que eu faça? – pergunto. Só quero que isso termine.

– Philip nos contou o bastante para acharmos que você tem acesso a informações. Informações de que precisamos – afirma o agente Hunt. – Você conhece algumas das pessoas que ele conhecia e tem conexões com a família Zacharov que ele nunca teve.

Ele se refere a Lila. Tenho quase certeza.

– Não é... – começo a falar, mas Jones me interrompe.

– Há anos ouvimos falar que Zacharov faz pessoas desaparecerem. Elas simplesmente somem. Não sobra nada. Nem corpo. Nem provas. Ainda não sabemos como ele, ou o capanga dele, faz isso. Por favor, apenas dê uma olhada em alguns casos. Veja se algo lhe parece familiar. Faça perguntas. Seu irmão era nosso primeiro grande passo. Agora ele está morto. – Jones sacode a cabeça com pesar.

Eu cerro os dentes, e em seguida ele afasta o olhar, como se talvez tivesse percebido que foi uma péssima coisa a dizer. Como se, talvez, para mim, meu irmão fosse um ser humano.

Como se, talvez, começando a investigar, eu também possa acabar morto.

– Vocês estão ao menos tentando descobrir quem matou Philip? – pergunto, já que eles parecem tão obcecados com Zacharov.

– É claro que estamos – responde o agente Jones. – Encontrar o assassino do seu irmão é nossa maior prioridade.

– Qualquer pista desse caso vai nos levar diretamente ao assassino dele – acrescenta o agente Hunt, ficando de pé. – Só para mostrar que estamos sendo sinceros, quero que veja o que já temos.

Eu o sigo relutante até o corredor e entro na sala de observação atrás do espelho. Ele liga um equipamento de vídeo.

– É material confidencial – informa o agente Jones, olhando para mim como se esperasse me ver impressionado. – Vamos precisar que você seja um rapaz inteligente e mantenha essa informação em segredo.

Em uma pequena tela, o prédio do meu irmão ganha vida em cores intensas. É fim de tarde e o sol brilha atrás do prédio, se pondo atrás das árvores. Consigo ver a nuvem de vapor saindo do asfalto na entrada da garagem. Não consigo ver o apartamento dele, mas sei que fica à direita da tela.

– O condomínio instalou essas câmeras de segurança recentemente – diz o agente Hunt baixinho. – Houve uma invasão, ou algo do tipo. O ângulo é péssimo, mas conseguimos essa filmagem de ontem à noite.

Uma pessoa de casaco escuro passa na frente da câmera, perto e rápido demais para o filme registrar direito. A câmera está muito voltada para baixo para capturar o rosto, mas é possível ver alguns dedos finos em uma luva de couro saindo da manga preta de um casaco. A luva é vermelha como sangue vivo.

– É tudo o que temos – conclui o agente Hunt. – Ninguém mais entra nem sai. O casaco e a luva parecem ser femininos. Se essa for a assassina de Zacharov, atirar não é seu método tradicional de trabalho. Mas muitos mestres da morte usam técnicas mundanas depois que perdem várias partes do corpo por causa do rebote. É assim que acabam se entregando. É claro que ela pode ser uma nova recruta que Zacharov mandou no escuro, apenas alguém sem nenhuma ligação direta com a organização para fazer o serviço.

– Então basicamente vocês não têm nenhuma ideia – digo.

– Acreditamos que a pessoa responsável pelos assassinatos descobriu que Philip ia entregá-lo. Ou entregá-/a. Quando Philip nos procurou propondo um acordo, procuramos saber mais sobre ele com outros informantes. Sabemos que houve uma briga com Zacharov relacionada com a filha do criminoso, Lila.

– Lila não fez isso – digo automaticamente. – Lila não é mestra da morte.

Jones se senta, a coluna ereta.

– Que tipo de mestra ela é?

– Não sei! – Minha resposta soa tão falsa quanto obviamente é. Lila é mestra de sonhos e é muito poderosa. Poderosa o suficiente para fazer uma pessoa sair andando da própria casa enquanto dorme. Ou do próprio quarto de alojamento.

Hunt balança a cabeça.

– Só sabemos que a última pessoa a entrar no apartamento de Philip foi uma mulher com luvas vermelhas. Precisamos encontrá-la. *Vamos* nos concentrar nisso. Você pode ajudar conseguindo a informação que Philip morreu tentando nos passar. Não deixe que a morte do seu irmão seja em vão. Temos certeza de que há ligação entre os desaparecimentos e a morte do seu irmão.

O discurso é muito comovente. Como se eu realmente fosse acreditar que o último desejo de Philip era que eu acertasse as contas entre ele e os agentes federais. Mas a visão da mulher entrando no apartamento me assombra.

O agente Jones abre algumas pastas.

– Estes são os nomes que seu irmão nos deu, os homens que, segundo ele jurou, foram mortos e sumiram na mão do capanga de Zacharov. Dê uma olhada nos papéis e veja se alguma coisa chama sua atenção. Algo que você pode ter ouvido, alguém que pode ter visto. Qualquer coisa. E nós agradeceríamos se não mostrasse esses arquivos para mais ninguém. É conveniente para ambas as partes que este encontro nunca tenha acontecido.

Olho para o filme no ponto em que foi pausado, como se, de alguma forma, eu devesse reconhecer a pessoa. Mas ela é apenas um borrão de tecido e couro.

– A escola já sabe que saí com vocês – digo. – Northcutt sabe.

O agente Hunt sorri.

– Achamos que sua diretora não vai ser problema.

Um pensamento terrível me ocorre, mas o reprimo antes de articulá-lo na minha cabeça. Eu jamais faria mal a Philip.

– Isso significa que estou trabalhando pra vocês? – pergunto, me forçando a dar um sorrisinho.

– Mais ou menos isso – responde o agente Jones. – Faça um bom trabalho e o recomendaremos para o programa da agente Yulikova. Você vai gostar dela.

Duvido.

– E se eu não quiser entrar nesse programa de treinamento?

– Não somos como a máfia – diz o agente Hunt. – Você pode sair quando quiser.

Penso na porta trancada na sala, nas portas trancadas do carro.

– Ah, claro.

Eles me levam até Wallingford, mas quando chego ao campus as aulas já estão no fim. Não me dou o trabalho de ir almoçar. Vou para meu quarto, enfio as pastas debaixo do colchão e espero pela chamada inevitável do inspetor.

Sentimos muito, ele vai dizer. Sentimos muito.

Mas eu sou a pessoa que mais sente.

CAPÍTULO QUATRO

O ROSTO DE PHILIP

parece feito de cera. O que quer que tenham feito para preservar sua aparência deu à pele um brilho estranho. Quando vou até o caixão me despedir, percebo que pintaram as partes do corpo que ficariam expostas com algum cosmético cor de pele. Se olhar de perto, consigo ver traços de pele descorada que não cobriram – atrás das orelhas e em uma linha entre as luvas e os punhos da camisa. Ele está usando um terno que mamãe escolheu e uma gravata preta de seda. Não me lembro de vê-lo usar nenhum dos dois em vida, mas devem ter saído do armário dele. O cabelo foi puxado para trás e preso em um rabo de cavalo. O colarinho alto da camisa esconde o colar de cicatrizes que o classificava como gângster. Não que haja alguém aqui que não saiba o que ele fazia.

Eu me ajoelho em frente ao corpo dele, mas não tenho palavras para Philip. Não quero seu perdão. Não o perdoo.

– Tiraram os olhos dele? – pergunto a Sam quando volto ao meu lugar. O aposento está enchendo rápido. Homens em ternos escuros, bebericando de suas garrafas de bolso; mulheres em vestidos pretos, com os sapatos mais pontudos do que facas.

Sam olha para mim, surpreso com a pergunta.

– Provavelmente, sim. Provavelmente colocam vidro. – A cor desaparece de seu rosto. – E enchem o corpo com fluido desinfetante.

– Ah – respondo.

– Cara, sinto muito. Eu não devia ter contado isso.

Balanço a cabeça.

– Eu perguntei.

Sam está vestido como Philip. Eu uso o terno do meu pai, o que teve que ir para a lavanderia para que o sangue de Anton fosse removido. Mórbido, eu sei. Era isso ou meu uniforme escolar.

Daneca vem até nós, parecendo a mãe dela com um vestido justo azul-marinho e pérolas.

– Conheço você? – pergunto.

– Ah, cale a boca – diz ela automaticamente. Mas logo depois: – Sinto muito, eu não...

– As pessoas têm que parar de dizer que sentem muito – digo, talvez um pouco alto demais.

Sam olha ao redor da sala com uma expressão de pânico.

– Hum, não sei como dizer isso, mas *todas* essas pessoas vão falar isso para você. Esse é meio que o objetivo dos velórios.

O canto da minha boca se ergue. Tê-los por perto deixa tudo um pouco melhor, até isso.

O agente funerário entra carregando outra montanha de flores. Mamãe vem atrás dele. Ela está chorando. O rímel escorre pelo rosto de maneira teatral enquanto ela aponta para o local onde o agente deve colocar o arranjo. Em seguida, ao ver o corpo de Philip pela décima vez, ela solta um gritinho e meio que desaba sobre uma cadeira, chorando com o lenço no rosto. Um pequeno grupo de mulheres corre para confortá-la.

– Aquela é sua *mãe*? – pergunta Daneca, fascinada.

Não tenho certeza do que dizer. Mamãe está dando um show, mas isso não significa que não esteja realmente triste. Ela só não deixa o sofrimento atrapalhar sua performance.

– Aquela ali é nossa mãe, sim – diz uma voz ligeiramente entediada atrás de mim. – É um milagre não assaltarmos farmácias enquanto ainda usávamos fraldas.

Daneca dá um salto, como se tivesse sido pega roubando alguma coisa.

Eu não preciso me virar.

– Oi, Barron.

– Dani, certo? – diz ele, lançando um sorriso predador para Daneca ao se sentar ao meu lado.

Acho um bom sinal ele se lembrar dela (talvez esteja evitando fazer feitiços de memória), mas também fico repentinamente ciente do perigo em que coloquei Daneca e Sam simplesmente ao deixá-los ir até ali. Não é seguro ficar perto dessas pessoas.

– Sou Sam Yu. – Sam estica a mão e se inclina para a frente de Daneca.

Barron aperta a mão dele. Seu terno é bem mais legal do que o meu, e o cabelo escuro está curto e arrumado. Ele parece o bom menino que nunca foi.

– Qualquer amigo do meu irmãozinho é meu amigo.

Um pastor se aproxima do púlpito e diz algumas palavras para minha mãe. Não o reconheço. Mamãe não é exatamente religiosa, mas o abraça como se estivesse pronta para ser batizada com a primeira bacia de água que aparecer.

Alguns minutos depois ela grita alto o bastante para ser ouvida acima da música de elevador que tomava o local. Eu não faço ideia do que a deixou fora de si.

– Ele foi assassinado! Diga isso para eles! Coloque no seu sermão. Diga que não há justiça no mundo.

Nesse exato momento, Zacharov entra no salão. Está usando um de seus sobretudos pretos por cima do terno. O Diamante da Ressurreição falso brilha perto de sua garganta, na ponta do alfinete enfiado no nó da gravata. Os olhos dele são duros e frios como um pedaço de vidro.

– Não acredito que ele teve a coragem de vir aqui – falo em voz baixa e me levanto. Barron toca em meu braço para me deter.

Lila está ao lado de Zacharov. É a primeira vez que a vejo desde nossa desastrosa conversa no corredor de Wallingford. Seu cabelo está úmido por causa da chuva, e ela está toda de preto, exceto pelo batom vermelho tão intenso que o resto parece esmaecer. Ela é só a boca.

Ela me vê, e então seu olhar se desvia para Barron. Com a expressão petrificada, Lila se senta.

– É melhor alguém ensinar a essa minha filha a falar baixo – diz vovô, apontando para minha mãe como se pudéssemos achar que ele tinha outra filha ali. – Deu pra ouvir a voz dela lá da rua.

Não reparei quando entrou, mas ele está aqui, sacudindo o guarda-chuva e enrugando a testa para mamãe. Solto todo o ar dos pulmões, tão grande é meu alívio.

Ele bagunça meu cabelo como se eu fosse uma criancinha.

O pastor limpa a garganta de pé em frente ao púlpito, e todos se sentam devagar. Mamãe ainda está choramingando. Assim que o pastor começa a falar, ela passa a gritar tão alto que não consigo ouvir quase nada do sermão.

Eu me pergunto o que Philip pensaria do seu próprio velório. Ele ficaria triste por Maura nem se dar o trabalho de levar o filho deles para um último adeus. Ficaria com vergonha da mamãe e, provavelmente, furioso por eu estar aqui.

– Philip Sharpe era um soldado no exército de Deus – diz o pastor.
– Agora ele marcha com os anjos.

As palavras ecoam desconfortavelmente na minha cabeça.

– Seu irmão, Barron, vai se juntar a mim aqui na frente para dizer algumas palavras sobre seu amado Philip.

Barron vai até o púlpito e conta uma história sobre eles dois escalando uma montanha juntos e as várias coisas importantes que aprenderam um sobre o outro no caminho. É comovente. E completamente plagiado de um livro que tínhamos quando crianças.

Decido que está na hora de pegar a garrafa de bebida de alguém e ir me sentar lá fora.

Encontro um bom lugar na escada. Do outro lado do corredor, tem mais um velório acontecendo. Só consigo ouvir o burburinho das vozes na sala, não tão altas quanto a de Barron. Apoio as costas na escada e olho para o teto, para as luzes piscantes do candelabro.

Esta é a mesma funerária onde aconteceu o velório do meu pai. Eu me lembro do cheiro de naftalina, das cortinas grossas e pesadas, do papel de parede texturizado. Eu me lembro do agente funerário desviando o olhar quando envelopes de dinheiro sujo eram passados silenciosamente para a viúva. O local é fora da cidade de Carney – e é muito procurado por mestres. Depois de terminarmos aqui, vamos para o cemitério de Carney, onde papai e vovó Singer descansam. Vamos colocar flores nos túmulos deles. Talvez vejamos quem está na sala ao lado lá também; mestres da maldição têm uma alta taxa de mortalidade.

Minha lembrança mais vívida do velório de papai é ver tia Rose pela primeira vez em anos. Enquanto eu estava de pé em frente ao

caixão, respondi ao “como você está?” dela com um “bem” antes mesmo de entender o que ela queria dizer. Foi só uma resposta automática para aquela pergunta. Mas lembro como os lábios dela se curvaram, como se eu fosse um péssimo filho.

Era assim que eu me sentia mesmo.

Mas eu era um filho muito melhor do que um irmão.

Zacharov sai de vista e fecha cuidadosamente a porta atrás de si. Por um momento, a voz de Barron aumenta de tom e ouço as palavras “vamos sempre nos lembrar dos estranhos balões em forma de animal de Philip e de sua habilidade com o arco”.

Zacharov traz um pequeno sorriso no rosto, e suas grossas sobrelhas grisalhas estão erguidas.

– Estou descobrindo algumas coisas muito interessantes sobre seu irmão.

Eu fico de pé. Talvez não tenha nada de bom a dizer sobre Philip, talvez não tenha um pedido de desculpas para ele, mas há uma coisa que eu posso fazer. O mínimo que posso fazer. Bater no cara que o matou.

Zacharov deve perceber meu olhar, porque ergue as duas mãos cobertas de luvas em um gesto de paz. Eu não ligo. Continuo me aproximando.

– Tínhamos um acordo – digo, erguendo a mão fechada.

– Não matei seu irmão – diz ele, dando um passo para trás, tentando se afastar. – Vim prestar minha homenagem à sua família e dizer a você que não tive nada a ver com isso.

Ando na direção dele. Sinto um prazer cruel ao vê-lo se encolher.

– Não – insiste ele. – Não tive nada a ver com a morte de Philip, e você perceberia se pensasse por mais de um minuto a esse respeito. Você é muito mais valioso para mim do que qualquer vingança contra um subalterno. E não é burro. Sabe bem o valor que tem.

– Tem certeza disso? – questiono.

As palavras de Philip de meses atrás ecoam na minha mente. *Você obviamente não deixou de ser burro com a idade.*

– Me diga, por que sua mãe não está me acusando? Nem mesmo Barron. Nem seu avô. Eles me deixariam entrar aqui se achassem que sou o responsável pela morte de Philip? – Consigo ver um

músculo saltando no maxilar dele de tanto que aperta os dentes. Se batesse nele agora, sua tensão faria o golpe doer muito mais. Ele claramente não entra numa briga há muito tempo.

Minha mão treme de fúria. Soco um vaso perto da porta. Ele se estilhaça; pedaços grossos de argila, água e flores caem no tapete.

– Você não lamenta a morte de Philip – digo por fim, respirando pesadamente com uma violência cega que só está começando a diminuir. Não sei o que pensar.

– Nem você – diz Zacharov, com a voz firme. – Não me diga que não está dormindo melhor à noite agora que ele está morto.

Nesse momento, odeio Zacharov mais do que sempre odiei.

– Você está se saindo muito mal em me convencer a não te dar um soco.

– Quero que venha trabalhar pra mim. Trabalhar pra mim de verdade – diz Zacharov.

– De jeito nenhum – respondo, mas isso me faz perceber que, ao perder Philip, Zacharov perdeu metade do poder que tinha sobre mim. Ou até mais, porque, se não posso confiar em sua palavra, todas as futuras ameaças ficam vazias. Se ele me obriga a fazer uma coisa sob ameaça e a ameaça se realiza mesmo que eu cumpra minha parte, não há muita razão para que eu continue fazendo o que ele manda. A morte de Philip custou a ele influência e, quando eu percebo isso, começo a acreditar que ele realmente não é o responsável. Sou valioso para ele; não é sempre que um mestre de transformação é praticamente jogado nos braços de um chefe da máfia.

Zacharov inclina a cabeça em direção à alcova com cortina na porta, aonde as pessoas vão para chorar escondidas. Eu o acompanho, inseguro. Ele se senta no longo banco. Eu fico de pé.

– Você é implacável e não tem medo de mim – diz ele baixinho. – Gosto dessas duas coisas, mas preferia que a última fosse equilibrada com um pouco de respeito. Você é o melhor tipo de assassino, Cassel Sharpe, o tipo que nunca suja as mãos de sangue. O tipo que nunca precisa se enjoar ao ver o que fez nem passa a gostar demais disso.

Eu me arrepio até os ossos.

– Venha trabalhar pra mim, Cassel, e terá minha proteção. Para seu irmão. Para sua mãe. Para seu avô, embora eu já o considere um dos meus. Minha proteção e uma vida muito confortável.

– Então você quer que eu... – Eu começo a falar, mas ele me interrompe.

– A morte de Philip não deveria ter acontecido. Se eu tivesse pessoas tomando conta dele, não teria acontecido. Deixe-me cuidar de você. Deixe seus inimigos se tornarem meus.

– É, e os seus se tornarem meus. Não, obrigado. – Eu sacudo a cabeça. – Não quero ser um assassino.

Ele sorri.

– Você pode transformar nossos colegas em coisas vivas, se isso o ajudar a dormir melhor. Eles serão removidos efetivamente do mesmo jeito.

– Isso não vai acontecer – respondo, pensando na gata branca me observando com olhos brilhantes.

– Já aconteceu. Talvez Barron tenha feito você esquecer o que fez, mas agora você lembra. Provou isso quando desfez um de seus feitiços.

– Foi da *sua filha* o feitiço que desfiz – digo.

Zacharov respira fundo e solta o ar lentamente.

– Aconteceu, Cassel. Você sabe como trabalhar. E um dia desses vai se ver numa situação em que será tentador. E depois mais do que tentador; não vai haver outro jeito. Acorde. Você é um de nós.

– Ainda não – digo. – Não completamente. – E isso é tudo a que posso me apegar.

– Você vai pensar em minha proposta – diz ele. – Vai pensar nela quando se der conta de que há pessoas perto de você com as quais vai acabar tendo que lidar.

– Você está falando de Barron – comento, impressionado. – Você é um filho da puta por insinuar no velório de um dos meus irmãos que eu pensaria em matar o outro.

Zacharov fica de pé e tira a poeira da calça.

– Não fui eu quem pensou nele. – Ele sorri. – Mas você está certo, sou um filho da puta. E algum dia você vai precisar de mim.

Em seguida, ele volta para o velório.

Lila me encontra. Estou olhando para o tecido do banco, imaginando quantas pessoas já choraram ali. Fico me perguntando se o interior do pano está cheio de sal, como um cobertor que foi mergulhado na água do mar. Estou ficando um pouco maluco.

– Oi – diz ela, me entregando um copo de café, a boca ainda cor de sangue. – Um dos amigos de Philip está fazendo o discurso agora. Acho que está contando a história da primeira vez que assaltaram uma loja de bebidas.

Pego o copo. Acho que a única coisa que ingeri nos últimos três dias foi café. Eu deveria estar quicando nas paredes. Talvez isso explique a tentativa de atacar o pai dela.

– Você devia voltar para lá. Eu não vou... Não *posso*... – Sacudo a cabeça para indicar a enormidade das coisas que não consigo fazer. Por exemplo, não consigo contar a verdade sobre o que sinto por ela. E não tenho certeza de que consigo continuar mentindo.

Desejo tanto você que faria quase qualquer coisa para tê-la.

Por favor, me permita não querer fazer isso.

– Nós éramos amigos – diz ela. – Mesmo que não houvesse mais nada.

– Ainda somos amigos – digo automaticamente, porque quero muito que seja verdade.

– Que bom então. – Ela se senta ao meu lado no banco. – Não quero que você fique zangado por eu estar aqui. Não vou pular em você nem nada.

Dou uma risada.

– Minha virtude está segura, então? Graças a Deus.

Ela revira os olhos.

– Não. Eu entendo por que você veio. Deve ser bom vê-lo morto.

– Penso nas palavras de Zacharov sobre dormir melhor à noite, embora me recuse firmemente a aplicá-las a mim mesmo. – Você deve se sentir mais segura.

Ela me olha boquiaberta, como se não conseguisse acreditar no que acabei de dizer. Em seguida, ri.

– É difícil ser uma garota de novo, uma garota humana com mãos e pés, roupas e escola. É difícil falar quando fiquei tanto tempo sem praticar. E às vezes sinto... – Ela mesma se interrompe.

– O quê?

– Como se... Não sei. É o velório do seu irmão. Deveríamos estar falando sobre *seus* sentimentos.

Tomo um longo e agradável gole do café.

– Sinceramente, é a última coisa que quero fazer.

– Posso ser um ótimo consolo – diz ela com um pequeno sorriso travesso.

– Ei... Minha virtude, lembra? Vamos, me conte o que ia dizer.

Ela chuta a parede de leve com um dos sapatos pretos e brilhantes de salto. Consigo ver seu dedão pela abertura na frente. A unha está pintada com um azul intenso.

– Tudo bem. Você já sentiu tanta raiva que achou que poderia devorar o mundo todo e, ainda assim, não ficar satisfeito? Como se não soubesse como acabar com esse sentimento? E isso assusta você, mas também só o deixa com mais raiva?

– Achei que não íamos falar dos meus sentimentos – digo, disfarçando com humor, porque sei exatamente o que ela quer dizer. É como se Lila estivesse expondo meus pensamentos em voz alta.

Ela olha para o chão com um sorriso singelo.

– Não estou.

– Sei – digo lentamente. – Sei.

– Tem dias em que odeio tudo. – Ela olha para mim com seriedade.

– Eu também – respondo. – Principalmente hoje. Não sei o que sentir. Philip. Quero dizer, não éramos próximos, é claro. E agora, olhando pra trás, será que ele tinha vergonha de ter me usado daquela forma? Era por isso que não conseguia me olhar nos olhos? Mas, por outro lado, quando acabou, foi ele que não conseguiu me perdoar. Podíamos ter concordado que estávamos quites... Certo, não exatamente quites, mas quase isso. No entanto, era como se ele não conseguisse encarar nada que tinha feito e como se eu fosse o inimigo. Como se eu não fosse nem mais humano para ele. Como se não fosse o irmão dele.

Eu devia calar a boca, mas não calo.

– E agora, você. Você era a única amiga de verdade que tive em anos. Quero dizer, eu tinha amigos na escola, mas aí mamãe fazia

alguma besteira ou nos mudava de colégio por causa de algum golpe que estava tramando, ou eles descobriam que eu era de uma família de mestres, e era o fim da amizade. Com você era diferente. Houve uma época em que eu podia te contar qualquer coisa. Mas aí pensei que tivesse te matado e agora que tenho você de volta não posso. Você... Ela tirou...

Lila se inclina suavemente em minha direção. O toque dos lábios dela é macio na minha bochecha.

Fecho os olhos. A respiração dela é quente, e bastaria um pequeno movimento da minha boca, uma leve concordância, para que nos beijássemos. Beijar Lila acabaria com meu sofrimento, dor e culpa. É tudo que quero no mundo.

– Você vai ter todas as coisas que pensa que não pode ter. – Ela sussurra esticando a mão para limpar o batom vermelho da minha bochecha. – Só não sabe disso ainda.

Suspiro ao sentir o toque da luva dela.

Depois que os discursos chegam ao fim, vovô me leva para uma limusine preta. Eu me sento ao lado da minha mãe, que já está tomando uma bebida do frigobar. É alguma coisa marrom, de uma garrafa com fundo pesado. Barron entra depois de mim.

Ficamos em silêncio no trajeto. Ouço o barulho de cubos de gelo, o som de respiração entrecortada. Fecho os olhos.

– Não sei o que fazer com todas as coisas de Philip – diz mamãe de repente. – Maura não vem buscar. Vamos ter que colocar tudo no antigo quarto dele lá em casa.

Vovô geme.

– Acabei de arrumar aquela casa.

– É melhor vocês dois encaixotarem tudo depois que a polícia terminar – diz mamãe, ignorando vovô, a voz beirando a histeria. – O filho dele pode querer um dia.

– O filho dele não vai querer – diz Barron com cansaço.

– Você não tem como saber. – Ela enche o copo novamente, mas a limusine passa por um buraco, e a bebida cai no seu vestido. Ela começa a chorar, não do jeito escandaloso de antes, mas com soluços baixos que sacodem todo seu corpo.

Pego alguns guardanapos e tento secar o líquido. Ela empurra minha mão.

– Você não tem como saber – diz ela para Barron em meio às lágrimas. – Olhe para Cassel. É o terno do pai dele.

– É, e saiu de moda há uns milhões de anos – comenta Barron. Eu dou de ombros, fingindo concordar.

Vovô sorri.

– Vai ficar tudo bem, Shandra – afirma ele.

Mamãe balança a cabeça.

– Poupe o garoto de ficar parecido com Cassel – diz Barron. – Jogue tudo fora. Além do mais, fiquei sabendo de um cara em Princeton que quer comprar um quadro. Preciso de ajuda em um plano. Vamos comprar uma dezena de ternos de seda.

Mamãe funga e engole o resto da bebida.

O enterro acontece debaixo de chuva. Barron e eu dividimos um guarda-chuva, o que significa que tem água caindo constantemente no meu pescoço. Barron passa o braço por cima dos meus ombros e eu me encosto nele por um momento, como se ele realmente agisse como um irmão mais velho que quer proteger o mais novo. A cerimônia é simples, pois todos os discursos já foram feitos. Até as lágrimas da minha mãe parecem cansadas.

Ou talvez nem ela consiga competir com o tempo.

Quando acaba, Lila e o pai entram na parte de trás de um carro, e os guarda-costas os levam dali. Ela acena para mim discretamente ao entrar.

O restante de nós vai até a casa do meu avô para a recepção. As senhoras de Carney estão lá em peso, e a mesa de jantar do vovô está estalando sob o peso dos ensopados, tortas e bandejas de frios.

Uma mulher de meia-idade em um terninho preto de tweed está cochichando com uma amiga. A outra mulher ri e fala:

– Ah, não, Pearl! Já fui casada três vezes e nunca deixei que nenhum deles me visse sem luvas, muito menos que tirasse a dele.

Eu sigo para a cozinha.

Mamãe me para quando estou saindo da sala. Os contornos dos olhos dela ainda trazem os restos cinzentos da maquiagem, fazendo

seus olhos parecerem fundos. Assombrados.

– Querido – diz ela.

– Mãe – respondo, tentando escapar. Quero distância dela. Já sinto coisas demais. Não aguento a ideia de sentir mais nada.

– Sei que você sempre admirou Philip – diz ela, como se os últimos seis meses nunca tivessem acontecido. Como se os últimos três anos nunca tivessem acontecido. Seu hálito cheira a bebida. – Mas nós dois precisamos ser fortes.

Não digo nada. Não confio em mim mesmo para falar.

– Barron diz que eu deveria ir morar com ele; que está preocupado de eu ficar sozinha.

– Isso é ótimo – digo, e estou sendo sincero. Talvez ele consiga distraí-la.

Uma das mulheres que trouxe o ensopado chega para consolar minha mãe. Eu saio enquanto dá. Sam vai atrás de mim, parecendo um pouco abalado. Acho que ele não está acostumado com tantos criminosos exibindo seus pescoços cheios de cicatrizes em um único lugar. Daneca fica na sala de jantar, claramente fascinada por estar no meio de uma festa de mestres, em uma das cidades de mestres mais conhecidas.

Eu me preparo para cair de bêbado da maneira mais eficiente possível: pego uma garrafa de vodca do armário de bebidas do vovô, três copos pequenos na cozinha e me dirijo automaticamente ao porão.

O porão está exatamente como eu lembro, de todos os verões que passei aqui. Frio e úmido, com um leve cheiro de mofo. Afundo no sofá de couro em frente à televisão.

Coloco os copos sobre a mesa de centro, sirvo uma dose nos três e engulo um de cada vez, com raiva.

Eu me sinto melhor, mas também pior, ali. Melhor porque as lembranças estão tão próximas, pior justamente por causa delas.

– Ah – digo, olhando para Sam. – Eu devia ter trazido outro copo pra você.

Ele ergue a sobrancelha e pega um dos meus.

– Que tal eu pegar esse aqui da ponta?

– Lila e eu costumávamos vir muito aqui. Para ver filmes – digo, apontando vagamente para o aparelho.

Philip, Barron e eu também passamos muito tempo ali. Eu me lembro de deitar no chão e jogar batalha naval com Philip, de rir tanto que tinha medo de fazer xixi na calça. Eu me lembro de Anton e Philip adolescentes nos proibindo de entrar ali enquanto viam um filme de terror. Barron e eu, então, sentávamos na escada, não tecnicamente no porão, assistindo do escuro para não arrumarmos confusão, completamente apavorados.

Eu me sirvo de mais duas doses. Contra a vontade, sirvo uma para Sam também.

– O que está acontecendo entre você e Lila? – pergunta ele. – Achei que gostasse dela... Sabe, ano passado, quando fizemos aquele negócio. Mas você a tem evitado desde que começamos em Wallingford.

A repulsa por mim mesmo me permite engolir o álcool sem fazer careta.

– Não quero falar sobre isso – retruco, balançando a cabeça. – Não aqui. Não hoje.

– Tudo bem – diz Sam com uma falsa sensibilidade na voz. – Sobre o que você quer falar?

– Minha nova carreira – respondo. – Vou ajudar o FBI a pegar o assassino do meu irmão. Vai ser como em *Band of the Banned*.

– Ninguém assiste a esse programa – diz Sam. – Ninguém com menos de cinquenta anos.

Alguém está descendo a escada. Sirvo outra rodada de bebidas, para o caso de o recém-chegado estar planejando roubar minha garrafa. No meio dessa gente, nunca se sabe.

– Um maravilhoso exemplo de cinema-verdade – declaro. – Vai ser minha nova vida. E vou ganhar um distintivo, uma arma e caçar malfeitores. – Sou tomado por uma sensação de bem-estar. Tudo parece perfeito. Como um sonho do qual não quero acordar.

– Você acabou de dizer “malfeitores”? – pergunta Daneca, sentando-se ao nosso lado no sofá. – Você sabia que Betty Açougueira está lá em cima? E está com uma máscara dourada. Isso

significa que deve ser verdade! Matar o marido deve ter feito o nariz dela apodrecer e cair.

Aponto para as doses de bebida que servi. Ela pega uma. Eu me sinto muito nobre. E um tanto tonto.

– É assim que pretendo chamá-los quando os capturar. Malfeitores. Quer dizer, não Betty. Eu só chamaria Betty pelo nome. Bem, eu a chamo de tia Betty, mas mesmo assim.

– Não estou muito certo – diz Sam para Daneca –, mas acho que nosso amigo bêbado aqui está alegando que foi abordado por agentes federais.

– Eles me deram arquivos – digo com satisfação.

– Você tem mesmo muita sorte – diz Daneca.

Ficamos sentados no porão, bebendo sem parar até que eu desmaio no velho sofá de couro. A última coisa de que me lembro é reparar indistintamente em Sam e Daneca se beijando no chão. Quero pegar um copo de água, mas não quero atrapalhá-los, então fico onde estou e fecho os olhos com muita força.

Quando acordo, Sam e Daneca estão encolhidos juntos no tapete, sob uma colcha. Vou para a cozinha, enfio a cabeça debaixo da torneira e tomo o máximo de água que consigo.

A luz da cozinha ilumina lá fora, e vejo pela janela que parou de chover. Também consigo ver vovô sentado em uma cadeira no jardim, olhando para a vastidão escura do quintal lamacento e para o galpão caindo aos pedaços, com uma cerveja na mão. Ainda me sinto um pouco tonto.

Deixo a porta de tela bater quando saio para me juntar a ele, que mal olha para cima.

– Oi – digo enquanto tento abrir outra cadeira.

– Você está com uma aparência péssima – fala vovô, tirando um cachimbo do bolso e enchendo-o de tabaco. – É melhor se sentar antes que caia.

Eu me sento, cambaleando. A cadeira range.

– Desde quando fuma charuto?

– Não fumo – responde ele, acendendo um fósforo e encostando-o no tabaco. – Parei anos atrás, quando Shandra nasceu.

– Certo – digo. – Que bobo eu sou.

– Nós não podíamos ter filhos, eu e sua avó. Mary sofreu muitos abortos. Foi muito difícil para ela. Ficava de repouso na cama ao menor sinal de gravidez. Os médicos disseram que era um problema com o fator Rh, mas eu achava que era por causa dos meus feitiços de morte. Achava que talvez o rebote me impedisse de ter bebês saudáveis. Pode ser superstição, mas, quando parei de matar pessoas com maldições, sua mãe nasceu.

– Eu achava que não se podia largar esse tipo de trabalho – digo.

– Os Zacharov não teriam permitido que eu deixasse de ser um assassino, mas ninguém me diz como matar. – Uma fumaça doce sobe do cachimbo. – Um homem deve ser especialista naquilo que faz.

– Ah – digo. Embora eu o tenha visto matar Anton, ainda é difícil pensar em meu avô como alguém perigoso. Mas tenho que lembrar que ele já era um assassino quando o assustador pai de Lila era só um garoto.

– A magia nos dá muitas escolhas – diz vovô. – A maioria delas é ruim.

Ele toma outro gole da cerveja.

Eu me pergunto se esse é meu futuro. Escolhas ruins. Porque sem dúvida se parece muito com meu presente.

– Se eu tivesse feito diferente – continua vovô –, talvez seu irmão estivesse vivo agora. Eu e Mary mimamos muito sua mãe, mas não a mantive afastada da vida criminosa como deveria. Achávamos que, por ela não ter se unido oficialmente a nenhuma máfia, vocês poderiam ter outro tipo de vida, mas eu acabava deixando vocês virem para cá nas férias de verão. Queria ver meus netos.

– Nós também queríamos te ver – respondo. Minha voz soa um pouco arrastada. Por um instante, sinto tanta saudade de ser criança que chega a doer. Sinto saudade do meu pai estar vivo. De correr no gramado de vovô com o aspersor do jardim ligado.

– Eu sei. – Ele dá tapinhas no meu ombro. – Mas também não mantive vocês três longe do crime. Acho que pensei que levar o cavalo até a água não significava que eu o estava obrigando a beber.

Eu sacudo a cabeça.

– Nós *nascemos* nessa vida. Assim como todos os outros filhos de mestres da maldição do mundo. Você não poderia nos manter fora disso, mesmo que tentasse.

– Philip está morto aos vinte e três anos. E eu ainda estou aqui. Isso não está certo. – Ele sacode a cabeça.

Não tenho nada a dizer sobre isso, exceto que, se tivesse que escolher entre ele e Philip, seria fácil. Eu o escolheria sem pensar. Como sei que ele não deseja ouvir isso, tomo um gole de sua cerveja e o acompanho na contemplação do gramado lamacento e das estrelas pálidas.

CAPÍTULO CINCO

ACORDO NA MANHÃ DE DOMINGO

com uma dor de cabeça latejante e gosto de morte na boca. Eu me levanto da cadeira de jardim na fria luz do sol. Vovô não está ali. Quando vou até o porão, vejo que Daneca e Sam também se foram, mas pelo menos deixaram um bilhete:

VEMOS VOCÊ EM WALLINGFORD.
S & D

Vou cambaleando para o andar de cima e percebo que, para algumas pessoas, o velório ainda não acabou. A mesa de jantar está uma bagunça, com restos de macarrão com queijo escorrendo da toalha, misturados de um jeito muito nojento com recheio de torta de mirtilo. Garrafas e latas estão por todo lado. Vejo Barron na sala de estar, o braço ao redor de uma senhora idosa que não conheço. Ela conta para ele que, na sua época, se alguém quisesse mesmo ganhar dinheiro, ia trabalhar com ópio. Mal sabe ela que, hoje em dia, tudo que você precisa para preparar metanfetamina é de uma cafeteira de hotel, mas não sou eu quem vai falar.

Vovô está dormindo em sua poltrona reclinável, e o movimento de seu peito, para cima e para baixo, indica que está bem.

Algumas outras pessoas estão sentadas por ali, a maioria jovens mafiosos ainda com ternos amassados e colarinhos frouxos, deixando as cicatrizes à mostra. Quando passo, ouço-os falando sobre um grande lance envolvendo um banco, dez metros de corda e muito WD-40. Seus olhos estão vermelhos e eles riem.

Vou ao quarto de hóspedes e encontro minha mãe sentada em frente à televisão, assistindo ao canal de novelas.

– Ah, querido – diz ela ao me ver. – Não conhecia seus amigos. Eles parecem legais.

– É – digo.

Ela me observa por um tempo.

– Você está péssimo. Quando foi a última vez que comeu?

Encosto a cabeça na parede e curvo o pescoço.

– Estou de ressaca.

– Tem aspirina no banheiro, mas vai fazer mal de estômago vazio. Você deveria comer.

– Eu sei – digo. E ela está certa.

Entro no carro e dirijo até uma lanchonete da qual ainda me lembro, dos verões que Philip, Barron e eu passávamos com vovô. A garçonete não parece se incomodar com meu terno amassado de ontem nem por eu devorar dois pratos de café da manhã seguidos. Corto os ovos e observo a gema escorrer pelo prato em uma onda amarela. Então coloco pimenta na mistura e molho uma torrada de centeio nela. Depois de uma jarra inteira de café, minha cabeça para de doer.

Deixo algumas notas sobre a mesa e vou para a escola. O volante do meu carro está quente por causa do sol, e enquanto dirijo pela estrada abro as janelas para respirar o último ar de verão, encharcado de chuva.

A última coisa que espero ao entrar no alojamento é encontrar Daneca e Sam com uma garrafa de dois litros de Mountain Dew e os arquivos que os agentes me deram espalhados por todo o quarto. Fico paralisado com a mão no batente da porta.

Por um momento, só consigo sentir uma raiva cega e irracional. Aqueles papéis são *meus*.

– Ah, oi – diz Daneca, tirando os olhos do chão, onde está sentada com as costas apoiadas na minha cama. Tem um ar bem casual para alguém que está pedindo uma advertência só de estar ali. Ela sorri.

– Visual legal. Não consigo acreditar que você estava falando a verdade sobre os agentes federais.

– Isso é porque, depois do discurso de Barron, você tem novos problemas de confiança em relação a minha família – digo da

maneira mais despreocupada que consigo. Tiro o paletó e o jogo na cama. E então dobro as mangas da camisa. É o mais arrumado que consigo ficar sem tomar banho e mudar de roupa.

– E agora eu tenho novos problemas de confiança com vocês. O que exatamente acham que estão fazendo?

– Espere, você está dizendo que aquilo que Barron contou sobre os Himalaias e sobre salvar aquele bode não era verdade? – pergunta Sam. Ele está de camiseta preta e jeans, o cabelo ainda molhado.

Estou quase cem por cento certo de que ele está me sacaneando. Reviro os olhos.

– Seja como for, só porque eu disse que tinha arquivos num momento em que, devo lembrar-lhes, estava severamente comprometido pela bebida e pela dor, não significa que dei permissão para que vocês os lessem.

– Malfeitores não ligam para regras – diz Daneca, rindo com um barulho que mais parecia um relinchar de cavalo.

– Ah, pare com isso – diz Sam. – Você os escondeu debaixo do colchão. É como *implorar* para alguém encontrá-los.

Tenho a sensação ruim de que Sam está citando alguma frase minha. Eu resmungo e me sento na cadeira da escrivaninha; percebo que estou sentado sobre uma pilha de papéis e os tiro dali.

– E então, o que estamos olhando? – pergunto, observando o que tenho em mãos. Há fotos anexadas aos arquivos, registros fotográficos policiais de homens mal-encarados que foram presos. Em seguida, fotografias comuns dos mesmos sujeitos tomando café em restaurantes ou lendo jornal na varanda de um hotel com uma mulher de maiô ao lado. Fotos de câmeras de segurança.

– Há seis vítimas aqui – diz Daneca. – Todos mestres.

– Todos homens – acrescenta Sam.

Daneca se estica e pega uma das páginas.

– Giovanni “Cicatriz” Basso. Estava envolvido no comércio de amuletos reais e falsificados. Aparentemente devia dinheiro a algumas pessoas. Até onde o FBI sabe, ele não trabalhava diretamente para Zacharov. É provável que negociasse com várias

famílias. Não há corpo. Nada. Certa noite, ele simplesmente desapareceu.

– Então nem sabemos se ele fugiu da cidade – diz Sam.

– É – respondo. – Talvez eles *todos* tenham fugido da cidade.

– Juntos? – Daneca pergunta a Sam. – E agora moram todos em uma mansão no sul da França como em uma comédia de TV?

Sam balança a cabeça, chateado.

– Tudo bem. Provavelmente não, eu admito.

Daneca se mexe.

– Sujeito número dois: James “Jimmy” Greco. Organizava operações ilegais de jogos... Ei, como você, Cassel.

Faço um gesto desanimado. Tenho certeza de que os agentes federais não querem que eu compartilhe esses arquivos com civis, principalmente civis que eles não têm motivo legal para perturbar. Embora eu ainda esteja irritado com Daneca e Sam, saber disso me dá certa satisfação. Qualquer coisa que irrite a polícia não pode ser tão ruim.

Daneca sorri.

– Greco era mestre de sorte, então não me surpreende a profissão que escolheu. Não faço ideia de como irritou Zacharov, pois ele ganhava bastante dinheiro. E, então, bam. Eliminado. Foi visto pela última vez em um bar na Filadélfia, desmaiado.

Parece fácil imaginar aquele assassinato. Greco cambaleando, carregado por alguém que alegou ser seu amigo. Talvez esse alguém *fosse mesmo* seu amigo. Uma gorjeta para o *bartender*. Morto no carro.

Ou o assassino era uma mulher que fingiu ser namorada ou esposa dele. Melhor ainda. Talvez até uma última bebida, com alguma coisinha para fazê-lo dormir. Um brilho de luvas vermelhas.

Nada que os agentes federais já não tenham considerado, tenho certeza.

– Isso nos leva a Antanas Kalvis. Tinha um serviço de elite de garotas de programa em Newark, junto com a esposa. – Daneca gosta de brincar de detetive. É apenas um jogo para os dois, um mistério de assassinato com detalhes refinados. No final, você

adivinha que foi o mordomo com o castiçal e vira uma carta para conferir se estava certo.

– Eles administravam isso juntos? – pergunta Sam.

– Quando penso em cafetões, imagino casacos de pele, golas largas e nada de endereço fixo – digo.

– É, porque todos os criminosos são como nos filmes – rebate Daneca. Talvez ela esteja levando mais a sério do que eu pensava. – Kalvis era mestre de emoção. Eca. Isso é nojento. Pois então...

– Você disse que ele era casado, certo? – pergunto, interrompendo-a. – Como ele sumiu e a esposa não soube?

Ela vira algumas páginas.

– Na verdade, é meio bizarro. Ele desapareceu na cama. Bem ao lado dela. Então, ou isso é verdade ou a Sra. Kalvis estava envolvida.

Estou aberto para a possibilidade de uma assassina. Eu a imagino se passando por uma das garotas de programa – talvez metida em confusão – e marcando um encontro de emergência com Kalvis. Ele sai da cama na ponta dos pés, sem avisar a esposa.

Ou talvez ele tenha saído andando, dormindo. Bem para os braços de Philip e Anton. Em seguida, alguém como eu faz o corpo desaparecer.

Ou talvez eu tenha feito isso. Talvez tenha sido eu.

– Parece que a esposa estava encobrindo – especula Daneca. – Poderíamos começar com ela. Talvez você conheça alguém que conheça alguém que poderia perguntar!

– Cassel? Tem alguma coisa errada? – Sam se senta na beira da cama.

– Não – digo, balançando a cabeça. – Vamos ouvir o resto.

– Tudo bem – diz Daneca lentamente. – Henry “Gatilho” Janssen. Mestre físico. Soldado da família Zacharov. Aparentemente trabalhava próximo a Anton Abramov. Anton? É o Anton que morreu...

Balanço a cabeça afirmativamente.

– O nome de solteira da mãe dele era Zacharov.

– Ele podia ser o assassino? – pergunta Sam. – Quero dizer, não do seu irmão, obviamente.

– E aí estaríamos falando de duas pessoas diferentes? É, também estou pensando nisso. Os agentes federais acham... – Faço uma pausa. Não sei se devo contar a eles que os agentes federais estão procurando uma mulher de luvas vermelhas. Tenho certeza de que não devo contar que, provavelmente, os agentes federais deveriam estar me procurando. – Eles acham que a pessoa ficou descuidada, mas não sei. Essas outras pessoas simplesmente desapareceram.

– Talvez o FBI tenha provas que não revelaram a você – diz Daneca.

Sam dá de ombros.

– Ou talvez eles queiram que você os ajude a solucionar esse caso e achem que, se disserem que tem a ver com seu irmão, você ajudará.

– Isso é muita paranoia – digo, admirado. – Concordo com você.

– Você não pode realmente achar que agentes federais mentiriam sobre uma coisa que o colocaria em perigo. – Daneca parece exasperada com nós dois, o que pra mim é ridículo.

– É, porque eles são defensores incansáveis dos direitos dos mestres – digo com sarcasmo.

– O próximo – diz ela, ignorando o que eu disse porque seria obrigada a concordar. – Sean Gowen.

Eu levanto a mão.

– Espere, como Janssen morreu?

– Voltando da casa da amante, ao que parece. Ela diz que, como ele saiu no meio da noite, achou que estava indo para casa, para a esposa, e isso a irritou muito, até que descobriu que ele estava morto. Ou melhor, *desaparecido*. Nada de corpo.

Um tremor involuntário percorre meu corpo, como se alguém tivesse andado em cima do meu túmulo.

No meio da noite de novo. Nada de corpo.

Lila me contou que Barron e Philip a obrigavam a entrar em casas quando era uma gata. Ela podia fazer qualquer pessoa em quem tivesse tocado ter uma crise de sonambulismo e ir direto para meus braços. Em seguida, embora não consiga lembrar, eu os transformava. Devíamos ser uma equipe e tanto.

Nada de corpos.

– Voltando a Sean Gowen – diz Daneca. – Gowen era agiota e mestre de sorte. Isso é estranho. Ele desapareceu no começo da tarde. Todos os outros...

– Ele trabalhava à noite – comento.

– O quê? – diz Sam. – Você o conhecia, por acaso?

Nego com a cabeça.

– É só um palpite. Ele trabalhava à noite? – Quero muito estar errado.

Isso requer uma busca pelos arquivos espalhados. Quando termina, Sam ergue um deles.

– É, acho que sim. Pelo menos ele costumava chegar em casa às quatro da manhã, o que praticamente dá no mesmo.

Ele estava dormindo. A única coisa que todos tinham em comum.

– Você tem uma teoria ou o quê? – pergunta Daneca.

Balanço a cabeça.

– Ainda não – digo, mentindo descaradamente. Daneca e Sam sabem muito mais sobre mim do que qualquer outra pessoa, mas desta vez não posso contar a eles. Acho que fui eu. Sou o assassino. Aperto os joelhos para impedir minhas mãos de tremerem.

A oferta de trabalho de Zacharov faz muito mais sentido agora. Todas essas pessoas desaparecidas. Do nada.

Daneca vira a página, implacável.

– Bem, vamos ver o último. Depois podemos ouvir sua não teoria. Esse cara é Arthur Lee. Outro mestre de sorte e informante do FBI. Morreu no meio de um trabalho para Zacharov.

Um suor frio surge nas minhas têmporas. Agora que acho que sou o culpado, cada folha de papel parece incriminadora. Cada detalhe parece óbvio.

Anton e Barron na parte da frente do carro, Philip e eu na parte de trás com Lee. Nenhum feitiço de sono foi necessário. Só um toque das minhas mãos nuas.

– O que não entendo é... – começa Daneca.

Nosso novo inspetor, o Sr. Pascoli, limpa a garganta na porta aberta. Daneca foi pega em flagrante. Pelo menos é um novo ano, e nossas cotas de advertências estão zeradas. Abro a boca e tento

bolar qualquer desculpa para ela estar no alojamento dos garotos, mesmo que seja uma ruim.

– Esse projeto de vocês está demorando muito, não acham? – pergunta ele antes que eu consiga falar.

– Me desculpe – diz Daneca, juntando alguns dos papéis.

Pascoli sorri, tolerante, e sai andando como se nada tivesse acontecido.

– O que foi isso? – pergunto.

– Eu falei para ele que Sam e eu tínhamos um projeto para fazer juntos e que o salão estava barulhento demais. Ele disse que, contanto que mantivéssemos a porta aberta e realmente estudássemos, ele não se incomodava.

– Os nerds sempre se safam – diz Sam.

Daneca sorri.

– E não é?

Eu retribuo o sorriso, mas se tem uma coisa que sei é que em algum momento todos somos pegos.

Embora esteja exausto, não consigo dormir. Examinei os arquivos depois que Daneca foi embora e repassei os detalhes várias vezes na cabeça, tentando me lembrar de alguma parte do que aconteceu. Eu ficava me remexendo na cama, fazendo as molas rangerem. Meu corpo parecia errado, quente e desconfortável.

Por fim, pego meu celular e mando uma mensagem para Lila.

Acordada?, digito.

Só nesse momento olho para a tela e me dou conta de que são três e meia da madrugada. Apalpo o travesseiro e afundo a cabeça nele, com o rosto para baixo.

Meu celular apita. Eu me viro e o apanho.

Pesadelos, está escrito. *Sempre acordada*.

Fuja, eu respondo e visto uma calça jeans.

A melhor coisa de dormir em um quarto no térreo é que você pode abrir a janela e pular para fora. Sam geme ao ouvir o ranger da moldura de madeira, chuta o cobertor e volta a roncar.

Não tenho certeza de qual é o alojamento dela, então fico de pé no meio da praça.

O ar noturno está parado e denso. Nada parece real. Eu me pergunto se era assim quando ficávamos do lado de fora da casa das vítimas, esperando que elas viessem direto para nossos braços. O mundo todo parecia morto.

Depois de alguns momentos, vejo uma corda pendurada numa janela de Gilbert House. Ando até lá e percebo que Lila conseguiu prender um gancho de escalada no peitoril. O que significa que ela pensou em levar um gancho de escalada para a escola e conseguiu escondê-lo no quarto. Estou muito admirado.

Ela desce devagar e depois se solta, descalça e ainda de pijama. Está sorrindo, mas quando vê meu rosto o sorriso some.

– Qual é o problema? – pergunta.

– Venha – sussurro. – Temos que nos afastar dos alojamentos.

Ela concorda e me segue sem dizer mais nada. Isso, a linguagem da trapaça, nós dois entendemos. Nós nascemos com ela, assim como nascemos com as maldições.

Saio do caminho. Perto dali só há quadras de tênis e o pedaço de bosque que separa o campus de Wallingford de várias residências.

– O que acha daqui? – pergunto a ela.

– Escola é escola. – Ela dá de ombros. – Uma garota no meu corredor me chamou para fazer compras com ela e as amigas. Eu não fui. Agora ela me acha uma metida e fica sempre no meu pé.

– Por que você não...?

Lila olha para mim, hesitante. Consigo ver a esperança no rosto dela, junto com o medo.

– Quem se importa? – pergunta ela, finalmente. – Bem, *o que é?* Por que estamos aqui?

O pijama dela é de um azul coberto de estrelas.

– Certo. Quero perguntar sobre o que fizemos... sobre o que eu fiz. Os assassinatos, ou seja lá como você preferir chamar. – Não olho para ela, olho para Wallingford. Apenas alguns prédios antigos de tijolos. Não faço ideia de como achei que eles poderiam me proteger da minha própria vida.

– Foi pra isso que você me trouxe até aqui? – diz ela, com a voz ríspida.

– Definitivamente eu não traria ninguém a este lugar para um encontro romântico. – Ela se encolhe e eu prossigo. – Vi alguns arquivos. Alguns nomes. Quero que você me diga se foram eles.

– Tudo bem – diz ela. – Mas saber não vai ajudar em nada.

– Antanas Kalvis?

– Sim – diz ela. – Você o transformou.

– Jimmy Greco?

– Sim – repete ela baixinho. – Ele também.

– Arthur Lee.

– Não sei. Se você o transformou, eu não estava lá. Mas, se sabia os nomes dos dois primeiros, deve estar certo quanto ao terceiro.

Minhas mãos tremem de novo.

– Cassel, que diferença faz? Você sabia sobre isso antes. São apenas nomes.

Eu me sento na grama. Está úmida de orvalho. Sinto-me enjoado, mas o autodesprezo se tornou uma condição permanente. Eu era um monstro antes. Um monstro com a desculpa de não saber os detalhes e por isso não precisar pensar sobre eles.

– Não sei. Acho que não faz diferença.

Ela se senta ao meu lado e arranca um punhado de grama. Tenta jogar longe, mas fica quase tudo grudado em seus dedos nus. Nenhum de nós está usando luvas.

– É só que... Por quê? Por que fiz aquilo? Barron podia me fazer lembrar qualquer coisa, mas que memórias me fizeram transformar essas pessoas em objetos?

– Não sei – responde Lila em tom monótono.

Estico a mão na direção de seu ombro sem pensar e esfrego os dedos no algodão. Não sei mais como dizer o que sinto em voz alta. Lamento que meus irmãos a tenham trancado em uma gaiola, lamento ter demorado tanto para salvá-la, lamento, acima de tudo, tê-la transformado. Desculpe por falar nessas coisas agora.

– Não – pede ela.

Meus dedos nus param.

– Certo. Eu não estava pensando.

– Meu pai quer que você trabalhe para ele, não é? – pergunta ela, se afastando de mim. Seus olhos brilham sob a luz da lua.

Faço que sim com a cabeça.

– Ele me ofereceu um emprego no velório de Philip.

Lila geme.

– Está nascendo algum conflito com a família Brennan. Ele tem feito muitos negócios em casas funerárias ultimamente. – Ela faz uma pausa. – Você vai aceitar?

– Você quer dizer continuar assassinando pessoas? Não sei. Acho que sou bom nisso. É bom ser bom em alguma coisa, certo? – Minha voz soa amarga, mas não tanto quanto deveria. O horror que senti antes está sumindo e dando lugar a uma espécie de resignação.

– Talvez eles não morram quando você os transforma em objetos – diz Lila. – Talvez fiquem com a alma suspensa.

Eu tremo.

– Isso parece ainda pior.

Ela se deita na grama e olha para o céu noturno.

– Gosto de como podemos ver as estrelas aqui do campo.

– Isto não é o campo – digo, virando-me para ela. – Estamos perto de duas cidades e...

Ela sorri para mim, e de repente estamos em território perigoso. Estou por cima dela, olhando para seu cabelo louro-prateado se espalhando na grama, para o jeito como sua garganta se mexe quando ela engole em seco de nervosismo, para seus dedos enroscados na terra.

Tento dizer alguma coisa, mas não consigo lembrar sobre o que estávamos falando. Todos os meus pensamentos desaparecem quando os lábios dela se abrem e as mãos nuas deslizam pelo meu cabelo, me puxando em sua direção.

Ela faz um som baixo quando minha boca encosta na sua, faminta, desesperada. Só um monstro faria isso, mas eu já sei que sou um monstro.

Rolo para cima dela, sem parar de beijá-la, apertando seu corpo contra o meu. Meus olhos se fecham, então não preciso ver o que estou fazendo, mas minhas mãos a encontram com facilidade. Ela geme com a boca sob a minha.

Seus dedos ainda agarram meu cabelo com firmeza, como se ela tivesse medo de que eu me afastasse.

– Por favor – digo, sem fôlego, mas logo estamos nos beijando de novo, e é difícil me concentrar em qualquer coisa que não seja a sensação do corpo dela se movendo sob o meu, e não consigo dizer as palavras.

Por favor, me impeça.

Afasto-me de sua boca e sigo beijando seu pescoço. Meus dentes passam por sua pele, e minha língua sente gosto de suor e terra.

– Cassel – sussurra ela. Ela já disse meu nome cem, mil vezes antes, mas nunca dessa maneira.

Eu me afasto de repente, ofegante. Nunca dessa maneira.

Ela se levanta comigo, mas agora pelo menos estamos os dois sentados. Isso ajuda. Ela respira com intensidade, e os olhos estão negros, as pupilas dilatadas.

– Eu não... – começo a falar. – Não é... Não é real.

As palavras não fazem sentido. Eu sacudo a cabeça para tentar pensar melhor.

Ela olha para mim com uma expressão indecifrável. Seus lábios estão ligeiramente afastados e inchados.

– Temos que voltar – digo.

– Tudo bem. – Mal consigo ouvir a palavra. A voz dela é só um sussurro.

Eu concordo com um movimento de cabeça e fico de pé. Estendo a mão e Lila me permite puxá-la. Por um momento, nossas mãos se tocam, quentes e nuas.

Na janela do meu quarto, vejo meu reflexo no vidro. Cabelo preto desgrenhado. Olhar de desdém. Pareço um fantasma faminto olhando com raiva para um mundo do qual não posso mais fazer parte.

O sonho me pega de surpresa. Estou de pé na beirada de um gramado. Barron está ao meu lado. Eu sei, sem nenhuma razão, que estamos esperando que alguém saia da grande casa branca com pilares na nossa frente.

– Quer tomar uma xícara de chá comigo? – pergunta ele, esticando um copo de papel com um sorriso falso. O líquido âmbar está fervendo, bolhas sobem junto com o vapor. Queimará nós dois.

– Ah – digo. – Você acha que vamos servir?

CAPÍTULO SEIS

PASSO O DIA SEGUINTE

completamente inútil na aula. Vou mal em um teste de física e conjugo os verbos de um jeito esquisito em francês. Com sorte não vou precisar de francês em minha futura carreira de assassino; a não ser que eu seja um daqueles criminosos sofisticados que vemos nos filmes viajando pelo mundo e roubando joias. De física, posso precisar – para calcular as trajetórias das balas.

Ligo para Barron no horário de almoço para evitar o refeitório. Não sei como falar com Sam e Daneca sem dizer nenhuma mentira. E não sei o que dizer para Lila que não seja verdade.

– Oi – diz ele. – A pizza de terça ainda está de pé? – A voz soa tranquila. Normal. Quase me faz acreditar que posso relaxar.

– Preciso perguntar uma coisa. Pessoalmente. Onde você está?

Uma professora passa e olha pra mim. Não podemos fazer ligações durante o dia, nem mesmo entre aulas. Mas sou do último ano, então ela não pega no meu pé.

– Mamãe e eu estamos nos divertindo. Estamos no Nassau Inn. É bem chique.

– Isso fica em Princeton – digo. É no centro da cidade, a alguns minutos da casa de Daneca. Uma onda de horror percorre meu corpo ao pensar na minha mãe e na dela na mesma fila da farmácia.

Barron ri.

– É. E daí? Mamãe diz que vocês dois praticamente arrasaram Atlantic City, então estamos tentando recomeçar.

Não sei por que pensei que Barron faria qualquer coisa que não fosse aumentar os problemas de mamãe. A lembrança dele falando algo sobre um quadro me assombra; eu devia ter imaginado.

– Ah, não importa – digo. – Você pode me encontrar às seis? Posso faltar ao jantar e à hora de estudo.

– Vamos praí agora. Mamãe pode autorizar sua saída, lembra? Vamos comer sushi.

– Claro, tudo bem – respondo.

Eles levam uma hora e meia para fazer a viagem de vinte minutos de Princeton a Wallingford. Quando chegam, estou no período de reforço escolar, quando tenho que padecer enquanto aprendo que todos os meus erros de física foram estúpidos e óbvios.

É um alívio ser chamado à direção.

Barron está encostado na mesa da secretária com um terno de tecido metálico. Mamãe está a seu lado, o cabelo preso em um lenço Hermes e um enorme chapéu preto e branco por cima, luvas pretas e um vestido preto decotado. Os dois usam óculos de sol. Ela está inclinada sobre a mesa, assinando uma folha de papel.

Acho que está tentando parecer de luto.

– Mãe – chamo.

– Ah, querido – diz ela. – O médico quer examinar você para ter certeza de que não tem a mesma coisa que matou seu irmão. – Ela se vira para a Sra. Logan, que parece escandalizada pela situação toda. – Essas coisas podem ser de família – informa.

– Está com medo de que eu sofra do mal agudo de dois tiros no peito? – pergunto. – Porque isso pode mesmo ser de família.

Mamãe contrai os lábios em reprovação.

Barron me dá um tapa nas costas com força.

– Venha, engraçadinho.

Andamos em direção ao estacionamento. Enfio as mãos enluvadas no fundo dos bolsos do uniforme. Barron acompanha meus passos. Ele deixou os primeiros botões da camisa branca abertos, mostrando sua nova corrente de ouro pendurada sobre a pele bronzeada. Eu me pergunto se ele está usando amuletos de proteção.

– Pensei que *quisesse* que viéssemos buscar você – diz mamãe, acendendo um cigarro com um isqueiro dourado e dando uma longa tragada. – Qual é o problema?

– Tudo o que quero é que Barron me conte onde estão os corpos – falo, mantendo a voz baixa enquanto ando pelo gramado. Tê-los aqui é surreal. Wallingford não é o lugar deles, com seus gramados bem-cuidados e vozes baixas. Os dois são exuberantes demais.

Eles trocam um olhar que transborda desconforto.

– As pessoas que transformei. Onde estão? No que os transformei?

Não sei exatamente o que Barron se lembra dos desaparecimentos de Greco, de Kalvis e dos outros. Não faço ideia de quantas de suas lembranças foram apagadas, do quão danosos foram os efeitos do rebote, mas se houver registros em seus cadernos talvez ele saiba de alguma coisa. Sim, claro, adulterei os diários para que ele esquecesse que queria me usar para matar Zacharov, para que esquecesse que não estava do meu lado contra Philip e contra o amigo de Philip, Anton. Mas não mudei mais nada.

– Não há motivo para você querer saber disso – diz Barron lentamente. O que me parece promissor.

– Vamos dizer que haja. – Eu paro de andar, forçando-os a parar comigo ou continuar sem mim. Eles param.

– Não discutam, meninos – pede mamãe, soprando uma nuvem de fumaça no ar. – Cassel, pare, querido. Deixe pra lá.

– Um – digo. – Me dê um corpo.

– Tudo bem. – Barron encolhe os ombros com indiferença. – Se lembra daquela cadeira que você odiava?

Eu abro a boca e depois a fecho, como um peixe.

– O quê? – pergunto, mas sei de que cadeira ele está falando. A que quase joguei fora quando vovô e eu arrumamos a casa, porque aquela coisa me dava arrepios. Era uma réplica perfeita de uma que eu tinha visto na televisão.

Ele ri e levanta os óculos escuros para que eu possa vê-lo erguer as sobrancelhas para mim.

– É.

Tiro as chaves da mochila.

– Obrigado por me autorizar a sair, mamãe – digo, beijando-a na bochecha coberta de pó.

– Achei que fôssemos almoçar – diz ela. – Seja lá o que você estiver pensando em fazer...

– Eu tenho que ir – falo. – Me desculpe.

– Desculpo nada – diz mamãe com voz melosa, segurando meu antebraço. – Você pode almoçar com a gente ou posso ligar para

aquela moça gentil da recepção, dizer que sua consulta foi cancelada, que o levei de volta pra escola e pedir que ela faça a gentileza de verificar se você está onde deveria.

– Não me ameace – grito, e Barron olha para mim como se eu tivesse enlouquecido. Dizer a mamãe o que fazer nunca é uma boa ideia.

Ela aperta meu braço com mais força, suas unhas afundam na minha pele por cima da camisa branca. Olho para baixo; de alguma forma, ela tirou a luva sem eu perceber. Se descer um pouco mais os dedos, pode tocar na pele do meu pulso. Ou, se subir, pode segurar meu pescoço.

– Uma mãe não deveria precisar ameaçar o filho para passar um pouco mais de tempo com ele.

Ela tinha razão.

Mamãe se senta à mesa do Toriyama's e coloca a bolsa ao lado, deixando que Barron e eu nos sentemos lado a lado nas cadeiras. As luvas estão de volta no lugar. Quando eu as observo para tentar entender o que mamãe fez para conseguir tirá-las tão depressa, ela me encara intensamente. Decido então desviar o olhar para os quimonos emoldurados pendurados acima de nós e a mesa clara de bambu.

A garçonete chega, toda vestida de preto, e nos serve chá. Ela é bonita, com uma franja supercurta e um piercing no nariz que brilha como uma gota de absinto. Em seu crachá está escrito "Jin-Sook".

Barron pede um daqueles pratos enormes de sushi.

– Vem em um barco, né? – pergunta ele, apontando para uma prateleira laqueada com barcos de madeira, alguns com dois mastros, acima de onde o chef corta os peixes. – Porque uma vez eu pedi isso e veio num prato. Mas no cardápio diz barco, então quero ter certeza.

– Vem em um barco – diz Jin-Sook.

Tomo um gole de chá. É de jasmim e está tão quente que quase queima minha garganta.

– Pois então – diz Barron. – Temos um novo alvo em vista. Uma pessoa importante. Seria bom uma ajudinha. E o dinheiro ajudaria

você. Além do mais, somos uma família.

– A família cuida da família – diz mamãe, uma frase que a escuto dizer mais vezes do que posso contar.

É tentador dizer sim, mesmo depois de tudo. Eu costumava ansiar por ser chamado para dar golpes com meu irmão. Para provar que, embora não fosse mestre, eu podia acompanhar os melhores deles. E meu irmão e minha mãe estão no nível dos melhores.

Mas agora sei que sou mestre, golpista e talvez até assassino. E se tem uma coisa que quero provar para mim mesmo é que posso ser diferente.

– Obrigado, mas não – digo.

Barron dá de ombros de um jeito filosófico.

Mamãe estica a mão para pegar a xícara de chá, e vejo o brilho de um enorme topázio azul cercado de diamantes em seu dedo indicador, por cima da luva de couro. O anel é novo. Eu me arrepio só em pensar de onde ele veio. Em seguida, vejo um anel na outra mão dela. A pedra é avermelhada, como uma gota de sangue derramada sobre água.

– Mãe – falo, hesitante.

Alguma coisa na minha expressão faz com que ela olhe para baixo, para as mãos.

– Ah – diz ela, satisfeita. – Conheci um homem fantástico! Ele é absolutamente perfeito. – Ela balança o dedo com o topázio. – E tem um ótimo gosto.

– Era dele que eu estava falando – diz Barron. Sob meu olhar apático, ele baixa a voz e ergue as sobrancelhas. – O *alvo*.

– Ah – digo. – Mas e aquele outro anel?

– Essa coisa velha? – retruca mamãe, erguendo a outra mão. O pálido diamante vermelho brilha na luz fluorescente do restaurante. – Outro presente. Que não usava há anos.

Penso nas fotos que achei quando estava arrumando a casa. Fotos de mamãe com uma lingerie antiga, posando para uma pessoa que eu não conseguia ver. Alguém com uma aliança de casamento cara. Alguém que não era meu pai. Eu me pergunto se o homem das fotos teve alguma coisa a ver com o diamante.

– Quem deu *isso* a *você*? – pergunto.

Ela me olha por cima da mesa como se me desafiasse a contrariá-la.

– Seu pai, querido. Ele era o homem com mais bom gosto que existiu.

– Acho que você não devia usá-lo em público. Só isso. – Eu sorrio para mostrar que não fui enganado. Parece que estamos sozinhos no restaurante. – Alguém pode *roubá-lo*.

Isso a faz rir. Barron olha para nós dois como se estivéssemos falando uma língua que ele não compreende. Desta vez, sou eu quem tem a informação.

A comida chega. Misturo bastante wasabi no meu molho de soja e molho nele um pedaço de sashimi. O peixe tem gosto salgado ao tocar minha língua, e a raiz-forte verde faz meu nariz arder.

– Fico feliz que tenha vindo almoçar – diz Barron, se inclinando na minha direção. – Você pareceu meio inquieto lá na escola.

Não menciono que a hora em que eles foram me buscar era bem depois do almoço. Estamos cercados por pessoas que jantam cedo.

– O que está sentindo é um estágio do luto – declara ele, com a sinceridade que o torna tão convincente. – Você não consegue entender o que aconteceu com Philip, então está tentando entender alguma outra coisa.

– Talvez seja isso – digo.

Ele me descabela com a mão enluvada.

– Claro que é. Você vai ver.

Jin-Sook traz nossa conta em um estojinho de couro. Mamãe paga com um dos vários cartões de crédito roubados.

Infelizmente para ela, o cartão é recusado. A garçonete o devolve com um pedido de desculpas.

– Sua máquina deve estar quebrada – diz minha mãe, erguendo a voz.

– Está tudo bem – digo, pegando a carteira. – Eu pago.

Barron se vira para a garçonete.

– Obrigado pelo ótimo serviço. – Ele está com a mão nua no pulso dela.

Por um momento, ela parece desorientada. Em seguida, dá um largo sorriso.

– Obrigada! Voltem sempre.

Mamãe e Barron se levantam, começam a andar em direção à porta e me deixam ali olhando para Jin-Sook, tentando decidir como dizer para ela que suas lembranças acabaram de ser alteradas.

– O que está feito está feito – diz mamãe da porta do restaurante. O jeito como olha para mim é um aviso.

A família cuida da família.

As lembranças da garota se foram. Eu poderia arrumar problema para Barron, mas não posso desfazer o que ele já fez.

Empurro a cadeira e sigo minha mãe e meu irmão para fora. Mas, quando chegamos na rua, eu empurro os ombros de Barron.

– Você está louco?

– Pare com isso! – diz ele, sorrindo como se tudo fosse uma grande piada. – Pagar é coisa de otários.

– Entendo você não ligar pras outras pessoas. Mas você está acabando com sua própria cabeça – argumento. – Vai esgotar todas as suas lembranças. Não vai sobrar nada de você.

– Não se preocupe – diz Barron. – Se eu esquecer alguma coisa importante, você pode me lembrar.

Mamãe olha para mim com os olhos brilhando.

Está certo. O que está feito está feito.

Eles me deixam em Wallingford, em frente ao meu carro. Eu me levanto para sair.

– Espere – diz mamãe, e tira uma caneta da bolsa. – Tenho um celular lindinho! Quero que você tenha o número.

Barron revira os olhos.

– Você odeia celulares – comento.

Ela me ignora e escreve.

– Aqui está, querido – diz. – Pode me ligar quando quiser. Eu retorno em seguida do telefone público ou fixo mais próximo.

Pego o pedaço de papel, sorrindo. Depois de três anos na prisão, acho que ela não se dá conta de como os telefones públicos são raros hoje em dia.

– Obrigado, mãe.

Ela se inclina e beija minha bochecha. Consigo sentir o cheiro de seu perfume, doce e pesado, bem depois de eles saírem com o carro.

Meu carro faz um barulho horrível quando tento ligá-lo. Por um momento, acho que vou ter que correr atrás de mamãe e Barron para pegar uma carona. Acabo colocando o carro em segunda marcha e ele sai andando. De algum modo o motor pega e faz um barulho indicando que ainda está vivo. Não faço ideia de por quanto tempo meu carro vai funcionar nem se vou conseguir ligá-lo de novo quando quiser voltar para Wallingford.

Dirijo até a antiga casa onde cresci. Do lado de fora, as telhas descascadas e as persianas tortas dão a ela um aspecto de casa abandonada. Vovô e eu arrumamos a maior parte do lixo, mas dentro sinto um cheiro leve de mofo por baixo do Lysol. A casa ainda está arrumada, mas percebo que mamãe esteve lá. Há bolsas de compras na mesa da sala de jantar e uma caneca de chá apodrecendo na pia da cozinha.

Que bom que vovô está em Carney; ele ficaria irritado.

Vou direto à cadeira. Está coberta com uma espécie de pano cor de mostarda e tem uma aparência perfeita de cadeira de clube, exceto pelos pés, que, reparando bem, são horríveis. Achei que fossem pés com garras presos em bolas pintadas, e, numa olhada rápida, é o que parecem mesmo. Mas agora que estou observando de perto a cadeira, vejo que aquelas garras são mãos humanas com dedos dobrados.

Um tremor percorre meu corpo.

Eu me sento no chão ao lado dela, embora queira apenas me afastar o máximo possível. Estico a mão e me concentro. O poder ainda me é estranho, e meu corpo todo se prepara para o que vem depois, a dor e a sensação de impotência do rebote.

Quando a palma da minha mão encosta na cadeira, tudo fica fluido. Consigo sentir a maldição nela, os fios do tecido e até mesmo o homem que há ali embaixo. Arranco a magia com um puxão quase físico.

Depois de um momento, abro os olhos sem nem perceber que os tinha fechado.

Há um homem parado à minha frente com a pele rosada de vida e os olhos abertos. Ele usa uma camiseta branca sem mangas e cueca. Sinto uma esperança selvagem.

– Henry Janssen – digo, com a voz trêmula. Ele é igual à foto anexada ao arquivo.

Então ele cai, sua pele fica cinzenta. Eu me lembro de como tentamos simular a morte de Zacharov. Ao ver Janssen cair, percebo como erramos. Dá para ver a hora em que acontece, como uma luz se apagando em uma lâmpada.

– Não – grito, engatinhando até ele.

O rebote me atinge. Meu corpo é tomado por câimbras, meus membros se alongam como os de uma aranha, se esticando em direção ao teto. Em seguida, parece que sou feito de vidro, cada movimento de meu corpo cria uma rachadura e logo estou no chão, despedaçado. Tento gritar, mas minha boca virou terra. Estou virando do avesso. Enquanto a dor toma conta de mim, giro a cabeça e vejo os olhos vidrados de um homem morto.

Acordo molhado de suor ao lado de Henry Janssen.

Cada músculo do meu corpo dói e, quando olho para o cadáver, sinto apenas que tenho de me livrar dele. Não entendo mais a urgência que me trouxe até aqui. Não entendo mais como achei que poderia haver outro desfecho. O que podia acontecer? Não sei nada sobre transformação e seus limites. Nem sei se é possível trazer um objeto inanimado de volta à vida.

Mas também não me importo. Estou cansado de me importar.

É como se a parte de mim que sente toda aquela culpa finalmente estivesse saturada. Não sinto nada.

Embora a solução mais prática seja amaldiçoá-lo de novo para que vire uma cadeira, não consigo encarar outro rebote. Penso em enterrá-lo, mas tenho certeza de que o buraco tem que ser mais fundo do que tenho tempo para cavar.

Eu poderia jogá-lo em águas profundas, mas, como nem tenho certeza se meu carro vai ligar, isso também parece problemático. Por

fim, me lembro do freezer no porão.

É mais difícil carregar uma pessoa morta do que uma viva. Não é que sejam mais pesadas; é que elas não colaboram. Não se apoiam em seus braços nem se seguram em seu pescoço. Apenas ficam lá, paradas. O lado bom é que você não precisa ter medo de machucá-las.

Arrasto Janssen escada abaixo segurando-o pelos ombros. Seu corpo faz um baque repugnante a cada degrau.

Não tem nada no freezer além de meio pote de sorvete Cherry Garcia, coberto de gelo. Eu o tiro e coloco na velha bancada de trabalho de papai. Então posiciono uma das mãos debaixo do pescoço pegajoso do cadáver e a outra, debaixo do joelho. Eu o levanto e o empurro, jogando o corpo no freezer. Ele cabe, mas preciso dobrar suas pernas para a tampa fechar. É bem desagradável.

Vou voltar, digo a mim mesmo. Em um ou dois dias eu volto e o transformo.

Olho para o freezer lotado com Henry Janssen e penso no corpo de Philip na casa funerária. Alguém, uma mulher, foi filmada entrando no prédio do meu irmão. E, como sei que matei o resto das pessoas dos arquivos, o FBI está no caminho totalmente errado. Estão tentando ligar as mortes. Mas quem matou Philip não teve nada a ver com tudo isso e provavelmente nem sabia de nada.

Talvez eu devesse voltar a pensar em outros suspeitos além de mim.

Meu carro liga sem problema; é a primeira coisa boa que acontece comigo em tempos. Dirijo de volta para Wallingford tomando o sorvete Cherry Garcia e pensando nas luvas vermelhas, nos tiros e na culpa.

CAPÍTULO SETE

É IMPOSSÍVEL EVITAR

o refeitório para sempre.

Quando entro para jantar, vejo Daneca e Sam sentados com Jill Pearson-White e alguns dos amigos de Sam do clube de xadrez. Estou indo até eles, mas vejo Lila com a cabeça inclinada para Daneca. Só consigo imaginar o discurso que Lila está ouvindo sobre direitos de mestres e encontros do HEX.

Desvio na mesma hora para outra mesa e avisto o vermelho do cabelo de Audrey.

– Oi – digo ao me sentar.

Greg Harmsford está ali, junto com Rahul Pathak e Jeremy Fletcher-Fiske. Todos parecem surpresos ao me ver. A mão de Greg aperta o garfo de um jeito que sugere que é melhor eu dizer alguma coisa inteligente, e rápido. Ele pode estar namorando Audrey agora, mas eu já namorei antes, e ele claramente tem medo de que ainda haja alguma coisa entre nós. Provavelmente porque uma vez, em uma festa, ela chegou com ele, mas acabou ficando comigo.

Aqui vai um segredo sobre influenciar um grupo a fazer o que você quer: é bem mais fácil quando seus objetivos coincidem com os deles. Fazer um alvo querer dinheiro fácil só funciona com os gananciosos. Quero prender a atenção de Greg com a promessa de uma vingança fácil enquanto distraio o resto da mesa. Estou contando com que ele se sinta ameaçado o bastante para querer me fazer passar por tolo. Só espero que não se sinta tão ameaçado a ponto de querer me dar um soco na cara.

– Saia daqui – diz Greg.

– Eu queria conversar com você sobre o trote do último ano – improviso absurdamente.

Rahul franze a testa.

– O ano letivo acabou de começar.

Faço que sim com a cabeça.

– Olha, ano passado a turma deixou para o final e só conseguiu dar o trote sem graça que já era esperado. Quero que o nosso seja memorável.

– Você com certeza vai receber apostas – diz Jeremy. – Está querendo dicas do que temos em mente.

– Quero colocar um cavalo no quarto de Northcutt – respondo. – Com uma tanga enorme. Agora, por favor, me digam como contar isso pra vocês vai me trazer dinheiro.

Rahul e Jeremy dão uma gargalhada. Jeremy cospe um pedaço de salada no prato. Agora, Greg não pode simplesmente me expulsar da mesa. Ele não vai deixar que eu vá embora com Rahul e Jeremy contentes comigo.

– Vocês conseguem imaginar a cara dela? – pergunta Rahul, animado.

– Que nada – diz Greg. – Podemos bolar alguma coisa melhor do que isso.

– Como o quê? – pergunta Audrey.

Não parece um desafio. Parece certa de que ele vai dar uma sugestão brilhante a qualquer momento. Ela é gentil com ele. E tenho certeza de que não se importaria caso o novo namorado fizesse o antigo parecer idiota.

A essa altura, consegui uma mesa para jantar. Eu me sirvo e começo a comer, ouvindo os planos deles para o trote. Quanto mais falamos, mais me entusiasmo com a ideia de decidir cedo o esquema para dar tempo de preparar a execução perfeita. Deixo Greg fazer alguns comentários.

E se, às vezes, me volta à cabeça a imagem do corpo no freezer, do rosto cor de cera do meu irmão ou da expressão de olhos arregalados de Lila quando me afastei dela ontem à noite, bem, tenho uma longa experiência em não expressar meus pensamentos.

– Ei, vejam aquela garota nova. Ela não é filha de um mafioso? – diz Jeremy.

Viro a cabeça e vejo Lila. Uma garota do penúltimo ano que não conheço está falando com ela, gesticulando expansivamente com mãos cobertas por luvas azuis. Não consigo ouvir o que dizem no

refeitório barulhento, mas a expressão da garota mais nova está repleta de malícia.

– Briga de garotas – diz Rahul, sorrindo.

Mas, quando Lila dá um passo em direção à menina, não é para dar um soco ou puxar o cabelo. Ela começa a retirar uma única luva preta.

Vejo dedos nus e ouço Greg respirar fundo ao meu lado. A garota do terceiro ano cambaleia para trás.

– Ela é doida – diz Jeremy. – Isso é *loucura*. Ela vai...

As pessoas estão se levantando, o falatório vai diminuindo. Naquela calmaria, escuto o som da voz de Lila nitidamente.

– Tem certeza de que quer me contrariar? – pergunta. Naquele momento, ela é filha do pai dela.

A aluna do terceiro ano corre para a mesa dos professores, e Lila se senta e recoloca a luva. Vejo Daneca olhando para ela boquiaberta. Depois de alguns minutos, o supervisor Wharton vai até lá e acompanha Lila para fora do prédio.

Reviro o filé Salisbury no prato à minha frente. Depois de um tempo, eu me levanto.

– Greg – diz Audrey, se levantando comigo. – Pode me dar um minuto com Cassel?

– Você que sabe. – Ele dá de ombros, mas o olhar que lança para mim não é nada casual. É difícil imaginar um sujeito como Greg Harmsford amando alguém, mas o jeito como ele olha para Audrey é no mínimo possessivo.

– O que está acontecendo com você? – pergunta Audrey enquanto andamos em direção ao alojamento. O sol está se pondo, e o céu, escurecendo. As folhas estão reviradas, esperando a chuva.

– Você não liga para o trote dos formandos. Sei disso porque nunca, nunca diz o que realmente quer dizer.

Há seis meses nós quase voltamos. Eu achava que estar com ela, por algum poder alquímico, me transmutaria em um cara normal com problemas normais. Quando ela olha para mim, vejo o reflexo de uma pessoa diferente em seus olhos. Alguém que desejo ser.

Eu me inclino em sua direção. Ela coloca uma das mãos no meu peito e me empurra com força.

– O que está fazendo? – pergunta.

– Não sei. Eu achei... – Achei que devia beijá-la.

– *Cassel* – diz ela, exasperada. – Você é sempre assim. Quente ou frio. Ao menos sabe o que quer?

Olho para o caminho de concreto debaixo dos meus pés, para os corpos ressecados de minhocas que saíram da terra na chuva e foram queimadas pelo sol.

– Foi você que pediu pra conversar – digo, na defensiva.

– Você se lembra do ano passado? Eu me acabei de chorar depois que você voltou para a escola agindo como se nada que dissemos um para o outro no período em que ficou fora importasse.

Eu concordo sem olhar pra ela, porque é verdade. Depois que minha mãe enfeitou Lila, a única razão para eu não ter sido reprovado foi Sam ter feito metade dos deveres para mim. Tudo parecia vazio e irreal. Eu me afastei de Audrey sem dar nem uma desculpa.

– Por quê? E por que falar comigo agora como se *aquilo* não tivesse acontecido? – Sua voz soa estranha. Sei que, se olhar para ela, verei que seu pescoço está todo vermelho, como sempre fica quando ela se aborrece.

– Me desculpe – digo. – Você está certa. Não sou muito bom em relacionamentos.

– Não é mesmo! – diz Audrey, parecendo aliviada por eu ter finalmente dito uma coisa com a qual ela pode concordar. – Não é, e não sei como lidar com você.

Eu considero e, logo em seguida, desisto de todas as possíveis formas de sugerir que podemos ser amigos. Por fim, olho para ela.

– Me desculpe – digo.

– Lila não é sua prima, é? – pergunta Audrey.

– Não – digo. – Eu falei aquilo porque...

Ela ergue a mão, e eu paro de falar, agradecido.

– Você não falou. Foi ela.

Ao ouvir isso, só consigo encará-la. Eu realmente não lembro quem começou aquela teia de mentiras. Nós inventamos essa para que Lila pudesse usar o chuveiro de Audrey. Agora, parece o extremo da crueldade.

– Percebi o jeito como você olha para ela – diz Audrey. – Conheço você, Cassel. E isso me leva a perguntar de novo: o que está fazendo?

– Besteira – respondo.

– Boa resposta. – Ela sorri um pouco, quase sem querer, e se inclina para me dar um tapinha na bochecha. – Pare com isso.

Então sai andando. Eu me viro para voltar ao alojamento, mas meu olhar encontra Lila, parada do outro lado da praça. Ela me vê e entra no alojamento Gilbert Hall, e eu fico me perguntando há quanto tempo ela estava ali. E como conseguiu se livrar de tanta confusão.

Sam está digitando no laptop quando entro. Ele olha para mim e, em seguida, volta para o que está fazendo; eu fico grato por isso. Olho meu dever de probabilidade e estatística (possivelmente minha aula favorita), mas começo a escrever um planejamento para o projeto semestral de física. Depois deito na cama para ler um pouco de *Madame Bovary*.

Ainda não consegui avançar muito quando Sam fecha o computador.

– Tudo bem? Daneca disse que você foi chamado à direção.

– Coisa de família – digo. – Minha mãe.

Ele assente com vigor.

– Chegou a alguma conclusão sobre aqueles arquivos?

Eu balanço a cabeça.

– Acho que é o fim da minha carreira policial.

Sam ri e começa a conectar os fios do PlayStation à pequena televisão portátil que ganhou de aniversário.

– Quando terminar de ler, quer matar alguns bandidos?

– Malfeitores – digo. – Quero. Claro.

Eu deveria ficar incomodado em apontar o controle para a tela e ver caras pixelados caírem. Deveria me lembrar de Janssen ou Philip, e minhas mãos deveriam hesitar. Mas, em vez disso, faço muitos pontos. Afinal, é só um jogo.

Depois do jantar, temos horário de estudo no quarto. É a hora da noite em que devemos fazer o dever. Se terminarmos dentro das duas horas determinadas, podemos ficar trinta minutos a mais na sala de estar. Mas isso também significa que, depois que o inspetor passa para fiscalizar, temos quase três horas antes que ele apareça de novo.

– Acho que vou sair – digo para Sam.

Ele franze a testa.

– Pra onde?

– Preciso ver um lugar. – Abro a janela. – Para a investigação.

– Tudo bem – diz Sam. – Também vou. Vamos.

– Você sabe que estamos saindo sem autorização. Podemos ser pegos. – Levanto as mãos. – É seu último ano. Não precisa fazer isso.

– Você é o especialista em se safar das coisas. É seu trabalho garantir que nós *não* sejamos pegos, certo?

– Obrigado por não colocar pressão – falo. Abro o iTunes no laptop e coloco um arquivo para tocar. Depois aumento um pouco o volume.

– O que é isso?

– Gravei no ano passado. Na sala de estudo. Para não ficar silencioso demais. Basicamente, somos nós digitando nos laptops e brincando. Achei que poderia ser útil um dia.

– Isso é assustador, cara – diz ele.

Aponto para minha cabeça com as duas mãos.

– Especialista, lembra?

Saímos pela janela e a fechamos. Penso na noite anterior e em Lila, deitada no gramado. O cheiro de grama esmagada é tão inebriante quanto qualquer perfume.

– Ande normalmente – digo.

Entramos no meu carro, que falha duas vezes antes de eu conseguir ligá-lo, deixando Sam com os olhos arregalados como alguém que está prestes a explicar uma suspensão para os pais. Mas, minutos depois, saímos do estacionamento com os faróis apagados. Eu os acendo assim que pegamos a estrada.

Sigo para o endereço no arquivo, onde Janssen foi visto pela última vez. Quinze minutos depois, estacionamos perto do condomínio Cyprus View. Saio do carro.

É um daqueles prédios modernos com porteiro no saguão de entrada e provavelmente academia na cobertura. Há luzes fortes acesas no jardim bem-cuidado, arbustos podados em formato redondo perto das passagens de concreto e um parque do outro lado da rua. A uma quadra dali há um supermercado, e mais uma quadra depois, um posto de gasolina, mas quando se olha do ângulo certo o lugar é bacana. Caro. Tem sistema de irrigação no gramado, mas nenhuma câmera que eu perceba, e dou duas voltas ao redor de um dos postes de luz para ter certeza.

– O que estamos olhando? – pergunta Sam, encostado na lateral do carro. Com o paletó do uniforme e a gravata frouxa, ele quase poderia ser um gângster. Desde que não se repare no emblema de Wallingford bordado no bolso do peito.

– O condomínio da amante de Janssen. Eu queria ver se parecia... não sei, familiar.

Sam franze a testa.

– Por que seria familiar? Você nem conhecia Janssen. Conhecia?

Estou escorregando. Nego com a cabeça.

– Não sei. Só queria dar uma olhada. Procurar pistas.

– Certo – diz Sam, cético, olhando para o relógio. – Mas, se vamos ficar de tocaia, voto em comprarmos um lanche.

– Tá – respondo, distraído. – Só me dê um segundo.

Ando pela grama e passo pelos arbustos redondos. Não me lembro de nada disso. Devo ter ficado nesse jardim esperando por Janssen, mas não me lembro de coisa alguma.

Uma mulher de roupa de ginástica passa correndo na direção do prédio. Está com dois poodles grandes e pretos nas coleiras. Ao olhar para ela, tenho um lampejo de memória, mas parece tão distante que mal consigo capturá-la. Ela olha na minha direção e se vira de repente, puxando as coleiras. Olho bem para seu rosto antes que ela prossiga pela rua.

Deve ser uma atriz, porque a lembrança que tenho é uma cena de filme. Com certeza era a corredora, mas ela estava usando um

vestido preto curto, cabelo preso e um colar com um único amuleto cintilante pendendo entre os seios. Tinha um hematoma na face e havia chorado. Um ator sem rosto com a jaqueta de couro do meu irmão a pegou pelos ombros. Havia um homem deitado no chão, com a cara na grama.

Não consigo me lembrar de mais nada. Nem da história. Nem mesmo se vi o filme no cinema ou na televisão tarde da noite. A lembrança não faz sentido.

Se ela é atriz, por que saiu correndo quando me viu?

E por que um dos atores estava usando a jaqueta do meu irmão?

Só há um jeito de descobrir. Saio correndo atrás dela, com meus sapatos sociais de Wallingford estalando como besouros na calçada.

Ela atravessa a rua, e eu a sigo. Os faróis de um carro me iluminam e a grade de um Toyota por pouco não me pega. Bato a mão no capô e sigo em frente.

Ela já está quase no pequeno parque. Há algumas poucas pessoas lá, andando sob as luzes trêmulas, mas a mulher não pede ajuda, tampouco as pessoas parecem querer se envolver.

Coloco mais força nas pernas e meus pés batem contra o chão com mais rapidez. Estou alcançando-a. Um dos cachorros late quando estico a mão e agarro o capuz do casaco de veludo rosa da mulher.

Ela cambaleia e os cachorros ficam enlouquecidos. Eu não fazia ideia de que poodles grandes eram tão protetores, mas esses dois parecem querer arrancar meus braços.

– Espere – falo. – Por favor. Não vou machucar você.

Ela se vira para mim, os cachorros latindo entre nós. Levanto as mãos de um jeito pacífico. O parque está escuro e silencioso, mas se ela começar a correr de novo pode chegar aos prédios que ficam depois, estabelecimentos comerciais que provavelmente não encarariam muito bem o fato de eu estar correndo atrás dela.

– O que você quer? – diz ela, observando meu rosto. – Nosso negócio acabou. Já foi feito. Falei para Philip que não queria ver nenhum de vocês.

A terrível constatação de que não havia filme nenhum toma conta de mim. *É claro.* Barron deve ter removido minha lembrança e

mudado um pequeno detalhe, o fato de isso ter acontecido na vida real. Deve ter sido mais fácil para ele do que apagar a lembrança toda. E eu a esqueceria do mesmo jeito que esqueceria qualquer programa de TV policial da madrugada.

– Já paguei vocês – diz ela, e eu me concentro em memorizar todos os seus detalhes, afastando qualquer outro pensamento. O cabelo escuro está preso em um rabo de cavalo e os lábios carnudos artificiais estão pintados de rosa cor de chiclete. Os olhos são puxados para cima, as sobrancelhas são altas o bastante para dar a ela uma expressão permanente de leve surpresa. Chegando ao pescoço enrugado, concluo que ela fez alguma cirurgia. Ela é bonita e irreal; consigo entender por que Barron a transformou em uma atriz de cinema na minha mente. – Não vou dar mais nada. Você não pode me chantagear.

Não faço ideia de o que ela está falando.

– Ele me enganou. Disse que ia casar comigo. E, de repente, *bam*, começa a me bater quando descubro que *já* era casado. Mas o que você tem com isso? Nada. Deve ter uma garota em casa que trata do mesmo jeito. Saia daqui, seu bosta.

Quando olho para ela, ainda vejo a mulher com a qual a confundi. Eu me pergunto o que ela vê quando olha para mim. Uma gota de suor desce pela curva de seu maxilar. Sua respiração é curta e rápida. Ela está com medo.

Um assassino. É isso o que ela vê.

– Foi você quem encomendou o assassinato – falo, interpretando o que ela disse. – Você pagou Anton para eliminar Janssen.

– Você está com alguma escuta? – pergunta ela, erguendo a voz e falando para meu peito. – Não matei ninguém. Nunca mandei matar ninguém. – Ela olha para o prédio como se estivesse pensando em sair correndo.

– Tudo bem – digo, levantando as mãos de novo. – Tudo bem. Isso foi burrice.

– É – diz ela. – Terminamos?

Faço que sim com a cabeça, mas penso de repente em outra pergunta.

– Onde você estava na terça à noite?

– Em casa com os cachorros – diz ela. – Estava com dor de cabeça. Por quê?

– Meu irmão foi baleado.

Ela enrugou a testa.

– Pareço uma assassina?

Não menciono o fato de ela ter contratado assassinos para matar o amante. Meu silêncio deve fazê-la se sentir vitoriosa, porque, com um olhar final triunfante, ela sai correndo, com os cachorros ao lado.

Ando de volta para o carro, sentindo cada passo. Uma bolha surgiu no meu dedão. Esses sapatos não foram feitos para cenas de perseguição.

A porta do Mercedes se abre.

– Cassel? – grita Sam do lado do motorista. – Ela contou alguma coisa boa?

– Contou – respondo. – Que ia jogar spray de pimenta na minha cara.

– Eu estava pronto pra ligar o carro de fuga. – Sam sorri. – Ela não sabe que ladrões não usam gravata?

Eu ajeito o colarinho.

– Sou um criminoso da melhor estirpe. Um ladrão cavalheiro, podemos dizer.

Deixo Sam dirigir. Voltamos para Wallingford, parando para comprar café e batatas fritas em um *drive-through* no caminho. Quando entramos pela janela do quarto, o cheiro de comida comprada está tão entranhado em nossas roupas que gastamos meia lata de perfumador de ar para disfarçar.

– Parem de fumar no quarto – diz o inspetor na hora de apagar as luzes. – Não pensem que não sei o que andaram fazendo aqui.

Rimos tanto que, por um momento, parece que nunca vamos conseguir parar.

Na manhã seguinte, estou a caminho da aula de ética do mundo em desenvolvimento quando Kevin Ford corre até mim. Ele enfia um envelope na minha mão.

– Quais são as chances de Greg Harmsford ter comido Lila Zacharov? – pergunta ele, sem fôlego.

– O quê? – falo.

– Eu sou o primeiro a apostar? Cara!

– Kevin, do que você está falando? – Resisto à tentação de agarrá-lo pelos ombros e sacudi-lo, mas acho que não consigo manter o nervosismo longe da voz. – Não posso calcular chances de uma coisa que não faço ideia do que seja.

– Ontem à noite, ouvi falar que eles foram para a sala de estar e transaram. Greg ficou se gabando. O colega de quarto dele, Kyle, teve que distrair o inspetor.

– Certo – digo, concordando. Minha boca está seca. – Vou ficar com o dinheiro, mas, se ninguém mais apostar ou se ninguém apostar contra, serei obrigado a devolvê-lo. – É minha fala padrão para situações como essa, e eu a enuncio automaticamente.

Ele assente e sai correndo. Cambaleio até a aula.

Greg Harmsford está sentado no lugar de costume, perto da janela. Eu me sento do outro lado, olhando para a nuca dele, e flexiono minhas mãos enluvadas.

Enquanto o Sr. Lewis fala sobre acordos de comércio, penso em como seria enfiar um lápis apontado na orelha de Greg. Esse é o tipo de boato que sempre espalham sobre garotas novas, digo para mim mesmo. Nunca são baseados em nada além de desejo.

Quando somos dispensados, sigo em direção à porta e passo por Greg. Ele dá um sorrisinho, erguendo a sobrancelha como se me desafiasse a dizer alguma coisa.

Certo, isso é estranho.

– Ei, Cassel – diz ele, abrindo um sorriso.

Mordo o interior da bochecha e continuo a andar pelo corredor. O gosto metálico de sangue enche minha boca. Continuo andando.

Quando chego à aula de probabilidade e estatística, vejo Daneca com os braços cheios de livros.

– Ei, você viu Lila? – pergunto com a voz tensa.

– Não desde ontem – diz ela, dando de ombros.

Coloco a mão enluvada sobre seu ombro.

– Você tem alguma aula com ela?

Daneca para e olha para mim, estranhando.

– Ela faz muitas aulas de apoio.

É claro. Ter sido uma gata por três anos deve causar algum atraso nos estudos. Mas andei muito preocupado comigo mesmo para perceber.

Recebo mais três envelopes na aula de estatística. Dois deles apostam em Lila e Greg. Devolvo os dois com um olhar tão sombrio que ninguém nem pede explicação.

Ela também não aparece no almoço. Acabo indo ao prédio dela e subo a escada, pensando que, se for pego, posso inventar alguma desculpa. Conto o número de portas, supondo que, como no meu alojamento, cada quarto tem apenas uma janela.

Bato na porta. Nada.

As fechaduras são simples. Já arrombo meu próprio quarto há tanto tempo que muitas vezes nem carrego a chave comigo. Basta um giro com um grampo e estou dentro.

O quarto dela é individual, o que significa que seu pai deve ter feito uma doação bem generosa. A cama fica debaixo da janela e há um emaranhado de lençóis verde-claros que vão até o chão. Uma estante cheia de livros que ela deve ter trazido consigo fica encostada em uma parede. Em cima de um pequeno baú estão uma chaleira elétrica estritamente proibida e um pequeno iPod verde que brilha sobre uma caixa de som com fios conectados a fones de ouvido, e tudo parece ser bem caro. Ela também trouxe uma penteadeira com espelho que fica na parede onde normalmente ficaria a escrivaninha da outra dona do quarto. As paredes são cobertas de fotos em preto e branco de estrelas de cinema: Bette Davis, Greta Garbo, Katharine Hepburn, Marlene Dietrich e Ingrid Bergman. E Lila colou citações perto delas.

Ando até a imagem de Garbo, estonteante sob uma lente um pouco desfocada. O papel perto dela diz: "Não tenho medo de nada, exceto de ficar entediada."

Isso me faz sorrir.

Tranco a porta e me viro para descer a escada quando percebo que o zumbido constante ao fundo, um som que mal notei, vem de um chuveiro ligado no banheiro do corredor.

Sigo em direção a ele.

O banheiro tem azulejos cor-de-rosa e cheiro de xampu feminino, doce e tropical. Quando abro a porta, percebo que não há desculpa que explique minha presença ali.

– Lila? – grito.

Ouçó um soluço baixo. Já não me importo mais se vão me pegar.

Ela está sentada no meio do compartimento do chuveiro, ainda de uniforme. O cabelo está colado na cabeça e as roupas estão encharcadas. A água cai com tanta força que fico surpreso que ela consiga respirar. As gotas escorrem em riachos sobre os olhos fechados e a boca semiaberta. Os lábios dela estão azuis de frio.

– Lila? – chamo novamente, e seus olhos se arregalam.

Eu fiz isso a ela. Ela sempre foi a destemida, a perigosa.

Agora, olha para mim como se não acreditasse que estou realmente aqui.

– Cassel? Como você soube... – Ela interrompe a pergunta.

– O que ele fez com você? – indago. Estou tremendo de fúria, impotência e ciúme doentio.

– Nada – responde ela, e consigo ver o sorriso familiar e cruel, mas, desta vez, voltado para si mesma. – Quero dizer, eu também queria. Achei que talvez quebrasse a maldição. Eu nunca... Era apenas uma criança quando fui transformada, e achei que talvez, se dormisse com alguém, resolveria. Obviamente, não resolveu.

Eu engulo em seco, com cuidado.

– Por que você não sai daí e se seca? Está frio. – Minha voz soa falsa, como se eu fosse uma das velhinhas de Carney. *Você vai acabar pegando sua morte.*

Ela já não parece tão horrorizada, o sorriso está menos assustador.

– A água estava quente antes.

Estico para ela uma toalha que estava em um banco ali perto. É de um horrível tom de púrpura, coberta de peixes roxos. Tenho certeza de que não é dela.

Lila se levanta devagar, rígida, e sai do chuveiro. Eu a envolvo com a toalha. Por um momento, meus braços se fecham ao seu redor. Ela se encosta em mim e suspira.

Andamos juntos pelo corredor até o quarto. Lá, ela se afasta para se sentar na cama, encharcando o lençol. Depois se encolhe e cruza os braços.

– Tudo bem – digo. – Vou para o corredor e você se veste, depois saímos daqui. Tenho vários esquemas para sair de Wallingford no meio do dia que ainda não experimentei. Vamos testar um. Podemos tomar chocolate quente. Ou tequila. E depois podemos voltar e matar Greg Harmsford, coisa que, particularmente, quero fazer já há um tempo.

Os dedos dela apertam a toalha com mais força. Ela não sorri. Mas diz:

– Me desculpe por não estar lidando muito bem com isso... com a maldição.

– Não – falo com voz rouca. A culpa está fechando minha garganta. – Não. Você não tem que pedir desculpas. Não pra mim.

– A princípio, achei que pudesse ignorar, e agora... Bem... é como se a ferida estivesse infeccionada. Depois pensei que, se eu viesse para cá e pudesse pelo menos ver você, ajudaria. Mas não ajudou. Tudo que eu penso que vai ajudar só piora. Então, quero pedir pra você fazer uma coisa – diz ela, olhando para o chão, para uma pilha de livros que tenho certeza de que ela nem está vendo. – Entendo que não é justo, mas não vai custar muito a você e seria tudo para mim. Quero que seja meu namorado.

Começo a dizer uma coisa, mas ela me interrompe, certa de que vou dizer não.

– Você não precisa gostar de mim. E vai ser só por um tempo. – Ela está me olhando severamente agora. – Você pode fingir. Sei que é um bom mentiroso.

Nem sei como protestar. Estou tropeçando nas palavras.

– Você disse que tudo o que tenta fazer para ajudar acaba piorando a situação. E se *isso* também piorar?

– Não sei – diz ela em uma voz tão baixa que mal consigo ouvir.

Não é real, nem certo, nem justo, mas não faço mais ideia do que pode ser cada uma dessas coisas.

– Tudo bem – falo. – Tudo bem. Podemos namorar. Mas não podemos... Quero dizer, é só isso que pode acontecer. Não posso

conviver com você sentada no chão de um chuveiro daqui a seis meses, arrependida de estar comigo.

Sou recompensado com ela vindo para meus braços, as roupas molhadas e frias, a pele quente e febril. Consigo ver o alívio no jeito como relaxa os ombros, e, quando passo o braço ao seu redor, ela se apoia no meu peito e aninha a cabeça sob meu queixo.

– Espero... – diz ela com um tremor na voz como um soluço engolido. – Espero que até lá eu não esteja mais pensando em você.

Ela sorri para mim, e fico sem conseguir falar por um bom tempo.

Namorados, mesmo os de mentira, sentam-se juntos no jantar. Portanto, não fico surpreso quando Lila coloca a bandeja ao lado da minha e toca de leve meu ombro. Daneca exala curiosidade. É claro que é difícil para ela ficar sem dizer nada.

Quando a primeira pessoa vem até mim e joga um envelope no meu colo, Lila sorri com a boca escondida atrás do guardanapo.

– Você é agenciador de apostas? Achei que fosse o irmão bom – diz ela.

– Sou bom no que faço – admito. – A virtude é uma vingança por si só.

– É uma *recompensa* – diz Daneca, revirando os olhos. – A virtude é uma recompensa por si só.

Dou um sorriso.

– Não foi essa a versão que eu ouvi.

Sam coloca a bandeja na mesa e segura a maçã que sai rolando e quase cai.

– Vocês sabiam que o Sr. Knight está ficando meio senil? Tipo, passando direto pela sala de aula e depois tendo que voltar e colocando o suéter por cima do casaco?

Eu concordo com a cabeça, embora não tenha nenhuma aula com o Sr. Knight. Só o vejo nos corredores. Ele parece o típico professor de inglês antigo: usa jaqueta de tweed com remendos de couro no cotovelo e tem pelos brancos saindo do nariz.

– Hoje ele entrou na sala e, além de ter se esquecido de fechar o zíper depois de ir ao banheiro, também se esqueceu de *guardar o material lá dentro*.

– Não acredito – digo.

Lila começa a rir.

– Essa é a questão, não é? Deveria ser engraçado – comenta Sam. – É engraçado agora. Mas na hora foi tão horrível que só conseguimos ficar sentados olhando, em choque. Fiquei tão constrangido! Ele ficou falando de Hamlet para a turma como se nada estivesse acontecendo. Imagina, citando Shakespeare enquanto todos nós só tentávamos não olhar para baixo.

– Ninguém disse nada? – pergunta Daneca. – Com tantos palhaços lá?

– Depois de um tempo – diz Sam – Kim Hwangbo ergueu a mão.

Eu balanço a cabeça. Kim é tranquila, legal e provavelmente vai para uma faculdade melhor do que qualquer outra pessoa de Wallingford.

Até Daneca está rindo agora.

– O que ela disse?

– “Sr. Knight, sua calça está aberta!” – responde Sam. Ele ri. – O Sr. Knight olhou para baixo quase sem reação e disse “Inquieta é a cabeça que usa uma coroa”, guardou tudo e fechou a calça. Fim da história!

– Você vai contar pra alguém? – pergunta Daneca.

Sam sacode a cabeça e abre a caixinha de leite.

– Não, nem você. O Sr. Knight é inofensivo. Ele não fez de propósito. E teria muitos problemas se Northcutt descobrisse. Ou nossos pais.

– Mas vão descobrir – digo. Eu me pergunto quanto tempo vai demorar até que as apostas sobre ele ser demitido comecem a chegar. – Ninguém consegue esconder nada por muito tempo aqui.

Daneca franze a testa para mim.

– Ah, não tenho tanta certeza disso.

– O que quer dizer? – pergunta Lila, não muito amigável.

Daneca ignora a pergunta e diz:

– Vamos ao cinema no fim de semana. Vocês querem ir? Poderíamos ir juntos, em casais.

Um rubor sobe pelo pescoço de Sam.

Lila se vira para mim, hesitante. Eu dou um sorriso.

– Claro – diz ela. – Se você quiser, Cassel.

– Que filme? – pergunto. Com Daneca, poderíamos acabar assistindo a algum documentário sobre o terror da matança dos bebês foca.

– Vamos ver *A invasão das aranhas gigantes* – conta Sam. – Está passando na Reprise de Sexta. É um clássico de Bill Rebane. A equipe de efeitos especiais criou a aranha gigante cobrindo um fusca com pelos falsos e usando os faróis traseiros como os olhos vermelhos brilhantes.

– O que pode ser melhor que isso? – pergunto.

Ninguém consegue pensar em nada.

Naquela noite, sonho que estou em um quarto cheio de cadáveres, todos de vestido e batom, sentados eretos em sofás. Levo um tempo para perceber que são todas as minhas ex-namoradas, com os olhos mortos brilhando e as bocas mal se movendo enquanto sussurram uma lista dos meus defeitos.

Ele beija como um peixe, diz minha namorada do jardim de infância, Michiko Ishii. Nós nos encontrávamos atrás de um grande carvalho no parquinho, até que fomos pegos por outra garota que nos denunciou. O cadáver dela é de uma garotinha pequena; os olhos vidrados a fazem parecer uma boneca.

Ele paquerou minha amiga, acusa a garota que nos denunciou, Sofia Spiegel, que tecnicamente também era minha namorada na época.

Ele é um mentiroso, diz uma garota de Atlantic City. A do vestido prateado.

Muito mentiroso, concorda minha namorada do oitavo ano. Só contei para ela que ia para Wallingford depois que já estava lá. Não a culpo por ainda estar furiosa.

Depois da festa, ele fingiu não me conhecer, diz Emily Rogers, que, para ser justo, fingiu com a mesma intensidade que *eu* não existia depois de passarmos a noite rolando em uma pilha de casacos na festa dos calouros de Harvey Silverman.

Ele pegou meu carro emprestado e acabou com ele, diz Stephanie Douglas, uma mestra que conheci em Carney no verão seguinte ao

que achei ter matado Lila. Ela era dois anos mais velha do que eu e conseguia dar um nó no cabo de uma cereja com a língua.

Ele nunca me amou de verdade, declara Audrey. Ele nem sabe o que é amor.

Quando acordo, ainda está escuro lá fora. Em vez de voltar a dormir, começo a fazer um dever de casa. Estou cansado de os mortos se juntarem para me atormentar. Tem que haver um problema em algum lugar pedindo para ser resolvido.

CAPÍTULO OITO

A ESCOLA WALLINGFORD

tem orgulho de preparar seus jovens alunos e alunas não apenas para a faculdade, mas para seu lugar na sociedade. Por isso, os alunos não só têm que comparecer a todas as aulas, como também devem participar de duas atividades complementares. Este ano, as minhas são corrida no primeiro semestre e clube de debate no segundo. Gosto da sensação de correr, do fluxo de adrenalina e dos pés batendo no chão. Gosto do fato de ser apenas eu quem decide até onde devo me esforçar.

Também gosto de pensar em maneiras de fazer as pessoas concordarem comigo, mas o clube de debate só começa daqui a alguns meses.

Estou terminando minha última volta quando vejo dois homens de ternos escuros conversando com o treinador Marlin. Ele faz sinal para mim.

Os agentes Jones e Hunt estão usando óculos de sol espelhados, ternos escuros e luvas ainda mais escuras, embora o tempo esteja estranhamente quente. Não sei dizer se eles conseguiriam ser ainda menos sutis se tentassem.

– Oi, policiais – digo com um sorriso falso.

– Não temos notícias suas faz um tempo – diz o agente Jones. – Ficamos preocupados.

– Ah, tive um velório e um enterro pra ir, depois fiquei um tempo de luto. Minha agenda estava cheia. – Embora eu ache que esteja conseguindo sorrir como alguém inocente, saber que sou o assassino que eles procuram acrescenta uma desconfortável camada de pavor à interação toda. – Muita coisa aconteceu desde quarta.

– Por que não vem dar uma volta conosco? – pergunta o agente Hunt. – Aí poderá nos contar tudo.

– Acho que não – digo. – Tenho que tomar banho e trocar de roupa. Como falei, ando muito ocupado. Mas obrigado pela visita.

O treinador Marlin já seguiu em direção a outros corredores. Está gritando o tempo para eles com o cronômetro na mão. Ou se esqueceu de mim ou está tentando esquecer.

O agente Jones abaixa os óculos.

– Ouvei falar que sua mãe deu alguns calotes em hotéis de Princeton.

– Você deveria perguntar a ela sobre isso – falo. – Tenho certeza de que é um grande mal-entendido.

– Acho que você não quer mesmo que perguntemos a ela, quer? – indaga o agente Hunt.

– É verdade, não quero. Mas não posso impedi-los. Sou apenas um menor de idade, e vocês são agentes federais grandes e fortes. – Saio andando.

O agente Hunt me segura pelo braço.

– Pare com esse joguinho. Venha conosco. Agora, Cassel. Não quer que dificultemos as coisas pra você.

Olho para minha equipe, que corre em direção ao vestiário com o treinador Marlin na frente. Alguns estão correndo de costas para ver o que vai acontecer comigo.

– O único jeito de eu entrar em um carro com vocês é se me algemarem – digo com resolução.

Há algumas coisas que um cara como eu não pode aceitar, e ser simpático demais com representantes da lei é uma delas, definitivamente. Ninguém faz uma aposta ilícita com alguém a menos que tenha certeza de que essa pessoa é mesmo criminosa.

Eles mordem a isca. Tenho certeza de que o agente Hunt quer fazer isso desde que nos conhecemos. Ele segura um dos meus pulsos, puxa-o para trás do meu corpo e prende uma algema. Depois, pega o outro pulso. Eu só resisto um pouco, mas parece ser o bastante para irritá-lo, pois, quando ele coloca a outra algema, me dá um empurrão. Acabo caindo de barriga na terra.

Viro a cabeça para o vestiário e vejo dois caras e o treinador ainda assistindo ao show. É o número suficiente de pessoas para espalhar um boato.

O agente Jones me coloca de pé. Sem muita delicadeza.

Não digo nada enquanto eles me levam até o carro e me empurram para o banco de trás.

– Agora – diz o agente Jones do banco da frente –, o que você tem para nós? – Ele não liga o carro, mas escuto as trancas das quatro portas sendo acionadas.

– Nada – respondo.

– Soubemos que Zacharov foi ao velório – diz o agente Hunt. – E levou a filha com ele. Uma garota que ninguém vê em público há muito tempo. De repente ela voltou. Está aqui em Wallingford, inclusive.

– E daí? – digo.

– Soubemos que vocês dois são bem próximos. Se é que ela é mesmo a filha dele.

– O que vocês querem? – pergunto, experimentando dar um puxão nas algemas. São de tranca dupla e estão bem apertadas. – Querem que eu confirme se ela é mesmo Lila Zacharov? É. Eu costumava jogar bolinhas de gude com ela em Carney. Ela não tem nada a ver com isso.

– Então o que ela fez esse tempo todo? Se você a conhece tão bem, que tal me contar?

– Eu não sei – minto. Não faço ideia de onde esse interrogatório vai dar, mas não estou gostando.

– Você poderia ter uma vida fora disso tudo – sugere o agente Jones. – Poderia estar do lado certo da lei. Não precisa proteger essas pessoas, Cassel.

Eu sou como essas pessoas, penso, mas as palavras dele me fazem imaginar por um momento a sensação de ser um dos mocinhos, com distintivo e reputação impecável.

– Conversamos com seu irmão – conta o agente Hunt. – Ele cooperou bastante.

– Barron? – pergunto e caio na gargalhada. Afundo no banco de couro, aliviado. – Meu irmão é *mentiroso compulsivo*. Tenho certeza de que ele cooperou. Não tem nada de que goste mais do que uma plateia.

O agente Jones parece constrangido. O agente Hunt está apenas irritado.

– Seu irmão disse que deveríamos começar observando Lila Zacharov. E que você a protegeria.

– Ele disse? – indago, mas estou no controle da conversa agora, e os dois sabem disso. – Li os arquivos que vocês me deram. Quer dizer que Lila é mestra da morte e começou a matar pessoas aos catorze anos? Porque era essa a idade que ela tinha quando Basso desapareceu. E não só isso, mas ela precisaria ter escondido o dano do rebote muito bem. Muito bem, porque posso dizer que a vi sem nem um pedacinho de...

– Não estamos dizendo nada. – O agente Jones bate com a mão no assento, interrompendo meu discurso. – Viemos pegar informações. Se não nos disser nada, vamos ter que ouvir outras fontes. Talvez até fontes que você não considere confiáveis. Entendeu?

– Entendi – respondo.

– Então o que você vai ter quando voltarmos para conversar? – pergunta o agente Jones com uma voz gentil. Ele pega um cartão e o joga no meu colo.

Eu respiro fundo e digo:

– Informação.

– Ótimo – diz o agente Hunt.

Eles trocam um olhar que não consigo interpretar e o agente Hunt sai do carro. Ele abre minha porta.

– Vire-se para que eu possa tirar isso aí.

Eu me viro. Um giro, dois cliques e logo estou esfregando os pulsos, livre.

– Caso pense que não podemos pegar você quando quisermos – diz Hunt –, lembre-se de que é mestre. Sabe o que isso significa?

Eu faço que sim com a cabeça. Pego o cartão que Jones jogou no meu colo e o guardo no bolso. Jones me observa de onde está.

Hunt sorri.

– Significa que você já fez uma coisa ilegal. Todos os mestres já fizeram. Senão, como saberiam o que são?

Eu saio do carro e olho no rosto dele. Em seguida, cuspo no asfalto quente e negro do estacionamento.

Ele parte para cima de mim, mas o agente Jones limpa a garganta e Hunt para.

– Nos vemos por aí – diz o agente Jones, e ambos entram no carro.

Caminho para Wallingford, odiando tanto os dois que estou trêmulo de raiva. O que mais odeio é o fato de estarem certos sobre mim.

Sou chamado quase de imediato à sala da diretora Northcutt. Ela abre a porta e sinaliza para que eu entre.

– Bem-vindo, Sr. Sharpe. Por favor, sente-se.

Eu me sento na cadeira de couro verde diante da grande escrivaninha. Várias pastas estão arrumadas em uma caixa de madeira de um lado, e uma agenda bastante usada foi colocada ao lado de uma caneta dourada presa em um suporte. Tudo ali é organizado, elegante.

Exceto pelo prato de vidro barato com balas. Eu pego uma e a abro devagar.

– Ouvi falar que você recebeu visitas hoje – diz Northcutt. Suas sobrancelhas estão erguidas, como se receber visitas fosse algo suspeito.

– É – falo.

Ela suspira por eu obrigá-la a perguntar diretamente.

– Gostaria de explicar o que dois agentes federais queriam com você desta vez?

Eu me recosto na poltrona.

– Eles queriam que eu entrasse pro departamento de narcóticos, mas falei que a quantidade de tarefas aqui em Wallingford era grande demais pra eu considerar aceitar um segundo emprego.

– Perdão?

Eu não achava que as sobrancelhas dela pudessem subir ainda mais, mas subiram. O que estou fazendo não é legal: divulgando uma história que é menos ridícula do que a maneira como a conto.

Mas a pior coisa que ela pode fazer é me deixar em detenção alguns dias ou me dar uma advertência por falar desse jeito.

– Divisão de narcóticos – digo, excessivamente educado. – Para ser um informante de violações relacionadas a narcóticos. Mas não se preocupe, eu jamais concordaria em delatar meus colegas. Mesmo que eles fizessem a péssima escolha de usar drogas, o que tenho certeza de que ninguém aqui faria.

Ela se inclina para a frente, pega a caneta dourada e a aponta para mim.

– Você realmente espera que eu acredite nisso, Sr. Sharpe?

Arregalo os olhos.

– Bem, acho que há pessoas aqui que parecem estar doidonas o tempo todo, isso é verdade. Mas sempre achei que elas apenas...

– Sr. Sharpe! – A diretora parece pronta para me furar com a caneta. – Estou ciente de que os agentes algemaram você. Gostaria de mudar sua história?

Penso em quando me sentei nesta mesma sala ano passado, implorando para que me permitissem ficar. Talvez eu ainda sinta raiva por causa disso.

– Não, senhora. Eles só queriam demonstrar o quanto eu estaria seguro se trabalhasse com eles, embora eu compreenda como um observador casual possa ter chegado a uma conclusão diferente. A senhora pode ligar para os agentes, se quiser – falo, enfiando a mão no bolso. Pego o cartão que o agente Jones me deu e coloco na mesa de Northcutt.

– Farei isso – diz ela. – Pode ir agora. Por enquanto.

Os agentes vão reforçar o que eu disse. Vão ter que fazer isso. Ainda não conseguiram o que queriam comigo. E o agente Hunt não vai querer explicar por que foi agressivo com um garoto de dezessete anos sem ficha criminal. Assim, tenho a satisfação de obrigá-los a concordar com uma história boba. E sou recompensado pela irritação de Northcutt por ter que aceitar uma história que ela sabe não ser verdadeira.

Todo mundo quer sair com dignidade de um problema.

O encontro do HEX já começou no momento em que chego. As mesas da sala de música da Sra. Ramirez foram rearrumadas em círculo, e vejo Lila e Daneca sentadas juntas. Puxo uma cadeira ao lado de Lila.

Ela sorri e estica a mão para apertar a minha. Eu me pergunto se essa é sua primeira reunião. Não fui a muitas para saber.

No quadro está escrito o endereço da passeata a favor dos direitos dos mestres à qual Sam tinha prometido que compareceríamos quando as aulas começaram. Acontece que é amanhã. Acho que era sobre isso que estavam falando antes de eu chegar. As regras foram escritas abaixo das informações sobre a passeata: permaneçam juntos, não falem com estranhos, fiquem no parque.

– Sei que muitos de vocês não ouviram o discurso de ontem, pois ele aconteceu no horário de estudo – diz Ramirez. – Achei que podíamos assistir juntos e discutir.

– Eu realmente odeio o governador Patton – diz uma das garotas do segundo ano. – Temos mesmo que ver a cara dele despejando mais besteiras?

– Quer vocês gostem ou não – diz a Sra. Ramirez –, é isso que os Estados Unidos veem. E é nisso que Nova Jersey vai pensar em novembro, quando votarmos na proposição nº 2. Nisso ou em um discurso bem parecido.

– Ele está na frente nas pesquisas – diz Daneca, mordendo a ponta de uma das tranças. – As pessoas realmente aprovam o desempenho dele.

A garota do segundo ano olha para ela horrorizada, como se Daneca estivesse sugerindo que as pessoas *deveriam* aprovar Patton.

– É encenação – comenta um dos garotos. – Ele age como se ligasse pra isso porque é um assunto popular. Em 2001, ele votou a favor dos direitos dos mestres. Ele dança conforme a música.

Todos conversam mais um pouco, mas paro de prestar atenção. Estou feliz por estar ali, sem ter que ouvir gritos nem ser algemado. Lila está observando a discussão com o olhar atento ao rosto de cada um que fala, mas sua mão segura a minha, e ela parece mais relaxada do que em muito tempo.

Tudo parece possível.

Se eu pensar bem e planejar com bastante cuidado, talvez consiga resolver meus problemas, mesmo os que considerava sem solução. Antes de tudo, preciso descobrir quem matou Philip. Quando souber, posso elaborar, passo a passo, uma forma de tirar os agentes federais do meu pé. Em seguida, talvez, vou poder descobrir o que fazer com Lila.

A Sra. Ramirez empurra uma televisão para a frente de uma cadeira em um lado do círculo.

– Já chega! Vamos deixar o resto da discussão para depois de assistirmos, certo?

Ela aperta um botão e a tela ganha vida. Aponta o controle remoto, e o rosto pálido do governador Patton aparece. Ele está em um púlpito, com uma cortina azul ao fundo. Os poucos cabelos brancos que ainda tem estão penteados para trás, grudados na cabeça, e ele olha pela tela como se quisesse comer todos nós.

A câmera se afasta para que possamos ver a imprensa reunida adiante. Há várias pessoas de terno com as mãos erguidas, como se estivessem na escola de novo, só esperando o professor chamar. De um lado, um assessor está em pé nos degraus que levam ao palco, como se tomasse conta deles. Ao lado do assessor há uma mulher com um vestido preto sóbrio e o cabelo preso em um coque. Algo nela me faz olhar de novo.

– Você está machucando minha mão – sussurra Lila.

Eu a solto, envergonhado. Minha luva estava esticada sobre as dobras dos dedos, como se eu estivesse tentando fechar a mão para dar um soco.

– O quê? – pergunta ela.

– É que é difícil ouvir – respondo, e parece verdade, já que eu não estava mesmo prestando a menor atenção.

Ela assente, mas há uma pequena ruga entre suas sobrancelhas. Espero minutos intermináveis até achar que posso me virar para ela com segurança e dizer:

– Já volto.

Quando ela franze a testa com ar de curiosidade, eu explico:

– Banheiro.

Desço pelo corredor para o lado oposto do banheiro, me encosto na parede e pego o celular. Enquanto ele chama, penso sem parar na *Milionários em Casa*, ou seja lá qual fosse o nome daquela revista idiota.

– Oi, querido – diz minha mãe. – Me deixe retornar a ligação de um telefone fixo.

Eu limpo a garganta.

– Primeiro você pode explicar o que estava fazendo na televisão?

Ela ri como uma garota.

– Você viu? Como eu estava?

– Parecia estar de fantasia – digo. – O que estava fazendo com o governador Patton? Ele odeia mestres, e você é uma mestra *ex-presidiária*.

– Ele é um bom homem quando o conhecemos melhor – fala ela com doçura. – E não odeia mestres. Ele quer os exames obrigatórios para salvar nossas vidas. Você não ouviu o discurso? Além do mais, não sou *ex-presidiária*. Meu caso foi encerrado após a apelação. É diferente.

Naquele momento, escuto gritos vindos do local onde a reunião do HEX está acontecendo.

– Encontrei vocês, seus monstros! – grita alguém.

– Ligo depois – falo, fechando o telefone contra o peito enquanto desço o corredor. Greg está observando Jeremy, que carrega uma câmera em frente à porta, girando de um lado para outro, como se tentasse captar todo mundo na filmagem. Jeremy está rindo tanto que me pergunto se está segurando a câmera com firmeza o bastante para gravar qualquer coisa além de manchas coloridas.

A Sra. Ramirez sai para o corredor e os garotos cambaleiam para trás, mas continuam filmando. Agora, enquadram apenas ela.

– Vocês dois vão levar duas advertências – diz ela. Sua voz está estranha, trêmula. – E, para cada segundo que passarem com a câmera ligada, vou dar outra.

Jeremy abaixa a filmadora imediatamente e se atrapalha com os controles.

– Vocês dois vão cumprir detenção comigo até o final desta semana, e você vai apagar essa gravação, entendeu? Isso foi

invasão de privacidade.

– Sim, Sra. Ramirez – diz Jeremy.

– Que bom. Agora podem ir.

Ela os observa saírem andando. E eu a observo fazer isso com um medo gelado se espalhando pelos meus ossos.

O site entra no ar naquela noite. Na quinta de manhã, ouço os boatos de que Ramirez fica furiosa, mas Northcutt não sabe a quem culpar. Jeremy alega que pretendia deletar a filmagem, mas alguém entrou no quarto dele e roubou a câmera. Ele diz que não fez upload das imagens; Greg diz que nunca tocou em nada daquilo.

As apostas começam a chegar aos montes. Eles são ou não culpados? Parece que todo mundo na escola quer apostar em quais das pessoas naquele encontro eram mestres. Encontro no qual eu também estaria não fosse por uma enorme coincidência.

– É para recebermos o dinheiro? – me pergunta Sam no corredor, entre as aulas. Ele parece infeliz. É um cara esperto e pensou o bastante no assunto para saber que não há respostas fáceis.

– Sim – digo. – Temos que receber. Se não recebermos, não conseguiremos ter controle nenhum.

Recebemos o dinheiro deles.

Na tarde de quinta, o website desaparece sem deixar vestígios.

CAPÍTULO NOVE

NO ALOJAMENTO, SAM TIRA

o uniforme e coloca uma camiseta com a inscrição EU SOU O ALUNO BRILHANTE SOBRE O QUAL VOCÊ LEU. Ele passa um pouco de perfume no pescoço enquanto joga meus livros sobre a cama.

– Para onde você vai? – pergunto.

– Para a manifestação. – Ele revira os olhos. – Não tente fugir. Daneca vai matar você. Vai arrancar sua *pele*.

– Ah, certo – digo, passando os dedos pelo cabelo. Está ficando desgrenhado de novo. – Acho que pensei que com toda aquela loucura...

Ele me deixa divagar e não fala nada para ajudar. Deve estar acostumado comigo bancando o idiota. Eu suspiro e tiro os sapatos e a calça social preta e coloco a calça jeans. Depois de soltar o nó da gravata e jogá-la na minha mesa bamba, estou pronto para sair. Nem me dou o trabalho de trocar a camisa branca de botão.

Cruzamos a praça juntos e encontramos Daneca com Ramirez do lado de fora do Centro de Belas Artes Rawlings, onde fica a sala de música de Ramirez e a maior parte dos encontros do HEX acontece. O dia está quente para os padrões de setembro. Daneca está usando uma saia longa de batik com guizos pendurados na barra. Até tingiu as pontas das tranças de um tom escuro de roxo.

– Foi cancelado – diz Daneca, virando para nós. Está praticamente gritando. – Dá pra acreditar? Northcutt só se preocupa em agradar os filhos de quem doa dinheiro pra esta escola! Não é justo! Ela já tinha autorizado.

– Não foi só a administração – declara a Sra. Ramirez. – *Alunos* também desistiram de ir. Ninguém quer ser visto entrando no ônibus.

– Isso é ridículo – murmura Daneca. Mais alto, ela diz: – Poderíamos ter feito alguma coisa. Marcado o encontro em algum

outro lugar em vez de aqui.

– Sabe, alguns deles são mesmo mestres – digo. – Para eles, não é apenas uma causa. Suas vidas estão em jogo. Talvez tenham medo das verdadeiras consequências caso as pessoas descubram seu segredo.

Daneca me olha com raiva.

– Como *eles* acham que vão melhorar alguma coisa com essa atitude? – Ela claramente acha que *eles* significa *eu*.

– Talvez *eles* não achem.

– Me desculpem – diz Ramirez com um suspiro. – Sei que vocês estavam contando com isso.

– O que está acontecendo? – pergunta uma voz delicada atrás de nós. Eu me viro e vejo Lila, a mochila pendurada de lado no ombro. Ela está com um vestido amarelo e botas grandes e pesadas. Sinto um choque esquisito, como sempre acontece quando a vejo, como se uma corrente elétrica passasse pelo meu corpo.

– Nossa ida foi cancelada por causa de covardia administrativa – conta Sam.

– Ah. – Lila olha para as botas e chuta um monte de terra. Depois olha para a frente. – Bem, será que nós quatro ainda podemos ir?

Daneca olha para ela por algum tempo, depois se vira para Ramirez:

– Sim! Ela está certa. Já entregamos a autorização, então nossos pais já concordaram em nos deixar ir.

– Em um passeio supervisionado da escola – diz Ramirez em protesto.

– Somos *veteranos* – lembra Daneca. – Temos permissão dos nossos pais. Northcutt não pode nos impedir.

– Não me lembro de o Sr. Sharpe entregar a autorização.

– Ops – digo. – Deixei no quarto. Vou correndo buscar.

Ramirez suspira.

– Tudo bem. Me entregue o formulário, Cassel, e os quatro podem ir para a manifestação. Mas quero a palavra de vocês de que estarão de volta para as aulas.

– Estaremos – promete Lila.

Depois de um toque de falsificação da minha parte, seguimos para o rabeção Cadillac Superior vintage 1978 de Sam. Lila para e lê o adesivo no para-choque.

– Esse troço realmente é movido a óleo vegetal? – pergunta ela.

O sol da tarde queima o asfalto do estacionamento, fazendo o calor irradiar dali. Eu limpo a testa e tento não pensar no suor que brilha na clavícula de Lila.

Sam sorri com orgulho e bate no capô.

– Não foi fácil encontrar o rabeção a diesel pra converter, mas consegui.

– Tem cheiro de batata frita – diz Daneca, entrando no carro. – Mas você se acostuma.

– Batata frita é uma delícia – diz Sam.

Lila entra no banco de trás, que é adaptado (foi retirado de um Cadillac normal e instalado por Sam), e eu entro depois.

– Obrigada por virem – diz Daneca. Ela olha em minha direção. – Sei que você não quer ir, então saiba que estou mesmo muito agradecida.

– Não é que eu não queira – digo e respiro fundo, pensando na minha mãe no comício de Patton. – É que não gosto muito de política.

Daneca se vira no banco para me olhar, incrédula.

– Ah, é? – Ela não parece estar com raiva, mas sim achar engraçado.

– Deathwörk vai tocar mais tarde – diz Sam, guiando o rabeção para fora do estacionamento enquanto leva o assunto para longe de mim. – Provavelmente vamos chegar lá a tempo de ver o Bare Knuckles.

– *Bandas?* É sério? Eu estava imaginando menos diversão e mais passeatas com cartazes – digo.

Daneca sorri.

– Não se preocupe, vai haver muitos cartazes. A passeata passa pela prefeitura no Lincoln Park, onde as bandas vão tocar. Vai haver discursos também.

– Que bom – falo. – Eu odiaria pensar que estamos abrindo mão de valiosas horas de estudo por qualquer coisa menos do que...

Lila ri, encostando a cabeça no banco.

– O quê? – pergunto.

– Não sei – diz Lila. – Você tem amigos legais. – Ela encosta de leve no meu ombro com as pontas dos dedos enluvados.

Um tremor surge na base da minha coluna. Por um momento, eu me lembro da sensação de suas mãos nuas na minha pele.

Estamos só nós quatro no carro, e, embora o plano seja ir ao cinema amanhã, tenho que me esforçar muito para me convencer de que isso não é um encontro de casais.

– Isso *mesmo* – diz Sam. – Você conhece nosso Cassel desde sempre. Tem algum podre pra contar?

Ela olha para mim com malícia.

– Quando ele era criança, era nanico. Por volta dos treze anos, cresceu e ficou do tamanho de um poste.

Dou um sorriso.

– E você continuou nanica.

– Ele amava livros de terror baratos e, quando começava um, lia até o final não importa o que acontecesse. Às vezes o avô dele entrava no quarto e apagava a luz quando ficava muito tarde, então Cassel saía pela janela e lia sob a luz do poste de rua. Eu ia até a casa dele de manhã e o encontrava dormindo no gramado.

– Aaaahhhh – diz Daneca.

Eu faço um som grosseiro, acompanhado de um gesto igualmente grosseiro.

– Uma vez, em uma feira em Ocean City, ele comeu tanto algodão-doce que vomitou.

– Quem nunca? – digo.

– Ele fez uma maratona de filmes em preto e branco e depois passou a usar um chapéu de feltro. – Ela ergue as sobrancelhas, me desafiando a contradizê-la. – Por um *mês*. Em pleno verão.

Dou uma gargalhada.

– Um chapéu de feltro? – pergunta Sam.

Eu me lembro de ficar sentado no porão durante horas e horas, assistindo a um filme atrás do outro com mulheres de vozes roucas e homens em ternos elegantes com bebidas nas mãos. Quando os pais de Lila se divorciaram, ela foi para Paris com o pai e voltou

fumando Gitanes e contornando os olhos com lápis preto esfumado. Era como se tivesse saído de um filme no qual eu queria estar.

Eu a vejo agora, a rigidez de seu corpo quando se afasta deliberadamente de mim, encostando a bochecha na janela. Ela parece cansada.

Em Carney, naquela época, eu não me incomodava de me misturar. Eu não ficava tentando blefar o tempo todo para parecer um cara melhor. Não tinha segredos que vivia desesperado para esconder. E Lila era corajosa, confiante e completamente imbatível.

Eu me pergunto o que o garoto que eu era naquela época acharia das pessoas que nos tornamos.

Os policiais formam bloqueios em grupo longe de onde a passeata vai acontecer. A rua está cheia de cones de trânsito, brilhando com chamas alaranjadas cintilantes. Há pessoas também, mais do que eu esperava, e um som distante que promete ainda mais.

– Não tem lugar para estacionar – reclama Sam, dando a volta no mesmo quarteirão pela terceira vez.

Daneca mexe no celular enquanto seguimos lentamente uma fileira de carros.

– Vire à esquerda quando puder – diz ela depois de alguns minutos. – Tenho um aplicativo que diz que tem um edifício-garagem a algumas quadras daqui.

Os dois primeiros pelos quais passamos estão lotados, mas então vemos carros parados no canteiro central e ao longo das calçadas. Sam para o rabeção em um trecho gramado e desliga o motor.

– Rebelde – digo.

Daneca dá um sorriso largo e abre a porta.

– Vejam todas essas pessoas!

Lila e eu saímos, e nós quatro seguimos na direção da maioria.

– Dá a sensação de que tudo pode mudar, sabe? – comenta Daneca.

– Tudo *vai* mudar – afirma Sam, me surpreendendo.

Daneca vira e olha para ele. Percebo que também está surpresa.

– Bem, vai mesmo – diz ele. – De um jeito ou de outro.

Acho que ele está certo. Ou a proposição nº 2 vai ser rejeitada e os mestres vão começar a se rebelar ou vai ser aprovada e os outros estados vão se animar para tentar o mesmo truque.

– Mudar é o que as pessoas fazem quando não têm mais opções – declara Lila enigmaticamente.

Tento chamar sua atenção, mas ela está ocupada demais observando a multidão.

Seguimos andando por mais alguns quarteirões e começamos a ver cartazes.

NÃO SOMOS UMA MALDIÇÃO, diz um.

Eu me pergunto que tipo de slogans havia na reunião de imprensa para a qual minha mãe foi.

Um grupo de jovens está sentado nos degraus de um banco Fidelity. Um deles joga uma garrafa de cerveja na direção dos manifestantes. Ela quebra, e o vidro e a espuma fazem todos ao redor começarem a gritar.

Um homem com uma barba tão grande que chega a cobrir a camiseta pula no capô de um carro e grita mais alto do que todos:

– Abaixo a proposição nº 2! Fora Patton!

Um policial em frente a uma mercearia pega o rádio e começa a falar depressa. Ele parece perturbado.

– Acho que o parque é por aqui – diz Daneca, apontando na tela do celular para uma rua lateral. Acho que ela não reparou nas outras coisas.

Algumas quadras depois, a multidão começa a ficar tão densa que me sinto engolido. Somos uma veia levando sangue ao coração, uma fornalha de calor corporal aquecido pelo sol, um rebanho se dirigindo rapidamente para um penhasco.

Vejo cada vez mais cartazes.

TIREM AS MÃOS DOS NOSSOS DIREITOS.

EXAMINAR TODO MUNDO/NÃO CONFIAR EM NINGUÉM.

ISSO NÃO ESTÁ DANDO CERTO.

– Quantas pessoas estimaram que haveria aqui hoje? – grita Lila.

– Vinte mil, talvez cinquenta, no máximo – grita Daneca em resposta.

Lila olha para o ponto onde nossa rua cruza com a Broad, lugar da manifestação principal. Não conseguimos ver muito longe, mas a barreira de ruídos (slogans gritados em megafones, tambores, sirenes) é quase ensurdecedora.

– Acho que esse número está bem abaixo da realidade.

Conforme nos aproximamos, fica mais fácil entender o motivo. Não preciso mais imaginar o que diziam os cartazes das pessoas a favor de Patton. Elas estão em peso na manifestação.

ASSASSINOS E MANIPULADORES, FORA DO MEU ESTADO, diz um cartaz.

CHEGA DE HGB.

O QUE VOCÊS TÊM A ESCONDER?

E, por fim, simplesmente *PEGAMOS VOCÊS*, com um círculo desenhado simbolizando um alvo. Esse está na mão de uma mulher idosa com cabelo ruivo encaracolado e batom rosa-shocking.

Ela posicionou-se em pé nos degraus da prefeitura, a cúpula dourada do prédio brilhando acima de sua cabeça.

Conforme observo a multidão que apoia a proposição nº 2, vejo um rosto familiar ao fundo. A amante de Janssen. Ela está com o cabelo escuro preso em um rabo de cavalo e os óculos de sol no alto da cabeça. Sem nenhum poodle hoje.

Ando mais devagar para tentar ter certeza de que estou mesmo vendo o que acho que estou vendo.

Ela está recebendo dinheiro de alguém, os dois estão parados perto da janela de vidro de um restaurante.

A multidão continua se movendo ao meu redor, me levando junto. O ombro de alguém esbarra no meu braço. É um cara um pouco mais velho do que eu tirando fotos.

– Pra quem você está olhando? – pergunta Lila, esticando o pescoço.

– Está vendo aquela mulher perto da janela? – pergunto, tentando abrir caminho na multidão. – De rabo de cavalo. Ela contratou o assassinato de Janssen.

– Eu a conheço. Ela trabalhava para ele – diz Lila, me seguindo.

– O quê? – Paro tão repentinamente que o homem atrás de mim se choca contra minhas costas. Ele resmunga. – Me desculpe – digo,

mas ele só me olha de cara feia.

Daneca e Sam estão à nossa frente na multidão. Quero gritar para que diminuam o ritmo, mas é impossível que eles ouçam.

A mulher se afasta da manifestação. Na velocidade em que me desloco, nunca vou alcançá-la.

– Achei que era namorada dele – falo para Lila.

– Talvez, mas também trabalhava pra ele – diz ela. – Providenciando compradores. Magnatas. Gente com dinheiro suficiente para comprar doses regulares de emoção arrebatadora, o tipo de felicidade plena que te joga direto em uma depressão profunda se você parar. Ou eles compram sorte de meia dúzia de mestres diferentes de uma só vez. Usar muita sorte junta pode fazer grandes coisas mudarem.

– Ela conhecia Philip? – pergunto.

– Você disse que ela encomendou o assassinato.

A amante de Janssen desaparece no meio das pessoas. Não estamos indo rápido o bastante para segui-la. Daneca e Sam também sumiram. Estão em algum ponto à nossa frente, na Broad Street, eu sei, mas não consigo vê-los em lugar algum.

Seco a testa com a beirada da camisa branca.

– Que droga.

Lila ri e aponta para o grande cartaz balançando acima de nós, ao vento. Está coberto de purpurina e diz: MÃOS NUAS, CORAÇÕES PUROS.

– Antes de Wallingford, eu nunca tinha encontrado tantas pessoas que não fossem mestres. Nunca sei o que pensar delas.

– Só eu – digo. – Eu era o não mestre que você conhecia.

Ela me olha por um instante, e percebo, é claro, que deixou de fora a coisa mais crítica quando falou sobre meu passado no carro.

Naquela época, eu era inferior a ela.

Mesmo nunca tendo dito isso para mim, mesmo não agindo como se soubesse fazer algo importante, todo mundo repetia isso vezes o bastante para não me deixar esquecer. Ela era mestra; eu era parte do mundo de alvos que existiam para serem manipulados.

Vejo outro cartaz na multidão: O PODER CORROMPE A TODOS.

– Lila... – começo a dizer.

Nesse momento, uma garota andando bem na nossa frente tira as luvas. E ergue as mãos. Elas estão pálidas e enrugadas por terem estado envoltas no tecido de couro naquele calor.

Eu fico olhando. Não vi muitas mãos femininas nuas na minha vida. É difícil não ficar olhando.

– Mãos nuas, corações puros! – grita a garota.

Ao lado dela, vejo algumas outras pessoas tirando as luvas com sorrisos maliciosos. Uma joga um par para o alto.

Meus dedos anseiam por liberdade. Imagino como seria sentir a brisa nas palmas das mãos.

A mistura de calor e rebelião se espalha como uma onda entre a multidão, e de repente dedos nus balançam ao ar. Estamos andando sobre as luvas abandonadas.

– Cassel! – grita alguém, e vejo Sam. Ele conseguiu parar junto com Daneca entre dois carros estacionados, fora do fluxo da passeata. O rosto dela está vermelho por causa do calor. Ela está sem luvas e acena para nós irmos até lá.

Suas mãos são pálidas, com dedos longos.

Empurramos a multidão até chegarmos a eles. Estamos quase lá quando ouvimos o som de um megafone de algum lugar na nossa frente.

– Todos devem cobrir as mãos imediatamente – diz uma voz metálica. Uma sirene toca. – Aqui é a polícia. Cubram as mãos imediatamente.

Daneca parece horrorizada, como se estivessem falando diretamente com ela.

Tecnicamente, não há nada de ilegal em mãos nuas. Assim como não há nada de ilegal em uma faca de cozinha afiada. Mas quando você balança uma no alto, a polícia não gosta. E quando você aponta para alguma coisa é a hora em que as algemas aparecem.

– Me levante – diz Lila.

– O quê?

Ao nosso redor, as pessoas estão debochando. Mas há outro som, mais distante, um rugido de motores e gritos que não carregam mais palavras.

Um helicóptero da imprensa sobrevoa o local.

– Para cima – diz ela com um sorriso, apontando para o alto. – Quero ver o que está acontecendo.

Coloco os braços ao redor de sua cintura e a levanto. Ela é leve. Sua pele é macia contra a minha, e o cheiro é de suor e grama esmagada.

Eu a coloco sobre o capô do carro ao lado de onde Sam está.

– Tem um bando de policiais – diz ela, descendo. – Com equipamento de choque. Temos que sair daqui.

Faço que sim com a cabeça uma única vez. Criminosos como nós são bons em fugir.

– Não estamos fazendo nada ilegal – diz Daneca, mas ela não parece segura. Ao nosso redor, a multidão também sente. As pessoas não estão mais indo na mesma direção. Elas começam a se espalhar.

– Para dentro – falo. – Se conseguirmos entrar em um dos prédios, podemos esperar o que quer que vá acontecer em segurança.

Porém, assim que seguimos para a porta mais próxima alguns policiais, com os rostos cobertos por capacetes, começam a se espalhar pela calçada.

– Para o chão! – ordenam.

Eles se espalham, empurrando os manifestantes que hesitam. Uma garota tenta argumentar, e um policial bate na perna dela com um cassetete. Outra garota leva um spray de pimenta no rosto. Ela cai no chão, com as mãos nos olhos.

Lila e eu nos abaixamos no asfalto imediatamente.

– O que está acontecendo? – diz Sam, se ajoelhando também. Daneca se agacha ao lado dele.

– Pra baixo do carro – diz Lila, se arrastando com os cotovelos no chão.

É um bom plano. Ainda podemos ser presos, mas pelo menos vai demorar um pouco mais.

A última vez que estive na prisão foi para visitar mamãe. Prisões são lugares onde as pessoas moram. São desumanas, mas possuem coisas como mesas, refeitórios e salas de exercício.

Isto aqui é diferente. Isto é a cadeia.

Eles pegam nossas carteiras, celulares e bolsas. Nem se dão o trabalho de tirar nossas digitais. Apenas perguntam nossos nomes e nos levam para as celas. As garotas vão para uma, os garotos, para a do lado. E assim por diante, ao longo de um corredor comprido e barulhento.

Tem alguns bancos, uma pia e uma privada nojenta. Tudo ocupado.

Daneca tenta dizer para eles que somos menores, mas os policiais não prestam atenção. Eles simplesmente nos trancam.

Sam está parado perto de mim, a cabeça encostada nas grades e os olhos fechados. Daneca encontrou um lugar em um dos bancos e está sentada, o rosto marcado de lágrimas. Eles a fizeram cobrir as mãos antes de nos jogarem no camburão e, como ela não conseguiu encontrar uma das luvas, amarraram um saco no braço dela até o cotovelo. Ela o segura contra o corpo agora.

Lila anda de um lado para outro.

– Lila – chamo, e ela se vira com os dentes à mostra e as mãos em minha direção por entre as grades.

– Ei – digo, segurando o pulso dela.

Ela parece tão surpresa que me pergunto se, por um momento, esqueceu que era humana.

– Vamos ficar bem – falo. – Vamos sair daqui.

Ela assente, constrangida agora, mas sua respiração ainda está acelerada.

– Que horas você acha que são?

Chegamos à manifestação por volta de quatro e meia da tarde, mas nem conseguimos chegar ao parque.

– Talvez umas sete – respondo.

– Ainda está cedo. Meu Deus, eu me sinto péssima.

Ela se afasta de mim, passando a mão enluvada pelo cabelo.

– Você está ótima – digo.

Ela dá uma risadinha de desdém.

Olho ao redor, para os rostos desesperados. Aposto que nenhum deles viu o interior de uma cadeia antes. Aposto que ninguém ali tem algum familiar que já foi preso.

- Já pensou no futuro? – pergunto, tentando distraí-la.
- Você quer dizer um futuro no qual não estejamos presos?
- Depois da formatura. Depois de Wallingford.

Isso tem passado muito pela minha cabeça ultimamente.

Ela dá de ombros e apoia o rosto em uma barra de metal.

– Não sei. Papai me levou para Vieques no verão passado. Ficávamos deitados na praia ou íamos nadar. Tudo é mais intenso e mais azul lá, sabe? Eu gostaria de voltar. Absorver aquilo tudo. Estou cansada de ficar trancada em lugares escuros.

Penso nela trancada por Barron naquela gaiola horrível durante meses e meses. Em um dos meus momentos mais sombrios no verão passado, pesquisei os efeitos do confinamento solitário em prisioneiros. Depressão, desespero, ansiedade incapacitante, alucinações.

Não consigo imaginar como deve ser ficar em uma gaiola de novo.

– Nunca saí do país – falo. Quem quero enganar? Eu nunca nem andei de avião.

– Você poderia ir comigo – diz ela.

– Se ainda me quiser por perto depois da formatura, sou seu – declaro, tentando fazer minha promessa parecer um pouco mais casual. – Então é isso? Você só vai ficar deitada em uma praia?

– Até papai precisar de mim – diz ela. A respiração está mais estável agora, e os olhos menos arregalados e selvagens. – Eu sempre soube o que ia ser quando crescer.

– O negócio familiar – falo. – Já pensou em fazer outra coisa?

– Não – responde ela, mas há algo em sua voz que me deixa em dúvida. – É a única coisa em que sou boa. Além do mais, sou uma Zacharov.

Penso nas coisas em que sou bom. E na Sra. Vanderveer, minha orientadora. *O futuro vai chegar mais rápido do que você imagina.*

Ficamos na cela pelo que estimamos ser mais uma hora até um policial entrar, um que não tínhamos visto antes. Ele traz uma prancheta.

Todos começam a gritar ao mesmo tempo. Exigem ver advogados. Protestam que são inocentes. Ameaçam com processos.

O policial espera o furor se acalmar e fala:

– Preciso que as seguintes pessoas venham até a grade e coloquem as mãos juntas na frente do corpo com os dedos entrelaçados. Samuel Yu, Daneca Wasserman e Lila Zacharov.

As celas rompem em gritos novamente. Daneca se levanta do banco. Sam faz o mesmo e vai até a grade, se virando para mim e arregalando os olhos, perplexo. Depois de alguns momentos, a gritaria acaba.

Espero que ele me chame em seguida, mas parece não haver mais nomes na prancheta.

Lila dá um passo à frente, mas hesita.

– Vá – digo para ela.

– Temos um amigo conosco – diz ela para o policial, olhando em minha direção.

– Cassel Sharpe – completa Sam. – É o nome dele. Talvez você não tenha reparado?

– É tudo minha culpa... – diz Daneca.

– Fiquem quietos, olhem diretamente para a frente e fiquem com as mãos unidas na frente do corpo – berra o policial. – Todas as outras pessoas, deem três passos para trás da porta. Agora!

Eles são algemados e levados para fora, todos os três viram a cabeça em minha direção enquanto tento pensar em explicações para eles serem chamados e eu não. Talvez os pais deles estejam lá e os meus não tenham sido encontrados. Talvez fossem apenas grupos aleatórios de três sendo levados para tirar as digitais. Ainda estou tentando me convencer quando o agente Jones caminha lentamente até a cela.

– Ah – digo.

– Cassel Sharpe. – Um pequeno sorriso faz o canto dos lábios dele se erguer. – Por favor, ande até a grade com as mãos unidas à sua frente.

Eu obedeco.

Jones me leva com rispidez até outro corredor, onde é preciso fazer uso de um cartão magnético para entrar. Não há celas, só paredes brancas e portas sem visores.

– Emitimos um alerta em seu nome, Cassel. Imagine minha surpresa quando vi que você estava preso em Newark.

Tento engolir a saliva, nervoso. Minha garganta está seca.

– Já conseguiu aquela informação pra mim? – O hálito dele tem cheiro de café velho e cigarro.

– Ainda não – falo.

– A passeata foi boa? – pergunta ele. – Se exercitou bastante fugindo da lei? Um garoto em crescimento precisa de exercício.

– Rá-rá – debocho.

Ele sorri como se realmente estivéssemos nos divertindo.

– Deixe-me dizer como serão as coisas. Eu vou lhe dar duas opções, e você vai escolher a certa.

Faço um movimento afirmativo com a cabeça para mostrar que estou ouvindo, embora tenha certeza de que não vou gostar do que vem a seguir.

– A algumas portas daqui estão Lila Zacharov e os outros dois que vieram com você. Você e eu podemos ir até lá, e vou explicar que qualquer amigo de Cassel está livre. Em seguida, vou soltá-los. Talvez até peça desculpas.

Meus ombros se contraem.

– Eles vão pensar que estou trabalhando pra você.

– Ah, sim – diz ele. – Com certeza.

– Se Lila achar que estou trabalhando pros federais e contar pro pai dela, não vou poder descobrir nada pra você. Serei inútil. – Estou falando rápido demais. Ele percebe que está me afetando. Se o boato de que estou trabalhando para a polícia se espalhar, minha própria mãe não vai querer ser vista comigo.

– Talvez eu não o considere mais tão útil assim. – Jones dá de ombros. – Talvez, se formos seus únicos amigos, você veja as coisas de uma forma diferente.

Eu respiro fundo.

– Qual é minha segunda opção?

– Me diga que até o final da semana que vem você terá uma pista pra mim. Que vai descobrir alguma coisa sobre a assassina misteriosa. Alguma coisa útil. Chega de desculpas.

Eu concordo.

– Pode deixar.

Ele bate com força a mão enluvada em meu ombro.

– Eu falei que você faria a escolha certa.

Logo depois ele me leva até a mesma sala que os outros.

Daneca, que estava sentada no chão, fica de pé e me abraça. Ela cheira a patchouli. Seus olhos estão vermelhos.

– Me desculpe – diz ela. – Você deve estar tão zangado comigo. Mas não vamos concordar com isso. Não se preocupe. Nós jamais...

– Ninguém está zangado – digo e olho para Sam e Lila para ver se eles podem explicar o que ela estava dizendo.

– Disseram que podíamos ir embora – conta Sam, e faz uma pausa – se nos voluntariássemos a fazer exames.

– Exames? – Naquele momento, sinto vontade de matar Jones. É claro que ele acrescentou algum detalhe idiota.

– O exame hiperbatogâmico – diz Lila baixinho. Ela parece cansada.

Soco a parede, o que machuca minha mão.

– Não vamos fazer, Cassel – fala Daneca.

– Não – retruco. – Não. Vocês deveriam fazer. Os dois. Depois, podem buscar ajuda para nós quando saírem.

Não tenho dúvida de que os advogados de Zacharov vão tirar Lila da cadeia em questão de minutos. E eu? Bem, vovô vai demorar um pouco mais, mas, se os federais querem que eu fareje pistas para eles, vão ter que colaborar.

– Mas eles vão saber que vocês dois... – começa a dizer Sam.

– Essa é a beleza do exame – comenta Lila. – As únicas pessoas que têm medo de fazê-lo são as que têm algo a esconder.

– É ilegal nos obrigarem – argumenta Daneca, balançando a cabeça. – Estamos sendo mantidos aqui contra a lei. Não fomos fichados nem ouvimos nossos direitos. Não cometemos nenhum crime. É um caso claro do governo explorando o poder em favor de sua própria pauta antimestres.

– Você acha? – Eu me sento no chão ao lado de Lila. Mas, apesar de minha resposta petulante, é impossível não ficar impressionado com Daneca. Ela nunca esteve envolvida em confusão antes e, mesmo na *cadeia*, se importa com o que é certo.

– Você está tremendo – observa Lila baixinho, colocando a mão enluvada no meu braço.

Estou surpreso. Olho para minhas mãos como se não lembrasse mais a quem elas pertencem. As dobras dos dedos da minha luva esquerda estão desgastadas por causa daquele soco. Desgastadas e trêmulas.

– Sam – digo, tentando me acalmar. – Pelo menos você não precisa ficar.

Sam olha para mim e se vira para Daneca.

– Sei que quer fazer a coisa certa, mas se não concordarmos com o exame, o que vai acontecer? – Ele baixa a voz. – E se pararem de perguntar?

– E se não nos deixarem sair mesmo depois de fazerem o exame? – sugere Daneca. – Eu não vou me submeter a isso. É contra absolutamente tudo em que acredito.

– Você acha que não sei que é errado? – pergunta Sam. – Acha que não percebo que é injusto? Que é uma droga?

Não quero que eles briguem. Não por causa disso.

– Esqueçam – falo em voz alta, tentando fazer parecer que sei o que estou dizendo. – Vamos apenas esperar. Vão nos deixar sair em breve. Eles têm que fazer isso. Como Daneca disse, nem nos ficharam. Vamos ficar bem.

Caímos em um silêncio apreensivo.

Uma hora depois, quando o pânico começa a me corroer por dentro e estou pronto para admitir que estou errado e que vão nos deixar apodrecer ali, quando estou prestes a bater na porta e implorar para falar com o agente Jones, um policial entra e diz que estamos livres. Sem explicações. Simplesmente somos levados até a porta.

O carro está como o deixamos, exceto pelo retrovisor quebrado do lado do motorista.

Chegamos em Wallingford por volta das dez da noite. Quando atravessamos a praça, tenho a estranha sensação de que passamos dias fora em vez de apenas algumas horas. Estamos muito atrasados para o horário de estudo, mas não para a verificação nos quartos.

– Soube que Ramirez deixou vocês irem para aquela manifestação – conta o Sr. Pascoli, olhando desconfiado para mim. – Como foi?

– Decidimos ir até a praia em vez de ir pra lá – diz Sam. – Ainda bem. Ouvei dizer que a passeata virou uma confusão. – As bochechas dele ficam vermelhas conforme ele fala, como se estivesse envergonhado por mentir.

Ele não toca mais no assunto.

Quando chega a hora do apagar das luzes, parece que nada aconteceu.

Na sexta à tarde, estou sentado no fundo da sala de física, olhando para o teste à minha frente. Eu me concentro no problema da garota que brinca em um balanço e utiliza as pernas para potencializar seu movimento. Não tenho certeza se é um exemplo de ressonância, de transmissão de ondas ou alguma outra coisa que esqueci. A única certeza que tenho é a de que vou me sair mal no teste.

Estou preenchendo uma daquelas bolinhas de múltipla escolha, fazendo círculos com o lápis sem parar, quando Megan Tilman grita. O lápis escorrega pelo papel, riscando uma linha de grafite.

– Srta. Tilman – diz a Dra. Jonahdab, erguendo o olhar. – Qual é o problema?

Megan esfrega a mão contra o peito e olha para Daneca, que está na carteira ao lado.

– Meu amuleto de sorte quebrou. Partiu ao meio.

Suspiros de surpresa se espalham pela sala.

– Você me enfeitiçou, não foi? – questiona Megan.

– Eu? – pergunta Daneca, olhando como se a menina tivesse enlouquecido.

– Quando sentiu o amuleto quebrar? – pergunta a Dra. Jonahdab.

– Tem certeza de que quebrou agora?

Megan sacode a cabeça.

– Não sei. Eu simplesmente... fui segurá-lo, e só havia metade presa à corrente. Quando me mexi, o outro pedaço caiu na carteira. Devia estar preso no meu agasalho.

Sim, ela diz mesmo “agasalho”, como se fosse a avó de alguém.

– Às vezes as pedras simplesmente quebram – diz a Dra. Jonahdab. – São frágeis. Ninguém *tocou* em você, Megan. Todo mundo aqui está de luvas.

– Ela está no vídeo daquele encontro de mestres – argumenta Megan, apontando para Daneca. – E está sentada bem do meu lado. Deve ter sido ela.

Eu fico esperando Daneca começar um sermão. Acho que durante todo esse tempo que a conheço ela vem esperando por uma chance de soltar o verbo em cima de algum idiota, principalmente depois de ontem. Mas ela só afunda na cadeira com o rosto corado. Lágrimas brilham em seus olhos.

– Não sou mestra – diz baixinho.

– Então por que frequenta essas reuniões? – interroga uma das outras garotas.

– Hibiguibi. – Alguém finge tossir.

Encaro Daneca, esperando que ela fale. Que diga para Megan que uma pessoa decente se importa com as outras, não só com ela mesma. Que explique sobre a questão dos mestres e cale a boca de todo mundo. Que ela repita todas as coisas justas que diz para mim e para Sam. Todas as coisas que disse até mesmo na cadeia. Abro a boca, mas na minha cabeça o sermão se enrola. Não consigo me lembrar dos slogans. Não sei como falar dos direitos dos mestres.

Além do mais, por alguma razão, isso parece a última coisa que Daneca quer que eu faça.

Eu me viro para a Dra. Jonahdab, mas ela está olhando de Daneca para Megan, como se fosse conseguir perceber a verdade se observar bem. Alguma coisa tem que despertá-la. Eu me inclino para o sujeito na carteira ao lado da minha, Harvey Silverman, e digo:

– Ei, que solução você encontrou pro problema três? – falo alto o bastante para que minha voz chegue até a frente da sala.

Daneca se vira em minha direção. Ela balança levemente a cabeça, em aviso.

Harvey olha para o papel, e a Dra. Jonahdab parece sair do transe.

– Ok, pessoal, chega de falar! Estamos no meio de uma prova. Megan, você pode trazer seu material e fazer o resto na minha mesa. Depois, vamos para a sala da direção juntas.

– Não consigo me concentrar – diz Megan, ficando de pé. – Não com ela aqui.

– Então você pode ir para a direção agora. – A Dra. Jonahdab escreve alguma coisa em um pedaço de papel e arranca a folha do bloco. Megan pega a bolsa e o papel, mas deixa todos os livros para trás ao sair.

Assim que o sinal toca, Daneca corre para a porta, mas a Dra. Jonahdab a chama de volta.

– Srta. Wasserman, sei que vão querer conversar com você.

Daneca enfia a mão na bolsa.

– Vou ligar pra minha mãe. Não vou...

– Olhe, sabemos que você não fez nada de errado... – Ela para de falar quando repara em mim perto da porta, esperando. – Posso ajudá-lo, Sr. Sharpe?

– Não – digo. – Eu só estava... Não.

Daneca me dirige um sorriso trêmulo quando saio.

No caminho para a aula de francês, passo por um dos quadros de aviso. Ele está coberto de pôsteres de utilidade pública que vemos nas revistas, do tipo que diz: PREFIRO FICAR NU A FICAR SEM LUVAS. Ou: SÓ PORQUE TODO MUNDO ESTÁ FAZENDO, NÃO QUER DIZER QUE É LEGAL. CONTRATAR MESTRES DA MALDIÇÃO É CRIME. Ou simplesmente SEM LUVA, SEM AMOR. Só que os rostos dos modelos foram substituídos por imagens pixeladas do vídeo. Fotos que a secretária da escola está desesperadamente tentando arrancar.

Quando chego à aula de francês, a notícia do que aconteceu com Megan se espalhou por toda a escola.

– Daneca a enfeitou com azar, pra que ela fosse mal na prova – diz alguém quando eu passo. – É assim que ela mantém sua média sempre alta. Provavelmente tem feito isso com todos nós há anos.

– E Ramirez sabia. É por isso que vai embora.

Eu me viro de repente.

– O quê?

Quem estava falando era Courtney Ramos. Ela arregala os olhos. Estava passando gloss nos lábios, e o pincel fica parado no ar, como se ela estivesse paralisada.

– O que você disse? – grito. As pessoas no corredor se viram em nossa direção.

– A Sra. Ramirez pediu demissão – diz Courtney. – Ouvi quando estava na direção esperando meu orientador.

Ramirez, que permitiu que fôssemos à manifestação. Que era a única disposta a cuidar do HEX para que Daneca pudesse organizar o grupo no campus dois anos atrás. Que não merece levar a culpa por nossa causa. O Sr. Knight exhibe as partes íntimas na aula, mas fica. Ramirez vai embora.

Eu seguro o ombro de Courtney.

– Não pode ser verdade. Por que seria verdade?

Ela se solta.

– Me largue. Tem alguma coisa muito errada com você, cara. Sabia disso?

Eu me afasto dela e saio andando em direção à sala de música de Ramirez. Percorro a metade do campus antes de avistá-la no estacionamento dos professores, enfiando uma caixa de papelão no porta-malas do carro. A Sra. Carter está com ela, segurando uma caixa de leite debaixo do braço.

Ramirez olha para mim e fecha o porta-malas com uma determinação que me impede de andar até ela.

Todo mundo sabe que “pediu demissão” é uma forma elegante de dizer “foi demitida”.

Parece completamente surreal levar Lila ao cinema. Nós dois temos, guardados em arquivo, bilhetes de nossos pais nos autorizando a sair na sexta-feira para passar o fim de semana fora, então podemos simplesmente entrar no meu carro e encontrar Sam e Daneca no cinema.

Ela entra no lado do passageiro. Está usando longos brincos prateados que ficam pendurados como adagas e um vestido branco que sobe pelas coxas quando ela se senta. Tento não reparar. Ok, tento não ficar olhando porque isso me faria bater o carro e matar nós dois.

– Então é isso que o pessoal de Wallingford faz quando sai? – pergunta Lila.

– Ah, fala sério – digo, rindo. – Você só esteve fora por três anos, não é uma viajante do tempo. Sabe o que é um encontro.

Ela bate no meu braço. Dói, e eu sorrio.

– Não, estou falando sério – diz ela. – É tudo muito adequado. Como, por exemplo, irmos namorar no carro mais tarde ou você me dar uma lembrança sua.

– Como era na sua antiga escola? Faziam orgias romanas?

Eu me pergunto se ela ainda vê algum dos amigos da escola chique de Manhattan. Eu me lembro deles do aniversário de catorze anos dela, cheios de uma superioridade radiante. Adolescentes mestres e ricos, prestes a dominar o mundo.

– Havia muitas festas. As pessoas ficavam às vezes. Ninguém era exclusivo de ninguém. – Ela dá de ombros e olha para mim através dos cílios claros. – Mas não se preocupe. Eu me divirto com seus hábitos exóticos.

– Graças a Deus – falo, tocando o coração.

Sam e Daneca estão esperando por nós na bomboniere, discutindo se alcaçuz vermelho é ou não é mais nojento do que alcaçuz preto. Sam segura um enorme pote de pipoca brilhosa.

– Então, hum, quer alguma coisa? – pergunto a Lila.

– Você está se oferecendo pra comprar meu lanche do cinema? – indaga ela, satisfeita.

Sam ri, e olho para ele com a cara mais feia que consigo fazer.

– Raspadinha de cereja – responde Lila depressa, talvez sentindo que exagerou, e vai comigo até o balcão.

Observamos enquanto colorem o gelo de vermelho. Lila se encosta no meu ombro.

– Me desculpe por ser terrível – diz ela, mexendo a boca encostada na minha manga. – Estou muito nervosa.

– Achei que já tínhamos chegado à conclusão de que gosto quando você é terrível – comento baixinho, pegando as raspadinhas.

O sorriso dela é tão radiante quanto as luzes da marquise.

Em seguida, os ingressos são rasgados e entramos em uma sala que já exhibe os créditos iniciais. O cinema não está cheio nem nada, então nos sentamos no fundo.

Por uma decisão silenciosa, nenhum de nós menciona os eventos dos dias anteriores, nem a manifestação e a cadeia. A atmosfera fria

do cinema parece sólida e real, fazendo todo o resto parecer muito distante.

A invasão das aranhas gigantes é incrível. Sam fala durante o filme todo, explicando quais aranhas são bonecos e de que são feitas as teias. Não faço ideia de qual é a história, só sei que a crise da aranha gigante parece derivar de uma energia do espaço sideral. Cientistas se pegam. As aranhas morrem.

Até Daneca se diverte.

Depois, vamos a uma lanchonete e comemos sanduíches com batata frita acompanhados de infinitas xícaras de café preto. Sam nos mostra como usar ketchup, açúcar e molho inglês para fazer sangue falso com aparência bem realista. A garçonete não acha graça.

Lila me diz que posso deixá-la na estação de trem, mas eu a levo até Manhattan. E quando paramos em frente ao apartamento do pai dela na Park Avenue, cercados pelas luzes da cidade, ela se inclina para me dar um beijo de boa-noite.

Os lábios e a língua dela ainda estão manchados de vermelho-cereja.

CAPÍTULO DEZ

FICO NA CASA ANTIGA,

em meu velho quarto, rolando de um lado para outro na cama. Por mais que eu tente não pensar no cadáver que está no freezer dois andares abaixo, só consigo imaginar os olhos sem vida de Janssen me encarando através do piso, implorando silenciosamente para ser descoberto.

Ele merece um funeral melhor do que ser jogado num baú de gelo, independentemente do que fez na vida. E só Deus sabe o que eu mereço por jogá-lo ali dentro.

Como não consigo dormir mesmo, abro o arquivo que os federais me deram e espalho as páginas em cima do meu colchão. Encontro o nome da namorada de Janssen, Bethenny Thomas, e alguns detalhes sobre o depoimento dela naquela noite. Nada muito interessante. Eu a imagino empurrando um envelope de dinheiro contra o peito de Anton. E depois me imagino inclinado sobre Janssen, a mão nua indo em direção a ele, os dedos dobrando.

Eu me pergunto se fui a última coisa que ele viu, um garoto desajeitado com o cabelo mal cortado, com quinze anos na época.

Deito-me de costas e espalho os papéis. Nenhum deles importa. Eles não têm nada a ver com o assassino de Philip. Não é de admirar que os federais estejam confusos. Eles só querem saber o que Philip tinha de tão importante para contar, mas não há nada ali. Deve ser enlouquecedor chegar tão perto de resolver um mistério, só para ver outro ainda maior se formando. Qual era o grande segredo de Philip e quem o matou para protegê-lo?

A primeira parte é fácil. Eu sou o segredo.

Quem mataria para me proteger?

Penso na pessoa com o casaco grande e as luvas vermelhas. E depois penso mais um pouco.

Na manhã seguinte, desço e faço café, sem ter conseguido dormir quase nada. Em algum momento da noite coloquei na cabeça que o único modo de descobrir alguma coisa é começando a investigar.

Concluo que o melhor lugar para começar é a casa de Philip. A polícia pode já ter olhado lá, assim como os federais, mas eles não sabem o que procurar. É claro que eu também não sei, mas conheço Philip.

E tenho um prazo a cumprir.

Bebo o café, tomo banho, visto uma camiseta preta e um jeans cinza-escuro e sigo para o carro. Ele não liga. Abro o capô e observo o motor por alguns instantes, mas carros a diesel não são minha área de conhecimento.

Chuto os pneus e depois ligo para Sam.

O rabeção dele para na entrada de casa não muito tempo depois.

– O que você fez com ela? – pergunta Sam, acariciando o capô do meu carro e me lançando um olhar incriminador.

Ele está usando as roupas de fim de semana: uma camiseta com a foto de Eddie Munster, calça jeans preta e óculos de aviator espelhados. Não sei como os pais dele não veem que ele quer trabalhar com efeitos especiais de cinema.

Dou de ombros.

Ele mexe no motor por alguns minutos e diz que preciso substituir um dos fusíveis e provavelmente a bateria.

– Que ótimo – digo. – Mas tem uma coisa que preciso fazer hoje.

– O quê? – pergunta Sam.

– Solucionar um crime – respondo.

Ele inclina a cabeça, ponderando se deve ou não acreditar em mim.

– Sério?

Dou de ombros novamente.

– Provavelmente não. Que tal cometer um crime, então?

– Agora sim parece você falando – diz ele. – Tem algum específico em mente?

Dou uma risada.

– Invasão de propriedade particular. Mas é na casa do meu irmão. Então não é tão ruim, certo?

– Que irmão? – pergunta ele, olhando por cima dos óculos e erguendo uma das sobrancelhas. Parece o policial de uma série de TV ruim, e acho que foi essa a intenção.

– O morto.

Ele geme.

– Ah, para com isso! Por que não pegamos a chave com sua mãe? O apartamento dele não pertence a vocês de qualquer jeito? Os parentes mais próximos e tal?

Sento no banco do passageiro. O fato de ele estar pensando em uma forma mais fácil de entrar, para mim, é praticamente um sim.

– Acho que pertence à esposa dele, mas duvido que ela volte para reivindicá-lo.

Dou as coordenadas. Ele dirige, balançando a cabeça o tempo todo.

Philip morava em um complexo de apartamentos que parece ter sido construído nos anos 1970, bem diferente do elegante prédio de Bethenny, com porteiro e tudo. Quando paramos o carro, ouço o som distante de jazz em um rádio e sinto cheiro de alho frito. Sei que lá dentro os apartamentos são enormes.

– Vou esperar no carro – diz Sam, nervoso, e olha ao redor. – Cenas de crime me apavoram.

– Tudo bem. Não vou demorar. – Não posso culpá-lo.

Sei que há uma câmera de segurança por causa das fotos da mulher de luvas vermelhas. É fácil desligá-la no meu caminho até a porta.

Naquele momento, quando tiro um pedaço rígido de metal da mochila e me agacho em frente à maçaneta, meus nervos afloram. Não tenho certeza de que estou pronto para encarar o lar vazio do meu irmão. Respiro fundo algumas vezes e me concentro na fechadura. É uma Yale, o que significa que devo girá-la no sentido horário e que os pinos têm beiradas oblíquas. O trabalho familiar é uma distração bem-vinda dos meus pensamentos.

Arrombar fechaduras não é difícil, mas pode ser irritante. Normalmente você enfia uma chave no tambor, ela gira os pinos e pronto, a porta se abre. Quando você vai arrombar uma fechadura, a coisa mais fácil a fazer é friccionar os pinos até eles ficarem na

posição certa. Há técnicas mais sofisticadas, mas não sou o especialista que meu pai era.

Alguns minutos depois, estou dentro.

O apartamento de Philip cheira a comida podre quando abro a porta. A fita da polícia ainda está ali, mas se solta facilmente. Fora isso, o lugar só parece bagunçado. Há caixas de comida de restaurante, garrafas de cerveja. Coisas que um cara deprimido deixa espalhadas por aí quando não tem esposa e filho por perto para reclamar.

Quando Philip estava vivo, eu tinha medo dele. Sentia muita mágoa. Queria que sofresse tudo o que me fez sofrer. Olhando para sua sala, percebo pela primeira vez o quanto ele devia ser infeliz. Perdeu tudo. Maura fugiu com o filho; o melhor amigo dele, Anton, foi morto por nosso avô; e o único motivo de ele não ter sido assassinado pelo chefe da máfia para o qual trabalhava desde a adolescência era eu.

Pensei no quanto ele ficou orgulhoso quando recebeu as cicatrizes, o longo corte na pele da garganta que foi preenchido por cinzas até as queloides surgirem. Ele dizia que era seu segundo sorriso. Era uma marca que indicava que Philip pertencia aos Zacharov, o tornava um deles, um assassino. Ele andava por aí com o colarinho aberto, um andar sacolejante, sorrindo quando as pessoas atravessavam para o outro lado da rua. Mas também me lembro dele no banheiro da casa antiga, com lágrimas nos olhos ao levar uma navalha afiada contra a pele inchada e infeccionada para escurecer as cicatrizes com cinzas frescas.

Doía. Ele sentia dor, ainda que seja mais fácil para mim fingir que não.

O contorno do corpo dele foi desenhado com giz no tapete e há manchas marrons no tecido, de onde um pedaço foi removido para análise criminal, eu suponho.

Ando pelos quartos tentando ver o que está fora do lugar. Tudo e nada. Não tenho ideia do que Philip modificou antes de morrer (eu ia até lá vezes o bastante para saber onde as coisas geralmente ficavam, mas não o suficiente para memorizar os detalhes). Subo a escada e entro no escritório, que era basicamente um quarto extra

com uma cama e uma escrivaninha. O computador não está lá, mas concluo que os federais o levaram. Abro algumas gavetas, mas não tem nada mais interessante do que algumas canetas e um canivete.

O quarto de Philip está cheio de roupas que ele obviamente ia largando no chão conforme tirava e talvez ocasionalmente chutasse para formar uma pilha. Há pedaços de vidro quebrado perto do rodapé, incluindo o fundo irregular de um copo de uísque com um líquido marrom já seco lá dentro.

O armário está cheio de roupas limpas e não muito mais do que isso. Em uma das caixas de sapato, encontro espuma cortada no formato de uma arma, mas a arma não está lá. Há uma variedade de balas em outra caixa.

Tento pensar em quando éramos crianças, quando papai estava vivo. Não consigo me lembrar de nenhum dos esconderijos de Phil. Só de papai entrando no meu quarto para pegar...

Ah.

Entro no quarto do filho de Philip. A cama ainda está encostada em uma das paredes e coberta de bichos de pelúcia. As gavetas da cômoda estão abertas, embora algumas ainda tenham roupas dentro. Não sei se Maura deixou o quarto assim ou se foram os policiais revirando tudo.

A porta do armário está entreaberta. Carrego um banco em forma de cogumelo até lá e subo nele. Enfio a mão no local onde guardo minhas operações de apostas no quarto do alojamento, nas reentrâncias escuras do armário, acima da porta. Minha mão encosta em um pedaço de cartolina. Eu o arranco.

Foi pintado com o mesmo tom azul-claro da parede. É quase impossível de perceber só de olhar, mesmo com uma lanterna. Grudado atrás está um envelope pardo.

Levo tudo para fora do quarto, onde meus movimentos fizeram o móvel de barquinhos em cima da cama balançar. Os ursos observam com olhos vidrados enquanto abro o envelope e puxo uma pilha de papéis. O primeiro que vejo parece um contrato que dá a Philip Sharpe imunidade pelos crimes passados. É detalhado (tem muitas páginas), mas reconheço as assinaturas no verso. Jones e Hunt.

Mas, atrás disso, vejo três páginas da caligrafia curvilínea de Philip. É um relato sobre as costelas que ele quebrou para garantir que o recurso de mamãe fosse aprovado. Não sei o que significa encontrar isso aqui – se está com esses outros papéis porque não chegou a entregá-los para os federais ou se está aqui porque entregou.

Só sei que isso poderia fazer mamãe voltar para a cadeia.

Só sei que mamãe jamais o teria perdoado.

Afasto esse pensamento ao andar em direção à sala, enfiando o envelope na cintura da calça e puxando a camiseta por cima. Sobre a mesa de centro há um grande cinzeiro de metal sem quase nenhuma guimba de cigarro. Apenas uma. Quando chego mais perto, reparo que é branca com uma listra dourada. Reconheço o cigarro.

É um Gitanes. A marca que Lila fumava quando voltou da França anos atrás. Pego e observo, vejo a marca de batom. A primeira coisa que me vem à cabeça é que eu não sabia que ela ainda fumava.

A segunda é que já sei que os federais levaram coisas do apartamento de Philip. Suponho que o cinzeiro esteja vazio porque a equipe forense já levou todas as guimbas, junto com o pedaço de tapete, o computador de Philip e a arma. O que significa que Lila esteve ali depois.

A porta se abre e eu me viro, mas é apenas Sam.

– Fiquei entediado – diz ele. – Além do mais, sabe o que é mais apavorante do que ficar pra lá e pra cá no apartamento do irmão morto? Ficar sentado sozinho em um rabeção em frente ao prédio dele.

Sorrio.

– Fique à vontade.

Ele assente em direção à minha mão.

– O que é isso?

– Acho que Lila esteve aqui – conto, erguendo o resquício do cigarro. – Ela fumava essa marca. O batom parece dela.

Ele parece um tanto perplexo.

– Você acha que Lila matou seu irmão?

Eu sacudo a cabeça, mas quero dizer que acho que o cigarro não prova nada. Nem que matou nem que não matou.

– Ela deve ter vindo aqui *depois* que o apartamento foi revirado atrás de provas – digo. – Ela veio aqui, sentou nesse sofá e fumou um cigarro. Por quê?

– Voltando à cena do crime – diz Sam, como se fosse um detetive de televisão.

– Pensei que você gostasse de Lila – falo.

– Eu *gosto* – confirma ele, e de repente fica sério. – Gosto de Lila, Cassel. Mas é estranho ela ter vindo ao apartamento do seu irmão depois de ele ser assassinado.

– *Nós estamos* na casa do meu irmão depois de ele ter sido assassinado.

Sam encolhe os enormes ombros.

– Você devia perguntar a ela.

Lila me ama. Tem que amar; ela foi enfeitiçada para isso. Acho que não faria nada que me magoasse, mas não consigo explicar isso para Sam sem explicar o resto. E não vou contar a ele sobre o envelope.

Nem quero pensar sobre aquelas três páginas e o que elas podem representar. Não quero imaginar minha mãe sendo a mulher de luvas vermelhas. Quero que o assassino seja alguém que não conheço, um assassino de aluguel. Desde que seja alguém que não conheço, tenho liberdade para odiá-lo, pelo menos tanto quanto eu odiava meu irmão.

De volta ao carro, peço a Sam que me leve até o estacionamento de um grande supermercado que vejo no caminho. Atrás da loja há um aglomerado de árvores e várias latas de lixo enormes. Ele me observa remexer na mochila em busca de fósforos e fazer uma pequena fogueira o mais discretamente que consigo com pedaços de lixo que encontro ao redor, o acordo de imunidade e a confissão manuscrita de Philip. Quando está quente o bastante, coloco a guimba de cigarro no meio.

– Você está destruindo evidências – diz Sam.

Eu olho para ele.

– É?

Ele bate com a mão na testa.

– Não pode fazer isso! O que tem nesses papéis?

Sam, apesar de tudo o que viu, é um bom cidadão.

Vejo as beiradas do papel se curvarem e o filtro soltar fumaça. Eu sabia que Philip tinha negociado seus próprios segredos (e os meus), mas nunca achei que negociaria os de mamãe também.

– Os papéis dizem que meu irmão era um hipócrita. Ele ficou tão furioso porque eu ousei trair nossa família. Mas, na verdade, estava com raiva por eu ter feito isso antes dele.

– Cassel, você sabe quem o matou? – Tem alguma coisa estranha na voz de Sam.

Eu olho para ele e percebo o que está pensando. Dou uma risada.

– Encontraram imagens de vídeo de uma mulher entrando no apartamento dele na noite do assassinato. Então, *não fui eu*.

– Não achei que tinha sido você – diz ele depressa.

– Ah, tá. – Eu me levanto. Realmente não o culpo por desconfiar.

– Não teria problema se achasse. E obrigado por ser meu motorista.

Ele ri com deboche quando espalho os restos enegrecidos das minhas descobertas com o sapato.

– Você se importa de irmos até a casa de Daneca? – pergunta ele.

– Eu disse a ela que ia passar lá.

– Ela vai ficar desapontada se eu for junto – falo com um sorriso.

Ele sacode a cabeça.

– Ela vai querer saber o que você descobriu. Lembra como estava obcecada por aqueles arquivos?

– Você vai contar pra ela sobre essa fogueirinha, não vai? Cara, não me surpreende que você queira me levar. Quer que ela grite com a pessoa certa. – Mas não estou zangado de verdade. Gosto do fato de Sam não mentir para a namorada. Gosto do fato de eles estarem apaixonados. Até gosto do jeito como Daneca pega no meu pé.

– Se me disser pra não contar, não conto – diz Sam –, mas não tenho certeza de que você está sendo realmente objetivo nessa, hum, investigação.

Sinto uma onda de gratidão que me faz querer contar tudo para ele, mas as cinzas atrás de nós me lembram de que não devo confiar completamente em ninguém.

Sam liga o rádio do carro. Está sintonizado em um noticiário, e os apresentadores falam sobre a manifestação em Newark. Os policiais alegam que houve tumulto, mas vídeos no YouTube mostram manifestantes pacíficos sendo presos. Alguns ainda estão presos. Os números permanecem incertos. A conversa toda acaba em piadas sobre garotas com mãos nuas.

Sam muda de estação de repente. Olho pela janela para evitar os olhos dele. Paramos em uma loja de peças de carro para comprar um pacote de fusíveis e uma bateria nova. Por cima da música de elevador, ele me explica como instalar. Ajo como se fosse ainda mais incompetente com carros do que normalmente sou, apenas para irritar Sam a ponto de fazê-lo rir.

Minutos depois, chegamos à entrada da casa elegante da família de Daneca, em Princeton. Um homem de uniforme verde limpa o gramado com um aspirador de folhas. Ao fundo, vejo a Sra. Wasserman no jardim, cortando um girassol laranja. Ela carrega uma cesta de flores e acena quando nos vê.

– Cassel, Sam – diz a Sra. Wasserman, andando até o portão. – Que surpresa agradável.

Eu achava que as pessoas não diziam coisas assim na vida real, embora acredite que há exceções para pessoas que moram em casas como a dela. No entanto, a Sra. Wasserman se expressa de forma mais elegante do que realmente é. Sua bochecha está suja de terra, ela usa Crocs verdes surrados e o cabelo está preso em um rabo de cavalo desarrumado. Mas, por algum motivo, a falta de esforço dela é ainda mais intimidante.

Ela não parece uma militante incansável dos direitos dos mestres. Não dá para imaginar que é a pessoa que admitiu ser mestra em rede nacional. Mas é.

– Ah, oi – diz Sam. – Daneca está em casa?

– Lá dentro – diz ela, esticando a cesta de flores em nossa direção. – Vocês podem levar isso para a cozinha? Preciso pegar as últimas abobrinhas. Mesmo que você plante poucas, de alguma

forma elas todas ficam maduras de uma vez e acabamos ficando com abobrinhas demais.

– Posso ajudar? – pergunto num impulso.

Ela me olha com estranheza.

– Seria ótimo, Cassel.

Sam pega a cesta de flores e balança a cabeça para mim, percebendo claramente que estou tentando adiar ter que responder às inevitáveis perguntas de Daneca.

Sigo a Sra. Wasserman até o quintal enquanto Sam entra. Ela pega outra cesta em uma pilha dentro do barracão.

– Então, como estão as coisas? Ouvei sobre a demissão da Sra. Ramirez. É ridículo como aquela escola acha que pode fazer o que quer sem sofrer consequências.

O jardim é bucólico e enorme, com alfazemas e vinhas em flor subindo por pirâmides de gravetos trançados. Pequenos tomates-cereja bem vermelhos cobrem um canteiro suspenso, enquanto outro está tomado de abobrinhas.

– É – digo. – Ridículo. Mas andei pensando. Tem uma coisa que eu queria perguntar.

– É claro.

Ela se ajoelha e começa a arrancar os legumes com um giro das mãos com luvas de jardinagem. As abobrinhas crescem a partir do centro de uma grande planta cheia de folhas com flores amarelas e parecem cair pesadamente sobre a terra. Depois de um momento, me dou conta de que oferecer ajuda significa que deveria fazer o mesmo que ela.

– Hum – digo, me abaixando. – Ouvei falar de uma coisa... Uma organização do governo federal. Para adolescentes mestres. E eu queria saber se você também já ouviu falar.

A Sra. Wasserman assente, sem mencionar o fato de que, na última vez que a vi, eu não parava de insistir que não era mestre e também não estava interessado neles.

– Ninguém confirma muitos detalhes, mas qualquer pessoa que tenta legislar em favor das crianças e adolescentes mestres dá de cara com entraves do governo com relação ao próprio programa deles. Ouvei dizer que se chama Divisão Licenciada da Menoridade.

Franzo a testa ao ouvir o nome.

– Então é verdade?

– O que sei – diz ela – é que eu me correspondia com um rapaz da sua idade antes de ele ser recrutado. Nunca mais tive notícias dele. Mestres adolescentes são um recurso valioso até o rebote os invalidar, e a DLM tenta recrutá-los antes da máfia. A DLM vai atrás de outros mestres, às vezes por causa de crimes legitimamente terríveis, às vezes por infrações menores. Isso pode destruir a alma. Se alguém lhe falou sobre a Divisão da Menoridade, você precisa de um advogado, Cassel. Precisa de alguém pra lembrar a eles que você ainda é um cidadão com escolhas.

Rio pensando na cela, pensando em todas as pessoas que ainda podem estar lá. Acho que Daneca não compartilhou essa história com a mãe. Mas, mesmo se eu acreditasse que os cidadãos têm escolhas, a única pessoa com experiência legal que eu conheço é Barron, e ele só conseguiu fazer dois anos de faculdade básica de direito em Princeton. Mamãe tem um advogado, mas não posso pagar a ele como ela paga. É claro que tem a Sra. Wasserman. *Ela* é advogada, mas não está exatamente se voluntariando.

– Certo. Vou tentar me manter longe de confusão.

Ela afasta uma mecha de cabelo castanho e consegue sujar a testa de terra.

– Eu não quis dizer que não é uma organização válida. Tenho certeza de que alguns adolescentes acabam conseguindo empregos honestos no governo. Só quero que vivamos em um mundo onde as crianças e adolescentes mestres não tenham que brincar de polícia e ladrão.

– É – falo. Não consigo imaginar esse mundo. Acho que eu não teria lugar nele.

– Você deveria entrar – diz ela, e sorri. – Posso terminar de colher o que falta sozinha.

Fico de pé, pois reconheço uma dispensa quando ouço uma.

– Eu não sabia o que eu era – digo, engolindo em seco. – Antes. Eu não menti pra você.

A Sra. Wasserman olha para mim cobrindo os olhos com a mão enluvada. Pela primeira vez nessa conversa, ela parece perturbada.

Daneca e Sam estão sentados em bancos na enorme ilha da cozinha. Em cima da bancada de mármore foi apoiado um copo de chá gelado com um ramo de hortelã de verdade dentro.

– Oi, Cassel – diz Daneca. Ela está usando uma camiseta branca e jeans com botas marrons de camurça até os joelhos. Uma trança com a ponta roxa caiu na frente do seu rosto. – Quer alguma coisa pra beber? Mamãe acabou de voltar do mercado.

– Não, obrigado – respondo, balançando a cabeça. Sempre me sinto estranho na casa de Daneca. Não consigo evitar uma análise do material.

– Por que vocês foram investigar sem mim? – pergunta Daneca, encerrando o momento anfitriã. – Achei que estávamos nisso juntos.

– Foi no caminho – explico. – Sam ficou quase o tempo todo esperando no carro. De qualquer modo, a polícia e os agentes já tinham passado por lá. Eu só queria ver se achava alguma coisa que eles não viram.

– Como o cigarro?

– Estou vendo que Sam contou pra você. É, como o cigarro. Mas isso foi depois. Tenho certeza.

– Cassel, sei que é difícil ouvir isso, mas ela tem todas as razões pra querer matar seu irmão. Você disse que ele a sequestrou.

Provavelmente estou encarando isso pelo ponto de vista errado, mas agora me arrependo de ter contado a eles. O problema de começar a falar é que as partes que você deixa de fora começam a ficar evidentes. Além do mais, tem a tentação de simplesmente contar tudo.

E não posso fazer isso. Agora que tenho amigos, não quero perdê-los.

– Eu sei – digo –, mas não acho que foi ela. Ela não parecia culpada no velório dele.

– Mas ela *foi* ao velório – insiste Daneca. Sam não está dizendo nada, mas o vejo assentir conforme ela fala. – Por que iria ao velório de uma pessoa que odeia? Assassinos fazem isso. Já li sobre o assunto.

– Revisitar a cena... – começa Sam.

– Philip não foi assassinado em uma casa funerária! Além do mais, ela foi até lá com Zacharov – argumento. – Ele queria me oferecer um emprego.

– Que tipo de emprego? – pergunta Daneca.

– Do tipo que não se comenta – conto. – Do tipo que faz você ter um enorme colar de queloides e um novo apelido.

– Você não aceitou, né? – diz ela. Tenho certeza de que, assim como os federais, Daneca e Sam chegaram à conclusão de que sou mestre da morte como meu avô.

Puxo o colarinho da camisa.

– Quer ver meu pescoço?

– Ah, pare com isso – diz ela. – Apenas responda.

– Não aceitei o emprego – digo. – É sério. E não tenho planos de aceitar. *E* quero esse chá gelado que Sam está tomando. *Com* raminho de hortelã, por favor.

Daneca sorri e desce do banco.

– Tudo bem, mas isso não significa que acabamos de falar sobre Lila. Quer dizer, é óbvio que você tem um sentimento louco e épico por ela... mas isso não significa que ela não seja suspeita.

Tento não levar a mal o fato de que, embora Lila tenha sido enfeitada para me amar, são os meus sentimentos que estão óbvios.

– Certo. E se ela tiver mesmo matado meu irmão? Saber disso vai ajudar alguém?

– Vai te ajudar a protegê-la – sugere Sam. – Se você quiser.

Olho para ele surpreso, porque não é o que eu esperava que ele dissesse. E é a mais pura verdade.

– Tudo bem – digo. – Tudo bem. É mesmo tão óbvio que eu gosto dela? – Penso em Audrey, praticamente dizendo a mesma coisa do lado de fora do refeitório. Eu devo ser patético.

– Fomos ao cinema juntos – diz Daneca. – Ontem à noite. Lembra?

– Ah, sim – respondo. – Aquilo.

Sam franze a testa enquanto Daneca serve meu chá gelado.

– Talvez você devesse ligar e *perguntar* se ela matou Philip – diz Sam.

– Não! – retruca Daneca. – Se fizer isso, ela vai começar a fingir. Esconder provas. Temos que bolar um plano.

– Olhem. – Eu levanto a mão. – Na minha opinião, Lila não fez isso. Não mesmo. Não que eu ache que ela não seja capaz de matar alguém. Sei que é. E sei que ela odiava Philip, embora, se fosse para matar um dos meus irmãos, tenho certeza de que teria começado por Barron. Mas ela... Sei que isso não vai parecer convincente, mas ela realmente gosta de mim. Gosta tanto que não acho que faria nada que me fizesse sofrer ou odiá-la.

Os dois trocam um olhar.

– Você é um sujeito charmoso – diz Sam com cuidado. – Mas ninguém é tão charmoso a esse ponto.

Dou um gemido.

– Não, não estou *me gabando*. Ela foi amaldiçoada para me amar. Agora vocês entendem? Os sentimentos dela são confiáveis porque não são reais. – Minha voz falha nas três últimas palavras, e olho para o chão.

Há uma longa pausa.

– Como pôde fazer isso com ela? – pergunta Daneca por fim. – É como um estupro cerebral. É como um verdadeiro estupro se você... Como pôde, Cassel?

– *Não fui eu* – cuspo cada palavra. Daneca podia ter me dado o benefício da dúvida ao menos por um minuto. Ela é minha amiga. – Não fui eu quem enfeitiçou Lila. E nunca quis que ela... Eu nunca quis isso.

– Vou contar pra ela – diz Daneca. – Ela precisa saber.

– Daneca – digo –, cale a boca por um minuto. Eu já contei a ela. Que tipo de pessoa você acha que eu sou? – Ao olhar para o rosto de Daneca, consigo ver exatamente que tipo de pessoa ela acha que sou, mas continuo a falar mesmo assim. – Contei a ela e tentei me afastar, mas não é fácil, tá? Tudo que faço parece errado.

– Então é por isso... – Sam para de falar.

– Por isso que tenho agido de forma tão estranha com ela? – pergunto. – É.

– Mas você não é mestre de emoções? – diz Daneca com cautela, não mais tão enojada. Eu agradeço por ela estar ao menos tentando

entender o que eu disse, mas não consigo deixar de ficar magoado por ela me acusar justamente pela única coisa que não fiz.

– Não – respondo. – Não sou. É claro que não.

Sam olha para a porta, eu sigo seu olhar e vejo o jovem mestre louro que a Sra. Wasserman abrigou.

– Então, se não foi você que a amaldiçoou...? – pergunta Daneca, sussurrando.

– Essa parte não é importante – digo.

O garoto se vira para nós com o rosto tenso.

– Já ouvi vocês. Não precisam cochichar.

– Nos deixe sozinhos, Chris – pede Daneca.

– Só vim pegar um refrigerante. – Ele abre a geladeira.

– Temos que fazer alguma coisa – sugere Daneca. Sua voz ainda está baixa. – Tem algum mestre de emoções por aí atacando as pessoas. Não podemos deixar...

– Daneca – diz Sam. – Talvez Cassel não esteja pronto para...

– Mestres de emoções são *perigosos* – diz Daneca.

– Ah, cale a boca – retruca Chris de repente. A geladeira está aberta atrás dele. Ele segura um refrigerante com a mão enluvada e parece pronto para jogá-lo em cima de um de nós a qualquer momento. – Você sempre age como se fosse melhor do que todo mundo.

– Isso não é da sua conta – diz Daneca. – Se não pegar logo seu refrigerante e der o fora daqui, vou chamar mamãe.

Sam e eu trocamos um olhar constrangido de estranhos no meio de uma briga de família.

– Ah, é? – diz Chris. – Talvez deva contar pros seus amigos que *você é* mestra de emoções em vez de ficar escondendo. Acha que eles ainda vão te dar ouvidos depois disso?

Por um momento tudo para.

Olho para Daneca. Ela traz um olhar vazio de choque, os olhos arregalados. Sua mão está erguida em gesto protetor, como se pudesse espantar as palavras. O garoto não está mentindo.

O que significa que Daneca mentiu.

Sam cai do banco. Acho que ele estava tentando ficar em pé, mas não pensou direito sobre isso e acaba cambaleando para trás

quando o banco cai no chão. Ele bate com as costas no armário. A expressão em seu rosto é terrível. Ele não a conhece mais. Isso me dói até os ossos, porque é exatamente assim que temo que ele olhe para mim.

Eu me inclino e ajeito o banco caído, contente por ter alguma coisa para fazer.

– Temos que ir – diz Sam. – Cassel, vamos. Vamos embora daqui.

– Não, *espere* – retruca Daneca, andando em direção a ele. Ela hesita, como se não tivesse certeza do que dizer, e se vira para o garoto. – Como você pôde fazer isso comigo? – A voz dela é um lamento agudo.

– Não é minha culpa você ser mentirosa – diz Chris, mas hesita. Ele parece apavorado. Acho que, se pudesse, retiraria o que disse.

Sam cambaleia até a porta.

– Vou conversar com ele – falo para Daneca.

– *Você* mente – diz ela, segurando no meu braço com desespero. Sinto as unhas através do couro fino das luvas. – Mente pra ele o tempo todo. Por que não tem problema quando é você?

Eu me solto da mão dela, sem deixar que ela perceba o quanto suas palavras machucam. Naquele momento, todos os meus impulsos são ruins. Eu não tinha percebido o quão pouco Daneca confiava em mim até esta tarde. E se ela for um pouco parecida com minha mãe (a única outra mestra de emoções que conheço), talvez também não mereça minha confiança.

– Eu disse que vou conversar com ele. É tudo o que posso fazer.

Do lado de fora, o rabeção de Sam ainda está no caminho da garagem, mas não o vejo em lugar algum. Nem no jardim elegante da mãe de Daneca nem perto da cerca viva no quintal do vizinho com piscina. Nem andando na rua. Nesse momento, uma das portas do rabeção se abre. Sam está deitado de costas lá dentro.

– Entre – diz ele. – Ah, as garotas são uma droga.

– O que você está fazendo?

Eu entro na parte de trás com ele. É sinistro. O teto é forrado de cetim cinza e as janelas são bem escuras.

– Estou pensando – diz ele.

– Em Daneca? – pergunto, embora não consiga imaginar outra resposta além de sim.

– Acho que agora sabemos por que ela não queria fazer o exame.

– Ele parece amargo.

– Ela estava com medo – digo.

– Você sabia que ela era mestra? – pergunta ele. – Seja honesto.

– Não – respondo. – *Não*. Eu até pensava que ela podia ser antes de realmente a conhecer, por todo esse envolvimento com o HEX, mas depois cheguei à conclusão de que ela só *queria* ser mestra. Como eu queria antigamente. Mas você tem que entender o quanto é apavorante...

– Não tenho – diz Sam. – Não tenho que entender.

Finalmente percebo o que me incomoda no rabeção. Estar na parte de trás me faz lembrar de quando eu fiquei no porta-malas do carro de Anton, ao lado de sacos de lixo com corpos dentro. Eu me lembro claramente do cheiro de vísceras espalhadas.

– Ela gosta de você – digo, tentando forçar minha mente a voltar ao presente. – Quando se gosta de alguém, é mais difícil...

– Nunca perguntei que tipo de mestre você é. – Sam lança as palavras para mim como um desafio.

– É – digo com cuidado. – E sou muito grato por isso.

– Se eu perguntasse... – Sam faz uma pausa. – Se eu perguntasse, você me contaria?

– Espero que sim – falo.

Ele fica em silêncio. Ficamos deitados um ao lado do outro, cadáveres gêmeos esperando para ser enterrados.

CAPÍTULO ONZE

NÃO PODEMOS FICAR

na entrada da casa de Daneca. Então vamos para a casa de Sam, roubamos um pacote de seis latas de cerveja do pai dele e bebemos na garagem. Tem um velho sofá marrom lá, perto de uma bateria da banda da irmã mais velha dele. Eu afundo em um lado do sofá e ele, no outro.

– Onde está sua irmã? – pergunto, pegando um punhado de amendoins cobertos de gergelim de um saco que encontramos perto da cerveja. Eles estalam na minha boca como doce salgado.

– Bryn Mawr – diz ele, arrotando alto –, enlouquecendo meus pais porque tem uma namorada cheia de tatuagens.

– Sério?

Ele sorri.

– É, por quê? Você não acreditava que alguém da minha família pudesse ser rebelde?

– O quanto ela pode ser rebelde naquela faculdade de gente rica? – pergunto.

Ele joga uma almofada bolorenta em mim, mas consigo me proteger com o braço. Ela cai no chão.

– Seu irmão não estuda em Princeton? – pergunta ele.

– *Touché* – digo e tomo um gole da cerveja. Está quente. – Vamos duelar pela desonra de nossos irmãos?

Sam franze a testa, repentinamente sério.

– Sabe, durante a maior parte do primeiro ano em que moramos juntos, achei que você fosse me matar.

Isso quase me faz cuspir a cerveja de tanto rir.

– Não, olha... Morar com você é como saber que há uma arma carregada do outro lado do quarto. Você é como um leopardo fingindo ser um gato.

Isso só me faz rir mais.

– Cala a boca – retruca ele. – Você pode fazer coisas normais, mas um leopardo também pode tomar leite ou derrubar coisas como um gato doméstico. É óbvio que você não é... como o resto de nós. Eu olho pra você, e você está flexionando as garras ou, sei lá, comendo um antílope recém-caçado.

– Ah – digo.

É uma metáfora ridícula, mas acabou a graça. Eu pensei que estivesse me saindo bem em me encaixar no grupo. Talvez não perfeitamente, mas não tão mal quanto Sam faz parecer.

– É como Audrey – diz ele, furando o ar com o dedo, claramente muito bêbado e determinado a me fazer entender sua teoria. – Você agia como se conseguisse sair com ela porque interpretava muito bem o papel de cara legal.

– Eu sou um cara legal.

Eu tento ser.

Sam solta uma risada.

– Ela gostava de você porque você a assustava. Mas então começou a assustá-la demais.

Dou um gemido.

– É sério? Para com isso, eu nunca fiz nada...

– Tão sério quanto um ataque cardíaco – diz ele. – Você é um cara perigoso. Todo mundo sabe.

Pego a almofada que sobrou e aperto sobre meu rosto, me sufocando.

– *Pare* – peço.

– Cassel? – diz Sam.

Olho por debaixo da almofada.

– Não me traumatize mais do que já...

– Que tipo de mestre você é? – Sam está olhando para mim com a curiosidade benevolente dos bêbados.

Engulo o que ia dizer e hesito. O momento se arrasta, suspenso no ar.

– Não precisa me contar – diz ele. – Não importa.

Sei qual resposta ele acha que vou dar. Sam acha que sou mestre da morte. Talvez até ache que matei alguém. Se for realmente inteligente (e, a essa altura, devo supor que ele é mais inteligente

do que eu, pois está dizendo que percebeu que sou perigoso bem antes de mim), ele tem uma teoria de que matei um dos homens que os federais estão procurando. Se eu disser que sou mestre da morte, ele vai engolir. Vai achar que sou um bom amigo. Que sou honesto.

As palmas das minhas mãos suam.

Quero ser esse amigo.

– De transformação – digo. Sai como um gemido.

Ele se senta de repente, me encarando. Todos os traços de humor sumiram.

– O quê?

– Está vendo? Estou melhorando em ser sincero – falo, tentando aliviar o clima. Meu estômago dói. A honestidade me apavora completamente.

– Você está louco? – pergunta ele. – Não devia ter me contado! Não devia contar pra ninguém! Espere, você realmente...?

Eu apenas confirmo com a cabeça.

Ele demora bastante para conseguir dizer alguma coisa.

– Uau – diz ele, com espanto e admiração na voz. – Você poderia criar os melhores efeitos especiais *do mundo*. Máscaras de monstros. Chifres. Presas. Permanentes.

Eu nunca tinha pensado nisso, nunca considereei usar feitiço para alguma coisa divertida. O canto da minha boca se levanta em um inesperado sorriso.

Ele faz uma pausa.

– As maldições *são* permanentes, certo?

– São – digo, pensando em Lila e em Janssen. – Quero dizer, posso mudar as coisas de volta para o que elas eram antes. Em geral.

Sam me lança um olhar pensativo.

– Então você poderia ficar jovem para sempre?

– Isso *parece* possível – respondo, dando de ombros. – Mas o mundo não está cheio de mestres de transformação, então não deve funcionar. – A enormidade do que não sei sobre minhas limitações... as coisas sobre as quais nem quero pensar... de repente ficam bem mais óbvias.

– Mas pode se dar de presente um você-sabe-o-quê enorme? – Ele se reclina no sofá e aponta para a frente da calça com as duas mãos. – Tipo, desumanamente grande.

Solto um gemido.

– Você só pode estar brincando. É isso o que quer saber?

– Tenho minhas prioridades – diz ele. – É você quem não está fazendo as perguntas certas.

– É a história da minha vida – falo.

Sam encontra uma garrafa empoeirada de Bacardi no fundo da despensa dos pais. Nós a dividimos.

No fim da tarde de domingo, acordo com a campainha. Não lembro como cheguei em casa; talvez eu tenha caminhado. Minha boca ainda está com gosto de bebida, e tenho certeza de que meu cabelo está todo em pé. Tento ajeitá-lo enquanto desço a escada.

Não sei o que esperar. Um pacote que preciso assinar para receber, talvez. Missionários de igreja, crianças vendendo biscoitos, alguma coisa assim. Até mesmo os federais. Não o Sr. Zacharov, tão engomadinho quanto uma nota falsa de cem dólares, na porta da minha cozinha velha.

Eu abro as trancas.

– Oi – digo e depois me dou conta de que meu hálito deve estar péssimo.

– Vai estar ocupado esta noite? – pergunta ele, parecendo não perceber que acabei de sair da cama. – Eu gostaria que viesse comigo. – Atrás dele tem um capanga de sobretudo preto. Ele tem uma tatuagem de caveira no pescoço, acima do colar de cicatrizes.

– Claro – digo. – Tudo bem. Pode me dar um minuto?

Ele assente.

– Se vista. Pode tomar café no caminho.

Subo a escada e deixo a porta da cozinha aberta para que Zacharov possa entrar se quiser.

No chuveiro, conforme a água quente cai como agulhas nas minhas costas, me dou conta de que é muito, muito estranho Zacharov estar esperando por mim lá embaixo. Quanto mais desperto, mais surreal parece.

Volto para a cozinha quinze minutos depois, mastigando uma aspirina, vestindo jeans preto e um suéter e com a jaqueta de couro. Zacharov está sentado à mesa da cozinha parecendo relaxado, batendo com os dedos na madeira gasta.

– E então – falo. – Pra onde vamos?

Ele se levanta e ergue as duas sobranceiras cor de aço.

– Para o carro.

Eu o sigo até um moderno Cadillac preto. Já está ligado, e vejo Stanley (um guarda-costas que eu já conhecia) no banco do motorista. O cara com a tatuagem de caveira está sentado ao lado dele. Zacharov faz sinal para que eu entre, e deslizo pelo banco de trás.

– Ei, garoto – diz Stanley.

Há um copo fumegante de café no porta-copos e um saco de fast-food no meu lugar do banco. Eu o abro e pego o sanduíche de bagel com ovo.

– Stanley – digo, assentindo para ele. – Como está a família?

– Nunca esteve melhor – responde ele.

Zacharov se senta ao meu lado e a divisória escurecida é erguida.

– Soube que você e minha filha passaram a sexta-feira juntos – diz ele enquanto Stanley sai com o Cadillac da minha rua.

– Espero que ela tenha se divertido – falo entre mordidas. De repente me pergunto se Zacharov descobriu sobre a maldição. Se sim, foi legal da parte dele me deixar tomar banho e comer antes de me matar.

Mas os lábios de Zacharov estão retorcidos em um leve sorriso.

– E também soube que você passou um tempo com alguns agentes federais no dia anterior.

– É – falo, tentando não parecer aliviado demais. Perguntas sobre os federais vindas de um chefe da máfia não deveriam fazer ninguém *relaxar*. – Eles foram falar comigo na escola. Sobre Philip.

Ele aperta os olhos.

– O que foram falar sobre Philip?

– Ele ia fazer um acordo com eles – digo. Não faz sentido mentir para Zacharov sobre isso. Philip está morto. Não há mal nenhum em

ele saber. Mas sinto uma pontada de culpa mesmo assim. –
Disseram que meu irmão era um informante. E que alguém o matou.

– Entendo – diz Zacharov.

– Querem que eu os ajude a encontrar o assassino. – Hesito. –
Pelo menos, é o que eles dizem.

– Mas você acha que não é isso – diz ele.

– Não sei – respondo e tomo um grande gole de café. – Só sei
que eles são uns babacas.

Ele ri ao ouvir isso.

– Como se chamam?

– Jones e Hunt.

A combinação de café e gordura acalma meu estômago. Eu me
sinto bem e me reclino sobre o banco de couro. Eu me sentiria
melhor se soubesse para onde estávamos indo, mas estava disposto
a esperar.

– Ah – diz ele. – Mestres de sorte, os dois.

Olho surpreso para ele.

– Pensei que eles odiassem mestres.

Zacharov sorri.

– Talvez odeiem. Só sei que *são* mestres. A maior parte dos
agentes da divisão que lida conosco é. – Quando ele diz “conosco”,
suponho que queira dizer famílias do crime organizado da Costa
Leste. Famílias como a dele.

– Ah – digo.

– Não sabia disso, é? – Ele parece satisfeito.

Balanço a cabeça.

– Andam perturbando você sobre sua mãe também, certo? Sei
como esses homens trabalham. – Ele move a cabeça
afirmativamente, indicando que posso responder se quiser, mas não
sou obrigado. – Eu poderia tirá-los do seu pé.

Encolho os ombros.

– Sim, você não tem certeza. Talvez eu o tenha pressionado
demais no velório de Philip. Pelo menos é o que Lila acha.

– Lila? – pergunto.

O sorriso dele transpira alguma coisa que parece orgulho.

– Um dia ela vai ser a líder da família Zacharov. Homens vão morrer por ela. Homens vão matar por ela.

Eu faço que sim com a cabeça porque, é claro, é isso que significa ser filha de Zacharov. Mas as palavras dele tornam tudo desconfortavelmente real. Faz o futuro parecer próximo demais.

– Mas alguns homens podem não gostar de ter uma líder – diz Zacharov quando o carro faz uma curva fechada. Entramos na garagem coberta de um prédio e estacionamos. – Principalmente uma mulher que eles conhecem tão bem.

– Eu realmente espero que o senhor não esteja falando de mim – digo.

As trancas das portas se abrem.

– Sim – diz ele. – Também espero.

A garagem não está terminada. É apenas concreto puro, sem placas nem linhas pintadas para delinear os espaços das vagas. Alguém deve ter ficado sem dinheiro durante a construção.

Suponho que isso queira dizer que gritar por socorro não é uma opção.

Saímos do carro. Sigo Zacharov e Stanley para dentro do prédio. O cara tatuado me conduz, com pequenos empurrões de sua mão enluvada na base da minha coluna quando olho ao redor demais.

Se o estacionamento é novo e não está terminado, o prédio ligado a ele é muito velho, com uma placa que diz CORPORAÇÃO DE TALLINGTON DE FABRICANTES DE LINHAS E AGULHAS. Fica claro que está abandonado há muito tempo: as janelas estão bloqueadas por tábuas e o piso de madeira foi coberto por uma grossa camada de poeira grudenta. Imagino que alguém pretendia transformar o lugar onde estou em lofts antes da última recessão.

Um pensamento espontâneo de que fui levado ali para morrer surge na minha cabeça. Vovô me contou que é assim que eles fazem. Levam o cara para dar uma volta, bem amigáveis. E então, *pou*. Na parte de trás da cabeça.

Enfio a mão direita no bolso da jaqueta e começo a tirar a mão da luva. Meu coração está disparado.

Chegamos à escada, e Stanley fica para trás. Zacharov estica a mão, indicando que devo ir primeiro.

– O senhor vai na frente, eu sigo – digo –, já que sabe para onde vamos.

Zacharov ri.

– Tem alguém cauteloso aqui.

Ele vai em direção à escada, Stanley o segue e depois o cara da tatuagem, me deixando por último. Consegui tirar a luva. Aninho-a na palma da mão.

O corredor para onde vamos está iluminado por luzes fluorescentes no teto. Estão amareladas e, em alguns casos, queimadas. Sigo atrás do cara da tatuagem até chegarmos a uma grande porta de aço.

– Coloque isso – diz Zacharov, enfiando a mão no casaco e pegando uma máscara de esqui preta.

Eu a coloco desajeitadamente na cabeça, usando apenas a mão enluvada. Zacharov e seus capangas devem perceber que mantenho a outra no bolso, mas ninguém fala nada.

Stanley bate três vezes.

Não reconheço o homem que abre a porta. Ele é alto, tem uns quarenta anos, está usando uma calça jeans manchada e nenhuma camisa. É tão magro que seu peito parece côncavo. É coberto de tatuagens. Mulheres nuas sendo decapitadas por esqueletos, demônios com línguas enroladas, palavras enormes em cirílico. Sem cor, só tinta preta e um traço nada firme. É trabalho amador. De cadeia, suponho. O cabelo desse cara cai sobre as maçãs do rosto em mechas oleosas. Uma de suas orelhas está tão preta quanto os dedos de vovô. Ele obviamente tem vivido há algum tempo na sala para onde está nos levando. Há um colchão com um cobertor imundo. Uma mesa feita de cavaletes e uma tábua de madeira compensada ficam no meio da sala, com caixas de pizza, uma garrafa quase vazia de vodca e uma embalagem de alumínio com um *pelmeni* pela metade.

O olhar do sujeito passa avidamente de mim para Zacharov, depois volta para mim.

– Ele? – diz o cara e cospe no chão.

– Ei – diz Stanley, se metendo entre nós. O outro guarda-costas estava encostado na parede ao lado da porta. Ele fica de pé

preparado, como se esperasse confusão.

Olho para Zacharov, aguardando sua reação.

– Você vai mudar o rosto dele – diz ele calmamente, como se comentasse que ia chover. – Pelos velhos tempos. Pelo débito que ainda tem comigo.

– Me deixe bonito – diz o homem, chegando o mais próximo de mim que consegue com Stanley entre nós. Ele fede a suor velho e vômito. – Quero parecer um astro de cinema.

– Ah, tá – digo, tirando a mão do bolso. Nua. O ar é frio contra a minha pele. Esfrego o polegar nos outros dedos em um gesto nada familiar.

O homem se afasta. Stanley se vira para ver o que o assustou e se afasta também. Mãos sem luvas chamam atenção.

– Tem certeza de que ele é o que diz ser? – pergunta o sujeito para Zacharov. – Não é seu modo de se livrar de um problema, é? Ou de me fazer esquecer meu próprio nome?

– Não seria preciso trazer um garoto aqui pra nenhuma dessas coisas – diz Zacharov.

Isso não parece tranquilizar o cara. Ele olha para mim e aponta para o pescoço.

– Me mostre suas marcas.

– Não tenho – digo, puxando a frente do suéter.

– Não temos tempo para essas perguntas sem sentido – diz Zacharov. – Emil, sente-se agora. Sou um homem ocupado e não supervisiono assassinatos. Além disso, não corro riscos desnecessários.

Isso parece acalmá-lo. Ele abre uma cadeira dobrável de metal e se senta. A ferrugem corroeu as articulações, mas ele não parece perceber. Está ocupado demais observando minha mão.

– Pra que isso? – pergunto.

– Vou responder a todas as suas perguntas depois – diz Zacharov.

– Mas agora faça o que peço.

Stanley me olha com frieza. Zacharov não está *pedindo*. Nunca houve uma escolha.

Os olhos de Emil se arregalam quando encosto as pontas dos dedos na bochecha imunda dele. Aposto que meu coração está

batendo tão rápido quanto o dele.

Nunca fiz nada como essa transformação, nada que exigisse grandes detalhes ou sutileza. Fecho os olhos e me permito ver com aquele segundo sentido estranho, e cada parte de Emil fica infinitamente maleável. Mas então entro em pânico. Não consigo pensar em um único astro de cinema de cujas feições me recordo com detalhe. Ao menos, não de homem. São todos confusões de olhos e narizes e uma vaga sensação de familiaridade. O único ator que me vem à mente é Steve Brodie como o Dr. Vance em *A invasão das aranhas gigantes*.

Eu transformo Emil. Estou pegando o jeito. Quando abro os olhos, ele parece um sujeito razoavelmente bonitão dos anos 1970. Nada de tatuagens. Nem cicatrizes. Consertei a orelha dele também.

Stanley inspira fundo. Emil levanta a mão para tocar no rosto, os olhos arregalados.

Zacharov olha para mim com o canto da boca erguido em um sorriso faminto.

Naquele momento, tenho câimbras nos joelhos e caio com tudo no chão. Sinto meu corpo começar a se espalhar, meus dedos se abrirem em dezenas de unhas de ferro. Os músculos das minhas costas se contraem, e minha pele parece se soltar do meu corpo. Posso ouvir um som saindo de mim, mais um gemido do que um grito.

– O que há de errado com ele? – grita Emil.

– É o rebote – diz Zacharov. – Deixe-o sossegado.

Ouçõ a mesa sendo arrastada enquanto me debato no chão.

– Ele vai morder a língua? – É a voz de Stanley. – Isso não me parece certo. Ele vai ter uma concussão. Devíamos pelo menos colocar alguma coisa debaixo da cabeça dele.

– Qual delas? – pergunta outra pessoa. Emil? O cara perto da porta? Não sei mais.

Dói. Dói muito. Surge então a escuridão iminente e terrível, que cai sobre mim como uma onda, me arrastando para o fundo de um mar sem sonhos.

Quando acordo estou no colchão, enrolado no cobertor fedido de Emil, e só restaram Zacharov e Stanley ali. Estão sentados nas

cadeiras de metal jogando cartas. A janela coberta por tábuas de madeira está com uma moldura de luz ao redor. Ainda é dia. Não devo ter ficado apagado tanto tempo.

– Ei – diz Stanley ao perceber que estou me mexendo. – O garoto acordou.

– Você foi bem, Cassel – diz Zacharov, virando a cadeira para olhar para mim. – Quer dormir mais um pouco?

– Não – respondo, me sentando. É estranho, como se eu estivesse doente ou coisa do tipo. Não estou de máscara. Devem ter tirado de mim enquanto eu dormia.

– Está com fome? – pergunta ele.

Eu balanço a cabeça de novo. Fico um pouco enjoado depois da transformação, como se não tivesse certeza de onde fica meu estômago. A última coisa que quero é comida.

– Vai ficar com fome depois – insiste ele, com tanta certeza que parece impossível argumentar. Estou cansado demais para me dar o trabalho de fazer isso, de qualquer jeito.

Deixo Stanley me ajudar a me levantar, e ele meio que me carrega até o carro.

Rodamos por um tempo, e mantenho a cabeça apoiada na janela. Acho que adormeço de novo. Babo no vidro.

– Hora de acordar. – Alguém sacode meu ombro. Dou um gemido. Todo meu corpo está duro, mas fora isso me sinto bem.

Zacharov sorri para mim do outro lado do carro. Seu cabelo grisalho brilha contra o casaco de veludo negro e o banco de couro.

– Me dê suas mãos – diz ele.

Eu dou. Uma está enluvada; a outra, não.

Ele tira minha outra luva e segura minhas mãos nuas com as dele, de luvas, com as palmas para cima. Eu me sinto desconfortável e vulnerável, embora seja ele quem está correndo perigo de ser enfeitado.

– Com estas mãos – diz ele – você vai fazer o futuro. Certifique-se de que seja um futuro no qual queira viver.

Engulo em seco. Não tenho ideia do que ele quer dizer. Ele me solta, e procuro a outra luva no bolso, evitando o olhar dele.

Um minuto depois, a porta do carro se abre ao meu lado. Stanley está lá, segurando-a. Estamos em Manhattan, com arranha-céus acima de nós e o tráfego acelerado.

Saio do carro e sinto cheiro de escapamento e amendoim torrado. Ainda tenho os olhos pesados, mas percebo que não estar em Nova Jersey significa que o motivo do meu passeio ainda não acabou.

– Ah, *espera aí* – digo para Zacharov. – Não posso. Não de novo. Não hoje.

Mas ele apenas ri.

– Só quero levar você para jantar. Lila jamais me perdoaria se eu o devolvesse de estômago vazio.

Fico surpreso. Devo ter ficado com aparência péssima no prédio abandonado, porque tenho certeza de que ele tem coisas melhores a fazer do que me alimentar.

– Por aqui – diz Zacharov e sai andando em direção a uma grande porta de bronze com um urso em alto-relevo. Não há placa no prédio; não faço ideia do que esperar quando entramos. Não parece um restaurante. Olho para Stanley, mas ele está voltando para o banco do motorista do Cadillac.

Zacharov e eu entramos em um pequeno saguão com espelhos e um elevador com portas de metal polido. Não há nenhuma mobília além de um banco preto e dourado e, pelo que consigo ver, nenhum interfone ou campainha. Zacharov remexe no bolso e tira um molho de chaves. Ele coloca uma no buraco de um painel vazio e gira. As portas se abrem.

O interior do elevador é de madeira com marcas de nós. Uma tela de vídeo acima das portas exibe um filme em preto e branco sem som. Não o reconheço.

– Que lugar é este? – pergunto quando as portas se fecham.

– Um clube social – diz Zacharov, unindo as mãos enluvadas à frente do corpo. Nenhum de nós apertou nenhum botão. – Aqui as coisas são particulares.

Eu balanço a cabeça concordando, como se realmente entendesse o que ele está dizendo.

Quando o elevador se abre, estamos em um salão enorme – *enorme* mesmo. Não dá para imaginar que este lugar fica em Nova

York. O chão de mármore está quase todo coberto por um tapete grande. Ao longo dele há ilhas com duas ou quatro poltronas de encosto alto. O teto é decorado com gesso moldado em formas intrincadas. Na parede mais próxima fica um bar enorme, com o tampo de mármore brilhando contra a parede de madeira escura. Atrás do bar, em uma prateleira alta, há vários vidros com bebidas límpidas, frutas e especiarias flutuando dentro: limões, pétalas de rosa, cabeças de alho, gengibre. Funcionários uniformizados andam em silêncio pelo salão, levando bebidas e pequenas travessas para os senhores sentados nas poltronas.

– Uau – digo.

Ele me dá um meio-sorriso, um que já vi no rosto de Lila. É desconcertante.

Um homem velho com bochechas caídas usando um terno preto vem até nós.

– Bem-vindo, Sr. Zacharov. Posso guardar seu casaco?

Zacharov o retira.

– O senhor gostaria de um paletó emprestado para seu amigo? – pergunta o homem para ele, mal olhando em minha direção. Acho que estou infringindo algum código de vestimenta.

– Não – diz Zacharov. – Vamos tomar uma bebida e depois jantar. Por favor, mande alguém para a sala azul.

– Muito bem, senhor – assente o homem, como um mordomo de cinema.

– Venha – diz Zacharov.

Cruzamos o salão, passando por portas duplas e entrando em uma biblioteca bem menor. Três homens barbudos estão sentados juntos, rindo. Um fuma cachimbo. Outro tem no colo uma garota de vestido vermelho muito curto cheirando um montinho de cocaína em uma colher de chá.

Zacharov me vê olhando.

– Clube privado – fala ele para me lembrar.

Certo.

Na terceira sala, a lareira está acesa. O cômodo é menor do que os outros dois, mas tem apenas um par de portas, por onde entramos, e mais ninguém dentro. Zacharov sinaliza para eu me

sentar. Afundo no couro macio. Há uma mesa pequena e baixa entre nós. Um candelabro de cristal balança suavemente sobre nossas cabeças, espalhando raios de luz colorida pelo aposento.

Um atendente uniformizado aparece. Ele me observa sem esconder o ceticismo e se vira para o Sr. Zacharov.

– O senhor gostaria de uma bebida?

– Quero um Laphroaig com um só cubo de gelo para começar, e o Sr. Sharpe vai tomar...

– Um club soda – digo.

– Muito bem – diz o atendente.

– Depois disso, vai nos trazer cem gramas de caviar iraniano Osetra com blinis, ovo picado e bastante cebola. Nós dois tomaremos um pouco de vodca Imperia bem gelada junto com o caviar. Em seguida, peixe rodvalho com o excelente molho de mostarda do chef. E, por fim, dois *pains d’amandes*. Alguma objeção, Cassel? Algo que você não coma?

Nunca comi a maior parte das coisas que ele citou, mas não quero admitir. Balanço a cabeça.

– Parece ótimo.

O atendente assente sem nem olhar para mim e vai embora.

– Você parece desconfortável – diz Zacharov, o que é verdade, mas parece uma observação indelicada. – Achei que Wallingford preparasse os alunos para ocupar seus lugares na sociedade.

– Não acho que eles esperam que meu lugar na sociedade chegue sequer perto *disso* – falo, e isso o faz sorrir.

– Mas poderia, Cassel. Seu dom é como este clube: ele o deixa desconfortável. É um pouco demais, não é?

– O que quer dizer?

– Um homem pode sonhar com maneiras de gastar um milhão de dólares, mas fazer o mesmo jogo com um bilhão em mente estraga a fantasia. Há possibilidades demais. A casa que ele já desejou com todas as forças de repente fica pequena demais. A viagem, muito barata. Ele queria visitar uma ilha. Agora, almeja comprar uma. Eu me lembro de você, Cassel. Com todas as suas forças, você queria ser um de nós. Agora, é o melhor de nós.

Olho para o fogo, e só me concentro novamente quando ouço o barulho de nossas bebidas sendo servidas.

Zacharov pega seu uísque e gira o copo, fazendo a bebida cor de âmbar dançar. Ele faz outra pausa.

– Você se lembra de quando foi expulso da festa de aniversário de Lila porque brigou com um garoto da escola dela? – Ele ri de repente, e o som parece um latido. – Você rachou a cabeça dele naquela pia. Tinha sangue pra todo lado.

Encosto na orelha, constrangido, e forço um sorriso. Parei de usar brinco quando me matriculei em Wallingford, e o buraco está quase fechado, mas ainda tenho a lembrança dela com o gelo e a agulha naquela noite, seu hálito quente no meu pescoço. Eu me remexo na cadeira.

– Naquela época, eu devia ter percebido que valia a pena prestar atenção em você – diz ele, o que é lisonjeiro, mas obviamente não é verdade. – Você sabe que eu gostaria que viesse trabalhar pra mim. Sei que você tem algumas dúvidas. Deixe que eu as responda.

O atendente volta com as entradas. As pequenas pérolas cinzentas de caviar estouram na minha língua deixando o sabor salgado do mar.

Zacharov parece um cavalheiro benevolente colocando ovo picado e *crème fraiche* sobre o blini. Apenas um homem distinto com um terno perfeitamente cortado e um volume debaixo de um dos braços, onde fica a arma. Acho que ele não é a melhor pessoa em quem confiar minhas dúvidas morais. Mas preciso dizer alguma coisa.

– Como era para meu avô? Chegou a conhecê-lo mais jovem?

Zacharov sorri.

– Seu avô é de uma época diferente. A geração dos pais dele ainda se via como boas pessoas, achava que os poderes eram uma bênção. Ele fazia parte daquela primeira geração que *nasceu* criminosa. Desi Singer chegou ao mundo em, o quê... menos de dez anos após a proscrição ser aprovada. Ele nunca teve chance.

– Mãos hábeis – digo, pensando na versão da história da Sra. Wasserman.

Ele assente.

– Era assim que éramos chamados antes da proscricção. Você sabia que seu avô foi concebido em um campo de trabalho? Ele cresceu durão, como meu pai. Tinha que ser assim. O país inteiro havia se virado contra eles. Meu avô, Viktor, era responsável pela cozinha; era trabalho dele garantir que a comida chegasse a todos. Ele fazia o que podia para compartilhar o pouco que tinha... Fazia acordo com os guardas, construiu um alambique para destilar sua própria bebida e trocar por suprimentos. Foi assim que as famílias nasceram. Meu avô dizia que era nosso dever protegermos uns aos outros. Não importa quanto dinheiro ou poder tivéssemos, jamais deveríamos nos esquecer de onde viemos.

Ele para de falar quando o atendente volta e coloca o peixe à nossa frente. Zacharov pede um copo de Pierre Morey Meursault de 2005, que chega alguns minutos depois, amarelo-claro, com a base do copo concentrada.

– Quando eu era um jovem de vinte anos, estava no meu segundo ano em Columbia. Era o final dos anos 1970, e eu achava que o mundo tinha mudado. O primeiro filme do Super-Homem estava em cartaz. Donna Summer tocava no rádio, e eu estava cansado de meu pai ser tão antiquado. Conheci uma garota na faculdade. O nome dela era Jenny Talbot. Ela não era mestra, e eu não me importava.

O peixe está esfriando à nossa frente quando Zacharov tira uma das luvas. A mão nua é toda marcada de cicatrizes. São marrom-avermelhadas e repuxadas.

– Três garotos me pegaram em uma festa no Village e pressionaram minha mão sobre uma das bocas de um fogão elétrico. Minha mão queimou através da luva e o tecido grudou na minha carne. Senti como se estivessem arrancando minha pele. Disseram que eu deveria ficar longe de Jenny, que a ideia de alguém como eu tocando nela dava nojo.

Ele toma um grande gole de vinho e enfia o garfo no peixe com uma das mãos ainda nua.

– Desi foi ao hospital depois que meu pai e minha mãe saíram, e pediu à minha irmã, Eva, para esperar no corredor. Quando me perguntou o que tinha acontecido, senti vergonha, mas contei. Eu

sabia que ele era leal ao meu pai. Quando terminei a história, ele me perguntou o que eu queria que fosse feito com aqueles rapazes.

– Ele os matou, não foi? – pergunto.

– Eu queria que ele os matasse – diz Zacharov, comendo um pedaço de peixe e fazendo uma pausa para engolir. – Todas as vezes que a enfermeira mudava o curativo na minha mão, todas as vezes que enfiavam a pinça na pele cheia de bolhas para arrancar o tecido, eu imaginava aqueles garotos mortos. Contei isso a ele. E então seu avô me perguntou sobre a garota.

– A garota? – repito.

– Foi exatamente o que eu perguntei, nesse mesmo tom incrédulo. Ele riu e disse que alguém colocou aqueles garotos pra fazer aquilo. Alguém falou algo para irritá-los. Talvez ela gostasse de ter rapazes brigando por ela. Mas ele estava disposto a apostar que aquela minha garota queria terminar nosso relacionamento e decidiu me jogar fora como lixo. Seria mais fácil se ela parecesse uma vítima do que o tipo de garota que gostava de se meter com mestres. Seu avô estava certo. Ela nunca foi ao hospital me visitar. Quando ele finalmente visitou os rapazes, encontrou Jenny na cama de um deles.

Zacharov faz uma pausa para comer um pouco. Eu como também. O peixe está delicioso, crocante e com aroma de limão e aneto. Mas não sei o que pensar da história que ele está contando.

– O que aconteceu com ela? – pergunto.

Ele para com o garfo na mão.

– O que você acha?

– Ah – digo. – Certo.

Ele sorri.

– Quando *meu* avô disse que devíamos proteger uns aos outros, achei que ele fosse um velho sentimental. Só quando *seu* avô falou, eu fui entender o que realmente significava. Eles nos odeiam. Podem sorrir para nós. Podem até nos deixar ir pra cama com eles, mas ainda nos odeiam.

A porta se abre. Dois atendentes entram com café e doces.

– Eles odiariam você mais do que todos – diz Zacharov.

A sala está quente, mas sinto muito frio.

Está tarde quando Stanley me deixa em casa. Tenho apenas uns vinte minutos para pegar minhas coisas e voltar para Wallingford antes da inspeção dos quartos.

– Fique longe de confusão – diz Stanley quando saio da parte de trás do Cadillac.

Destranco a porta e vou para a sala dos fundos, pego os livros e a mochila. Procuo minhas chaves, que eu achava que estavam na bolsa, mas não estão. Enfio as mãos debaixo das almofadas do sofá. Depois, me ajoelho para ver se estão no chão. Acabo por encontrá-las na mesa de jantar, escondidas sob alguns envelopes.

Estou saindo de casa quando lembro que meu carro ainda está quebrado. Nem sei se trouxe a bateria e os fusíveis da casa de Sam. Em pânico, corro para o andar de cima, até meu quarto. Nada de bateria. Nada de fusíveis. Refaço os passos bêbados que devo ter dado desde a cozinha. Descubro que o armário de casacos está um pouquinho aberto e, incrivelmente, a bolsa com as peças do carro está lá dentro, ao lado de uma lata de cerveja vazia. Um casaco está jogado ao fundo, como se tivesse caído do cabide. Eu o levanto com a intenção de colocá-lo de volta no lugar, mas ouço um baque metálico.

Tem uma arma no chão de linóleo. É prateada e preta, com o selo Smith & Wesson na lateral. Olho para ela sem parar, como se não estivesse enxergando direito. Como se fosse descobrir que é só um brinquedo. Depois de um momento, levanto o casaco de gola larga. Preto. Grande. Como o do vídeo.

O que torna aquela a arma que matou meu irmão.

Coloco o casaco e a arma no lugar, com cuidado, jogando a prova do crime o mais fundo possível no armário.

Eu me pergunto quando ela decidiu atirar em Philip. Deve ter sido depois que voltou de Atlantic City. Não consigo acreditar que soubesse do acordo com os policiais antes disso. Talvez tenha ido à casa de Philip e achado alguns dos papéis. Mas não, ele não seria tão burro. Talvez ela o tenha visto conversar com o agente Jones ou o agente Hunt. Não seria preciso mais do que uma checada em qualquer um deles para saber que eram federais.

Mas mesmo isso não parece suficiente. Não sei por que ela fez aquilo.

Só sei que esta é a casa da minha mãe, e o armário da minha mãe, o que torna aquele o casaco da minha mãe.

E aquela a arma da minha mãe.

CAPÍTULO DOZE

SEGUNDA DE MANHÃ,

na escola, alcanço Lila no caminho para a aula de francês. Toco em seu ombro, e ela se vira com o sorriso transbordando de saudade. Odeio ter tanto poder sobre ela, mas há um prazer assustador em saber que ocupo um espaço tão grande em seus pensamentos. Um prazer contra o qual devo me preparar.

– Você foi à casa de Philip? – pergunto.

Ela abre a boca, hesitando.

– Encontrei um dos seus cigarros – digo antes que ela possa mentir.

– Onde? – pergunta ela. Ela cruza os braços ao redor do peito de um jeito protetor. Aperta os ombros com força com as mãos enluvadas.

– Onde você acha? No cinzeiro. – Vejo a expressão dela ficar sombria e repentinamente mudo de ideia quanto a minha abordagem. Ela parece completamente fechada para mim, uma casa trancada contra ladrões, mesmo que seja um ladrão de quem ela gosta. – Me diga que não era seu, e eu vou acreditar. – Mas não penso realmente isso nem por um segundo. Sei que o cigarro era dela. Mas também sei que o melhor jeito de se invadir uma casa é entrando pela porta da frente.

– Tenho que ir pra aula – diz ela. – Encontro você lá fora no almoço.

Vou para a aula de francês. Traduzimos uma passagem de Balzac: *La puissance ne consiste pas à frapper fort ou souvent, mais à frapper juste.*

O poder nem sempre consiste em bater com força, mas em bater de verdade.

Ela está à minha espera ao lado do refeitório. O cabelo louro e curto parece branco sob a luz do sol, como uma auréola ao redor do rosto. Ela usa meias brancas que sobem até as coxas e, quando balança a saia rodada, quase consigo ver a pele.

– Oi – digo, determinado a não olhar.

– Oi, você. – Ela dá aquele seu sorriso louco e faminto. Teve tempo de se preparar, dá para perceber. Decidiu o que contar e o que esconder.

– Então... – digo, com as mãos enluvadas nos bolsos. – Não sabia que você ainda fumava.

– Vamos dar uma volta. – Ela se desencosta da parede e começamos a andar pelo caminho até a biblioteca. – Recomecei no verão. A fumar. Eu não pretendia, mas todo mundo ao redor do meu pai fuma. Além do mais, era um jeito de ocupar as mãos.

– Certo – digo.

– É difícil parar. Mesmo aqui, em Wallingford, pego um tubo de papel-toalha, encho de folhas de amaciante e solto o ar ali dentro. Depois, escovo os dentes um milhão de vezes.

– Apodrece os pulmões – digo.

– Só fumo quando estou muito nervosa – diz ela.

– Como quando está no apartamento de um homem morto?

Ela assente depressa, esfregando as luvas na saia.

– Isso mesmo. Philip tinha uma coisa que eu queria ter certeza de que ninguém encontraria. – Seu olhar vai até meu rosto. – Um dos corpos.

– Corpos? – repito.

– Uma das pessoas que você... transformou. Ouvei dizer que há meios de saber se um amuleto é real, e, bem, talvez alguém... os policiais ou os agentes federais... pudessem usar o mesmo método pra saber se um objeto foi enfeitiçado. Eu estava preocupada com você.

– Então por que não me contou? – pergunto.

Ela se vira para mim, os olhos furiosos.

– Quero que você me *ame*, seu idiota. Achei que, se fizesse uma coisa por você, algo grande, você me amaria. Eu queria salvá-lo,

Cassel, para que você tivesse que me amar. Entende agora? É horrível.

Por um momento, não sei por que ela está tão zangada. Mas então percebo que é porque está sem graça.

– Gratidão não é amor – digo.

– Eu devia saber disso – diz ela. – Sou grata a você e odeio isso.

– Você não me fez nenhum outro favor que deixou de mencionar, fez? – pergunto, implacável. – Como assassinar meu irmão?

– Não – diz ela com rispidez.

– Você tinha todos os motivos para querê-lo morto – falo, pensando nas acusações dos meus amigos na cozinha da casa chique de Daneca.

– Só porque fico feliz que ele esteja morto não significa que o matei – diz ela. – E também não mandei matá-lo, se é o que você vai perguntar agora. É isso que aqueles agentes queriam? Dizer que matei seu irmão?

Devo ter ficado com cara de quem não entendeu, porque ela ri.

– Também estudo nesta escola. Todo mundo sabe que você foi algemado e jogado na traseira de um carro preto por homens de terno.

– E então, o que a maioria das pessoas acha?

– Tem um boato rolando de que você trabalha para a divisão de narcóticos – conta ela, e eu solto um gemido. – Mas acho que o júri ainda não chegou a um veredito.

– Sei tanto quanto o resto da escola sobre o que os almofadinhas querem comigo – digo. – Me desculpe por ter perguntado sobre o cigarro. Eu precisava saber.

– Você está ficando muito popular – diz ela. – Não há Cassel suficiente pra todo mundo.

Olho para a frente. Já passamos pela biblioteca. Estamos quase no bosque. Eu me viro, e ela também. Voltamos em silêncio, perdidos em nossos próprios pensamentos.

Quero pegar na mão dela, mas não faço isso. Não é justo. Ela teria que aceitar.

Estou indo para a aula de física quando Sam me para no corredor.

– Você soube? – pergunta ele. – Greg Harmsford teve um surto e destruiu o próprio laptop.

– Quando? – pergunto, franzindo a testa. – No almoço?

– Ontem à noite. Pelo que soube, todo mundo do corredor acordou com ele afogando o computador na pia. A tela já estava rachada, como se ele tivesse dado socos. – Ao dizer isso, Sam não consegue mais conter o riso. – Ele tem um problema sério de agressividade.

Sorriso.

– Ele diz que estava dormindo. Tentando roubar sua desculpa – conta Sam. – Além do mais, todo mundo viu que os olhos dele estavam abertos.

– Ah – digo, o sorriso desaparecendo. – Ele teve um ataque de sonambulismo?

– Ele estava *fingindo* – diz Sam.

Eu me pergunto onde Lila estava enquanto eu passeava com o pai dela. Fico imaginando se visitou o quarto de Greg, se ele a convidou para entrar, se ela lentamente tirou as luvas antes de passar as mãos pelo cabelo dele.

Sam se vira para me dizer outra coisa.

Mas felizmente o sinal toca, e tenho que correr para a aula. Eu me sento e escuto a Dra. Jonahdab. Hoje ela está falando sobre a conservação do movimento linear e do quanto é difícil parar um objeto que foi colocado em movimento.

Daneca passa correndo por mim para sair da sala no final da aula de física. Ela vai para a sala de Sam e fica na porta, esperando por ele. A expressão em seu rosto deixa claro que Sam ainda não voltou a falar com ela.

– Por favor – implora ela para ele, agarrando os livros contra o peito, mas Sam passa por ela sem nem hesitar. A pele ao redor dos olhos dela está vermelha e inchada, indicando que chorou recentemente.

– Tudo vai ficar bem – digo, embora não tenha certeza se acredito nisso. É apenas uma coisa que as pessoas dizem.

– Acho que eu devia saber – fala ela, afastando uma mecha de cabelo com ponta roxa e suspirando. – Minha mãe diz que muitas pessoas querem conhecer mestres, mas jamais namorariam um. Pensei que Sam fosse diferente.

Meu estômago ronca, e lembro que não almocei.

– Não, não pensou – retruco. – Foi por isso que mentiu pra ele.

– Bem, eu estava certa, não estava? – pergunta ela, chorosa, pedindo para ser contrariada.

– Não sei – digo.

Minha próxima aula, cerâmica, é do outro lado da praça, no Centre de Belas Artes Rawlings. Fico surpreso quando Daneca me segue até o gramado; duvido muito que a próxima aula dela seja lá também.

– O que quer dizer? – pergunta ela. – Por que acha que ele está assim?

– Talvez esteja com raiva por você não ter confiado nele. Talvez esteja com raiva porque não contou o verdadeiro motivo de não querer fazer o exame. Talvez apenas esteja feliz de estar certo, pra variar... você sabe, curtindo estar por cima.

– Ele não é assim – diz ela.

– Você quer dizer não é como eu? – pergunto. No estacionamento ali perto, um reboque começando a se afastar com um carro preso atrás.

Ela pisca como se tivesse levado um susto. Não faço ideia do motivo; não é novidade que ela sempre imagina coisas horríveis sobre mim.

– Não disse isso.

– Bem, você está certa. Eu *gosto*, mesmo não querendo admitir. Todo mundo gosta de um pouco de poder, principalmente as pessoas que se sentem impotentes. – Penso em Sam no começo do semestre, achando que jamais chegaria à altura de Daneca, mas duvido que ela faça ideia disso.

– É assim que você é com Lila? – Se ela não estava me julgando antes, está me julgando agora.

Balanço a cabeça, tentando manter a irritação longe da minha voz.

– Você sabe que não é a mesma coisa. Não é de verdade. Você nunca enfeitiçou...

Eu paro de falar quando me dou conta de que o carro sendo rebocado é o meu.

– Mas que diabos? – digo e saio correndo. – Ei!

Grito ao ver o para-choque do meu carro bater no último quebra-molas antes da estrada. Tudo que consigo ver do motorista é que está com um boné enfiado na cabeça, escondendo seus olhos. Não consigo nem enxergar a placa do reboque, porque meu próprio carro está na frente dela. Mas dá pra ler o nome pintado na lateral. Tallington Towing.

– O que acabou de acontecer? – pergunta Daneca. Ela está parada na vaga vazia onde estava meu Mercedes.

– Ele roubou meu carro! – digo, perplexo. Eu me viro e aponto para todos os outros veículos do estacionamento. – Por que não um desses? São carros legais! Por que minha lata-velha quebrada...

– Cassel – diz Daneca com firmeza, me interrompendo. Ela aponta para o chão à frente dela. – É melhor você dar uma olhada nisso.

Vou até lá e vejo uma pequena caixa de joias com um laço preto, deixada no meio da vaga vazia. Eu me abaixo, encosto na pequena etiqueta e a viro. No papel preto, em tinta ainda mais preta, tem um desenho simples das ameias de um castelo. Franzo a testa e sinto o toque familiar do sombrio mundo do crime e dos golpes. É um presente daquele mundo.

Castelo.

Cassel.

Puxo o laço e ele se solta facilmente. Antes de levantar a tampa, imagino por um instante que vai ter alguma coisa desagradável dentro (uma bomba ou um dedo), mas, se de fato houver uma parte de corpo ali, esperar só vai piorar as coisas. Abro a caixa. Dentro, aninhado em espuma preta, tem a chave quadrada de um Mercedes. Brilhante. Tem a borda prateada e tão moderna que parece mais um pendrive do que qualquer coisa relacionada a um carro.

Eu a levanto e aperto o botão de destrancar. Faróis se acendem em um carro do outro lado do estacionamento. Um Roadster preto com detalhes cromados.

– Isso é brincadeira? – digo.

Daneca anda até lá e encosta o rosto na janela. Seu hálito embaça o vidro.

– Tem uma carta dentro.

Ouçó o sinal ao longe, dentro do centro acadêmico. Estamos oficialmente atrasados para a aula.

Daneca parece não ouvir. Ela abre a porta e pega o envelope. Os dedos enluvados trabalham depressa e abrem a aba antes que eu possa impedi-la.

– Ei – protesto. – Isso é meu.

– Você sabe de quem é? – pergunta ela, desdobrando o papel.

Claro. Só pode ser de uma pessoa. Zacharov. Mas eu preferia que ela não ficasse sabendo disso.

Tento pegar a carta, mas ela ri e a coloca fora do meu alcance.

– Para com isso – digo, mas ela já está lendo.

– Interessaaaaaaante! – exclama Daneca, olhando nos meus olhos. Ela me entrega o bilhete.

Um gostinho do seu futuro.

–Z

Arranco o papel da mão dela e o amasso.

– Vamos dar uma volta – sugiro, mostrando a chave. – Já estamos mesmo matando aula. Pelo menos podemos nos divertir.

Daneca se senta no banco do passageiro sem protestar, o que me deixa chocado. Ela espera até eu colocar o cinto para perguntar:

– O que o bilhete quer dizer?

– Nada – digo – Só que Zacharov quer que eu faça parte de seu alegre bando de ladrões.

– Você vai ficar com o carro? – pergunta ela, passando dedos enluvados pelo painel. – É um suborno bem caro.

O carro é lindo. O motor ronrona e o acelerador responde ao menor toque.

– Se ficar com ele – diz Daneca –, ele vai ter você nas mãos.

Todo mundo me tem nas mãos. Todo mundo.

Saio na rua e sigo para a estrada. Rodamos em silêncio por algum tempo.

– Antes, quando estávamos indo pra aula, você me perguntou se já enfeitei alguém. – Daneca olha pela janela.

– Por favor, saiba que sou realmente a última pessoa no mundo a julgar você.

Ela ri.

– Pra onde estamos indo, afinal?

– Pensei em tomarmos um café com donut. Comida pro cérebro.

– Sou mais do tipo que toma chá de ervas – diz Daneca.

– Estou perplexo – digo, tirando uma das mãos do volante e colocando sobre o coração. – Mas você estava prestes a me contar todos os seus segredos. Por favor, continue.

Ela revira os olhos, se inclina para a frente e mexe no rádio. Os auto-falantes são tão fantásticos quanto o resto do carro. Sem chiado. Sem distorção. Apenas o som intenso e claro.

– Não tenho muito pra contar – diz ela, abaixando o volume. – Tinha um cara de quem eu gostava aos doze anos, logo antes de eu vir pra Wallingford. O nome dele era Justin. Estudávamos em uma escola voltada para as artes, e ele era ator mirim. Tinha feito alguns comerciais e tudo. Eu fazia parte do círculo de amigos, mas não era muito próxima.

Balanço a cabeça, concordando. Eu sobrevivo com círculos de amigos, sem ser muito próximo.

– E eu o seguia como um cachorrinho. Todas as vezes que ele falava comigo, eu sentia o coração na garganta. Escrevi um haicai sobre ele.

Olhei para ela com as sobrancelhas erguidas.

– É sério? Um haicai?

– Ah, sim. Quer ouvir? “Cabelos dourados e olhos de lasers azuis. Por que você não me vê?”

Eu dou uma risada, e o som sai pelo nariz. Ela ri também.

– Não acredito que você se lembra disso – digo.

– Bem, eu lembro porque ele *leu isso*. A professora expôs todos os nossos haicais sem nos avisar, e uma garota da turma contou a ele

sobre o meu. Foi horrível. Humilhante. Todos os amigos dele me provocavam por causa disso, e ele me olhava com um sorrisinho esnobe. Eca.

– Parece um babaca.

– Ele era um babaca – diz Daneca. – Mas eu gostava dele. Acho que, de uma forma meio bizarra, passei a gostar ainda mais depois.

– E então você o enfeitiçou?

– Não – diz Daneca. – Eu *me* enfeitei. Pra parar de sentir o que sentia. Pra não sentir mais nada.

Eu não esperava isso.

– Você é uma boa pessoa – digo com humildade. – Pego no seu pé por causa disso, mas admiro você de verdade. Você se preocupa tanto em fazer a coisa certa.

Ela sacode a cabeça quando paro no café.

– Foi estranho. Todas as vezes que eu olhava pra ele depois disso, tinha aquela sensação de ter alguma coisa na ponta da língua, como se não conseguisse lembrar uma palavra que devia saber. Era uma sensação errada, Cassel.

Saímos do carro.

– Não estou dizendo que enfeitiçar a si mesmo é uma ótima ideia...

O teto do café é de metal, e há uma bancada cheia de cookies recém-assados. As mesas estão cheias de alunos e autônomos digitando em laptops e segurando copos com uma reverência que sugere que acabaram de sair da cama.

Daneca pede um *chai latte* e eu, um café simples. A bebida dela é de um verde intenso.

Faço uma careta. Vamos para a única mesa livre, ao lado da porta e da estante de jornais. Quando me sento, uma das manchetes me chama atenção.

– Não faça essa cara – diz Daneca. – É gostoso. Quer provar?

Balanço a cabeça. Tem a foto de um homem que eu conheço ao lado das palavras “Assassino de aluguel do Bronx foge da condicional”. O texto embaixo da foto diz: “Mestre da morte Emil Lombardo, também conhecido como Caçador, desaparecido depois

de ter sido indiciado por homicídio duplo.” Nem se deram o trabalho de mentir pra mim quanto ao nome dele.

– Tem vinte e cinco centavos? – pergunto, revirando os bolsos.

Daneca enfia a mão na bolsa e tateia até encontrar uma moeda. Ela a coloca sobre a mesa.

– Sabe qual a coisa mais estranha de enfeitiçar a mim mesma por causa daquele garoto?

Encontro cinquenta centavos e coloco as moedas na máquina.

– Não, o quê?

Pego o jornal. O homicídio duplo foi de uma mulher de trinta e quatro anos e a mãe. Duas testemunhas de outro crime, alguma coisa relacionada aos Zacharov e a imóveis. Debaixo da dobra do jornal, há fotos menores das mulheres mortas. Ambas parecem boas pessoas.

Boas pessoas. Pessoas legais. Como Daneca.

– A coisa mais estranha – continua ela – é que, depois que parei de gostar dele, ele me chamou pra sair. Quando recusei, ele ficou muito magoado. Não sabia o que tinha feito de errado.

Encosto o dedo enluvado nos rostos das mulheres assassinadas e o couro mancha a tinta. Ontem à noite eu ajudei o assassino delas a escapar.

– Isso é estranho – digo, sem prestar muita atenção.

Quando voltamos à escola, está bem na hora da minha aula de informática. O sinal para de tocar no instante em que eu entro.

– Sr. Sharpe – diz a Sra. Takano sem olhar para a frente. – Estão procurando você na diretoria. – Ela me entrega o passe para o corredor, um grande dinossauro de plástico.

Não me apresso na caminhada pelo gramado. Penso em meu carro novo cintilando ao sol. Penso na produção de *Macbeth* do segundo ano e em Amanda Kerwick como Lady Macbeth, erguendo as mãos nuas, procurando sangue.

Mas não há só uma pequena mácula em mim. Como diz o marido dela: “Estou tão atolando em sangue que, esteja onde estiver, será igualmente imprudente recuar ou seguir em frente.”

Eu sacudo a cabeça. Estou apenas procurando desculpas para ficar com o carro.

Quando entro na diretoria, a Sra. Logan franze a testa.

– Não achei que você fosse voltar tão rápido. Cassel, sabe que precisa avisar quando vai sair do campus.

– Eu sei – digo, arrependido.

Tenho esperanças de que Northcutt me dê apenas uma advertência por matar aula. Há menos de uma semana eu estava me gabando com Lila sobre minhas estratégias para sair do campus sem ter problemas. E então saio de carro sem fazer uso de nenhuma delas.

Mas a Sra. Logan apenas me entrega uma pasta de assinaturas.

– Coloque aqui a hora em que você saiu – diz ela, passando o dedo enluvado sobre a linha. – E a hora em que voltou, aqui.

Escrevo as duas coisas precisamente.

– Ótimo – diz ela. – O advogado disse que você ficou meio atordoado quando ele ligou pra lembrar da reunião. Northcutt quer que você saiba que não precisa voltar pra aula se não estiver pronto.

– Estou bem – respondo lentamente. Tem alguma coisa acontecendo. É melhor eu descobrir o que é antes de fazer alguma besteira.

– Só queremos que você saiba que sentimos muito pela sua perda, Cassel. E espero que tudo tenha ocorrido da melhor maneira possível hoje.

– Obrigado – digo, tentando parecer triste.

Vou em direção à porta pensando no que acabou de acontecer. Um dos homens de Zacharov deve ter ligado e fingido ser o advogado da família (talvez tenha sido até o sujeito do reboque) para me dar não só o carro, mas também tempo para brincar com ele. Ser cortejado por um mafioso é bem gostoso. Dificilmente as propostas dos agentes federais poderiam superar isso.

Sigo em direção à aula de informática quando vejo Daneca sair da diretoria.

– Ei – digo. – Não te vi lá.

– Eu estava na sala de Northcutt – conta ela com desânimo. E então chuta um monte de terra no meio da praça. – Não acredito

que deixei você me convencer daquilo.

Parece que Daneca ganhou sua primeira advertência por matar aula.

– Sinto muito – digo.

Ela faz uma expressão de quem sabe que não lamento tanto assim.

– E então, o que Lila está aprontando?

– Lila? – Ando me sentindo muito burro ultimamente.

– Sua *namorada*? Loura? Amaldiçoada pra amar você? Já identificou quem é? – Daneca estica o celular e me mostra uma mensagem de Lila. *Venha para a sala de espanhol. Terceiro andar. Urgente.*

– Não faço ideia – respondo, olhando para as palavras. Pego meu celular, mas não tem nenhuma mensagem.

Daneca ri. Seu tom é de provocação.

– Espere. Você *não* sabe quem é Lila?

Percebo meu engano e dou uma gargalhada. Mas isso me faz pensar. A Lila de quem me lembro tinha catorze anos. Não havia passado três anos como um animal em uma gaiola nem sido forçada a sentir nada, e mesmo então já era um mistério para mim. Eu me pergunto se faço alguma ideia de quem Lila é, afinal.

Quando entramos, encontramos Lila sentada em uma das carteiras na sala vazia, balançando as pernas. Em outra está Greg Harmsford. Ele usa óculos de sol, mas a cabeça está bem inclinada para trás, e fica claro que está inconsciente. Pelo menos eu espero que esteja inconsciente. Na frente dele há duas latas de Coca-Cola, as duas abertas.

– O que você fez? – pergunto.

– Ah, oi, Cassel. – Um leve rubor surge nas pontas das orelhas de Lila. Ela estica a mão com um pedaço de papel. É um e-mail impresso. Eu pego da mão dela, mas não olho.

Daneca limpa a garganta e aponta para o corpo inclinado de Greg, arregalando os olhos para enfatizar que quer que eu *faça alguma coisa*.

– Ele está morto? – indago. Alguém tem que perguntar.

– Eu o droguei – diz Lila com firmeza. A luz do fim de tarde deixa seu cabelo dourado. Ela está usando uma camisa branca e pequenas pedras azuis nas orelhas que combinam com um de seus olhos. Parece a última garota no mundo que drogaria um rapaz no meio do dia. *Como se a manteiga não fosse derreter na língua dela*, diriam os velhos de Carney.

– Vejam o que achei no computador dele – conta Lila.

Finalmente olho para o papel na minha mão. É de Greg e está endereçado a vários e-mails que não conheço. O texto comunica aos pais que “Wallingford apoia um clube que encoraja atividades criminais” e que “adolescentes mestres têm permissão de se gabar abertamente de suas façanhas criminosas”. Olho para os endereços de e-mail de novo. Imagino que são de nossos pais. Há fotos anexadas, e, embora Lila só tenha imprimido a primeira página, as duas que estão lá deixam bastante óbvio que ele anexou quadros do vídeo da reunião do HEX.

– Uau – digo e passo o papel para Daneca.

Não comento que, para conseguir isso do computador de Greg antes de ele tentar afogá-lo na pia do alojamento, Lila devia estar enfeitando-o. Também não menciono o fato de Greg estar inconsciente agora, dormindo, vulnerável a qualquer invasão dos sonhos.

– Vou *matá-lo* – diz Daneca. Ela parece mais zangada do que jamais vi antes.

Lila respira fundo e solta o ar devagar.

– É tudo minha culpa.

– O que você quer dizer?

Ela balança a cabeça, evitando meu olhar.

– Não importa. O que importa é que vou consertar. Vamos nos vingar dele. Por Ramirez e pelo vídeo. Por esse e-mail. Tenho um plano.

– Que é...? – pergunto.

Lila desce de cima da carteira.

– Greg Harmsford está prestes a entrar para o HEX – diz ela. – Ele vai à primeira reunião hoje. Agora mesmo, eu espero. Antes de acordar. – Os olhos dela estão brilhando com uma alegria insana, e

percebo o quanto senti falta dela assim, feroz. Senti falta da garota destemida que costumava ganhar de mim nas corridas e me dar ordens.

Dou uma risada.

– Você é *má* – digo para Lila.

– Puxa-saco – diz ela, mas parece satisfeita.

– Não sei se consigo convencer as pessoas de virem para uma reunião – diz Daneca. Ela vai até a porta e olha para o corredor, depois olha de volta para nós. – Vocês acham que as pessoas iam acreditar? Será que ia dar certo?

Lila enfia a mão na bolsa e pega uma pequena câmera dourada.

– Bem, nós teremos fotos. Além do mais, coisas assim aparecem no noticiário o tempo todo. Oficiais do governo que fazem campanha antimestres acabam sendo eles mesmos mestres. É totalmente plausível. O fato de que ele conseguiu a filmagem na primeira vez vai fazê-lo parecer mais culpado.

Dou um sorriso.

– Acho que é melhor fazermos algumas ligações se quisermos montar uma reunião do HEX.

Daneca precisa implorar muito para conseguir reunir um grupo pequeno. Ninguém quer ser associado ao HEX agora. Todos foram perturbados. Alguns têm até foram abordados por pais de colegas que tentaram contratá-los para fazer coisas suspeitas. Estão apavorados, e não os culpo.

Daneca repete para cada um a mesma ladainha sobre como é importante nos mantermos unidos. Lila se mete na ligação e jura que vai ser engraçado. Eu tento colocar Greg Harmsford em uma posição mais dura.

Ajeitar um corpo inconsciente não é fácil. Greg não está em coma, apenas dormindo. Ele ainda se mexe quando o coloco em uma posição desconfortável, ainda faz careta e empurra minhas mãos quando tento fazê-lo se sentar. Reviro a carteira até encontrar fita adesiva e uns lápis. Uso o material para construir uma espécie de apoio para a nuca. Olhando de frente, pode parecer que os ombros dele estão caídos, mas pelo menos vai parecer acordado, pois a

cabeça estará erguida. Ele faz um som de protesto quando prendo a fita, mas depois de um minuto parece se acostumar.

– Bom trabalho – diz Lila distraidamente. Ela está ocupada escrevendo REUNIÃO DO HEX com giz no quadro.

– Quanto tempo ele vai ficar assim? – pergunta Daneca, cutucando o ombro de Greg. Ele se mexe um pouco, quase o bastante para estragar o efeito da minha pose. Daneca sufoca um gritinho com as duas mãos.

– Não tenho certeza, mas, quando acordar, ele provavelmente estará enjoado. Efeito colateral – diz Lila, ainda distraída. – Cassel, pode colocar o braço de Greg em cima da cadeira ou algo do tipo? Acho que ele não está muito natural.

– Devíamos chamar Sam – digo com um suspiro. – Efeitos especiais são a especialidade dele. Não faço ideia do que estou fazendo.

– Não – diz Daneca, tirando o celular da minha mão e colocando-o sobre uma carteira. – Não vamos ligar pra ele.

– Mas ele... – começo a falar.

– *Não* – diz ela.

Lila olha para nós, confusa.

– Eles brigaram – explico.

– Ah – diz ela, depois inclina a cabeça e olha para Greg. – Ainda tem alguma coisa estranha. Talvez se trouxermos uns lanches? Sempre levamos comida nas reuniões de verdade. Daneca, você pode ir até a máquina antes de as pessoas chegarem? Cassel, talvez você pudesse ver se tem sacos de batata vazios no lixo. Seriam apenas decorativos. Posso ir correndo à loja...

– Eu vou se Cassel prometer não ligar pro Sam – diz Daneca.

Eu dou um gemido.

– Juro de pés juntos se você quiser.

Daneca me lança um olhar sombrio e vai para o corredor. Em vez de segui-la, me viro para Lila, que está revirando a bolsa.

– Por que você acha que isso é sua culpa? – pergunto.

O olhar dela passa de mim para Greg.

– Não temos muito tempo. Deveríamos...

Eu espero, mas ela não diz mais nada. Suas bochechas coram, e ela olha para o chão.

– Não importa o que aconteceu – digo. – Pode me contar.

– Não é nada que você já não saiba. Fui burra e ciumenta. Depois que vi você e Audrey juntos, fui falar com Greg. Acabei flertando com ele, eu acho. Sabia que tinha namorada e que era uma coisa má e cruel de fazer, mas não achei que as coisas podiam... Não achei que seria tão ruim quanto foi. Ele perguntou sobre você, quis saber se estávamos juntos. Eu disse que “mais ou menos”.

– Mais ou menos – repito.

Ela esfrega os olhos com a mão.

– Tudo estava tão complicado entre nós. Eu não sabia *o que* dizer. Quando ele soube que a gente, você sabe, começou a dar em cima de mim de verdade. E eu só queria sentir alguma coisa, qualquer coisa diferente do que eu estava sentindo.

– Eu não... – começo a dizer. *Eu não valho tanto assim*. Estico a mão e prendo uma mecha solta de cabelo atrás da orelha dela.

Ela sacode a cabeça, quase com raiva.

– No dia seguinte, percebi que ele estava se gabando do que fez comigo. Um de seus amigos até me perguntou sobre isso. Então fui até Greg e pensei na pior coisa que podia dizer. Disse que, se ele não calasse a boca sobre mim, ia dizer por aí que ele era ruim de cama. Que ele era mole como uma minhoca.

Dou uma risada incrivelmente alta.

Mas ela ainda não está olhando para mim. E, se é possível, suas bochechas estão ainda mais vermelhas.

– Ele agiu daquele jeito, tipo “você sabe que gostou”. E eu disse...

Ela para. Consigo ouvir pessoas no corredor. Em alguns momentos, estarão aqui.

– O quê? – pergunto.

– Você tem que entender – diz ela rapidamente. – Ele ficou furioso. Furioso demais. E acho que foi por isso que decidi atacar o HEX.

– Lila, o que você *disse*?

Ela fecha os olhos com força. Sua voz é quase um sussurro.

– Eu disse que estava pensando em você o tempo todo.

Fico feliz por ela estar com os olhos fechados. Fico feliz por ela não poder ver meu rosto.

As pessoas começam a entrar. Nadja, Rachel e Chad são os primeiros a chegar e Lila, ainda vermelha, não perde tempo em instruí-los. Em pouco tempo, todos estão arrumando cadeiras.

Consigo fingir calma e controle. Daneca chega alguns minutos depois com lanches.

Não é sua culpa, quero dizer para Lila. Mas não digo isso. Não digo nada.

Tiramos fotos e mais fotos com o quadro atrás e as palavras REUNIÃO DO HEX escritas nele. Algumas com alguém em pé no meio de um círculo de cadeiras, falando com empolgação. Outras com todo mundo rindo e uma garota no colo de Greg. No meio da sessão de fotos, ele acorda o bastante para tirar o lápis do pescoço e ajeitar os óculos de sol. Ele olha para nós sem entender, mas sem parecer realmente alarmado.

– O que está acontecendo? – diz Greg com a fala arrastada.

Quero quebrar o pescoço dele. Quero fazê-lo lamentar ter nascido.

– Sorria – diz Daneca. Ele dá um sorriso torto. Uma garota passa o braço pelos ombros dele.

Lila continua fotografando.

Greg volta a dormir e aninha a cabeça nos braços sobre a carteira. Lila, Daneca e eu vamos até a loja da esquina e usamos a máquina de lá para imprimir todas as fotos do cartão de memória.

Ficaram ótimas. Tão boas que seria um crime não compartilhá-las com todos em Wallingford.

A maior parte das pessoas nunca denuncia um golpe por três motivos. O primeiro é que os golpistas não costumam deixar muitas evidências. Se você não sabe exatamente quem o golpeou, não faz sentido denunciar. O segundo motivo é que normalmente você, o alvo, concordou em fazer alguma coisa duvidosa. Se denunciar o golpista, tem que se denunciar junto. Mas o terceiro motivo é o mais simples e mais convincente. Vergonha. Você é o otário que levou um golpe.

Ninguém quer parecer burro. Ninguém quer ser visto como ingênuo. Então, os alvos escondem o quanto foram burros e ingênuos. Golpistas quase não precisam se dar o trabalho de encobrir tudo com alvos tão ansiosos para fazer isso por eles.

Greg Harmsford insiste em dizer bem alto para quem quiser ouvir que usaram Photoshop para inseri-lo nas fotos. E fica furioso quando sua história é questionada. Depois de algum tempo, a provocação o faz perder o controle e ele dá um soco na cara de Gavin Perry.

Ele é suspenso por dois dias. Tudo porque não quer admitir que foi enganado.

Estou sentado no meu quarto no horário de estudos, fazendo o dever de casa de ética do mundo em desenvolvimento, quando meu telefone toca. Não conheço o número, mas atendo.

– Temos que nos encontrar – diz a voz do outro lado. Levo alguns segundos para perceber que estou falando com Barron. A voz dele parece mais fria do que o habitual.

– Estou na escola – respondo. Não estou no clima para fugir de novo. – Não posso sair antes do fim de semana.

– Que coincidência – diz Barron. – Também estou em Wallingford.

O alarme de incêndio toca. Sam dá um pulo e começa a calçar os tênis.

– Pegue o PlayStation – diz ele para mim.

Eu balanço a cabeça enquanto cubro o telefone com a mão.

– É trote. Alguém acionou. – Em seguida, quase cuspo no telefone: – Seu idiota. Não posso sair agora. Vão fazer contagem de cabeças. Vão prestar o máximo de atenção pra garantir que todos voltem pro quarto.

Sam me ignora e começa a soltar os fios do videogame.

– Já fiz o inspetor do seu corredor esquecer você – diz Barron. As palavras me causam um arrepio na espinha.

Saio junto com Sam e os outros garotos e vamos para a grama. Todos estão olhando para o prédio, esperando que nuvens de fumaça apareçam ou que as chamas iluminem as janelas. É fácil me afastar até estar próximo das árvores e das sombras.

Ninguém está me procurando. Ninguém além de Barron.

A mão enluvada dele cai, pesada, no meu ombro. Nos afastamos da escola pela calçada, em direção a casas banhadas na luz azul bruxuleantes dos aparelhos de TV. São apenas nove horas da noite, mas parece bem mais tarde.

Parece tarde demais.

– Ando pensando nos Zacharov – diz Barron de um jeito muito casual. – Eles não são a única atração na cidade.

Eu jamais deveria ter baixado a guarda.

– O que você quer dizer? – É difícil olhar para Barron agora, mas eu olho. Ele está dando um sorrisinho malandro. O cabelo e o terno pretos o tornam uma sombra, como se eu tivesse conjurado um espelho obscuro de mim mesmo.

– Sei o que você fez comigo – diz ele, e, apesar de estar tentando manter o tom sob controle, consigo ouvir a ira pulsando na voz. – Você tirou vantagem das falhas na minha memória. Com todo seu choramingo sobre fazer a coisa certa, você não é nada diferente de mim e de Philip. Conheci dois cavalheiros do FBI, os agentes Jones e Hunt. Eles tinham muita coisa pra me contar sobre meu irmão mais velho e sobre o caçula também. Philip contou pra eles sobre como você me colocou contra ele. Como mexeu com a minha cabeça a ponto de eu não lembrar que estava envolvido no plano de tornar Anton o chefe da família Zacharov. A princípio, não acreditei neles, mas voltei e reli meus cadernos.

Ah, merda.

Há mestres falsificadores no mundo, pessoas que sabem exatamente quais os componentes químicos da tinta no século XVI e no século XVIII. Possuem fornecedores de papel e telas com a mesma idade do documento falsificado; conseguem criar rachaduras perfeitas na tinta. Praticam os rodopios e floreios de outra caligrafia até que seja mais familiar que as próprias.

Acho que não é preciso dizer que não sou um mestre falsificador. A maioria das falsificações não são detectadas porque são boas o bastante para que ninguém queira investigá-las. Quando assino o nome da minha mãe em uma autorização da escola, desde que pareça com a caligrafia dela, ninguém leva até um especialista.

Mas se Barron comparasse os cadernos que falsifiquei com pressa com os antigos, a fraude ficaria óbvia. Somos todos especialistas em nossa própria caligrafia.

– Se sabe o que fiz com você – digo, tentando não parecer abalado –, então sabe o que fez comigo também.

Isso apaga o sorrisinho torto dele.

– A diferença é que estou disposto a perdoar você.

Isso é tão inesperado que fico sem resposta. Barron não parece precisar de uma.

– Quero recomeçar, Cassel – diz ele –, e do topo. Vou até a família Brennan. E, para isso, preciso de você. Seremos uma equipe imbatível de assassinos.

– Não – digo.

– *Ai*. – Ele não parece tão incomodado com minha recusa. – Se acha bom demais pra um trabalho tão sujo?

– É – respondo. – Sou assim mesmo. Bom demais.

Eu me pergunto se ele de fato conseguiria racionalizar o que fiz com ele, tratar mesmo a traição como uma leve transgressão de um parceiro rebelde. Eu me pergunto se o magoei.

Se consegue racionalizar o que fiz com ele, é fácil imaginar como racionalizou o que fez comigo.

– Sabe por que concordou em transformar todas aquelas pessoas em objetos inanimados? Por que concordou em matá-los?

Eu respiro fundo. É horrível ouvir essas palavras em voz alta.

– É claro que não sei. Não me lembro de nada. Você *roubou todas as minhas lembranças*.

– Você ia atrás de mim e de Philip como um cachorrinho – diz Barron. Consigo ouvir a fúria na voz dele. – Implorava pra fazer um serviço com a gente. Torcia pra que a gente visse seu coração negro e desse uma chance. – Ele me cutuca no peito.

Dou um passo para trás. A raiva percorre meu corpo de maneira repentina e quase insuportável.

Eu era o irmãozinho deles. Claro, eu os idolatrava. E eles me deram um chute nos dentes.

Barron sorri.

– É bem inteligente, na verdade. Fiz você acreditar que já tinha matado antes. Foi só isso! Fiz você acreditar que era o que eu queria que você se tornasse. Você adorou, Cassel. Adorou ser um maldito assassino.

– Não é verdade – digo, sacudindo a cabeça, desejando calar a boca dele. – Você é mentiroso. É o príncipe dos mentirosos. E como não lembro, você sabe que pode falar qualquer coisa. Eu seria burro se acreditasse no que diz.

– Ah, para com isso – diz Barron. – Você conhece sua própria natureza. Sabe se uma coisa *parece* verdadeira.

– Não vou fazer o que quer – digo. – Você e os Brennan podem ir pro inferno juntos.

Ele ri.

– Mas você vai fazer. Já fez. As pessoas não mudam.

– Não – digo.

– Como disse, aqueles agentes federais foram falar comigo – continua Barron. Tento interrompê-lo, mas ele apenas levanta a voz. – Não dei a eles nada de importante. Nada do tipo que eu podia ter dado. Se eu contasse a eles o que você é, seria apenas questão de tempo até que ligassem os pontos e descobrissem que você é o assassino que estão procurando.

– Eles nunca acreditariam em você – digo, mas me sinto inseguro. O mundo já se inclinou. Eu estou caindo.

– É claro que acreditariam – retruca Barron. – Posso mostrar um corpo pra eles. O que você deixou no freezer da casa da mamãe.

– Ah – digo sem forças. – Aquilo.

– Descuidado – diz Barron. – Fui eu que contei sobre ele, afinal. Você não achou que eu olharia?

– Não sei o que pensei. – De verdade, não sei.

– Assim, eles podem fazer a mesma proposta de merda que fizeram pro Philip, conseguir o que querem e trancafiar você por mil anos.

– Philip tinha imunidade – argumento. – Eu vi o contrato.

Barron ri.

– Eu também vi. Foi uma pena Philip não ter me mostrado antes de vender a alma pra eles. Eu estudei direito, lembra? Aquele

contrato não vale nada. Agentes não podem oferecer imunidade; não valia nem o preço do papel onde foi impresso. Era apenas para impressionar. Eles podiam ter prendido Philip a hora que quisessem.

– Você contou isso a ele? – pergunto.

– Pra que ter o trabalho? – responde Barron. – Philip não queria ouvir. Só queria se despedir antes de o mandarem pra terra das testemunhas protegidas.

Não consigo saber se Barron está mentindo ou não. Tenho a terrível sensação de que desta vez ele está dizendo a verdade.

O que significa que não posso confiar nos federais.

Mas Barron vai procurá-los se eu não entrar com a minha parte no negócio dele com os Brennan.

E Zacharov vai me matar em um piscar de olhos se eu trabalhar para os Brennan.

Não há saída.

Penso no que Zacharov disse no velório de Philip. *Há pessoas perto de você com as quais vai acabar tendo que lidar.*

Mas você vai fazer, disse Barron. *Já fez. As pessoas não mudam.*

Olho para ele. Ele dá outro sorrisinho.

– Não é uma escolha difícil quando a apresento dessa maneira, não é, Cassel?

Não é.

CAPÍTULO TREZE

BARRON VOLTA COMIGO

até o alojamento. Chego lá antes de as luzes se apagarem, às onze da noite. O inspetor parece surpreso ao ver, durante a verificação final, alguém além de Sam no quarto, mas não diz nada. Deve ter concluído que está ficando velho por esquecer coisas como por quais alunos deveria ser responsável. Deve se preocupar com demência, Alzheimer, dormir pouco. É um truque que não teria funcionado em nenhuma outra época, só no começo do ano.

Mas funcionou. Barron é esperto.

– O que aconteceu com você durante a simulação de incêndio? – pergunta Sam, vestindo uma camiseta velha do Drácula. A calça de moletom tem um buraco no joelho.

– Fui dar uma volta – digo e retiro as luvas. – Pra tomar ar fresco.

– Com Daneca? – pergunta Sam.

Franzo a testa.

– O quê?

– Sei que a levou pra dar uma volta naquele seu carro novo bacana. Você arrumou problema pra ela, cara.

– É. Lamento por isso. – Em seguida, dou um sorriso. – Mas foi meio divertido. Quero dizer, ela nunca faz nada de errado e agora está matando aula, indo pra cadeia...

Sam não está sorrindo.

– Você vai tratá-la do mesmo jeito que tratou Audrey, não vai? Nem vai perceber se a magoar. Eu sempre soube que Daneca gostava de você. As garotas *gostam* de você, Cassel. E você as ignora. E aí, elas gostam mais ainda.

– Ei – digo. – Espera um minuto. Ela matou aula porque estava triste por *sua* causa. Conversamos sobre *você*.

– O que ela disse? – Não consigo perceber se ele acredita em mim, mas pelo menos mudei o foco.

Eu suspiro.

– Que você é um intolerante que não quer namorar uma mestra.

– Não sou! – retruca Sam. – Nem é por isso que estou chateado com ela.

– Eu falei isso. – Jogo o travesseiro nele. – Logo antes de nos jogarmos nos braços um do outro e nos beijarmos apaixonadamente, como dois pombinhos no dia dos namorados, como aqueles ímãs realmente magnetizados, como enguias bem oleosas...

– Por que sou seu amigo? – geme Sam, sentando na cama. – Por quê?

Uma batida na porta nos dá um susto, e logo em seguida o inspetor a abre.

– Algum problema? O apagar das luzes foi há quinze minutos. Parem de falar e vão dormir, senão os dois vão ganhar uma detenção no sábado.

– Desculpa – murmuramos juntos.

A porta se fecha.

Sam dá uma risada e sussurra:

– Tá, tudo bem. Entendi. Sou inseguro. Mas olha, sou um bobão gordo. As garotas não estão exatamente fazendo fila, entende? Aí aparece essa, e percebo que é boa demais pra mim, então tem que ter alguma coisa errada, e aí essa coisa *aparece*. Ela esconde que é mestra. Não confia em mim. Não está me levando a sério.

– Você ignorar Daneca está deixando os dois loucos – falo. – Ela cometeu um erro. Eu já cometi muitos. Não significa que não gosta de você. Significa que quer que você goste dela e achou que precisava mentir pra conseguir isso. O que a torna menos perfeita, claro. Mas isso não é um alívio?

– É – diz ele baixinho, o travesseiro parcialmente por cima da boca. – Acho que é. Talvez eu devesse falar com ela.

– Que bom – digo. – Preciso que você fique feliz. Preciso que um de nós fique feliz.

É sonho. Tenho certeza de que é sonho, mas estou de volta ao porão da casa do meu avô em Carney, deitado em cima de Lila,

minhas mãos apertando os braços dela, e é muito difícil me concentrar em qualquer coisa além do cheiro de seu cabelo e do toque de sua pele. Só que, quando olho para ela, seus olhos fitam o teto, o rosto está pálido e sem vida.

E, no sonho, eu me inclino para beijá-la mesmo assim, mesmo vendo que o pescoço dela está cortado com o sorriso dos mestres, cortado fundo demais, com sangue escorrendo. Embora ela esteja morta.

Em seguida, estou equilibrado no telhado do meu antigo alojamento, com as telhas cortando as solas dos meus pés. As folhas balançam nas árvores acima. Olho para a praça vazia, exatamente como na última primavera.

Desta vez, eu pulo.

Estou acordado, suando nos lençóis, me odiando pelo tremor quente que percorre meu corpo. Do outro lado do quarto, Sam ronca baixinho.

Estico a mão para pegar o celular antes de pensar direito.

Pare, digito para Lila.

O quê?, digita ela em resposta um minuto depois. Está acordada.

Em seguida, abro a janela e fujo para a praça no meio da noite, só de camiseta e samba-canção. É burrice, tanto quanto sair de carro do campus sem plano algum. Estou agindo como se quisesse ser pego, como se quisesse que alguém me parasse antes que tome as decisões que estou prestes a tomar.

Um ano atrás, eu jamais teria acreditado no quanto era fácil sair andando de um prédio e entrar em outro. As portas da frente dos alojamentos nem sequer ficam trancadas. Cada porta de andar *fica* trancada, mas não chega a ser nada desafiador. Sem trancas. Apenas um giro e o pino desliza, e sigo pelo andar até o quarto dela, como se ser pego fosse a última coisa na minha cabeça.

– *Você* – digo, com a voz baixa, mas não o bastante.

Ela está encolhida embaixo de cobertores e me encara com olhos arregalados.

– Não posso continuar tendo esses sonhos – sussurro. – *Você* tem que parar com isso.

– Você ficou louco? – Ela deita de costas, tira o cobertor e se senta. Está só de camiseta e calcinha. – Vai nos fazer ser expulsos.

Eu abro a boca para argumentar, mas me sinto repentinamente derrotado pelo desespero. Sou como um robô cujos mecanismos travaram.

Ela toca no meu braço, pele sobre pele.

– Não estou fazendo você ter nenhum sonho. Não o estou enfeitando. Você não acredita que tem pelo menos uma pessoa na sua vida que não quer prejudicá-lo?

– Não – respondo com sinceridade demais. Eu me sento na cama e apoio a cabeça nas mãos.

Ela toca na minha bochecha.

– Tem alguma coisa muito errada, não tem?

Sacudo a cabeça.

– São apenas sonhos.

Não quero que Lila perceba que eu torcia para que os sonhos fossem causados por ela, que queria, na verdade, que eles fossem pistas que apontassem algum caminho e que pudessem simplesmente parar. Eu não queria mais nenhuma prova de que o interior da minha cabeça é um lugar horrível.

Ela baixa a mão e olha para mim com a cabeça inclinada. Por um momento, sou tomado pela nostalgia de quando éramos crianças, do meu desejo descomplicado e completamente impossível.

– Me conta – pede ela.

– Não posso – digo, sacudindo a cabeça de novo.

Ouvimos um som no corredor, uma porta se fechando e passos. Lila olha para o armário, e começo a andar em direção a ele. Mas escuto o som da descarga no banheiro.

Eu suspiro e me encosto à parede.

– Vem cá – sussurra ela, inquieta, levantando o cobertor. – Entra aqui embaixo. Vai estar escondido se alguém entrar.

– Não sei se é uma boa... – começo a falar.

– *Shhhh*. – Ela me interrompe, sorrindo de um jeito que sugere que está debochando de suas próprias motivações antes de eu ter a chance de fazer isso. – Vem. Rápido.

Não é que eu não saiba que é uma péssima ideia. É que, ultimamente, ideias ruins têm um domínio especial sobre mim. Entro debaixo do cobertor. Está aquecido pelo contato com a pele dela e impregnado com seu cheiro de sabonete e um leve traço de cinzas. Quando ela passa o braço por cima de mim para que eu me encoste nela, eu faço o que ela quer.

A pele dela está macia e muito quente depois do ar frio da noite. Ela enrosca a perna na minha. A sensação é tão boa que tenho que sufocar um suspiro.

É tão fácil. Errado, mas fácil. Tem tantas coisas que quero dizer a ela, e todas são injustas. O que faço é beijá-la, sufocando o indizível *eu te amo, sempre te amei* contra a língua dela. Sua boca abre sob a minha com um gemido.

Quando ela tira a camiseta e a joga no chão, fico vazio, sem nenhum outro sentimento além de um torturante ódio de mim mesmo. Quando ela passa os dedos nus pelo meu cabelo, até isso desaparece. Não há nada além dela.

– Sou uma boa namorada de mentira – diz ela, como se estivesse contando uma piada que só nós dois conhecemos.

Deveríamos parar.

Tudo se resume à pele dela, a seus lábios entre meus dentes, à curva das costas nuas. Minhas mãos deslizam até os quadris e a beirada da calcinha de algodão.

– A melhor – digo. Minha voz não parece familiar, como se eu tivesse acabado de dar vários gritos.

Os lábios de Lila se movem contra meu ombro. Consigo sentir seu sorriso.

Afasto suavemente o cabelo dela da bochecha. Consigo sentir os batimentos pulsando na garganta, contando os momentos antes que ela se vá.

No momento em que ela foi amaldiçoada, eu a perdi. Quando o feitiço se esgotar, em breve, ela vai ficar constrangida ao se lembrar das coisas que disse, que fez, coisas como essa. Não importa o quanto pareça real nos meus braços, ela é feita de fumaça.

Eu deveria parar, mas não há sentido nisso. Porque não sou forte o bastante, em algum momento eu não vou parar.

Eu pensei que a questão fosse: "Vou ou não vou?"

Mas não é nada disso.

A questão é: "Quando?"

Porque eu vou.

É só uma questão de tempo. É agora.

Lila me beija de novo, e até esse pensamento desaparece. Fecho os olhos.

– Podemos fazer o que você quiser – digo com voz rouca. – Mas você precisa me contar...

O som de vidro quebrando parece incrivelmente alto. Estou de joelhos na cama, o ar frio da noite me deixando sóbrio antes mesmo de eu entender o que está acontecendo. Mas então vejo o quadro: o contorno irregular do que sobrou da janela, a pedra em meio a fragmentos cintilantes no chão e uma garota se virando e correndo.

Por um momento meu olhar se prende ao de Audrey. Em seguida, ela percorre metade da praça, as galochas afundando na terra.

Lila está inclinada sobre a pedra, parecendo hipnotizada, um pedaço de papel amassado na mão.

– Tinha um bilhete grudado na pedra. Diz: "Morra, mestra da maldição." – Ela olha pela janela. Tarde demais. Audrey foi embora.

Ouçõ passos no corredor, portas batendo. Vozes.

– Você tem que se esconder – sussurra Lila. Ela ainda está nua até a cintura. É hipnotizante.

Olho ao redor em vez de olhar para ela. Não tenho para onde ir. Debaixo da cama ou dentro do armário pode funcionar no caso de uma inspeção rápida, mas não em uma situação como essa.

Só consigo pensar em me transformar.

Nunca me transformei antes, com exceção de uma leve mudança nas mãos, e só o medo de nós dois sermos expulsos da escola é o bastante para me concentrar. Forço meu corpo a se transformar. Acontece rápido; estou melhorando. Caio para a frente, sobre quatro patas. Quero gritar, mas o que sai da minha boca é um miado.

– Um gato preto? – debocha Lila, se inclinando. Seus dedos afundam no meu pelo conforme ela me levanta. Fico feliz por ela estar me segurando, porque a mudança de perspectiva me deixa tonto. Não sei bem como mexer os pés.

Alguém, provavelmente o inspetor, bate na porta.

– O que está acontecendo aí? Srta. Zacharov, é melhor abrir a porta.

Lila se inclina no que sobrou da janela e balança meu novo corpo acima da praça. Meu rabo se balança de um lado para outro sem que eu saiba como estou fazendo isso. É um longo caminho até o chão.

– Alto demais – diz ela de repente. – Você vai machucar seu...

Ela esqueceu que não vou continuar com aparência de um gato em alguns instantes. Eu me contorço até conseguir morder a mão dela.

– Ai! – grita ela, e me solta.

O ar sibila no meu ouvido, rápido demais para que eu faça qualquer ruído. Tento manter as patas frouxas, tento não me preparar para o impacto, mas bater no chão parece um soco no peito. Fico sem ar.

Mal consigo rastejar até os arbustos antes de o rebote começar.

Tudo dói. Levanto a cabeça e vejo uma luz rosada cintilando atrás das árvores perto da pista de corrida. É manhã.

Ainda sou um gato.

O rebote é ainda mais bizarro quando se está menor do que seu tamanho normal. Nada parece real ou certo. Nenhuma parte do seu corpo é sua. Até a perspectiva é toda errada.

Acordar em um corpo com o qual você não está familiarizado é ainda mais estranho.

Meus sentidos estão aumentados em um nível surreal. Consigo ouvir insetos se movendo na grama. Consigo sentir o cheiro de ratos escavando a madeira macia. Eu me sinto muito pequeno e muito assustado.

Não tenho certeza se consigo andar. Eu me levanto, uma perna de cada vez, e cambaleio até ter certeza de conseguir me equilibrar. Em seguida, mexo uma pata da frente e uma de trás, andando de maneira insegura pela praça na luz da manhã.

Parece que demoro horas. Quando consigo chegar debaixo da minha janela, estou exausto. A janela está como deixei, ligeiramente

aberta, mas não a ponto de Sam acordar com a brisa.

Eu mio com esperança. Sam, como eu previa, não ouve nada.

Fecho os olhos por causa da dor e forço a transformação. *Dói* como se minha pele ainda estivesse sensível da primeira transformação. Abro a janela e pulo para dentro, caindo no chão com um baque.

– Hum – diz Sam sonolento e se vira.

– Me ajuda – peço, levantando um braço para tocar na beirada de metal da cama dele. – Por favor. O rebote. Você tem que me impedir de fazer barulho.

Ele está me encarando com olhos arregalados. Eles só ficam maiores quando meus dedos começam a se curvar em forma de vinhas. Minha perna começa a tremer.

– *Dói* – falo com vergonha do lamento na minha voz.

Sam se levanta e joga o edredom em cima de mim. Dois travesseiros são colocados nas laterais da minha cabeça para que eu não me debata com muita força. Ele está totalmente desperto agora, olhando para mim com verdadeiro horror misturado com adrenalina.

– Desculpa – consigo dizer antes de minha língua virar madeira.

Sinto alguma coisa me cutucar com força na lateral do corpo. Eu me viro de um jeito rígido e olho para o Sr. Pascoli.

– Acorde, Sr. Sharpe – diz nosso inspetor. – Você vai se atrasar pra aula.

– Ele está doente – ouço Sam dizer.

Estou aninhado em cobertores. O simples ato de me mexer é difícil, como se o ar tivesse ficado semissólido. Dou um gemido e fecho os olhos de novo. Nunca me senti tão exausto. Não fazia ideia de que dois rebotes seguidos podiam fazer isso comigo.

– O que ele está fazendo no chão? – ouço Pascoli dizer. – Está de ressaca, Sr. Sharpe?

– Estou doente – gaguejo, usando a desculpa de Sam. Minha mente não está funcionando rápido o bastante para bolar a minha própria desculpa. – Acho que estou com febre.

– É melhor ir até a enfermaria então. O café da manhã está quase terminando.

– Vou levá-lo – diz Sam.

– Quero ver uma cópia do papel da enfermaria, Sr. Sharpe. É melhor conseguir uma. Se eu descobrir que andou bebendo ou usando drogas, não quero saber o que anda acontecendo na sua família. Você vai ser expulso do meu alojamento. Entendeu?

– Entendi. – Faço que sim com a cabeça. Neste momento, estou disposto a dizer qualquer coisa que faça Pascoli ir embora mais rápido.

– Venha – diz Sam, me pegando por debaixo dos braços e me colocando na cama.

Eu me esforço para me sentar. Minha cabeça gira. Não sei bem como coloco uma calça jeans, luvas e botas, que decido não amarrar.

– Acho que devemos ligar pra alguém – sussurra ele assim que Pascoli sai do quarto. – Para a Sra. Wasserman?

Eu franzo a testa, tentando me concentrar nas palavras dele.

– O que você quer dizer?

– Ontem à noite você pareceu bem perturbado. E hoje? Está péssimo.

– Só estou cansado – digo.

Ele sacode a cabeça.

– Nunca vi nada como...

– Rebote – digo rapidamente, com medo de ouvir sua descrição de como parece. – Não se preocupe.

Ele aperta os olhos, mas espera que eu me levante. Me segue enquanto ando um tanto tonto pelo campus.

– Vou precisar de mais uma coisa quando chegarmos à enfermaria – digo.

– Claro, cara – diz ele, mas acho que ainda não tinha tanta certeza. Eu o estou apavorando.

– Quando chegarmos lá, vou ter um ataque de tosse, e você vai se oferecer pra pegar um copo de água pra mim. Mas vai pegar água *quente*. O mais quente que conseguir na pia. Tá?

– Por quê? – pergunta Sam.

Eu forço um sorriso.

– É o jeito mais fácil de fingir estar com febre.

Mesmo semiconsciente, ainda consigo planejar um pequeno golpe.

Horas depois, acordo na enfermaria babando em um travesseiro. Estou desesperado de fome. Levanto e me dou conta de que ainda estou de botas. Eu as amarro e saio para a sala da recepção.

A enfermeira da escola é grisalha, baixa e gordinha. Ela anda pela sala branca com pôsteres de anatomia, motivada pelo fato de acreditar que todos os problemas dos alunos podem ser curados com: (a) descanso em uma das macas; (b) duas aspirinas; ou (c) Neosporin e um curativo. Por sorte, não preciso de mais nada.

– Oi – digo. – Estou me sentindo melhor. Vou voltar pro meu quarto agora, tá?

A enfermeira Kozel está dando comprimidos para Willow Davis.

– Cassel, por que você não se senta e me deixa checar sua temperatura? Estava bem alta antes.

– Tudo bem – respondo, afundando em uma cadeira.

Willow toma o remédio com um gole de água de um copo de papel enquanto a enfermeira Kozel atravessa a sala para pegar o termômetro.

– Você devia ficar deitada até os comprimidos fazerem efeito – diz Kozel. – Vou dar uma olhada em você daqui a pouco.

– Estou com tanta ressaca – sussurra Willow para mim.

Dou um sorriso conspiratório de quem já usou a enfermaria para dormir e se recuperar da noite anterior.

Ela vai para os fundos, e um termômetro é enfiado debaixo da minha língua. Enquanto espero, penso pela primeira vez no que aconteceu (e no que não aconteceu) com Lila.

É só uma questão de tempo.

Mesmo à luz do dia, o pensamento não parece ser menos verdadeiro.

A tentação é grande. Gosto do meu Mercedes-Benz novinho em folha; gosto de jantares elegantes com o chefe de uma família mafiosa; gosto dos federais longe de mim e de minha mãe em segurança. Gosto de Lila me beijando como se pudéssemos ter algum futuro. Gosto quando ela diz meu nome como se eu fosse a única pessoa no mundo.

Gosto tanto que provavelmente vou fazer qualquer coisa para conseguir isso.

Ignorar o fato de que Lila não me ama de verdade. Matar meu próprio irmão. Virar assassino de aluguel. Qualquer coisa.

Achei que jamais conseguiria trair minha família, jamais enfeitiçaria quem amo, jamais mataria alguém, jamais seria como Philip, mas me torno a cada dia mais parecido com ele. A vida é cheia de oportunidades para tomar decisões ruins que parecem boas. E, depois da primeira, o resto fica bem mais fácil.

CAPÍTULO CATORZE

A MELHOR COISA

de passar um dia doente é que não é difícil sair da escola. Eu saio. Eu poderia dirigir, mas tenho medo de sentirem falta do carro. Não posso me arriscar mais.

Além do mais, agora não tenho certeza se deveria ter o privilégio de coisas boas.

Acordei com uma nova resolução. Chega de riscos idiotas. Chega de tentar ser pego. Chega de deixar as coisas nas mãos do destino. Chega de esperar que algo ruim aconteça. Ando até chegar a um ponto distante o bastante do campus para estar em segurança. Em seguida, chamo um táxi pelo celular.

Barron não quer procurar os federais. Se contar tudo para eles, não vai conseguir nada com os Brennan. Mas, se ele realmente achar que não vou ceder às suas exigências, pode me denunciar, e preciso ajeitar as coisas antes que ele tenha a chance de fazer isso. Principalmente porque sei de uma coisa que ele não pode saber: na casa velha não há provas só do que eu fiz. Há provas do crime da mamãe também.

Antes de tudo, preciso me livrar daquilo.

Sou filho dela. É meu dever mantê-la em segurança.

Aguardo na calçada arborizada diante de algumas casas bonitas. Com quintal e balanços. Uma senhora de cabelo branco sorri para mim ao sair para pegar a correspondência em uma caixa de metal polido.

Eu sorrio de volta automaticamente. Aposto que aquelas pérolas gordas que ela tem nas orelhas são verdadeiras. Se eu pedisse com educação, ela provavelmente me deixaria esperar em sua varanda. Talvez até me preparasse um sanduíche.

Meu estômago ronca. Eu ignoro. Instantes depois, ela volta para dentro de casa, e a porta de tela acaba com minhas chances de

almoçar.

As árvores tremem com uma repentina rajada de vento, e algumas folhas de bordo ainda verdes caem ao meu redor. Empurro uma com a ponta da bota. Não parece, mas ela já está morta.

O táxi encosta, e o motorista franze a testa ao me ver. Eu entro no banco de trás e dou instruções até a casa cheia de lixo. Felizmente ele não faz perguntas sobre pegar um garoto a três quadras de uma escola. Já deve ter visto coisa bem pior.

Ele me deixa lá e entrego o dinheiro de algumas das últimas apostas. Estou com poucos recursos e ando gastando dinheiro que não tenho. Uma aposta inesperada poderia me ajudar.

Sigo colina acima em direção à casa velha. A aparência dela é sinistra mesmo de dia. As telhas estão cinzentas, descuidadas, e uma das janelas no andar de cima, a do antigo quarto de mamãe, está quebrada e tem um saco tapando o buraco.

Barron tinha que saber que eu talvez fosse lá. Devia achar que eu talvez escondesse o corpo agora que me avisou que sabe sobre isso. Mas se deixou alguma surpresa para mim deve ter sido no porão, porque a cozinha está exatamente como no domingo. Minha xícara de café pela metade ainda está na pia, o líquido dentro parecendo terrivelmente podre.

O casaco também está onde deixei, no fundo do armário, ainda com a arma enrolada dentro. Eu me ajoelho e puxo o tecido embolado, só para ter certeza.

Imagino minha mãe apertando o cano contra o peito de Philip. Ele não deve ter acreditado que ela atiraria; ele era seu primogênito. Talvez tenha rido. Ou talvez a conhecesse melhor do que eu. Talvez tenha visto pela expressão dela que nenhum amor valia a liberdade.

Mas, quanto mais tento imaginar a cena, mais me vejo no lugar dele, sinto o cano frio da arma, vejo a boca manchada de batom da minha mãe se contrair em uma careta. Um arrepio percorre minha espinha.

Eu me forço a levantar, pego uma faca do cepo e um saco plástico debaixo da pia. Preciso parar de *pensar*. Então, começo arrancando os botões do casaco. Vou queimar o tecido; quero ter certeza de que qualquer parte sólida esteja no saco plástico com a arma. Depois,

planejo fazer peso nele com tijolos e afundá-lo no Round Valley Reservoir, perto de Clinton. Vovô uma vez me disse que metade dos criminosos de Nova Jersey jogou alguma coisa lá dentro. É o lago mais fundo do estado.

Viro os bolsos do avesso em busca de moedas.

Luvas vermelhas de couro caem no chão de linóleo. E outra coisa, algo sólido.

Um amuleto familiar, partido ao meio. Ao vê-lo, sei quem matou Philip. Tudo se encaixa. O plano muda.

Ah, cara, eu sou um *idiota*.

Ligo para ela de um telefone público, como mamãe me ensinou.

– Você devia ter me contado – digo, mas entendo por que não contou.

No táxi de volta para a escola, recebo uma mensagem de Audrey.

Eu me lembro de como isso teria me animado em outra época. Agora, abro o celular com um suspiro.

*destruição mútua garantida
me encontre na biblioteca amanhã no almoço*

Ando ocupado demais me preocupando com meus problemas imediatos para realmente considerar para quem contar (ou mesmo se devo contar para alguém) que Audrey jogou uma pedra na janela de Lila, mas Audrey toca em um ponto interessante. Se eu denunciá-la, ela me denuncia por estar no quarto de Lila. Não tenho certeza de qual crime vão considerar pior, mas não quero ser expulso de Wallingford no último ano, mesmo se for com mais alguém.

E sei qual de nós dois Northcutt acha mais confiável.

Respondo à mensagem: *estarei lá*.

Estou exausto. Cansado demais para fazer qualquer coisa além de me arrastar até o alojamento e comer o que restou dos bolinhos de Sam. Adormeço em cima das cobertas, ainda de roupa. Pela segunda vez naquele dia, nem me lembro de tirar as botas.

Na quarta-feira à tarde, Audrey está me esperando nos degraus da biblioteca, os cabelos ruivos balançando ao vento. Está sentada, as mãos com luvas verdes vibrantes unidas por cima da saia pregueada de Wallingford.

Vê-la me faz ter pensamentos ruins. A história de Zacharov sobre Jenny. As palavras rabiscadas no papel. Pedacos de vidro cintilando aos pés de Lila.

– Como você pôde? – cospe Audrey quando me aproximo, como se ela fosse quem tivesse motivo para estar com raiva.

Sou pego de surpresa.

– O quê? Você *jogou uma pedra...*

– E daí? Lila tirou tudo de mim. Tudo. – O pescoço dela fica vermelho e inchado, como sempre acontece quando está aborrecida.

– E aí você está lá, no quarto dela, no meio da noite, como se não se importasse em ser pego. Como pôde fazer isso depois do que ela... do que ela...

Lágrimas caem por suas bochechas.

– O quê? – pergunto. – O que ela fez?

Ela apenas balança a cabeça, desconcertada pelo choro.

Eu suspiro e me sento ao lado dela nos degraus. Depois de um momento, coloco o braço ao redor de seus ombros e puxo seu corpo trêmulo para perto do meu. Ela encosta a cabeça no meu pescoço e eu inspiro o aroma floral familiar de seu xampu. Sei que ela provavelmente me odiaria se soubesse como eu sou de fato ou o que posso fazer, mas ela já foi minha namorada. Não consigo não me preocupar.

– Ei – digo baixinho, só por dizer. – Está tudo bem. Seja o que for.

– Não, não está – retruca Audrey. – Eu a odeio. Eu a odeio! Queria que a pedra tivesse esmagado a cara dela.

– Não queria, não – digo.

– Ela fez Greg ser suspenso, mas os pais dele não o deixaram ir pra casa. – Ela arqueja. – Eles viram aquelas fotos idiotas que seus amigos tiraram. Ele teve que implorar para que a mãe ao menos... ouvisse pela porta. – Ela chora tanto que sua respiração está entrecortada. Ela luta para emitir as palavras entre os soluços. –

Então, o levaram para fazer o exame. E quando descobriram que ele não era mestre, decidiram matriculá-lo na Southwick Academy.

Neste momento, Audrey para de tentar falar. Parece que está tomada pela dor, como se alguma outra coisa estivesse controlando seu corpo.

Southwick Academy é conhecida por ser antimestres. Fica na Flórida, perto da fronteira com a Geórgia, e exige que o formulário de matrícula vá acompanhado de um exame hiperbatogâmico. Um exame com resultado negativo bem claro. Se o aluno é aceito, ele ou ela é reexaminado pelo médico da equipe.

Mandar Greg para Southwick significa que a reputação dele, e obviamente a reputação dos pais, está salva. Eu me sentiria mal se não achasse que ele ia gostar de frequentar uma escola onde todos têm a mesma opinião que ele sobre mestres.

– Todos nós terminaremos a escola em menos de um ano – digo.
– Você vai vê-lo de novo.

Depois de alguns instantes, Audrey se afasta e olha para mim com olhos vermelhos. Em seguida, balança a cabeça.

– Ele me contou sobre Lila antes de ir embora. Sobre como me traiu. Que ela o enfeitiçou para fazê-lo querer...

– Isso não é verdade – digo.

Ela respira fundo, trêmula. Em seguida, limpa as bochechas com as luvas verdes.

– Isso só piora as coisas. O fato de você a desejar e ele também, e de que ninguém foi forçado. E ela nem é legal.

– Greg não é legal – digo.

– Ele era – declara ela. – Comigo. Quando estávamos sozinhos. Mas acho que não significou nada. Lila fez com que não significasse.

Eu me levanto.

– Não fez, não. Olha, entendo que você esteja com raiva. Até entendo por que quebrou a janela dela, mas isso tem que acabar. Chega de pedras. Chega de calúnias.

– Ela também traiu você – fala Audrey.

Eu apenas balanço a cabeça.

– Tudo bem – diz ela, levantando e esticando a saia. – Se não contar a ninguém o que eu fiz, não conto que você estava no quarto

dela.

– E vai deixar Lila em paz?

– Vou guardar seu segredo. Desta vez. Não estou prometendo mais nada.

Audrey desce os degraus e cruza a praça sem olhar para trás.

Minha camisa ainda está molhada com suas lágrimas.

As aulas prosseguem como sempre. Ultimamente, não consigo processar as informações direito. Emma Bovary e sua cesta de abricós se misturam com dados sobre assimetrias e mercados incompletos. Fecho os olhos em uma aula e quando os abro estou em outra.

Entro no refeitório para jantar e empilho comida no prato. O cardápio da noite é *enchiladas* de frango com molho verde. Meu estômago está tão vazio que o mínimo cheiro de comida o faz revirar. Cheguei cedo, então tenho alguns minutos sozinho à mesa. Aproveito para enfiar comida goela abaixo.

Algum tempo depois, Sam se senta à minha frente. Ele sorri.

– Você parece um pouco menos próximo da morte.

Dou uma risada, mas quase toda minha atenção está voltada em Lila entrando e pegando uma bandeja de comida. Olhar para ela traz uma lembrança quente para minha pele. Tenho vergonha de mim mesmo e quero tocá-la novamente, tudo ao mesmo tempo.

Ela e Daneca se sentam à nossa mesa. Daneca olha para Sam, mas ele está encarando o prato.

– Oi – digo da forma mais neutra que consigo.

Lila aponta o garfo para mim.

– Ouvi um boato sobre você.

– Ah, é? – Não posso afirmar se ela está brincando ou não, mas não está sorrindo.

– Ouvi que você estava aceitando apostas sobre mim. – Lila esfrega a mão enluvada na testa e afasta a franja. Parece cansada. Aposto que não dormiu nada na noite anterior. – Sobre Greg e eu. Sobre eu ser doida. Sobre eu vir de uma prisão em Moscou.

Olho por um instante para Sam, que está com uma expressão quase cômica de surpresa. Ele está me ajudando a tomar conta das apostas desde que ficou encarregado do negócio, então sabe o que entra e sai. Sabe que fomos pegos no flagra.

– Não porque eu queira – digo. – Tive medo de recusar as apostas e as pessoas estranharem. Eu aceito apostas sobre *tudo*.

– Como sobre quem é mestre, por exemplo? – pergunta ela. – Está ganhando dinheiro com essas apostas também, não está?

Daneca aperta os olhos.

– Cassel, é verdade?

– Você não entende – digo, me virando para ela. – Se de repente eu começar a escolher que apostas aceitar, pareceria que sei de alguma coisa, que estou protegendo alguém, por exemplo. Eu me sento com vocês três; todos concluiriam que estou protegendo um de vocês. Além do mais, as pessoas iam parar de me contar o que está acontecendo, que boatos estão se espalhando. E eu não poderia criar meus próprios boatos. Eu não serviria de nada.

– É, e você teria que se posicionar – retruca Lila. – As pessoas poderiam até pensar que *você* é mestre. Sei o quanto você odiaria isso.

– Lila... – digo. – Eu juro pra você, tem um boato idiota para cada aluno novo que chega a Wallingford. Ninguém acredita neles. Se não aceitasse essas apostas, eu estaria basicamente confirmando que você e Greg... – Eu tropeço nas palavras e recomeço, sem querer irritá-la mais do que já irritei. – Faria todo mundo pensar que o boato é verdade.

– Não me importo – diz Lila. – É você quem está me transformando em piada.

– Me desculpe... – começo a falar, mas ela me interrompe.

– Não me enrole. – Ela enfia a mão no bolso e bate a mão com cinco notas de vinte dólares em cima da mesa. Os copos tremem e derramam um pouco de líquido. – Aposto cem dólares que Lila Zacharov e Greg Harmsford transaram. Quais são minhas chances?

Ela não sabe que Greg não vai voltar para Wallingford. Não sabe que Audrey a odeia. Olho automaticamente para a antiga mesa dele, na esperança de que Audrey não consiga ouvir nada disso.

– Boas. – Eu me forço a dizer. – Suas chances são boas.

– Pelo menos vou lucrar – diz ela. Em seguida, se levanta e sai do refeitório.

Apoio a testa na mesa e cruzo os braços sobre a cabeça. Não vou conseguir vencer hoje.

– Você devolveu aquele dinheiro – afirma Sam. – Por que não contou a ela?

– Não todo – digo. – Não queria que ela soubesse que estavam apostando sobre ela, então peguei todos os envelopes que me entregavam quando Lila estava perto. E *aceitei* mesmo apostas sobre quem era mestre. Achei que estava fazendo a coisa certa. Talvez ela tenha razão. Talvez eu só estivesse tentando me proteger.

– Eu também aceitei as apostas sobre quem era mestre – admite Sam. – Você estava certo. Era a única coisa que podíamos fazer para conseguir equilíbrio. – Ele parece mais seguro do que eu.

– Cassel? – diz Daneca. – Espere um segundo.

– O quê? – A voz dela soa tão estranha e hesitante que levanto o olhar.

– Ela não conseguiria fazer isso – diz Daneca. – Lila acabou de *censurar* você.

– Você pode amar alguém e ainda assim discutir... – começo a falar, mas paro. Porque essa é a diferença entre o amor real e o amaldiçoado. Quando você realmente ama alguém, ainda consegue ver quem essa pessoa é. Mas a maldição torna o amor simples e doentio.

Olho espantado para a porta por onde Lila saiu.

– Você acha que ela pode estar... melhor? Não amaldiçoada?

A esperança que floresce dentro de mim é apavorante.

Talvez. Talvez ela possa sair dessa e não me odiar. Talvez possa até me perdoar. Talvez.

Atravesso a praça em direção ao meu quarto no alojamento com Sam ao lado. Sorrio, apesar de tudo. Apesar da minha própria sorte. Estou tendo sonhos nos quais sou inteligente o bastante para conseguir escapar de todos os meus problemas. Sonhos bobos. O tipo de sonho que os golpistas amam explorar.

– E então – diz Sam devagar, com voz baixa. – É sempre assim? Quando você transforma?

A manhã de ontem parece tão distante. Eu me lembro do olhar de pavor de Sam ao me ver esparramado no chão. Ainda consigo sentir o rebote subindo pela minha espinha. Quero negar que aquilo aconteceu; em momentos como esse, me sinto mais nu do que jamais me senti. Tão nu que estava do lado avesso.

– É – digo, assistindo às mariposas circundarem as luzes no caminho. A lua sobre nós é apenas um traço fino. – Basicamente. Foi pior do que de costume porque me transformei duas vezes em uma noite.

– Onde você estava? – pergunta Sam. – O que *aconteceu*?

Eu hesito.

– Cassel – diz Sam. – Apenas me conte se é uma coisa ruim.

– Eu estava no quarto de Lila.

– Você quebrou a janela dela? – pergunta ele. Eu devia ter percebido que a história tinha se espalhado. Todo mundo sabe sobre a pedra, sobre a ameaça.

– Não – digo. – A pessoa que fez aquilo não podia saber que eu estava lá.

Ele me encara intensamente, com uma linha se formando acima do nariz, entre as sobrancelhas, ao franzir a testa.

– Então você sabe quem foi? Quem quebrou a janela?

Faço que sim com a cabeça, mas não entrego o nome de Audrey. Contar para Sam não é como contar para Northcutt, mas ainda sinto o dever de guardar segredo.

– Quando chove, chove forte – diz Sam.

Assim que entramos no prédio, meu celular toca. Abro-o com o queixo e o coloco no ouvido.

– Alô.

– Cassel? – diz Lila suavemente.

– Oi – respondo. Sam se vira, me lança um olhar de entendimento e continua andando; eu fico sozinho na escada do segundo andar.

– Sinto muito por ter gritado com você – diz ela.

Meu coração afunda.

– Sente?

– Sinto. Entendo por que você aceitou aquelas apostas. Não sei se gosto, mas entendo. Não estou com raiva.

– Ah – digo.

– Acho que surtei – conta ela. – Depois da noite de ontem. Não quero que isso seja apenas fingimento. – Ela está falando tão baixinho agora que mal consigo entender as palavras.

– Não é – retruco. As palavras parecem arrancadas do meu peito. – Nunca foi.

– Ah. – Ela fica em silêncio por um bom tempo. Em seguida, quando fala, percebo que está sorrindo. – Ainda quero receber o lucro da minha aposta, Cassel. Você não vai me convencer a desistir com sua lábia.

– Implacável, como sempre – digo, sorrindo e olhando para a escada. Alguém jogou um chiclete no chão e outra pessoa pisou nele. Agora, só existe um rastro cor-de-rosa melecado.

Sou tão idiota.

– Eu te amo – digo, porque tanto faz agora que minhas atitudes não importam mais. Já me decidi. Antes que ela possa responder, fecho o celular e desligo na cara dela.

Apoio a cabeça no corrimão frio de ferro. Talvez a maldição acabe sumindo, mas nunca vou ter certeza de que se foi completamente. Enquanto ela gostar de mim, não saberei se é forçado. Maldições são sutis. Claro, o feitiço de emoção deveria diminuir até acabar, mas como se pode *saber*? Preciso ter certeza, mas jamais terei.

Nunca houve escolha.

Ligo para o agente Jones. Perdi o cartão dele, então telefono para o número principal do FBI em Trenton. Depois de algumas transferências, caio em uma secretária eletrônica. Digo a ele que preciso de mais tempo, só alguns dias, só até segunda, e então entregarei a ele o assassino.

Quando você decide que precisa fazer uma coisa, é quase um alívio. Esperar é mais difícil, mesmo quando você odeia o que está prestes a fazer.

Quanto mais alternativas procuro, mais elas se tornam sombrias.

Tenho que aceitar os fatos.

Sou uma pessoa ruim.

Fiz coisas ruins.

E vou continuar fazendo até que alguém me impeça. E quem vai me impedir? Lila não pode. Zacharov não quer. Só há uma pessoa para fazer isso, e ele se mostrou indigno de confiança.

Sam está em nosso quarto, folheando *Otelo*, quando eu entro. O iPod está ligado nas caixas de som, e a música de Deathwörk sacode os vidros das janelas.

– Você está bem? – grita ele por cima dos vocais guturais.

– Sam – digo –, lembra quando você disse, no começo do semestre, que foi à loja de artigos de efeitos especiais e comprou de tudo? Que estava pronto pra qualquer coisa?

– Lembro... – confirma ele, desconfiado.

– Quero incriminar uma pessoa pelo assassinato do meu irmão.

– Quem? – pergunta ele, abaixando o som. Deve estar acostumado a me ouvir dizer coisas loucas, porque fica completamente sério. – E por quê?

Respiro fundo.

Incriminar alguém exige uma série de coisas.

Primeiro, você precisa encontrar uma pessoa que pareça ser vilão. Ajuda se ela já tiver feito alguma coisa ruim; também ajuda se em parte sua acusação for verdade.

E, já que ela fez alguma coisa ruim, você não precisa se sentir tão mal por fazê-la pagar o pato.

Mas o que você mais precisa é que a história faça sentido. Mentiras funcionam quando são simples. Costumam funcionar bem melhor do que a verdade. A verdade é confusa. É crua e desconfortável. Não se pode culpar as pessoas por preferirem mentiras.

Principalmente quando essa preferência funciona em seu benefício.

– Bethenny Thomas – digo.

Sam franze a testa para mim.

– Peraí, o quê? Quem é essa?

– A namorada do gângster morto. Dois poodles grandes. Corredora. – Penso em Janssen no freezer. Espero que ele aprove minha escolha. – Ela mandou matar o namorado, então não é como se ela não tivesse matado *alguém*.

– E como você sabe disso? – pergunta Sam.

Estou me esforçando muito para ser sincero, mas contar tudo para Sam é demais para mim. Mas os fragmentos parecem ridículos isolados.

– Ela disse. No parque.

Ele revira os olhos.

– Porque vocês dois estavam fazendo uma grande amizade.

– Acho que ela me confundiu com outra pessoa. – Pareço tanto com Philip que fico assustado. Consigo ouvir a ameaça na minha voz.

– Quem? – diz Sam, inexpressivo.

Forço minha voz a voltar ao normal.

– Hum, a pessoa que o matou.

– *Cassel*. – Ele geme e sacode a cabeça. – Não, não se preocupe, não vou perguntar por que ela acharia isso. Não quero saber. Apenas me conte seu plano.

Eu me sento na cama, aliviado. Não tenho certeza se consigo sobreviver a outra confissão, apesar de ainda ter muito a contar.

Eu costumava vigiar locais a serem roubados com meu pai às vezes, quando era criança. Para observar os padrões das pessoas. Quando saíam para o trabalho. Quando voltavam. Se comiam no mesmo lugar todas as noites. Se iam para a cama na mesma hora. Quanto mais rígida a rotina, mais caprichado o roubo.

Mas são os longos períodos sentado no carro com o rádio ligado que mais ficaram marcados na minha memória. O ambiente ficava abafado, mas eu não podia baixar a janela o bastante para pegar um ventinho. O refrigerante ficava quente, e eu acabava tendo que mijar numa garrafa porque não podia sair do carro. Só havia duas coisas boas nessas vigílias. A primeira era que papai me deixava escolher qualquer coisa para lanche na lojinha de conveniência do

posto. A segunda era que ele me ensinou a jogar cartas. Pôquer. Monte de três cartas. Tapão. Oito maluco.

Sam é ótimo em jogos. Passamos a noite de sexta observando o prédio de Bethenny e apostando salgadinhos de queijo. Descobrimos que o porteiro faz algumas pausas para fumar quando não tem ninguém perto. É um sujeito musculoso que briga com um mendigo por perturbar os moradores pedindo esmola. Bethenny leva os cachorros para correr à noite e dá duas voltas com eles antes de sair para a noite. Ao amanhecer, há troca de turno dos porteiros. O cara que entra é magro. Ele come dois donuts e lê o jornal antes de os moradores começarem a sair do prédio. Àquela altura, já é manhã de sábado, e Bethenny ainda não voltou, então guardamos tudo e vamos embora.

Deixo Sam na casa dele por volta das onze e durmo algumas horas na casa cheia de lixo. Acordo quando o telefone sem fio toca bem no meu ouvido. Eu tinha esquecido que o havia levado para o quarto dias antes. Está no meio do lençol.

– Alô? – resmungo.

– Posso falar com Cassel Sharpe? – pergunta minha mãe com a voz mais alegre possível.

– Mãe, sou eu.

– Ah, querido, sua voz estava tão estranha. – Ela parece mais feliz do que em muito tempo. Eu me sento na cama.

– Eu estava dormindo. Está tudo bem? – Minha preocupação automática é de que ela esteja com problemas. Que os federais tenham se cansado de esperar e ido atrás dela. – Onde você está?

– Tudo está ótimo. Estou com saudade, querido. – Ela ri. – Ando envolvida com tantas coisas novas. Conheci tanta gente legal.

– Ah. – Apoio o telefone no ombro. Eu deveria me sentir mal por ter desconfiado que ela era uma assassina. Em vez disso me sinto culpado por não me sentir culpado. – Viu Barron recentemente? – pergunto. Espero que não. Espero que ela nem imagine que ele está me chantageando.

Escuto o som familiar de um cigarro sendo aceso. Ela traga.

– Faz umas duas semanas. Ele disse que tinha um bom trabalho surgindo. Mas quero falar sobre *você*. Venha me ver e conheça o governador. Vai ter um *brunch* no domingo, e acho que você iria adorar. Precisa ver as joias que algumas dessas mulheres usam, e a prataria é *de verdaaaaaade*. – Ela prolonga a última palavra, como se estivesse provocando um cachorro com um osso.

– O governador Patton? Não, obrigado. Prefiro comer vidro a comer com ele. – Levo o telefone para o andar de baixo e jogo fora o café velho na cafeteira. Coloco água fresca e pó novo. O relógio diz que são três da tarde. Tenho que começar a agir.

– Ah, não seja assim – diz mamãe.

– Como você pode ficar aí parada enquanto ele fala sem parar sobre a proposição nº 2? Tá, tudo bem. Ele é um alvo tentador. Eu adoraria vê-lo levar um golpe, mas não vale a pena. Mãe, as coisas podem ficar feias. Um erro e...

– Sua mãe não comete erros. – Ouço quando ela sopra a fumaça. – Querido, sei o que estou fazendo.

O café pinga na jarra, e o vapor sobe no ar. Eu me sento à mesa da cozinha. Tento não pensar na minha mãe quando eu era criança, sentada onde estou agora, rindo de alguma coisa que Philip disse ou bagunçando meu cabelo. Quase consigo ver meu pai sentado à mesa, mostrando a Barron como girar uma moeda de vinte e cinco centavos nos dedos enquanto ela faz o café da manhã. Sinto o cheiro das cigarrilhas do meu pai e do bacon tostado. Meus olhos doem.

– Não sei mais o que *estou* fazendo – digo. Você pode achar que estou maluco por dizer isso para ela. Mas ela ainda é minha mãe.

– Qual é o problema, querido? – A preocupação em sua voz é real o bastante para partir meu coração.

Não posso contar a ela. Não posso mesmo. Não sobre Barron ou os federais, nem que achei que ela era assassina. E certamente não sobre Lila.

– A escola – respondo, apoiando a cabeça nas mãos. – Acho que estou ficando um pouco sobrecarregado.

– Querido – diz ela em um sussurro rouco –, nesse mundo, muitas pessoas vão tentar botá-lo pra baixo. Elas precisam pisar em você

para subir. Deixe que pensem o que quiserem, mas não deixe de se vingar. *Se vingue.*

Ouço uma voz masculina ao fundo. Eu me pergunto se ela está falando mesmo sobre mim.

– Tem alguém aí?

– Tem – diz ela com voz doce. – Espero que você considere vir no domingo. Se eu der o endereço você pensa no assunto?

Finjo anotar a localização do *brunch* idiota de Patton. Na verdade, estou só me servindo de uma xícara de café.

CAPÍTULO QUINZE

ACORDAR NO MEIO DO DIA

sempre nos deixa com uma sensação confusa, como a de perder a noção do tempo. A luz lá fora parece errada. Meu corpo está pesado quando me obrigo a me vestir.

Paro em duas lojas para comprar mais café e coisas de que estou precisando, depois vou para a casa de Daneca. Cruzo a grama verde até a porta recém-pintada entre dois arbustos podados. Tudo parece lindo como uma foto.

Quando toco a campainha, Chris atende.

– O que foi? – diz ele. Está usando short e chinelos com uma camisa grande demais. Isso faz com que pareça ainda mais novo. Tem uma mancha de alguma coisa azul no cabelo dele.

– Posso entrar?

Ele abre a porta toda.

– Não tô nem aí.

Suspiro e passo por ele. O aroma de cera de limão ocupa o corredor e uma garota passa aspirador na sala. Por algum motivo, nunca me ocorreu que Daneca cresceu com empregadas, mas é claro que sim.

– A Sra. Wasserman está? – pergunto à garota.

Ela tira os fones de ouvido e sorri para mim.

– O que você disse?

– Me desculpe – digo. – Eu só estava perguntando se você sabia onde a Sra. Wasserman está.

A garota aponta.

– Acho que no escritório.

Ando pela casa, passando pelas obras de arte e pelos objetos antigos de prata. Bato na moldura de uma porta com painéis de vidro. A Sra. Wasserman a abre, o cabelo em um coque preso por um lápis no meio dos cachos.

– Cassel? – diz ela. Está usando uma calça de moletom manchada de tinta e segura uma caneca de chá.

Entrego as violetas que comprei na loja de jardinagem. Não entendo muito bem de flores, mas gostei da sensação aveludada dessas.

– Eu queria agradecer por aquele dia. Pelo conselho.

Presentes são muito úteis para golpistas. Eles criam uma sensação de débito, uma ansiedade incômoda da qual o presenteado sente necessidade de se livrar, retribuindo o presente. É uma necessidade tão grande, na verdade, que as pessoas costumam até exagerar na retribuição só para se sentirem aliviadas. Uma simples xícara de café dada espontaneamente é capaz de fazer uma pessoa se sentir obrigada a assistir a uma palestra sobre uma religião pela qual não se interessa. Uma pequena flor murcha de presente pode levar o receptor a fazer uma doação para uma instituição de caridade da qual não gosta. Presentes são um peso tão grande que mesmo os jogando no lixo, o débito não acaba. Mesmo que você odeie café, que não queira aquela flor, uma vez que você aceita, vai querer dar algo em troca. Acima de tudo, vai querer se livrar da obrigação.

– Ah, obrigada – diz a mãe de Daneca. Parece surpresa, mas contente. – Não foi nada, Cassel. Sempre estarei aqui se quiser conversar.

– É sério? – pergunto, o que talvez seja meio exagerado, mas preciso ir um pouco mais longe com ela. É sua chance de retribuir. O fato de eu saber que ela adora casos de má sorte só ajuda.

– É claro – diz ela. – O que você precisar, Cassel.

Bingo.

Gosto de pensar que é a gratidão que a torna exageradamente generosa, mas acho que nunca vou ter certeza. Esse é o problema em não se confiar nas pessoas: você nunca descobre se elas teriam ajudado você por vontade própria.

Daneca está no computador quando chego em seu quarto. Ela me olha com surpresa.

– Oi – digo. – Seu irmãozinho me deixou entrar.

Já não estou sendo completamente honesto quando deixo de mencionar que conversei com a mãe dela, mas estou determinado a não fazer nada mais desonesto do que isso. Já me odeio o bastante sem aplicar um golpe em uma das minhas únicas amigas.

– Chris não é meu irmão – fala Daneca automaticamente. – Nem sei se está de acordo com a lei ele morar aqui.

O quarto dela é exatamente como eu esperava. A colcha é de batik, estampada com círculos prateados. Há lenços com franjas sob as cortinas de linho. As paredes são cobertas por pôsteres de cantores folk, poemas e uma grande bandeira dos direitos dos mestres. Na estante, ao lado de exemplares de Ginsberg e Kerouac e do *The Activist's Handbook*, há uma coleção de cavalos. Brancos e castanhos, pintados e pretos, estão enfileirados lado a lado.

Eu me encosto no batente da porta.

– Certo. Um garoto que está sempre neste endereço me deixou entrar. E foi bem grosseiro comigo.

Ela dá um meio sorriso. Atrás dela, consigo ver o trabalho que está escrevendo, com as letras como formigas pretas na tela.

– Por que está aqui, Cassel?

Eu me sento na cama e respiro fundo. Se conseguir fazer isso, consigo fazer todo o resto.

– Preciso que você enfeitice Lila – declaro. As palavras saem facilmente pelos meus lábios, mas meu peito dói quando as digo em voz alta. – Preciso que faça com que ela não me ame mais.

– De jeito nenhum – diz Daneca.

Eu sacudo a cabeça.

– Preciso que você faça isso. Por favor. Por favor, apenas escute. – Tenho medo de minha voz falhar. Tenho medo de que ela ouça o quanto isso dói.

– Cassel, não *me importo* com seus motivos. *Não* há motivo bom o bastante para tirar o livre arbítrio de alguém.

– Já foi tirado! Lembra quando falei que tentei ficar longe de Lila? – digo. – Parei de tentar. Que tal isso como bom motivo?

Ela não confia em mim. É claro que consegue entender que eu também não confie em mim.

O olhar de Daneca está tomado de asco.

– Não há nada que eu possa fazer. Você sabe disso. *Não consigo* tirar a maldição dela.

– Enfeitice-a para que não sinta nada por mim – peço. Minha visão embaça. Limpo a umidade dos olhos com raiva. – Faça com que Lila não sinta nada. Por favor.

Ela olha para mim de um jeito estranho, aturdido. Quando fala, sua voz está suave.

– Pensei que a maldição estivesse sumindo. Já pode ter acabado. Balanço a cabeça.

– Ela ainda gosta de mim.

– Talvez ela goste de você, Cassel – diz Daneca com cuidado. – Sem a maldição.

– Não.

Ela espera por um bom tempo.

– E você? Como vai se sentir quando ela...

– Não importa o que sinto – respondo. – O único jeito de Lila ter certeza... de qualquer um ter certeza... de que a maldição acabou é ela não me amar.

– Mas... – Daneca começa a dizer.

Se eu conseguir ir até o fim com isso, nada mais pode me magoar. Serei capaz de tudo.

– Tem que ser assim. Senão vou criar razões para acreditar que ela me quer, porque eu gostaria que fosse verdade. Não sou confiável.

– Sei que está muito perturbado... – diz Daneca.

– *Não sou confiável*. Você entendeu?

Ela assente uma vez.

– Tá. Tá, eu faço.

Expiro com força, uma onda vertiginosa de ar.

– Mas só desta vez. Nunca vou repetir isso. Nunca vou fazer nada parecido com isso de novo. Entendeu?

– Entendi – digo.

– E nem sei direito como fazer, então não é nada garantido. Além do mais, o rebote vai me deixar esquisita e emotiva, então você tem que cuidar de mim até eu ficar estável. Combinado?

– Combinado – respondo.

– Ela não vai gostar mais de você. – Daneca inclina a cabeça para o lado como se estivesse me vendo pela primeira vez. – Você será apenas um cara que ela conhece. Tudo que ela sente por você, tudo que já sentiu, vai sumir.

Fecho os olhos e concordo com a cabeça.

A primeira coisa que faço quando chego em casa é ir até o porão. Abro o freezer. Janssen está onde o deixei, branco como leite, as pálpebras afundadas e o cabelo congelado. Parece uma escultura demente de mármore, o retrato de um assassino assassinado. Todo o sangue deve ter escorrido para as costas dele antes de congelar. Aposto que, se o virar, ele estará roxo.

Tiro a luva da mão direita e toco em seu peito, afastando o tecido endurecido da camiseta de baixo e encostando meus dedos na pele gelada.

Transformo o coração dele em vidro.

A transformação leva apenas um momento, mas me recuperar dela demora mais. Quando o rebote acaba, afago a cabeça no ponto onde ela bateu no chão. Tudo dói, mas estou me acostumando.

Vou para o andar de cima, pego a arma no saco plástico, fecho os olhos e dou dois tiros no teto da sala de visitas. Chove poeira em mim, e a sala é encoberta por uma nuvem de pó. Um pedaço de gesso quase arranca meu cérebro.

Golpes não são glamourosos. Significam ter que tirar o aspirador velho do armário, trocar o saco e tentar limpar a maior parte da poeira. Limpar o porão para esconder que você rolou de um lado para outro depois de uma transformação. Desmontar a arma de acordo com as instruções na internet e, cuidadosamente, limpar todas as impressões digitais com um pano ligeiramente molhado de óleo, depois embrulhar tudo com papel-toalha. Dirigir um quilômetro e meio até uma parte abandonada da estrada e encharcar o casaco e as luvas da assassina com fluido de isqueiro para que queimem até virar cinzas. Esperar para ter *certeza* de que queimaram até virar cinzas e depois espalhar as cinzas. Quebrar todos os botões que sobraram do casaco com um martelo, depois os jogar junto com o saco do aspirador e todas as partes metálicas em diferentes lixões,

longe de onde você queimou as roupas. Os golpes são feitos de detalhes.

Quando termino, está tarde o suficiente para eu ligar para Sam e colocar a outra parte do plano em prática.

Minha mãe é conservadora quando se trata de dar golpe nas pessoas. Ela tem o jeito dela, que é bem eficiente. Roupas elegantes, um toque de sua mão e a maior parte das pessoas está disposta a fazer o que ela quer. Mas eu jamais pensaria em fantasias ou adereços até conhecer Sam. Estou com o computador aberto no site do Cyprus View. Eles têm modelos da planta dos apartamentos para interessados em alugar. Muito útil.

Sam segura, ansioso, um ferimento falso em um pedaço fino de silicone.

– Olha, você mesmo disse que aquele guarda queria ser herói – diz Sam.

Pode ser verdade que eu disse isso. Não lembro. Falei muitas coisas durante a vigília, na maioria das vezes observações chatas sobre o local ou afirmações completamente exageradas sobre como eu ia ganhar de Sam nas cartas.

– Mas, então, vamos precisar de outra pessoa – digo. – Vai ser trabalho pra três.

– Peça a Lila – diz ele.

– Ela está na cidade – respondo, mas sem entusiasmo. A ideia de vê-la uma última vez antes de perdê-la é enlouquecedoramente tentadora.

– Daneca e eu ainda estamos... Não sei. Além do mais, ela não é boa atriz.

– Ela se saiu bem na festa de Zacharov – digo, pensando no jeito como ela sorriu para meu irmão minutos depois de me dar um saco de sangue falso.

– Precisei ter uma conversinha com ela no caminho – conta ele. – E se eu ligar pra Lila?

Em silêncio, entrego a ele meu celular. Quero que ela venha. Se eu resistir a isso, acho que não terei mais nenhuma resistência.

Pegamos Lila na estação de trem com o rabeção de Sam. Ele trabalha nela na parte de trás enquanto eu, nervoso, mexo no rádio no banco da frente e como uma fatia de pizza.

– Está terminando? – pergunto, olhando para o relógio no painel.

– Não apresse o artista – diz Lila. Sua voz me atinge como uma faca, deixando um ferimento tão limpo que eu sei que não vai doer até que ela arranque a faca do local.

– É – digo. – Desculpa, Sam.

Finalmente ela passa para o banco da frente. Está com um hematoma pintado na bochecha. Parece real, parcialmente escondido pelos cachos de uma peruca loura comprida.

Estico a mão automaticamente para tocar no rosto dela, mas logo recuo.

– Não me bagunce – diz ela com um sorriso torto.

– Estamos prontos? – pergunto para o banco de trás.

– Um segundo – diz Sam. – Só preciso colocar esse arranhão na minha boca, mas não está grudando.

Lila se inclina em minha direção, nervosa e determinada.

– Aquilo que você disse antes de desligar o telefone – diz ela, meio sussurrando. – Estava falando sério?

Faço que sim com a cabeça.

– Mas achei que fosse tudo fingimento... – Ela para de falar e morde o lábio, como se mal conseguisse fazer o resto da pergunta por medo da resposta.

– Eu fingi o fingimento – digo baixinho. – Menti sobre mentir. Não consegui pensar em outra forma de fazer você acreditar que não podíamos ficar juntos.

Ela franze a testa.

– Espere. Então por que você me contou agora?

Merda.

– Porque estou prestes a ser devorado por poodles – respondo. – Lembre-se sempre de mim, meu amor.

Felizmente, Sam escolhe o momento para se inclinar entre os bancos da frente.

– Tudo pronto – diz ele.

– Aqui está o que você me pediu – fala Lila, pegando uma garrafa verde de vidro dentro da mochila. Está enrolada em uma camiseta. – É isso que vai plantar na casa dela?

Eu pego, tomando o cuidado de não encostar no gargalo. É bizarro pensar que essa coisinha pequena é o que Lila pegou na casa de Philip. É ainda mais bizarro saber que era uma pessoa viva.

– Não – digo. – Meu plano é ainda mais secreto do que isso.

Ela revira os olhos.

Puxo o boné de entregador de pizza para baixo e ligo o motor.

O plano é bem simples. Primeiro, esperamos até que Bethenny Thomas saia do prédio sem os cachorros. Essa é a parte mais incerta, porque ela pode resolver passar a noite de sábado em casa, vendo TV.

Às dez ela entra em um táxi e nós entramos em ação.

Dirijo-me ao prédio com três caixas de pizza. Estou usando o boné, que foi bem fácil de roubar da loja movimentada onde compramos as pizzas, e roupas comuns. Mantenho a cabeça baixa em frente às câmeras de segurança. Digo que tenho uma entrega para os Goldblatt. Nós os escolhemos porque, dentre todo mundo que conseguimos identificar como moradores do prédio (graças ao catálogo de endereços on-line), eles foram os primeiros a não atender quando ligamos.

O sujeito grande atrás da mesa olha para mim e resmunga. Levanta o interfone e aperta um botão. Eu me esforço bastante para fingir que estou entediado, em vez de quase pulando de tanta adrenalina.

Sam sai gritando da escuridão e bate na parede de vidro do saguão como se mal tivesse reparado nela. Começa a gritar e a apontar para os arbustos:

– Fique longe de mim. Fique bem longe!

O porteiro fica de pé, ainda com o interfone na mão, mas sem prestar atenção a ele.

– Mas o que é isso? – digo.

Lila corre pelo passeio em direção a Sam. Ela bate nele com tanta força que, mesmo dentro do saguão, escuto o som da luva de couro

contra a pele. Eu sinceramente espero que ele a tenha ensinado algum truque de cena, ou então aquilo deve ter doído.

– Eu vi você olhando pra ela – grita Lila. – Vou arrancar seus olhos!

Se ele fosse uma pessoa diferente, o segurança poderia simplesmente chamar a polícia. Mas quando o vi enxotando aquele mendigo na noite de sexta, percebi que não é do tipo que liga para a polícia se acha que pode resolver a situação.

Agora, só preciso torcer para ter feito a leitura correta.

Quando ele coloca o interfone no gancho, solto o fôlego que não deveria estar prendendo. Não é assim que se finge ser casual.

– Espere um segundo – diz ele para mim. – Preciso tirar esses jovens daqui.

– Cara! – Solto um gemido na tentativa de parecer o mais exasperado possível. – Preciso entregar essas pizzas. Tem o limite de quinze minutos.

Ele mal olha para mim ao andar até a porta.

– Tudo bem. Pode subir.

Quando piso no elevador, escuto Lila gritar para o porteiro cuidar da vida dele. Dou um sorriso ao apertar o botão.

A porta do apartamento de Bethenny é idêntica a todas as outras. Portas brancas em um corredor branco. Mas, quando enfio minha ferramenta na fechadura, ouço os cachorros começarem a latir.

A fechadura é fácil, mas tem uma tranca em cima que me faz demorar mais. Posso sentir o cheiro de alguém fritando peixe em algum ponto do corredor e outra pessoa ouvindo música clássica em volume alto. Ninguém aparece no corredor. Se aparecesse, eu teria perguntado sobre um número em outro andar e entraria no elevador. Para minha sorte, consigo entrar no apartamento de Bethenny sem contratempos.

Assim que entro os cachorros correm para cima de mim. Fecho a porta da frente e corro para o quarto, batendo a porta nos focinhos deles. Eles arranham a madeira, choramingando, e torço para que não façam muito estrago. Silenciosamente agradeço mais uma vez ao prédio por colocar a planta dos apartamentos on-line.

Lá dentro, coloco as caixas no chão de madeira e as abro. A primeira tem os restos de uma pizza de verdade dentro. As poucas fatias que não comemos estão cobertas de pepperoni e calabresa, em uma quantidade que pode muito bem distrair os cachorros.

A segunda contém a arma, enrolada em papel-toalha, sacos plásticos para colocar nos meus pés, panos encharcados de água sanitária e luvas descartáveis.

A terceira caixa de pizza guarda a roupa com que vou sair do prédio. Um terno, um par de óculos e uma pasta de couro. Mudo de roupa depressa e me preparo.

Enquanto prendo os sacos plásticos em cima dos meus pés, olho ao redor. As paredes são azul-marinho, decoradas por fotos de Bethenny em vários cenários tropicais. Ela sorri para mim, um coquetel na mão, em cem fotos, multiplicadas por mil reflexos nos espelhos na porta do armário. Não consigo evitar ver minha imagem refletida também, o cabelo sujo caindo sobre o rosto. Parece que não durmo há semanas.

Os cachorros param de choramingar e começam a latir. Sem parar, em coro.

Há vestidos visíveis pela abertura no armário em uma mistura de tecidos e brilhos, além de sapatos espalhados pelo quarto todo. Em cima de uma penteadeira branca, um emaranhado de correntes de ouro cai sobre uma gaveta cheia de sutiãs acetinados.

Não toco em nada além do colchão. Levanto uma das pontas e me preparo para enfiar a arma acima do estrado.

Já tem uma arma ali.

Olho para o revólver grande e prateado. Ele faz a pistola na minha mão parecer delicada.

Fico tão abalado que, por um instante, não sei o que fazer. *Ela já tem uma arma debaixo do colchão.*

Começo a gargalhar, a histeria surgindo pela minha garganta. De repente, é demais para mim. Não consigo evitar. Estou agachado em frente à cama, respirando fundo, lágrimas saindo dos olhos de tanto rir. As gargalhadas são tão intensas que não emito som nenhum.

A sensação é de impotência, como no rebote, como no luto.

Por fim, me recomponho o bastante para colocar a Smith & Wesson entre o colchão e a base, perto do pé da cama. Concluo que ninguém vai tentar pegar uma arma ali, e ninguém levanta muito o colchão quando está tentando pegar uma arma.

Em seguida, quebro as caixas de pizza e as enfio na pasta, junto com o jeans e o casaco que eu estava usando quando entrei. Guardo também a pizza extra, os papéis-toalha e os panos. Mudo de luvas. Em seguida, passo um pano no chão para remover migalhas, gordura e fios de cabelo. Empurro o pano com o pé até a porta para garantir.

Do lado de fora do quarto, os latidos dos poodles chegaram ao ápice. Enfio o pano no bolso.

Ouçó um dos cachorros bater na maçaneta e, de repente, terrivelmente, ela gira. Um deles deve tê-la alcançado com a pata. Um minuto depois eles entram correndo, latindo furiosamente. Mal consigo subir na cama para não ser mordido.

Tá, sei o que você está pensando. São poodles, certo? Mas essas coisas não são poodles toy fofinhos. São poodles do tipo *padrão*, enormes e ameaçando me morder, com os dentes brancos expostos e um rosnado que faz tremer suas gargantas quando vou para a beirada do colchão. Olho para o lustre acima de mim e penso em tentar me pendurar nele.

– Ei! – ouço uma voz gritar. – Beth? Quantas vezes preciso falar pra você manter esses seus cachorros quietos?

Ah, *fala sério*. Isso não pode estar acontecendo.

É claro que não estaria acontecendo se eu tivesse me lembrado de trancar a porta do apartamento depois que arrombei a fechadura. Os golpes são feitos de detalhes. O que os define são as pequenas coisas que você lembra ou não.

– Se não os fizer parar, vou chamar a polícia – grita o homem. – Desta vez, estou falando sério... Ei, mas que...

Ele está parado na porta, olhando para mim, tão surpreso que perdeu a fala. Em um minuto, vai gritar. Em um minuto, vai correr para seu apartamento e ligar para a polícia.

– Ah, graças a Deus – digo, tentando fazer meu olhar mais agradecido. Limpo a garganta. – Recebemos um chamado, um dos

vizinhos reclamou. Eu tinha hora marcada com...

– Quem diabos é você? O que está fazendo no apartamento de Bethenny? – O vizinho é um sujeito calvo que deve ter uns quarenta e poucos anos. Tem uma barba densa e bigode. A camiseta surrada tem a logo desbotada de uma empresa de construções.

– O síndico do prédio me mandou avaliar a situação com esses cachorros – grito por cima dos latidos. – A porta estava aberta, e achei que a Sra. Thomas estivesse em casa. Ela anda evitando minhas ligações, mas consegui que concordasse com uma reunião. Não esperava que eles atacassem.

– É – grita o sujeito. – Eles são nervosos. E muito mimados. Se quiser descer daí, é melhor dar alguma coisa pra eles.

– Não tenho nada. – Decido que é melhor fazer alguma coisa se quiser parecer convincente. Pulo da cama, pego a pasta e corro para o vizinho. Sinto dentes na perna.

– Ai – grito, quase caindo.

– *Fica* – grita o vizinho para os poodles, o que milagrosamente parece fazê-los pararem por tempo suficiente para que fechemos a porta do quarto.

Eu me abaixo e puxo a beirada da calça. Meu tornozelo esquerdo está sangrando e molhando a meia. Só tenho alguns minutos antes que meu sangue escorra por cima do plástico que cobre meus pés e caia no chão.

– Isso é absurdo! – digo. – Ela me disse que essa era a única hora em que poderíamos nos encontrar, apesar de ser extremamente inconveniente pra mim. E ela nem está aqui...

O homem olha para a porta do apartamento.

– Você quer um curativo?

Balanço a cabeça.

– Vou para um hospital agora mesmo para que o ferimento possa ser fotografado e considerado evidência. Agora é muito importante que a Sra. Thomas não saiba que o prédio está tentando abrir um caso contra ela. Posso contar com sua discrição?

– Você está querendo expulsar Bethenny? – pergunta ele. Ajusto minha resposta ao ver a expressão dele.

– Nosso primeiro passo vai ser sugerir que a Sra. Thomas matricule os cachorros em sessões intensivas de adestramento. Se não funcionar, podemos pedir que ela os coloque em outro lugar.

– Estou cansado de tanto barulho – diz ele. – Não vou contar nada desde que você não esteja querendo se meter com o aluguel dela.

– Obrigado. – Olho para o chão, mas não vejo sangue. Bom. Sigo para o corredor.

– Você não é meio jovem pra trabalhar pro síndico? – diz o vizinho, mas parece achar mais engraçado do que desconfiar de alguma coisa.

Empurro os óculos no nariz do jeito que Sam faz.

– Todo mundo diz isso. Tenho sorte de ter carinha de bebê.

Saio mancando pelo saguão. A mudança no meu jeito de andar provavelmente ajuda no disfarce, pois o porteiro nem me olha direito. Passo pela porta, pensando em todas as coisas que poderiam ter dado errado. Ando com rigidez pela rua e vou até o estacionamento do supermercado, onde está o rabeção.

Lila sai do carro e vem correndo em minha direção. Ela não está mais de peruca, o hematoma virou uma mancha no nariz e ela está rindo.

– Viu nossa performance? Acho que você perdeu a parte em que convencemos Larry de que ele tinha me dado um soco sem querer. Acabou nos implorando pra não denunciá-lo. – Ela passa os braços pelo meu pescoço, e de repente suas pernas estão ao redor da minha cintura, e eu a carrego.

Dou um giro e a ouço rir e gritar. Ignoro a dor na minha perna. Sam está saindo do carro, também sorrindo.

– Ela é uma tremenda golpista – diz ele. – Melhor do que você, eu acho.

– Olha o respeito – digo. Paro de girar, ando até o carro de Sam e a coloco no capô. – Sei que ela é melhor.

Lila sorri e não tira as pernas da minha cintura. Ela me puxa para um beijo com gosto de tinta e arrependimento.

Sam revira os olhos.

– Que tal comermos alguma coisa? Larry nos deu cinquenta dólares pra irmos embora.

– Claro – respondo. – Com certeza.

Sei que jamais ficarei feliz assim de novo.

CAPÍTULO DEZESSEIS

NA MANHÃ DA SEGUNDA-FEIRA,

paro no estacionamento do FBI com meu Mercedes novinho comprado pela máfia. Eu me sinto muito bem com o GPS do carro me confirmando que cheguei ao destino, os bancos de couro aquecendo minha bunda e o som dos alto-falantes tocando alto o bastante as músicas do meu iPod para eu conseguir sentir nos ossos.

Saio do carro, coloco a mochila no ombro, aperto o botão para ligar o alarme e entro no prédio.

Os agentes Jones e Hunt estão me esperando dentro do saguão. Eu os sigo até o elevador.

– Carro legal – diz o agente Hunt.

– É – digo. – Gosto dele.

O agente Jones solta uma risada debochada.

– Vamos subir, garoto, e ouvir o que você tem a dizer. É bom que tenha alguma coisa desta vez.

Chegamos ao quarto andar, e eles me levam para uma sala diferente. Sem espelho desta vez. Mas tenho certeza de que tem escuta. A mobília é simples. Uma mesa, cadeiras de metal. O tipo de sala em que alguém poderia deixar você trancado durante muito tempo.

– Quero imunidade – falo para eles, me sentando à mesa. – Para qualquer crime passado.

– Claro – diz o agente Jones. – Esse é meu acordo verbal. Você é só um garoto, Cassel. Não estamos interessados em prendê-lo por qualquer pequeno...

– Não – digo. – Quero por escrito.

O agente Hunt limpa a garganta.

– Podemos providenciar isso. Não é problema. Faremos o que for necessário para deixá-lo mais à vontade. Nos dê um tempo e vamos

preparar um acordo. Independentemente do que nos disser, podemos garantir que nenhum advogado vai acusá-lo de nada. Terá seu acordo. Queremos você conosco.

Enfio a mão na mochila e tiro três cópias de um contrato.

– O que é isso? – pergunta o agente Jones. Ele não parece feliz.

Engulo em seco. Meus dedos molham o papel com suor. Espero que eles não reparem.

– São meus termos. E, diferentemente do acordo que vocês fizeram com meu irmão, preciso que este seja autorizado por um advogado do departamento de justiça.

Os dois trocam um olhar.

– Philip era um caso especial – afirma o agente Hunt. – Ele tinha informações de que precisávamos. Se você está propondo uma troca, tem que nos dar alguma coisa.

– Também sou um caso especial. Philip contou a vocês, ou pelo menos insinuou enfaticamente, que sabia a identidade de um mestre de transformação, certo? Eu também sei. Mas não sou otário como ele, tá? Não quero um bando de promessas vazias. Quero este contrato assinado por *um advogado do departamento de justiça*. Não por vocês dois, palhaços. Em seguida, vão mandar por fax para minha advogada. Quando eu receber o OK dela, conto tudo pra vocês.

O agente Hunt parece um pouco perplexo. Não sei se ele desconfiava que o assassino era um mestre de transformação, mas não posso correr riscos. Além do mais, só tenho algumas cartas na manga.

– E se não pudermos fazer isso? – pergunta o agente Jones. Ele não parece tão amigável agora.

Dou de ombros.

– Acho que nenhum de nós consegue o que quer.

– Poderíamos pegar sua mãe. Você acha que não sabemos o que ela andou fazendo? – diz o agente Hunt.

– Eu não sei o que ela andou fazendo – respondo, mantendo a voz o mais controlada que consigo. – Mas, se ela fez alguma coisa errada, acho que vai ter que pagar por isso.

O agente Jones se inclina sobre a mesa.

– Você é mestre da morte, não é, garoto? Insinuou isso incisivamente na última vez que esteve aqui. Será que alguma coisa deu errado antes de aprender a controlar seu feitiço? Acontece. Mas acha que não vamos descobrir sobre um adolescente desaparecido em algum momento do seu passado? Aí, será tarde demais para acordos.

Será tarde demais para acordos bem antes disso, eu acho.

Eu me pergunto como seria trabalhar para a família Brennan. Imagino como é matar alguém quando se tem que lembrar o que fez.

– Olha – digo –, especifiquei minhas condições no documento que vocês têm em mãos. Em troca de imunidade, darei o nome completo e paradeiro do mestre de transformação e prova de um ou mais crimes cometidos por essa pessoa.

– É Lila Zacharov, não é? – diz o Agente Hunt. – Já sabemos disso. Seu segredo não é nenhuma novidade. Ela desaparece e o pai de repente tem um novo assassino.

Encosto na parte de cima do papel, passando o dedo sobre as palavras, me controlando para não reagir. Por fim, olho para os dois.

– Cada minuto que passam conversando comigo é um minuto a menos falando com o departamento de justiça. E, em alguns minutos, vou me levantar, sair andando daqui e levar minha proposta comigo.

– E se não permitirmos que isso aconteça? – sugere o agente Hunt.

– A não ser que planejem trazer um mestre de memória para revirar meu cérebro como se fosse um baralho, vocês não podem me obrigar a fazer um acordo. E, vamos encarar os fatos, se fossem fazer isso, já teriam feito. Acho que vocês poderiam me manter aqui fisicamente, mas não podem manter meu interesse.

– É melhor você ter mercadoria – diz o agente Jones, levantando-se. – Não posso prometer nada, mas vou fazer a ligação.

Eles me deixam sozinho na sala. Percebo que vou ficar lá por um bom tempo. Levei o dever de casa.

Quando me trazem o primeiro contrato, ligo para minha advogada. Infelizmente, ela ainda não sabe que é minha advogada.

– Alô? – diz a Sra. Wasserman.

– Oi, é Cassel – digo, deixando que todo o medo que sinto transpareça na minha voz. Os agentes me deixaram sozinho na sala, mas não tenho dúvida de que estão gravando tudo que digo. – Lembra quando você me disse que eu devia falar com você se precisasse de algo?

Ouçó a hesitação na voz dela.

– Aconteceu alguma coisa?

– Preciso muito de um advogado. Preciso que você seja minha advogada. – Não tenho dúvida de que, neste momento, ela está desejando não ter aceitado as violetas que dei.

– Não sei – diz ela, o que não é um não. – Por que não me conta o que aconteceu?

– Não posso explicar. – Conhecer as pessoas é importante ao dar o golpe nelas. Sei que a Sra. Wasserman quer ajudar adolescentes mestres, mas ela também gosta de saber das coisas. Não há mal nenhum em oferecer um pouco de incentivo. – Quero dizer, eu quero contar, mas se não for minha advogada... eu não deveria colocá-la nessa situação.

– Tudo bem – diz ela depressa. – Me considere sua advogada. Agora, explique o que está acontecendo. Meu identificador de chamadas me diz que você está ligando de um número não identificado. Onde você está?

– Em Trenton. Os agentes federais daqui estão montando um contrato pra tentar me dar imunidade se eu revelar a identidade de um mestre de transformação. Um *assassino* – explico, caso ela comece a sentir vontade de proteger o mestre anônimo. – Mas preciso que me diga se o acordo de imunidade é legal. Além do mais, querem que eu trabalhe pra eles. Preciso ter certeza de que vou poder terminar o ano em Wallingford antes de começar. E tem mais uma coisa...

– Cassel, isso é muito sério. Você nunca deveria ter tentado fazer um acordo desses sozinho.

– Eu sei – digo, feliz por ser repreendido.

Demora horas e acabo tendo que ligar para a mãe de Daneca quatro vezes para falar das mudanças até ela aprovar a papelada. Por fim, eu assino. O departamento de justiça assina. E, como ainda sou menor, a Sra. Wasserman manda a página com a assinatura falsificada de minha mãe – a que preparei antes e deixei na mesa da Sra. Wasserman no sábado, virada para baixo para que parecesse apenas um papel em branco. É claro que ela não sabe que é falsificada, embora eu imagine que deva *supor*.

Em seguida, conto aos federais quem é o mestre de transformação.

Isso não corre muito bem.

O agente Jones bate, irritado, com os dedos no tampo da mesa. A garrafa está na frente dele, e a luz faz o vidro verde brilhar de leve.

– Vamos repassar sua história mais uma vez.

– Já repassamos duas vezes – digo, apontando para o papel onde ele está tomando notas. – Já dei uma declaração por escrito.

– Mais uma vez – insiste o agente Hunt.

Eu respiro fundo.

– Meu irmão Barron é mestre de memória. Meu outro irmão, meu irmão morto, Philip, era mestre físico. Era empregado de um cara chamado Anton. Anton era quem encomendava os assassinatos. Ninguém mais sabia o que ele estava fazendo. Éramos seu esquadrão privado de execução. Eu transformava uma pessoa, e Barron me fazia esquecer.

– Porque ele achava que você não iria concordar com a coisa toda? – pergunta o agente Jones.

– Acho... Acho que Philip pensava que estava fazendo a coisa certa pra mim. Que eu era só um garoto. Que, se eu não soubesse, não seria nada de mais. – Minha voz falha, o que odeio.

– Você teria matado aquelas pessoas? – pergunta o agente Hunt.
– Sem coerção mágica?

Imagino meus irmãos me procurando e me dizendo que era importante, necessário. Que eu estaria dentro das brincadeiras, faria realmente parte da família e não seria mais um intruso. Que eu

poderia ter tudo que quisesse se fizesse apenas isso para eles. Talvez Barron estivesse certo sobre mim.

– Não sei – digo. – Nem sei se eu sabia que eles estavam mortos.

– Tudo bem – fala o agente Jones. – Quando descobriu que era mestre de transformação?

– Percebi que havia alguma coisa errada com minha memória, então comprei alguns amuletos e fiquei usando-os. Quando transformei uma coisa sem querer, descobri o que eu era. Barron não conseguiu me fazer esquecer por causa dos amuletos. Philip me contou o resto. – É estranho dizer de maneira tão direta, sem todo o horror e a traição. Só os fatos.

– Então sabia que estávamos falando sobre pessoas que você matou na primeira vez que esteve neste prédio?

Balanço a cabeça em uma negativa.

– Mas descobri quando olhei os arquivos. E consegui lembrar o bastante para encontrar a garrafa.

– Mas você não sabe onde nenhum dos outros corpos estão? Nem de quem é esse corpo?

– É verdade. Não sei mesmo. Queria saber.

– A garrafa tem algum significado especial? Por que escolheu esse objeto?

Balanço a cabeça de novo.

– Não faço ideia. Deve ter sido o que veio à cabeça.

– Por que não nos conta sobre o assassinato de Philip de novo? Está dizendo que não atirou em seu irmão, certo? Tem certeza? Talvez não se lembre.

– Não sei usar uma arma – digo. – De qualquer modo, sei quem atirou no meu irmão. Foi Henry Janssen. Ele invadiu a casa da minha mãe e tentou me matar também. Eu não estava de luvas, então apenas... reagi.

– Que dia foi isso? – pergunta Hunt.

– Segunda-feira, dia 13.

– O que você fez exatamente? – pergunta Jones.

É como lembrar as falas de uma peça, disse Sam.

– Mamãe autorizou que eu saísse de Wallingford para ir a uma consulta médica e almoçar. Depois, vi que tinha tempo à toa e fui

pra casa.

– Sozinho? – pergunta o agente Hunt.

– É. Como já falei duas vezes, *sozinho*. – Eu bocejo. – A porta da frente estava arrombada.

Penso em Sam, com um sapato maior do que o pé, batendo com a sola na porta. A madeira lascou ao redor da fechadura. Ele pareceu satisfeito e assustado, como se nunca tivesse tido permissão para fazer uma coisa tão violenta.

– Mas você não ficou preocupado?

Dou de ombros.

– Acho que fiquei um pouco. Mas a casa está bem detonada. Presumi que Barron e mamãe tinham brigado. Não tem muita coisa de valor para ser roubada. Me deixou um pouco mais alerta, talvez, mas eu realmente não achei que tivesse alguém lá dentro.

– E depois? – O agente Jones cruza os braços.

– Tirei o casaco e as luvas.

– Você sempre tira as luvas em casa? – pergunta o agente Hunt.

– Tiro – digo, olhando nos olhos de Hunt. – Você não?

– Tudo bem, continue – diz o agente Jones.

– Liguei a televisão. Eu ia assistir TV, comer um sanduíche e voltar pra escola. Tinha uma hora de bobeira.

O agente Hunt fala com desdém:

– Por que ir pra casa? Nada disso parece interessante.

– Porque, se voltasse pra escola, eu teria que fazer as tarefas da tarde. Sou preguiçoso.

Eles trocam outro olhar, não muito simpático.

– Aparece um cara apontando uma arma pra mim. Eu levanto as mãos, mas ele vem pra cima. Ele começa a me contar uma história de que Philip ia matá-lo e ele teve que fugir no meio da noite, deixando tudo pra trás. Eu estava com Philip, apesar de não lembrar, e ele também me culpava. O que considero justo. Ele continua e diz que ele e a namorada mataram Philip e eu seria o próximo.

– Ele disse isso tudo?

Eu concordo com a cabeça.

– Acho que ele queria me deixar mesmo com medo.

– Você ficou? – pergunta o agente Jones.

– Fiquei – admito, assentindo. – É claro que fiquei com medo. O agente Jones faz cara feia.

– Ele estava sozinho?

– A namorada estava lá. Beth, eu acho. A foto dela estava naqueles arquivos que você me deu. Acho que não é profissional. Não agiu como profissional. Acho que foi assim que acabou aparecendo na frente da câmera.

– Por que ele voltou agora, depois de tanto tempo?

– Ele disse que Philip não tinha mais a proteção de Zacharov.

– Isso é verdade?

– Não sei – respondo. – Não faço parte de nenhuma família. Na época, eu não me importava. Eu tinha que fazer alguma coisa, então parti pra cima dele.

– A arma disparou?

– Disparou – digo. – Dois tiros no teto. Gesso pra todo lado. Minha mão tocou a pele dele e transformei seu coração em vidro.

– E depois? – pergunta o agente Jones.

– A mulher gritou e pegou a arma – conto. Minhas mãos estão grudentas. Eu me concentro em minimizar os detalhes que me entregariam. Penso na última vez que contei essa história e me certifico de não repetir as mesmas palavras para que não pareça um discurso decorado. – Ela saiu correndo.

– Ela atirou em você?

Eu balanço a cabeça.

– Como falei, ela saiu correndo.

– E por que você acha que ela fez isso? Por que não atirar em você? Você estava bem ali. O rebote ia te derrubar em um minuto. Ela poderia ter acabado com você lentamente. – Não me conforta a forma como o agente Hunt conhece tão bem o rebote de transformação, mas o deleite na voz dele quando fala sobre o que ela podia ter feito comigo me preocupa ainda mais.

– Não faço ideia – respondo. – Acho que ela se apavorou. Talvez não soubesse. Não estou contando nenhuma novidade. Não sei, e não importa quantas vezes você me pergunte, só posso supor.

– Então você o colocou no freezer? Parece que você já se livrou de um corpo antes. – O agente Jones fala em tom de brincadeira, mas

não está brincando.

– Vejo muita televisão – digo, com um movimento despreocupado de mão. – Só que um corpo é mais pesado na vida real.

– E depois? Voltou pra escola como se nada tivesse acontecido?

– É, mais ou menos – respondo. – Quero dizer, voltei pra escola como se tivesse acabado de matar um sujeito e colocado no meu freezer. Mas não tenho certeza se dá pra perceber a diferença olhando de fora.

– Você é um cara bem controlado, né? – diz o agente Hunt.

– Escondo minha dor interior debaixo de minha aparência estoica.

O agente Hunt parece que gostaria de enfiar o punho na minha aparência estoica. Mas então o telefone do agente Jones toca, e ele se levanta e sai da sala. O agente Hunt vai atrás. O último olhar dele em minha direção é uma mistura de desconfiança e alerta, como se de repente achasse que posso estar falando a verdade.

Volto a fazer o dever. Meu estômago ronca. De acordo com meu relógio, são quase sete da noite.

Eles demoram vinte minutos para voltar.

– Tudo bem, garoto – diz o agente Hunt quando eles entram. – Encontramos o corpo no freezer, como você falou. Só uma pergunta. Onde estão as roupas dele?

– Ah – digo. Por um momento, minha mente fica vazia. Sabia que tinha me esquecido de alguma coisa. – Ah, é. – Eu me forço a dar de ombros. – Eu as joguei no rio. Achei que talvez sugerisse que ele se afogou se alguém as encontrasse. Mas ninguém encontrou.

Hunt me olha por bastante tempo, depois assente uma vez.

– Também visitamos Bethenny Thomas e recolhemos duas armas, embora o departamento de balística ainda precise verificar se as balas correspondem. Agora, quero ver você transformar alguma coisa.

– Ah, certo. O show – digo, ficando de pé.

Tiro as luvas lentamente e encosto as mãos na superfície fria e seca da mesa.

Às onze da noite, ligo para Barron do carro.

– Muito bem – digo. – Tomei minha decisão.

– Você não tinha escolha – diz ele, convencido.

Ele fala como um irmão mais velho, como se já tivesse me avisado para não atravessar a rua sozinho, e lá estivesse eu, do outro lado, com carros passando rápido, sem ter como voltar. Casual assim. Eu me pergunto se Barron realmente não se sente violado, se está tão impregnado de magia e violência que acredita que amaldiçoar e chantagear é o que irmãos fazem um ao outro.

– Não – confirmo. – Escolha nenhuma.

– Tudo bem – diz ele, às gargalhadas. Parece relaxado agora, não mais cauteloso. – Vou falar pra eles.

– Não vou fazer isso – falo. – *Essa* é minha decisão. Não vou trabalhar para os Brennan. Não vou ser um assassino.

– Eu poderia procurar os federais, sabe – ameaça ele com rispidez. – Não seja idiota, Cassel.

– Então procure – digo. – Vá em frente. Mas, se fizer isso, eles saberão o que eu sou. Você vai perder a capacidade de me controlar. Serei propriedade pública. – É fácil blefar agora que os federais já sabem o que sou.

Há uma longa pausa do outro lado da linha. Por fim, ele pergunta:

– Podemos falar sobre isso pessoalmente?

– Claro – concordo. – Posso fugir de Wallingford. Venha me buscar.

– Não sei – diz ele de mau humor. – Não quero encorajar atos de delinquência.

– Tem uma loja perto da escola – sugiro. – Esteja lá ou me esqueça.

– Vou demorar quinze minutos.

Quando desligamos, olho pela janela do carro. Meu peito está apertado, com sensação de câimbra, como às vezes minhas pernas ficavam depois de correr, uma dor tão repentina que me acordava do sono profundo.

Só há uma coisa a fazer quando isso acontece. Esperar passar.

Imagino que o Mercedes vai deixar Barron nervoso quanto às minhas lealdades, então vou esperar por ele a pé, encostado na parede de concreto. O Sr. Gazonas, dono da loja da esquina, olhou

com tristeza para mim por trás da bancada quando entrei e comprei café.

– Você devia estar na escola – disse ele e olhou para o relógio. – Devia estar dormindo.

– Eu sei – concordo, colocando o dinheiro na bancada. – Estou com problemas familiares.

– Nenhum problema é resolvido a essa hora da noite – disse ele. – A meia-noite é para os arrependimentos.

Não gosto de pensar sobre isso enquanto tomo café e espero, mas gosto menos ainda de tudo mais que tenho para pensar.

Barron chega meia hora atrasado. Ele para o carro e abre a janela.

– Muito bem – diz ele. – Pra onde quer ir?

– Pra algum lugar particular – respondo, entrando no carro.

Seguimos por algumas quadras até chegarmos a um velho cemitério. Ele para na rua cheia de pedrinhas, depois de uma placa de NÃO ENTRE.

– Olha – digo. – Entendo que você tem coisas sobre mim. Você poderia abrir a boca. Contar pras pessoas o que eu sou e o que fiz. Droga, você poderia gritar do alto de qualquer telhado. Eu estaria ferrado. Minha vida estaria arruinada.

Ele franze a testa. Não consigo saber se está pensando no que falei ou planejando alguma coisa.

– Mas eu poderia mudar meu rosto e recomeçar uma vida completamente diferente – continuo. Só precisaria de um nome e um número de Seguro Social. Acredito que mamãe me criou bem o bastante para conseguir um roubo de identidade.

Ele parece assustado, como se nem tivesse considerado isso.

– Não quero ser um assassino – digo.

– Não pense desse jeito – retruca ele, se inclinando e pegando meu café que está no porta-copo do carro. Depois toma um grande gole. – As pessoas que eliminaríamos não são bons sujeitos. Me deixe explicar como funcionaria. Os Brennan nem precisam conhecer você. Só vão ver seu trabalho. Sou seu agente, cúmplice e bode expiatório. Ajudo você a executar os crimes e escondo sua identidade.

– E a escola?

– O que tem? – pergunta ele.

– Não vou largar Wallingford.

Ele assente, curvando o lábio.

– Agora que Lila está em Wallingford, aposto que você não quer ir embora. É sempre por causa dela, não é?

Eu franzo a testa.

– Então por que eu não poderia fazer isso sozinho? Deixar você de fora?

– Porque você precisa de mim pra fazer a pesquisa – diz ele, claramente aliviado por ouvir uma pergunta que consegue responder com facilidade. – Vou tomar cuidado pra encontrarmos a pessoa certa na noite certa. E, é claro, vou cuidar pra que as testemunhas não se lembrem de nada.

– É claro – assinto.

– E então? – diz ele. – Vamos lá. Poderíamos ganhar muito dinheiro. E eu poderia até fazer você esquecer...

– Não – retruco, interrompendo-o. – Não mesmo. Não quero fazer isso.

– Cassel – diz ele com desespero. – Por favor. Olha, você *precisa*. Por favor, Cassel.

Por um momento, não tenho certeza de nada.

– Não quero – declaro por fim. O interior do carro está quente, apertado. Quero sair. – Me leva de volta pra Wallingford.

– Já aceitei o trabalho – diz ele. – Eu tinha certeza de que você ia dizer sim.

Eu fico paralisado.

– Barron, para com isso. Você não pode me manipular assim. Não vou...

– Só desta vez – diz ele. – Uma vez. Se você odiar, se for ruim, não precisamos repetir nunca mais.

Eu hesito. Depois que modifiquei os cadernos de Barron, ele se tornou o irmão que eu sempre quis. Tudo tem seu preço.

– Então, em vez da noite da pizza, temos que nos manter unidos com assassinatos?

– Você concorda? – pergunta ele.

Eu me sinto enjoado. Por um momento, acho mesmo que vou vomitar. Ele parece tão genuinamente feliz com a ideia que eu talvez concorde.

– Quem? – pergunto, encostando a cabeça no vidro frio da janela.

– Quem é a vítima?

Ele sacode a mão no ar indicando que não tem importância.

– O nome dele é Emil Lombardo. Ninguém que você conheça. É completamente louco.

Fico feliz de o rosto dele estar virado para que não possa ver minha expressão.

– Tudo bem – digo. – Só desta vez.

Ele me dá um tapa no ombro quando um carro para entre os pilares atrás de nós. As luzes vermelhas e azuis giram, enviando um brilho estroboscópico aliviante para os túmulos.

Barron soca o painel.

– *Policiais.*

– Ali diz para não entrar – aviso a ele, apontando para a placa.

Ele se inclina e tira uma das luvas.

– O que está fazendo? – pergunto.

Ele ergue as sobrancelhas e seu lábio treme um pouco no canto.

– Escapando de uma multa.

A luz do carro dos policiais gira de repente, fazendo pontos pretos dançarem na frente dos meus olhos.

Olho, nervoso, pela janela de trás. Um dos policiais saiu e está vindo em nossa direção. Respiro fundo.

Barron abre a janela com um sorriso no rosto.

– Boa noite, senhor.

Seguro o pulso de Barron com minha mão enluvada antes que ele tenha a chance de agir. Ele olha para mim, chocado demais para registrar que deveria estar zangado, quando o agente Hunt coloca o cano de uma arma no rosto dele.

– Barron Sharpe, saia do carro – diz Hunt.

– O quê? – pergunta ele.

– Sou o agente Hunt, lembra? – Pela primeira vez desde que o conheci ele parece satisfeito. – Tivemos uma conversa agradável

sobre seu irmão. Você nos contou um monte de coisas que não puderam ser comprovadas.

Barron assente e olha para mim.

– Eu me lembro de você.

– Acabamos de ouvir sua proposta interessante – diz o agente Hunt. Pelo retrovisor lateral, vejo o agente Jones sair do carro.

Ele anda até meu lado e abre a porta. Barron se vira para mim.

Faço a única coisa em que consigo pensar. Levanto a camisa para mostrar a escuta.

– Desculpa – falo. – Mas achei que, se você ia me obrigar a trabalhar pra alguém, não poderia ficar muito zangado se eu fizesse o mesmo com você. Nos inscrevi em um programa.

Ele parece não concordar com minha lógica.

Penso no vovô sentado no quintal, olhando para o céu e desejando que as coisas pudessem ter sido diferentes para nós, os netos. Tenho certeza de que não era isso que ele tinha em mente.

E daí que eu levei o cavalo diretamente até a água, digo para mim mesmo. Não fui eu quem o fez beber.

Eles colocam as algemas em Barron. Que bom que já negociei o acordo dele, porque Hunt e Jones parecem preferir trancá-lo em um buraco escuro a trabalhar com ele. Eu reconheço o olhar. É o mesmo que lançam pra mim.

CAPÍTULO DEZESSETE

A COISA MAIS DIFÍCIL

é me certificar de que ninguém está me seguindo. O agente Hunt me deu carona até meu carro em Wallingford, o que me deixou nervoso. Dirijo sem destino durante uma hora, até ter certeza de que não tem ninguém atrás de mim.

As ruas estão quase vazias. A essa hora da noite, há poucos motivos para estar fora de casa.

Por fim, sigo para o hotel. Estaciono nos fundos, perto do lixo. O ar da noite é como um tapa na cara. Parece cedo demais para a temperatura ter caído tão abruptamente. Talvez seja mais frio às três da madrugada.

O hotel que ela escolheu é de tijolos, com uma construção central e duas outras que formam um C ao redor de uma piscina esverdeada. Todos os quartos dão para o pátio, então não preciso passar pelo saguão.

Ela está no 411. No andar de cima. Bato três vezes. Ouço uma corrente deslizar e a porta se abre.

A viúva do meu irmão parece menos magra do que na última vez que a vi, mas os olhos estão com as olheiras de sempre. O cabelo é um emaranhado castanho e sedoso, e ela usa um vestido preto apertado que eu não mereço de maneira alguma.

– Você está atrasado. – Ela faz sinal para eu entrar e tranca a porta. Em seguida, se apoia nela. As mãos e os pés estão nus, e eu preciso me forçar a lembrar que ela não é uma mestra.

Sua mala está aberta no canto, as roupas ficaram espalhadas no chão. Tiro uma peça íntima da única cadeira do quarto e me sento.

– Desculpa – digo. – As coisas demoram mais tempo do que a gente imagina.

– Quer uma bebida? – pergunta Maura, apontando para uma garrafa de Cuervo e alguns copos de plástico.

Balanço a cabeça.

– Eu sabia que você ia descobrir. – Ela coloca alguns cubos de gelo no copo e serve uma dose generosa. – Quer ouvir a história?

– Deixe-me contá-la – respondo. – Quero ver o quanto realmente descobri.

Ela pega o copo e vai até a cama, onde se deita de bruços. Tenho certeza de que esta não é a primeira dose dela.

– Você e Philip tinham um desses relacionamentos cheios de altos e baixos, certo? Subidas e descidas. Com muitos gritos. Passional.

– É – diz ela, olhando de forma estranha para mim.

– Ah, pare com isso – falo. – Ele era meu irmão. Sei como eram *todos* os relacionamentos dele. De qualquer modo, talvez as brigas tenham passado do limite pra você, ou talvez tenha ficado diferente depois do bebê, mas em algum momento Barron se envolveu. Começou a fazer você se esquecer das brigas que teve com Philip. Fez você esquecer que tinha decidido abandoná-lo.

– Foi quando você me deu o amuleto – diz ela. Penso em quando o entreguei a ela na cozinha do apartamento, com meu sobrinho chorando ao fundo, e vovô roncando em uma poltrona na sala.

Faço que sim com a cabeça.

– Ele também me fez esquecer muita coisa.

Ela cospe de volta grande parte do líquido no copo.

– E você já tinha começado a sofrer alguns efeitos colaterais ruins.

– Penso nela sentada no alto da escada, as pernas penduradas na beirada, o corpo todo se mexendo ao som de uma música que eu não conseguia ouvir.

– Você está falando da música – diz ela. – Sinto falta dela, sabia?

– Você disse que era linda.

– Eu tocava clarinete na escola, sabia? Não era muito boa, mas ainda sei ler partituras. – Ela ri. – Tentei escrever trechos dela, ao menos algumas notas, mas esqueci tudo. Talvez nunca a escute de novo.

– Era uma alucinação auditiva. Eu tenho dores de cabeça. Fique feliz por terem sumido.

Maura faz uma careta.

– É uma explicação nada romântica.

– É. – Eu suspiro. – Continuando. Você se deu conta do que Barron e Philip estavam fazendo e se mandou. Levou seu filho.

– Seu sobrinho tem nome – diz ela. – É Aaron. Você nunca fala. Aaron.

Faço uma careta. Por algum motivo, nunca me liguei a essa criança. Ele sempre foi o filho de Philip, o filho de Maura, não meu *sobrinho*. Não uma pessoa com nome que vai crescer e se tornar outro membro perturbado da família.

– Você levou Aaron – digo. – Philip percebeu que tive alguma coisa a ver com a partida de vocês, aliás.

Ela assente. Tem uma história ali, uma história sobre a lenta compreensão do quanto ela realmente foi traída, uma história na qual ela deu um pequeno salto ao sentir o amuleto rachar debaixo da blusa. Na qual teve que pensar rápido e não demonstrar, continuar fingindo mesmo quando deve ter se sentido tomada pelo pavor. Mas ela não se mexe para contar essa história, e é ela quem deve decidir se conta ou não. Meus irmãos fizeram isso com Maura. Ela não me deve nada.

– Você tem uma família grande, certo? Ou uma melhor amiga que se mudou pro sul. Alguém no Arkansas com quem achou que ficaria segura. Você entra no carro e vai. Talvez o troque por outro veículo. Está usando seu nome de solteira e, apesar de ter noção de que Philip vai surtar quando vir que você levou o filho dele, sabe que o conhece muito bem. Tem certeza de que ele vai ficar com medo de que você vá à polícia, então nunca considera que *e/le* vá fazer isso.

“Você é cuidadosa, mas não o bastante. Talvez seja difícil encontrá-la, mas não é impossível. Então, quando os federais ligam procurando você, com histórias sobre seu marido entrar no programa de testemunhas protegidas querendo que você se junte a ele, você se descontrola. Os federais precisam de você, pois Philip disse que não daria o que eles querem até vê-la, então estou certo de que não se importaram com seus sentimentos. Seu país precisava de você.”

Maura assente.

– Você se dá conta de que nunca vai conseguir se livrar dele. Legalmente, com os federais ajudando, Philip pode conseguir

custódia compartilhada do seu filho. Você pode até ser obrigada a morar perto, e talvez alguns dos amigos dele aparecessem. Ou a enfeitiçariam ou acabariam com você, mas você sabia que ele podia atingi-la. Sabia que estava em perigo.

Ela me observa como se eu fosse uma cobra se encolhendo e se preparando para dar o bote.

– Você sabe onde Philip guarda as armas. Dirige até Arkansas, pega uma e atira nele.

Ao ouvir a palavra “atira”, ela se encolhe. Em seguida, engole o resto da tequila.

– Você usa um casaco bem grande e aquelas lindas luvas vermelhas. A segurança instalou câmeras do lado de fora do condomínio recentemente. Pra sua sorte, só conseguiram perceber que a pessoa que entrou no apartamento de Philip naquela noite era mulher.

– O quê? – Ela se senta e olha para mim como se eu finalmente a tivesse surpreendido. Aperta as duas mãos contra a boca. – Não. Tinha uma câmera?

– Não se preocupe – falo. – Depois, você larga as roupas e a arma em um lugar onde acha que estarão seguras. Na minha casa. Afinal, mamãe saiu da cadeia. Você conclui que logo ela estará acumulando coisas. Uma casa cheia de lixo seria mesmo um ótimo lugar pra esconder provas... Debaixo de tanta porcaria que até os policiais não vão ter paciência pra olhar tudo.

– Mas acho que não sou nenhum gênio do crime – diz ela. – Você encontrou tudo. E eu não fazia ideia de que fui filmada.

– Só tem uma coisa que não descobri – digo. – Quando falei com os federais, eles disseram que falaram com você no Arkansas na manhã seguinte ao assassinato de Philip. É um trajeto de pelo menos vinte horas de carro. Não tem como você ter atirado nele e voltado a tempo de atender aquela ligação. Como fez isso?

Ela sorri.

– Você e sua mãe me ensinaram. Os agentes ligaram pra minha casa. Então meu irmão me ligou em um celular pré-pago com código de área de Arkansas. Ele fez uma teleconferência comigo e ligou para os agentes. Foi simples. Pareceu que eu estava retornando a

ligação de casa. Era como eu fazia quando tinha que ajudar sua mãe a fazer aquelas ligações da cadeia.

– Estou admirado – digo. – Achei mesmo que o casaco, as luvas e a arma fossem da minha mãe, até ver o amuleto que dei pra você. O que você deixou no bolso.

– Cometi muitos erros. Agora vejo isso – admite ela, tirando uma arma de debaixo do cobertor e apontando para mim. – Você entende que não posso cometer mais nenhum.

– Ah, sem dúvida – concordo. – Tenho certeza de que você não quer matar o cara que acabou de incriminar outra pessoa pelo assassinato do próprio irmão.

A arma treme na mão dela.

– Você não fez isso – diz ela. – Por que faria?

– Tentei proteger Philip quando ele estava vivo. – Estou sendo sincero, embora tenha certeza de que ela está acostumada com mentirosos sinceros. – Acho que ele não acreditava nisso, mas foi o que fiz. Agora que está morto, estou tentando proteger você.

– Então você não vai mesmo contar pra ninguém – comenta ela.

Eu fico de pé, e a arma me acompanha.

– Vou levar pro meu túmulo – respondo, dando um sorriso. Ela não está sorrindo.

Em seguida, me viro e saio do quarto de hotel.

Por um momento, penso escutar um clique e meus músculos se enrijecem, esperando a bala. Mas o momento passa e continuo andando para fora do quarto, descendo a escada na direção do carro. Há um antigo mito grego sobre um sujeito chamado Orfeu. Ele vai até Hades para buscar a esposa, mas a perde de novo porque, no caminho até a saída do inferno, olha para trás para ver se ela está realmente lá.

É assim que me sinto. Como se, olhando para trás, pudesse quebrar o feitiço. Como se fosse descobrir que estou morto.

Só quando saio do estacionamento eu consigo voltar a respirar.

Não quero retornar para Wallingford. Não vou suportar. Em vez disso, dirijo até Carney e bato na porta da casa do vovô. Já passou do meio da noite, mas ele acaba abrindo, usando um roupão.

– Cassel? – diz ele. – Aconteceu alguma coisa?

Eu balanço a cabeça negativamente.

Ele acena para mim com a mão boa.

– Então entre. Parado aí na porta, você está fazendo todo o ar frio entrar.

Entro na sala de jantar. Tem umas correspondências na mesa junto com um buquê de flores murchas do enterro. Parece que aquilo aconteceu há tanto tempo, mas só algumas semanas se passaram desde a morte de Philip.

No painel lateral há várias fotos, a maioria delas de nós três quando pequenos, correndo no meio do jardim com a irrigação ligada e fazendo poses constrangidas, nossos braços nos ombros uns dos outros, sobre gramados. Há outras fotos também, maiores, do vovô com a mamãe em seu vestido de casamento, de vovó, e uma de vovô com Zacharov no que parece ser o casamento dos pais de Lila. A aliança aparentemente cara no dedo de Zacharov é bem chamativa.

– Vou colocar a água pra esquentar – diz ele.

– Não precisa – falo. – Não estou com sede.

– Eu perguntei alguma coisa? – Vovô olha, severo, para mim. – Você vai pegar uma xícara, vai beber e vou preparar sua cama no quarto de hóspedes. Você não tem aula amanhã?

– Tenho – respondo, me sentindo repreendido.

– Vou ligar pra lá de manhã. Pra avisar que você vai se atrasar um pouco.

– Tenho me atrasado com frequência – falo. – Perdi muitas aulas. Acho que vou repetir em física.

– A morte deixa a gente transtornado. Até uma escola chique como a sua sabe disso. – Ele entra na cozinha.

Eu me sento à mesa no escuro. Agora que estou aqui, sinto uma calma que não consigo explicar tomar conta de mim. Só quero ficar aqui, sentado a esta mesa, para sempre. Não quero me mexer.

Em dado momento, um apito metálico soa na cozinha. Vovô volta e coloca duas canecas na mesa. Ele mexe em um interruptor na parede e a luz elétrica do lustre brilha com tanta força que protejo os olhos.

O chá é preto e doce, e fico surpreso de tomar metade de um gole só.

– Quer me contar o que está acontecendo? – pergunta ele depois de um tempo. – Por que veio pra cá no meio da noite?

– Na verdade, não – respondo da maneira mais direta que consigo. Não quero perder isso. Eu me pergunto se ele me deixaria entrar nesta casa se soubesse que eu estava trabalhando para o governo e que chantageei meu irmão para se juntar a mim. Nem tenho certeza se deixam agentes federais entrarem na cidade mestra de Carney.

Ele toma um gole de chá e faz uma careta, como se não tivesse chá ali dentro.

– Você está encrencado?

– Acho que não – digo. – Não mais.

– Entendo. – Ele fica de pé, se aproxima e coloca a mão ruim no meu ombro. – Venha, garoto. Acho que está na hora de você dormir.

– Obrigado – falo, me levantando.

Vamos para o quarto dos fundos, o mesmo onde eu dormia quando passava os verões em Carney. Vovô traz alguns cobertores e um pijama para mim. Acho que deve ser um antigo de Barron.

– Seja lá o que for que está consumindo você – diz ele –, nunca fica pior de manhã.

Eu me sento na ponta do colchão e dou um sorriso cansado.

– Boa noite, vovô.

Ele para na porta.

– Sabe o filho mais velho de Elsie Cooper? Nasceu maluco. Ele não consegue controlar. Ninguém sabe como ficou daquele jeito. Simplesmente ficou.

– É – digo vagamente. Eu me lembro de as pessoas em Carney falando que ele nunca saía de casa, mas não consigo me lembrar de mais nada. Olho para o pijama dobrado. Meus membros estão tão pesados que só pensar em vesti-lo é um esforço. Não tenho ideia de onde vai dar a história de vovô.

– Você sempre foi bom, Cassel – comenta ele ao fechar a porta. – Não faço ideia de como ficou assim. Você simplesmente ficou. Como o garoto Cooper maluco. Não consegue controlar.

– Não sou bom – falo. – Eu manipulo todo mundo. *Todo mundo*. O tempo todo.

Ele solta uma risada.

– A bondade não vem de graça.

Estou cansado demais para discutir. Ele apaga a luz e adormeço antes mesmo de entrar debaixo do cobertor.

Vovô telefona para a escola a fim de avisar que não vou às aulas hoje, e basicamente fico na casa dele a manhã toda. Assistimos a reprises de *Band of the Banned*, e ele faz uma espécie de ensopado de carne com açafrão na panela Crock-Pot. Fica bem gostoso.

Ele me deixa ficar deitado no sofá com um cobertor, como se estivesse doente. Até comemos vendo televisão.

Quando chega a hora de ir embora, vovô coloca um pouco do ensopado em um pote limpo e me entrega junto com uma garrafa de refrigerante de laranja.

– É melhor você ir estudar física – diz ele.

– É – concordo.

Ele faz hesita ao ver o Mercedes novinho em folha. Nos encaramos em silêncio por cima do capô por um momento, mas tudo o que ele diz é:

– Diga para aquela sua mãe me ligar.

– Pode deixar, vovô. Obrigado por me deixar passar a noite aqui.

Ele franze a testa.

– É melhor não voltar a me dizer uma idiotice dessas.

– Tudo bem. – Dou um sorriso e levanto as mãos em um gesto de rendição. Em seguida, entro no carro.

Ele bate no capô.

– Tchau, garoto.

Saio dali. Após vinte minutos desde que saí de Carney, tomo o refrigerante de laranja. Quando chego em Wallingford, já perdi quase o dia todo. Chego no intervalo depois do horário de estudos e antes de as luzes se apagarem.

Sam está sentado no sofá listrado do salão estudantil, ao lado de Jeremy Fletcher-Fiske. Tem um repórter na televisão falando sobre futebol. Alguns rapazes estão jogando cartas em uma mesa

dobrável. Outro formando, Jace, observa uma cenoura em um prato girar no micro-ondas.

– Oi – falo, acenando.

– Cara – diz Sam. – Quanto tempo. Por onde você andou?

– Coisas de família – respondo, me sentando no braço do sofá.

Amanhã vou ter que entregar meus deveres aos professores. Vou ter que começar a estudar de verdade se quiser passar em tudo este semestre, mas concluo que posso muito bem relaxar esta noite.

Na tela, um âncora começa a falar do noticiário local. Ele diz que, no domingo, o governador Patton deu, num brunch, um pronunciamento inesperado e controverso, que deixou seus eleitores furiosos.

Mostram a filmagem de um salão de baile cheio de mesas, e Patton em um púlpito com uma cortina azul atrás e minha mãe por perto, junto com outro sujeito de terno. O cabelo dela está preso, e ela usa um vestido amarelo e luvas curtas e brancas. Parece sob medida para a esposa de um político. Estou tão concentrado tentando entender a expressão dela que, por um momento, não me dou conta do que Patton está dizendo na filmagem.

"... além do mais, depois de reflexão, me dei conta de que minha postura não era realista. Ao mesmo tempo que ter acesso a informações que mostram quem é e quem não é hiperbatogâmico seria conveniente para a polícia, agora vejo que o preço para essa conveniência é alto demais. Grupos de direitos de mestres argumentaram que é improvável que as informações permaneçam confidenciais. Como governador, não posso encorajar qualquer risco à privacidade dos cidadãos de Nova Jersey, principalmente quando essa privacidade pode proteger suas vidas e profissões. Embora no passado eu tenha sido um grande defensor da proposição nº 2, estou retirando meu apoio a ela neste momento. Não acredito mais que o exame obrigatório para identificar mestres seja uma coisa que este governo deva tolerar, e muito menos impor."

Devo estar olhando horrorizado para a tela.

– Loucura, né? – pergunta Jeremy. – Todo mundo está dizendo que ele foi subornado. Ou enfeitado.

Sam faz uma careta.

– Ah, fala sério. Talvez ele tenha apenas desenvolvido uma consciência.

É o brunch para o qual minha mãe me convidou, o que ela disse que eu iria adorar. *Querido, sei o que estou fazendo.*

Um arrepio percorre minha espinha. O noticiário agora faz a cobertura de um terremoto, mas ainda estou preso à imagem do rosto da minha mãe naquele vídeo. Se você não a conhecesse, não repararia, mas ela estava sufocando um sorriso.

Ela o enfeitiçou. Não tenho dúvidas.

Quero gritar. Não tem jeito de tirá-la disso. Não tem jeito de ela não ser descoberta.

Sam está falando, mas o zumbido na minha cabeça é tão alto que sufoca todos os sons.

Ligo para minha mãe dezenas de vezes naquela noite, mas ela não atende. Adormeço com o celular na mão e acordo quando o alarme toca na manhã seguinte. Eu me arrasto pelas aulas. Estou atrasado em tudo. Gaguejo nas respostas, tiro nota ruim em estatística e dou vexame em uma tradução de francês, para alegria de todos.

Quando chego ao meu quarto, encontro Daneca me esperando. Ela está sentada na cama de Sam, chutando a madeira de maneira distraída com os sapatos marrons. Os olhos dela estão vermelhos.

– Oi – falo. – Não sei onde Sam está. Não o vejo desde que nos encontramos no corredor a caminho da aula de física.

Ela tira uma trança grossa de cima do ombro e se senta ereta, como se estivesse se preparando para dizer algo desagradável.

– Ele já foi para o ensaio da peça. Ainda está agindo de um jeito estranho, e, de qualquer jeito, não vim vê-lo. Preciso falar com você.

Faço que sim com a cabeça, apesar de não estar em condições de dizer nada remotamente sensível.

– Claro. Tudo bem.

– É sobre Lila.

Ela não conseguiu ir até o fim, eu percebo.

– Tudo bem – digo sem esforço. – Talvez fosse mesmo uma ideia terrível.

– Não, Cassel – fala Daneca. – Você não está entendendo. Eu fiz besteira.

– O quê? – Meu coração parece um tambor batendo fora de compasso. Jogo a mochila na cama e me sento ao lado dela. – O que você quer dizer com “besteira”?

Daneca parece aliviada porque finalmente pareço entender. Ela se inclina em minha direção.

– Lila me pegou. Sou uma idiota. Deve ter ficado óbvio o que eu estava tentando fazer.

Visualizo Daneca tentando tirar a luva sem Lila reparar. Não me ocorreu até agora o quanto deve ter sido difícil. Daneca não sabe esbarrar nas pessoas acidentalmente, do jeito que precisamos fazer para enfeitiçar ou bater uma carteira. Ela não é especialista em mão leve.

– Então você não... – digo. – Então você não a enfeitiçou? – Tudo o que sinto é um alívio tão intenso que quase gargalho.

Estou feliz. Horrível e chocantemente feliz.

Posso aprender a viver com a culpa. Não ligo para ser bom. Posso aprender a viver com qualquer coisa se isso significar estar com Lila também.

Daneca sacode a cabeça.

– Ela me fez contar tudo. Ela sabe ser assustadora.

– Ah – respondo. – É, sabe mesmo.

– Ela me fez prometer não dizer nada pra você – diz Daneca com a voz baixa.

Olho pela janela. Tantos pensamentos percorrem minha cabeça que parece que nem estou pensando. Mesmo assim me forço a dar um sorriso rápido para ela.

– Ela achou que você não quebraria uma *promessa*? Temos que fazer alguma coisa a respeito dessa sua reputação, Srta. Certinha.

– Desculpa – diz Daneca, ignorando minha tentativa de fazer graça.

– Não é sua culpa – falo. – Eu não devia ter pedido. Não foi justo. Ela se levanta e vai em direção à porta.

– Te vejo no jantar – diz ela, olhando para mim com um carinho surpreendente.

Quando a porta se fecha atrás de Daneca, sinto uma terrível onda de emoção me percorrer, uma alegria impulsiva e um horror tão misturados que não sei o que sentir primeiro.

Tentei me obrigar a fazer a coisa certa. Talvez eu não tenha tentado o bastante. Só o que sei agora é que amo Lila e que por um tempo ela vai me amar também.

Quando encontro Lila, ela está indo para a biblioteca. O colarinho da blusa dela está aberto, e a echarpe branca de seda ao redor do pescoço voa ao vento. Ela tem o aspecto de quem está indo dirigir um carro conversível.

– Oi – falo, correndo para ficar ao lado dela. – Podemos conversar um minuto?

– Cassel – diz ela, como se meu nome tivesse um gosto azedo. Ela não diminui a velocidade.

– Sei que você deve estar furiosa por causa de Daneca – digo, andando de costas para conseguir olhar para ela enquanto falo. – E tem todo o direito de estar. Mas me deixe explicar.

– Você pode explicar? – diz Lila, parando de repente. – Não sou um brinquedo que você pode simplesmente desligar.

– Sei disso – falo.

– Como pôde pensar que estava tudo bem em me enfeitiçar? Que seria diferente do que sua mãe fez? – Ela parece sentir um pouco de pena de mim e um pouco de nojo. – A maldição acabou. Estamos terminados.

– Ah. – É claro. Trinco os dentes para não fazer uma careta. Só consigo ouvir as palavras da minha mãe em Atlantic City: *Ela não ia dar a menor atenção a você, Cassel.*

– Não foi o bastante pra você curtir a piada, fingindo que me amava, fingindo que não estava fingindo... – Ela para de falar e fecha os olhos por um momento. Quando os abre de novo, estão cintilando de raiva. – Não estou mais amaldiçoada. Não vou me humilhar pela sua atenção. Deve ter sido emocionante me ter suspirando por *cada um* dos seus sorrisos impensados, mas isso nunca mais vai acontecer.

– Não era assim – digo. Estou perplexo, com todos os meus meses de dor e pânico reduzidos a arrogância aos olhos dela.

– Não sou fraca, Cassel. Não sou o tipo de garota que chora por você. – A voz dela treme. – Não sou a garota que faz o que você quer quando quer.

– Foi por isso que pedi a Daneca... – digo, mas não consigo terminar. Isso nem é verdade. Pedi a Daneca para enfeitiçá-la porque eu estava começando a acreditar na ilusão. Daneca estava tentando me salvar de mim mesmo.

– Queria me fazer não sentir nada por você? – diz Lila. – Pois bem, me deixe fazer melhor. *Odeio* você. Que tal? Odeio você, e ninguém precisou fazer nada pra isso.

– Pare com isso – peço. Consigo ouvir o autodesprezo na minha voz. – Fiz muitas coisas. – Perdi Lila no momento em que minha mãe a amaldiçoou. Todo o resto foi um jogo patético de faz de conta. Nada foi real.

Sua expressão vacila, mas o rosto logo volta a ser uma máscara sem expressão.

– Adeus, Cassel – diz ela e se vira para ir embora. Sua cabeça está abaixada, e a echarpe deve ter se mexido, pois vejo uma vermelhidão no pescoço dela. Do meu ângulo, parece a beirada de uma queimadura.

– O que é isso? – pergunto, andando atrás dela e apontando para meu colarinho.

– *Não* – avisa ela, erguendo a mão enluvada. Mas há alguma coisa em seu rosto que não estava lá até um minuto atrás: medo.

Seguro uma ponta da echarpe. Ela se desamarra com apenas um puxão.

Seu pescoço pálido está cortado, de um lado a outro, com cascas de ferida, e escurecido por causa das cinzas. O segundo sorriso do criminoso. Um colar cintilante de sangue seco.

– Você... – começo a falar. Mas é claro, ela sempre foi. A filha de um chefe da máfia. Realeza mafiosa.

Conversando com alguém que acabou de se comprometer a ser agente federal.

– A cerimônia foi no domingo – diz ela. – Eu falei que seria a chefe da família Zacharov um dia. Mas ninguém começa do alto. Tenho um longo caminho a percorrer. Primeiro, preciso provar minha lealdade. Até mesmo eu.

– Ah. – Lila sempre soube quem era e o que queria. Tem uma coisa terrivelmente conclusiva na cicatriz dela, como uma porta fechada. Ela não tem medo do futuro. – Corajosa – falo, e estou sendo sincero.

Por um momento, ela parece querer me contar mais. Abre a boca, mas a vejo engolir as palavras, seja lá quais fossem. Ela respira fundo e diz:

– Se não ficar longe de mim, vou fazer você lamentar ter nascido.

Não há como responder a isso, então não digo nada. Já consigo sentir o entorpecimento dominando meu coração.

Ela continua a andar pela praça.

Eu a observo indo embora. Observo a sombra dos passos dela, as costas eretas e o brilho do cabelo.

Obrigo-me a lembrar que era isso que eu queria. Quando não funciona, digo a mim mesmo que consigo sobreviver de lembranças. O cheiro da pele de Lila, o modo como os olhos dela brilham de malícia, a voz baixa e rouca. Dói pensar nela, mas não consigo parar. Tem que doer.

Afinal, o inferno é para ser quente.

AGRADECIMENTOS

Vários livros foram muito úteis na criação do mundo dos mestres da maldição. Em particular, *The Big Con*, de David W. Maurer; *How to Cheat at Everything*, de Sam Lovell; *Son of a Grifter*, de Kent Walker e Mark Schone; e *Speed Tribes*, de Karl Taro Greenfeld.

Sou profundamente grata a muitas pessoas pelas opiniões sobre o livro. Quero agradecer a Cassandra Clare, Robin Wasserman, Sarah Rees Brennan e Delia Sherman, que sempre foram gentis o bastante para parar o que estavam fazendo e me ajudar a superar problemas durante nosso retiro de escritores no México. Agradeço a Libba Bray e Jo Knowles por me ajudarem enormemente com o empurrão até o final. Sou grata a Justine Larbalestier por conversar comigo sobre mentirosos e a Scott Westerfeld pelas notas detalhadas. Obrigada a Joe Monti pelo entusiasmo e recomendações de livros. Obrigada a Elka Cloke pelo conhecimento médico. Obrigada a Kathleen Duey por me forçar a pensar nos problemas mundiais maiores. Obrigada a Kelly Link, Ellen Kushner, Gavin Grant, Sarah Smith e Joshua Lewis por lerem os primeiros rascunhos. Obrigada a Steve Berman pela ajuda com os muitos detalhes, principalmente no último rascunho.

Acima de tudo, tenho que agradecer ao meu agente, Barry Goldblatt, por me encorajar; à minha editora, Karen Wojtyla, que me impulsionou a tornar o livro muito melhor do que achei que poderia ser; e ao meu marido, Theo, que me deu muitas dicas sobre escolas particulares e golpes, e que me deixou ler tudo para ele em voz alta.

Título Original
THE CURSE WORKERS
BOOK TWO
RED GLOVE

Este livro é uma obra de ficção. Referências a acontecimentos históricos, pessoas reais ou localidades foram usadas de forma fictícia. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, e qualquer semelhança com fatos reais, localidades ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2011 by Holly Black

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou parte sob qualquer forma.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
MARCELA DE OLIVEIRA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
MARIANA CALIL

Edição Digital: julho 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B592LM

Black, Holly

Luva Vermelha [recurso eletrônico] / Holly Black ; tradução Regiane Winarski. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2014.

recurso digital (Mestres da Maldição ; 2)

Tradução de: Red Glove

ISBN 978-85-8122-425-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

14-13089 CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

SOBRE A AUTORA

HOLLY BLACK é uma ávida colecionadora de volumes raros de livros folclóricos. Passou seus primeiros anos em uma mansão abandonada de estilo vitoriano, onde sua mãe a alimentava com uma firme dieta de histórias de fantasmas e livros sobre seres fantásticos. Ela mora em Amherst, Massachusetts, com seu marido Theo, numa casa que tem uma biblioteca secreta. Entre seus livros mais famosos, estão *Valiant* e *Tithe*, além de *As Crônicas de Spiderwick*, que escreveu com Tony DiTerlizzi.

Saiba mais sobre Holly Black no site www.blackholly.com